



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

DULCE HELENA MAZER

**IMPRESSÕES DO CORPO FEMININO:  
REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO CORPO-IMAGEM NA  
IMPrensa BRASILEIRA**

---

Londrina  
2013

DULCE HELENA MAZER

**IMPRESSÕES DO CORPO FEMININO:  
REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO CORPO-IMAGEM NA  
IMPrensa BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein

Londrina  
2013

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados da Catalogação-na-Publicação (CIP)**

M476i Mazer, Dulce Helena.

Impressões do corpo feminino: representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira / Dulce Helena Mazer. – Londrina, 2013.

218 f.: il.

Orientador: Alberto Carlos Augusto Klein.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Imagem corporal – Teses. 2. Mulheres na imprensa – Teses. 3. Fotojornalismo – Teses. 4. Comunicação visual – Teses. I. Klein, Alberto Carlos Augusto. II. Universidade Estadual de Londrina. \b Centro de Educação, Comunicação e Artes \ Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 316.77

DULCE HELENA MAZER

**IMPRESSÕES DO CORPO FEMININO:  
REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO CORPO-IMAGEM NA  
IMPrensa BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein (orientador)  
UEL – Londrina – PR

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosane Borges  
UEL – Londrina – PR

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kati Caetano  
UTP – Curitiba - PR

Londrina, 28 de fevereiro de 2013

“Algo parecia definitivamente errado, as mulheres não estavam sempre tentando melhorar a aparência, aprendendo coisas novas, ampliando seus conhecimentos, buscando melhores oportunidades justamente para serem notadas? Não parecia justo que um véu de invisibilidade as cobrisse, não deixando que mostrassem o quanto são capazes e merecedoras do melhor. Para onde quer que ela olhasse, via apenas homens, bem sucedidos ou não, desfrutando de uma sociedade que em sua opinião os favorecia. Uma sociedade machista. Mas algo não se adequava à sua teoria, pois para que haja um homem machista, deve-se existir uma mulher que se submeta a ele, certo? E parecia que ali não havia nenhuma mulher se submetendo a ninguém. Talvez estivesse exagerando as coisas”.

**A mulher invisível.** Luane Carol Penteado, estudante do Colégio Imaculada Virgem Maria (Prudentópolis-PR), Prêmio Igualdade de gênero.

## AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos, que de alguma maneira colaboraram para o desenvolvimento desse trabalho, dos primeiros questionamentos, à entrega da dissertação.

Agradeço ao orientador, Alberto Klein e às professoras que participaram de minha banca de qualificação, Marcia Buzalaff e Rosane Borges, esta mais uma vez presente na banca de defesa, que juntamente com a professora Kati Caetano, dedicaram valioso tempo de avaliação e contribuições.

Aos amigos, pelos conselhos e abraços. Ao tempo, pelo amadurecimento. Ao dia, pela energia. À noite, pela reflexão. E a você, que de alguma maneira vai se ver neste texto (me empenhei para isso) obrigada por me emprestar sua história. Somente assim, essa pode ser a nossa história. Somente assim, poderemos construir juntos outra história.

*Muchas gracias. Valeu!*

*A todas as mulheres e homens que tentam entender - e combater incansavelmente - a circunferência escura de dominação violenta e secular na qual estão inscritos. Por suas conquistas e pela decência em assumir que ainda há muito o que fazer por um mundo mais igual e justo. A quem conhece a dor e a delícia de ser o que é, contraditoriamente, em toda a parte.*

MAZER, Dulce Helena. **IMPRESSÕES DO CORPO FEMININO**: representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira. 2013. 218 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RESUMO

Este trabalho investiga as representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira. Questiona, na sociedade midiática, a divisão sexual pelo viés das imagens nos meios de comunicação. Apresenta uma análise iconológica de fotografias publicadas em seis edições do jornal *Folha de S. Paulo* em 2012, escolhidas aleatoriamente. A partir de uma teoria crítica e da análise iconológica, demonstra que a imagem da mulher, que há muito é usada como mercadoria na publicidade, é apreendida cada vez mais pelo jornalismo impresso como chamariz de leitores. Observa, com base no *corpus* estudado, em pesquisas de campo e bibliográficas, que o uso de determinadas imagens femininas na imprensa reforça a construção de estereótipos e limita a compreensão de contextos complexos. Confirma a hipótese de que o corpo-imagem feminino é usado na imprensa de maneira a determinar papéis, a partir estéticas recorrentes. Descreve os três grandes estereótipos femininos na imprensa, categorias fundadas com base nos três maiores estereótipos pictóricos da história, sendo a *madona*, a *sedutora* e a *mulher política* (HIGONNET, 1991). Expressa a confirmação da superlativa visibilidade de alguns grupos de mulheres e a invisibilidade de outros no *corpus* observado. A pesquisa revela que, apesar da hipótese de serem muito representadas imageticamente nos jornais, as mulheres são sub-representadas, mesmo nas fotografias jornalísticas. Mostra que a editoria de cultura e variedades é uma exceção, pois esse tipo de caderno agrupa assuntos “leves, referentes à arte, música, dança, celebridades, televisão, cinema e atividades culturais” (HEDLER, 2011). Demonstra que a maior incidência de fotografias ilustrativas (BAEZA, 2001) no *corpus* analisado se dá no caderno *Ilustrada*, também o caderno com o maior número de fotografias com mulheres em sua composição. Conclui que, mesmo em uma cultura visual, a visibilidade não é garantida a todos. O resultado da pesquisa possibilita também desconstruir as explicações que naturalizam o uso de determinadas imagens como representações do heterogêneo grupo de mulheres. Amplia o horizonte de discussões sobre os papéis determinantes para as mulheres e sua relação com as imagens produzidas sobre elas nos jornais.

**Palavras-chave:** Imprensa. Representação imagética. Mulher. Estereótipos.

MAZER, Dulce Helena. **IMPRESSIONS OF FEMALE BODY**: representations of women and body-image in the brazilian press. 2013. 218 p. Dissertation (Master's degree in Humanities – Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

### **ABSTRACT**

This paper investigates the representations of women and body-image in the brazilian press and it questions the sexual divisions in the society by the images published in the media. It also presents an iconological analysis of the photographs in six editions of the periodical *Folha de São Paulo* in 2012, randomly chosen. From a critical theory and analysis it shows that the image of women, which has long been used as merchandise in advertising, is increasingly perceived by print journalism as a decoy for readers. The use of certain female images in the media reinforces stereotypes and builds limits for the understanding of more complex contexts. The hypothesis that the female body-image is used in the press in order to determine positions from recurrent aesthetic patterns can be confirmed. The paper also describes the three main female stereotypes in the media, based on three major pictorial stereotypes in history, being the madona, the seductive and the politician (Higonnet, 1991). It expresses the confirmation of the superlative visibility of some groups of women and the invisibility of others. The survey reveals that, despite the assumption that they are very imagetically represented in newspapers, women are under-represented, especially in news photographs. It shows that the editorship of the “culture” and “varieties” sections are exceptions, because those special fragments are considered “light”, referring to art, music, dance, celebrities, television, film and cultural activities” (HEDLER, 2011). We conclude that even in a visual culture, visibility is not guaranteed at all. This research enables to deconstruct the concept that it’s normal to use certain images as representations of such a heterogeneous group like women. We expect to expand the horizon of the discussion about the leading roles for women in the society and their relationship to the images produced about them in the newspapers.

**Keywords:** Press, Image representation. Women. Stereotypes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Capa da <i>Folha de S. Paulo</i> , publicada em 18 fev. 2012 e detalhe da capa .....	71
<b>Figura 2</b> – Gravura da série <i>Elles: Woman Looking into a Hand Held Mirror</i> . Henri De Toulouse-Lautrec. Fundação Toulouse-Lautrec .....	72
<b>Figura 3</b> – Cartaz de Mucha Alfons, da peça <i>Gismonda</i> , com Sarah Bernardt .....	73
<b>Figura 4</b> – Inicial da marca <i>Singer</i> produzida por Ball (1898) em <i>Art Nouveau</i> para anúncio publicitário .....	74
<b>Figura 5</b> – Modelo de pin up da década de 1940 .....	75
<b>Figura 6</b> – Gravura da escritora Amantine Aurore Lucile Dupin .....	79
<b>Figura 7</b> – Litografia de Alcide Lorenz (Paris, 1842).....	81
<b>Figura 8</b> – Fotografia ilustrativa do caderno <i>Folhateen</i> do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> , publicada em 19 set. 2011. ....	84
<b>Figura 9</b> – Capas da Revista <i>Época</i> no primeiro semestre de 2012.....	85
<b>Figura 10</b> –Capas da Revista <i>Veja</i> no primeiro semestre de 2012.....	86
<b>Figura 11</b> –Capas da Revista <i>Isto é</i> no primeiro semestre de 2012 .....	87
<b>Figura 12</b> –Capas do jornal <i>Super Notícia</i> , publicadas em 01 mar. 12, 13 jun. 12 e 07 jul. 12, respectivamente .....	109
<b>Figura 13</b> –Capas do jornal <i>Super Notícia</i> , publicadas em 11 jul. 12, 26 out. 12 e 05 dez. 12, respectivamente.....	110
<b>Figura 14</b> –Detalhe da capa/A1 da <i>Folha de S. Paulo</i> , publicada em 04 abr. 12 .....	115
<b>Figura 15</b> –Detalhe da página A7, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 abr.12 .....	116
<b>Figura 16</b> –Detalhe da página A4, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 mai.12 .....	117
<b>Figura 17</b> –Detalhe da página A6, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 mai.12 .....	118
<b>Figura 18</b> –Detalhe da página A13, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 abr.12. ....	119
<b>Figura 19</b> –Detalhe da página A9, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 31 mai.12 .....	119
<b>Figura 20</b> –Detalhe da página A14, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 18 dez.12.....	120
<b>Figura 21</b> –Detalhe da página A10, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago.12.....	121
<b>Figura 22</b> –A candidata Soninha em detalhe da página A10, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago.12.....	122
<b>Figura 23</b> –Detalhe da página A10, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago.12.....	122
<b>Figura 24</b> –Detalhe da página C10, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago.12.....	123
<b>Figura 25</b> –Detalhe da página C11, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 31 mai.12.....	124
<b>Figura 26</b> –Detalhe da página A13, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 mai.12 .....	124

<b>Figura 27</b> –Detalhe da capa/A1, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 18 dez.12.....	127
<b>Figura 28</b> –Detalhe da página A20, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 31 mai. 12 .....	129
<b>Figura 29</b> –Detalhe da página E2, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 31 mai. 12.....	130
<b>Figura 30</b> –Detalhe da página E2, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 18 dez. 12 .....	131
<b>Figura 31</b> –Detalhe da página E2, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 fev. 12.....	132
<b>Figura 32</b> –Detalhe da página E10, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago. 12 .....	132
<b>Figura 33</b> –Detalhe da página C1, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago. 12.....	134
<b>Figura 34</b> –Detalhe da página E2, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 mai. 12.....	135
<b>Figura 35</b> –Detalhe da página A19, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 18 dez. 12.....	136
<b>Figura 36</b> –Detalhe da página C12, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 18 dez. 12.....	136
<b>Figura 37</b> –Detalhe da página E1, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 22 ago. 12.....	137
<b>Figura 38</b> –Detalhe da página E6, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 abr. 12.....	138
<b>Figura 39</b> –Detalhe da página E2, publicada na <i>Folha de S. Paulo</i> em 04 mai. 12.....	139
<b>Figura 40</b> –Fotografias de mulheres idosas, negras e indígenas extraídas do corpus estudado (conforme Anexo 2) .....	142

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Jornais de maior tiragem no Brasil /ANJ/ IVC/ Ano 2011 .....	105
<b>Tabela 2</b> – Dados coletados no <i>corpus</i> selecionado: seis edições do jornal <i>Folha de São Paulo</i> .....	165
<b>Tabela 3</b> – Categorização das fotografias coletadas no <i>corpus</i> selecionado do jornal <i>Folha de São Paulo</i> .....	216
<b>Tabela 4</b> – Lista de incidências por categoria .....	217

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1	OBJETO DE ESTUDO, MÉTODO E OBJETIVOS DA PESQUISA .....	15
1.2	DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS .....	17
<b>2</b>	<b>DIVISÃO SOCIAL E SEXUAL: OBSERVANDO BASES MATERIAIS</b> .....	20
2.1	UMA HISTÓRIA DAS MULHERES E A PERCEPÇÃO DOS GÊNEROS.....	22
2.1.1	Patriarcado como primeira condição da humanidade.....	23
2.1.2	Epistemologia do sistema sexo-gênero.....	24
2.1.2.1	Gênero como Categoria para Análise de Imagens Corporais Femininas .....	32
2.2	EMANCIPAÇÃO E IGUALDADE.....	33
<b>3</b>	<b>PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS SIMBÓLICOS NA SOCIEDADE</b>	
	<b>PATRIARCAL</b> .....	36
3.1	A DIVISÃO SEXUAL NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS SIMBÓLICOS .....	37
3.2	MEDIAÇÃO COMO MODO DE PRODUÇÃO CULTURAL.....	39
3.3	O CORPO FEMININO EM IMAGENS .....	48
3.4	ESPETACULARIZAÇÃO INDIVIDUAL E A PROMOÇÃO DE SUBJETIVIDADES .....	53
<b>4</b>	<b>IMPRESSÕES DO CORPO: Reificação da Mulher na Imprensa</b> .....	58
4.1	A CIVILIZAÇÃO DA IMAGEM: Modos de Ver .....	63
4.1.1	O Corpo Feminino Pensado a Partir da Era da Visibilidade .....	70
4.1.2	No Brasil, Uma Imprensa Muito Ilustrada .....	77
4.1.3	Fotojornalismo e a Fotografia Ilustrativa na Imprensa.....	82
<b>5</b>	<b>REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA: Interpretações</b> .....	92
5.1	ARQUÉTIPOS E ESTEREÓTIPOS .....	94
5.1.1	Os três grandes estereótipos femininos na imprensa.....	98
5.2	ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS IMAGENS.....	100
5.2.1	A princípio, uma noção de iconologia.....	101
5.2.2	Descrição metodológica da análise.....	105
5.2.3	Coleta, análise e interpretação dos dados .....	112

5.2.3.1 A política .....	113
5.2.3.2 A madona.....	126
5.2.3.3 A sedutora.....	132
5.2.4 Considerações finais sobre o <i>corpus</i> analisado: a mulher invisível .....	141
<b>CONCLUSÃO</b> .....	145
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	150
<b>REFERÊNCIAS FÍLMICAS</b> .....	164
<b>REFERÊNCIAS HEMEROGRÁFICAS</b> .....	164
<b>ANEXOS</b> .....	165

## 1. INTRODUÇÃO

A opção por um tema de pesquisa é geralmente, fruto de inquietações acadêmicas, profissionais, mas, sobretudo, humanas ou, em primeiríssimo plano, subjetivas. São indagações da vida cotidiana que podem e precisam ser experimentadas em âmbito científico para que sejam, ao menos, discutidas e, com algum esforço, evoluídas. Em muitos casos, as agitações individuais se mostram coletivas, quando levadas a público. É o caso deste trabalho, que nasce do desejo apaixonado de entender a origem do acentuado uso de fotografias femininas na imprensa brasileira.

Como força propulsora, surge também da contundente necessidade de se questionar, e com esforço, compreender, que a divisão sexual da sociedade acarreta ônus e bônus, tanto às mulheres, quanto aos homens, no que tange o uso de suas imagens nos meios de comunicação, especialmente os jornalísticos. Assim, observa-se que as divisões construídas a partir das diferenças biologizantes e das posições sociais (KERGOAT, 1996; SCOTT, 1991), associadas ao comportamento de consumo de notícias (MARCONDES FILHO, 1986), constituem ambiente ideal para a proliferação de imagens femininas nos veículos de comunicação.

De acordo com o Projeto Global de Monitoramento de Meios (PROYECTO DE MONITOREO GLOBAL DE MEDIOS, 2010), na internet, apesar do mundo das notícias ser essencialmente masculino, quando se trata de retratos e ilustrações, são na maioria mulheres que figuram nestas notas. O Projeto atua como divulgador das ações de observatórios de imprensa em todo o mundo, preocupando-se com a igualdade de gênero nos meios de comunicação. A necessidade de se descobrir em que medida se poderia dizer que as notícias são democráticas, inclusivas e têm a participação de uma perspectiva de gênero, tornou-se a pedra angular do Projeto. Segundo seus resultados de pesquisa, apenas 24% das pessoas sobre as quais se lê nas notícias da imprensa, ou se escuta nas rádios e se assiste na televisão, são mulheres (PROYECTO DE MONITOREO GLOBAL DE MEDIOS, 2010).

Em uma pesquisa realizada em escala mundial e divulgada em 2010, o Projeto mostrou que no ciberespaço<sup>1</sup> 26% dos sujeitos femininos das notícias, comparado com 21% dos sujeitos masculinos, apareceram em fotografias e outros meios visuais que

---

<sup>1</sup> Para Pierre Lévy, o ciberespaço, ou a rede, é o novo espaço de interações propiciado pela realidade virtual em que as pessoas vivem uma nova relação no espaço-tempo. “O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.7).

acompanhavam as notas jornalísticas. A diferença, apesar de pequena em quantidade, se acentua quando observados os tipos e os diferentes significados que as imagens de homens e mulheres podem gerar. “Se, através de uma distribuição desigual de fontes narrativas, os materiais, a partir dos quais algumas pessoas devem construir a consideração de si mesmas, não podem ser adaptados ou controlados por elas, então isso representa uma negação profunda de voz, uma forma profunda de opressão.”<sup>2</sup> (COULDRY, 2010, p. 9).

Mesmo com as mudanças nos suportes midiáticos (maior acesso aos meios eletrônicos, fidelidade à TV e aumento da oferta de informação com entretenimento), os meios noticiosos continuam sendo as principais fontes de informação para muitos brasileiros (ANJ, 2012) e em todo o mundo (PROYECTO DE MONITOREO GLOBAL DE MEDIOS, 2010). Assim, a propagação de fotografias de mulheres que orientam para a sensualidade e para o consumo nos meios impressos, pode determinar comportamentos e papéis e deve ser investigada nos espaços acadêmicos.

Dessa maneira, a pesquisa se apoia nos argumentos de uma teoria econômica do sexo e o conflito entre corpo, imagem e exploração sexual é considerado um fenômeno que se desenvolveu mais fortemente a partir do capitalismo e da mercantilização da arte e da comunicação. Reificado, o corpo é tomado como mercadoria ou objeto negociável, contexto que será aprofundado no decorrer do texto.

Apesar do clichê das discussões sobre o corpo feminino e o tema, que é aparentemente comum, a representação imagética da mulher na imprensa pode reservar surpresas quanto às explicações sobre o fenômeno da multiplicação das imagens. O objetivo de tais questionamentos é ampliar o horizonte de discussões sobre os papéis determinantes para as mulheres e sua relação com as imagens produzidas sobre elas nos jornais.

Para justificar a importância de desvendar os usos das imagens femininas na imprensa tradicional, ou grande imprensa, como também é conhecida, observa-se a teoria filosófica sobre a subjetividade de Heller (1992). A autora descreve o indivíduo como um ser voltado às atividades necessárias a sua sobrevivência. Para ela, a vida cotidiana é o que nos faz reconstruir o mundo das ideias. É a vida do homem inteiro, de suas particularidades e das características que ele carrega, comuns a todo o gênero humano. Esta pesquisa exploratória observa o estabelecimento de relações entre o universo do humano genérico e dicotomia experimentada pela mulher nas esferas pública e privada (PERROT, 2007).

---

<sup>2</sup> If, through an unequal distribution of narrative resources, the materials from which some people must build their account of themselves are not theirs to adapt or control, then this represents a deep denial of voice, a deep form of oppression. (COULDRY, 2010, p.9, tradução livre da autora).

## 1.1 OBJETO DE ESTUDO, MÉTODO E OBJETIVOS DA PESQUISA

Muito se falou sobre a reificação do corpo feminino na TV e na publicidade (KILBOURNE, 1979; 1987; 2010). Neste trabalho, destaca-se o uso que se faz das fotografias de mulher na “grande imprensa” (grifo nosso) sob a perspectiva da teoria crítica da cultura. Como não seria possível estudar a enorme coletânea das fotografias de mulheres publicadas na imprensa, em revistas e jornais, dirigidos ao público em geral, que ilustram e demonstram os argumentos levantados nesta pesquisa teórica e exploratória, foi determinado um recorte específico para esta pesquisa que, adianta-se, envolve os dois maiores veículos em circulação paga no país: o tablóide mineiro *Super Notícia* e a *Folha de S. Paulo*. Ao final de uma análise parcial de fotografias publicadas na grande imprensa, foi possível demonstrar alguns dos argumentos aqui apresentados.

Também foi realizado o levantamento de dados com base em outras pesquisas de campo e bibliográficas, com o intuito de compreender se e por que o corpo-imagem feminino é chamariz para notícias na imprensa em geral e quais são seus principais usos. Assim, este trabalho questiona: *De que maneira o corpo-imagem feminino é usado em jornais e revistas dirigidos ao público em geral e como os caracteres mercadológico e o simbólico influenciam nas representações sobre a mulher?*

Esta pesquisa social não pretende cumprir a tradição positivista de afirmar verdades absolutas, ou revelar uma realidade objetiva, despida do contexto e de pré-noções da cultura do pesquisador. Como afirmaram Barros e Junqueira: “os fatos não existem.” (BARROS e JUNQUEIRA, 2006, p.32). Assim, os fatos aqui são considerados a partir de uma observação teoricamente orientada, que pode apresentar descobertas objetivas. Além disso, para Bachelar “uma descoberta objetiva é imediatamente uma ratificação subjetiva. Se o objeto me instrui, ele me modifica”. (BACHELAR, apud BARROS e JUNQUEIRA, 2006, p.34).

Não se pretende estabelecer uma narrativa cronológica ou disciplinar. Os conteúdos abordados podem, como as dúvidas que motivam a pesquisa, ser encontrados no cotidiano, apesar das referências teóricas apresentadas. A pesquisa exploratória tem, portanto, base em procedimentos analíticos (EPSTEIN, 2006) das teorias econômica, feminista, imagética e da comunicação.

A pesquisa bibliográfica exploratória aponta um percurso verificável desenvolvido a partir da análise de jornais, possibilitando desconstruir as explicações que naturalizam o uso exaustivo de determinadas imagens como representações do heterogêneo grupo de mulheres. Por este argumento, questiona-se o senso comum da fotografia como registro totalizante de presença, pois são verificadas outras possibilidades de representação que, em geral, são ignoradas pela grande imprensa, gerando certa invisibilidade fotográfica.

A partir da teoria crítica, que se apropria do realismo histórico, fez-se uma leitura de jornais e revistas e constatou-se que o corpo da mulher, que há muito tempo é usado como mercadoria na publicidade, é apreendido cada vez mais pelo jornalismo como chamariz de leitores (BAEZA, 2001). Percebe-se, portanto, a urgência de se estabelecer um estudo mais cuidadoso sobre o tema.

Este trabalho também tem o objetivo específico de revisar literatura e reconstruir trajetórias do que pode ter sido a apropriação do corpo da mulher como alegoria na modernidade tardia, primeiro em outros meios gráficos, como na publicidade do século XIX, e depois, pelo jornalismo, como será demonstrado. Como afirmara Davis, “nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la” (1975, p. 90 apud SCOTT, 1991, p.2).

O segundo objetivo específico compreende discorrer sobre os três maiores estereótipos pictóricos da história, sendo eles a *madona*, a *sedutora* e a *mulher política*, levantados por dois estudiosos das artes plásticas: HIGONNET (1991) e ECO (2007). Assim, o levantamento ajudará a descrever tais perfis estéticos mais detalhadamente e percebê-los na imprensa. Portanto, pretende-se verificar a incidência dos três *grandes* estereótipos da mulher, apontados na arte pictórica, também no fotojornalismo.

A dicotomia entre corpo privado e corpo público (PERROT, 2007) na sociedade dividida sexualmente é o eixo deste trabalho. Para Heller (1992), a vida cotidiana agrega atividades diversas e concomitantes, divididas hierarquicamente. Nascido na cotidianidade, o homem adquire, ao longo dos anos, habilidades para viver em sociedade, possuindo orientação tanto para a particularidade, quanto para o humano genérico. Levanta-se a hipótese de que as esferas públicas e privadas, aquilo que é particular e o que é genérico na vida de homens e mulheres, são espaços amplamente confundidos no jornalismo atual, principalmente aquele produzido a partir da construção de um jornalismo de entretenimento baseado na vida das celebridades.

Com base nas teses de Guy Debord (1997) sobre a tirania das imagens e submissão do império da mídia ao espetáculo, e no diálogo proposto pelo autor contemporâneo Juremir Machado da Silva (2012), este trabalho se apoia na afirmação de que o espetáculo e a criatividade são os grandes motores do capitalismo contemporâneo e o corpo feminino um importante vetor para o sucesso deste empreendimento.

## 1.2 DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta pesquisa não tem o objetivo de afirmar como definitivos os resultados encontrados na análise iconológica dos jornais *Super Notícia* e a *Folha de S. Paulo*, afinal, considera-se que a interpretação iconológica pode ser bastante variada. Nem pretende traçar perfis dos veículos em questão, mas se apropria deles para demonstrar alguns exemplos sobre o uso que se faz das imagens femininas, com base também no referencial bibliográfico. A pesquisa, essencialmente teórica e exploratória, questiona o uso da imagem corporal feminina no jornal. A partir dela, tenta-se compreender a dinâmica de certos tipos de imagens na mídia e seu consumo, resultado de estratégias ideológicas (MARCONDES FILHO, 1986; MEDINA, 1988; MORETZSOHN, 2007).

No segundo capítulo, a partir de teóricas feministas, com base principalmente nos estudos desenvolvidos a partir do feminismo socialista (HIRATA et al, 2009), considera-se que a divisão social e sexual se insere em bases materiais. A partir da perspectiva de uma história das mulheres e do sistema de gêneros, discorre-se sobre o patriarcado como primeira condição da humanidade. Essa imposição secular determina a sociedade capitalista ocidental, cujas bases são construídas e marcadas pelas relações de poder e dominação. No entanto, são explorados os conceitos de emancipação e igualdade, desconstruindo o senso positivo comum que o *Poder* tem a partir do Liberalismo como filosofia político-econômica.

A produção de conteúdos simbólicos na sociedade patriarcal é estudada no capítulo seguinte, com o propósito de compreender como a materialidade corporal inscrita na imprensa culmina em exploração mercantil da imagem feminina. Nota-se que a imprensa atua como mediadora da espetacularização individual e promotora de subjetividades. O texto ressalta o emprego de violência simbólica na exploração do corpo-imagem feminino, o que nos permite refletir sobre como as inclinações de subordinação de gênero estão presentes também nos meios de produção cultural. Acredita-se que alguns usos

da imagem feminina no contexto do jornal diário são um fenômeno crucial para reforçar as construções simbólicas de gênero e sexualidade e manter a “subordinação feminina” (BOURDIEU, 1998). Na mídia impressa, o corpo feminino estereotipado tem, em muitas de suas aplicações, o estatuto de alegoria e mercadoria.

Ainda nesse capítulo, observa-se que as bases materiais da comunicação social são utilizadas para construção de modelos simbólicos que podem colaborar tanto para reforçar, quanto para desconstruir a divisão sexual da sociedade. Defende-se o uso de gênero como categoria para análise de imagens corporais femininas, pois aceitar a transversalidade da categoria de gênero é essencial para desenvolver uma análise sobre o fenômeno do uso de imagens femininas no jornalismo impresso. Também é apresentada uma busca no portal de teses e dissertações da Capes, na tentativa de compreender o estado da arte das pesquisas em comunicação e gênero no Brasil. Também são apresentadas algumas características da imprensa e suas bases materiais, que podem ser utilizadas na construção de modelos simbólicos em uma sociedade marcada pela divisão sexual.

À luz da teoria da imagem, o capítulo quatro traz um breve percurso pela história do jornalismo impresso, o que colabora para estabelecermos um paralelo entre as mudanças culturais e as formas de representação fotográfica da mulher na imprensa. É neste momento que o argumento central do trabalho é apresentado: de que as artes e a publicidade influenciaram na tomada de representações possíveis no jornalismo atual. Alguns usos e características das imagens femininas foram atribuídos ao fotojornalismo como tipos determinantes de representação. Essa influência se baseia na apropriação dos meios de produção gráfica e em uma herança arcaica, conceito que será discutido adiante.

O quinto capítulo propõe a reflexão sobre representações imagéticas e suas interpretações. Os conceitos de arquétipo e estereótipo são expostos e os três maiores estereótipos pictóricos são descritos. Tomados de Higonnet (1991) e Eco (2007), representam a madona, a sedutora e a mulher política. Adequados a este trabalho, porém, são apropriados como os três *grandes* estereótipos no fotojornalismo, considerando a incontável disponibilidade de fotografias produzidas na atualidade nos diversos veículos impressos.

Em continuidade, apresenta-se uma breve discussão sobre as possibilidades de representação fotográfica e são propostos os principais aspectos de uma iconologia crítica sobre a mulher, considerando este “um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise.” (PANOFSKY, 1979, p 54). Assim, referenciando os levantamentos bibliográficos, optou-se por uma análise iconológica em seis edições do jornal *Folha de S. Paulo*, cujos detalhes sobre *corpus* e método podem ser conferidos ainda no capítulo cinco. A

análise proposta não pretende, de maneira alguma, esgotar as interpretações. Porém proporciona reflexões importantes.

No último capítulo são apresentadas as considerações finais deste trabalho, bem como comentários acerca da produção fotojornalística contemporânea na sociedade patriarcal, especialmente quanto às possibilidades de representação da mulher.

## 2. DIVISÃO SOCIAL E SEXUAL: Observando Bases Materiais

Os estudiosos de gênero ainda encontram certa dificuldade para aplicar suas descobertas e hipóteses às pesquisas em comunicação. Isso ocorre por diversas razões, entre elas, a história recente de cientificidade nos estudos feministas propostos pelas ciências sociais, datada dos anos 1960 (LOURO, 2003). Mas ocorre, principalmente pela a incompreensão da materialidade da divisão sexual que é, em muitos casos, abstraída. Esse fator é intensificado pela dificuldade em se compreender o desequilíbrio existente nas sociedades patriarcais<sup>3</sup> ou sexualmente divididas.

No senso comum, ignora-se que a separação entre o *oikos* (o domínio familiar) e a *polis* (a cidade, as instâncias políticas), ou ainda o particularismo como negação da pluralidade (HIRATA et al, 2009), foram determinantes para a divisão sexual da sociedade.

A cientificidade dos estudos feministas foi assimilada primeiro de maneira pragmática, e em seguida, absorvido pelos centros de estudos das universidades, que foi buscar nos movimentos sociais algumas respostas para o problema da dominação masculina, resultando em estudos interdisciplinares. Louro (2003) afirma que apenas no desdobramento da "segunda onda", no final da década de 1960, o feminismo se voltaria para as construções propriamente teóricas:

“As características deste campo de estudos, marcadamente político e contemporâneo, impedem-no de ser visto como um campo teórico estável e sólido. Seu caráter de instabilidade em constante construção, sua proposta de auto-questionamento e de subversão de paradigmas científicos não são, no entanto, negados pelas estudiosas e estudiosos feministas. Muito pelo contrário, tais características têm sido reivindicadas como fundamentais para a produção de uma teorização fértil (e polêmica) e para a elaboração de distintas formas de intervenção social”. (LOURO, 2003, p.13).

A recente teorização do feminismo, no entanto, não afasta o argumento da transversalidade da prática dos movimentos de mulheres em todas as áreas do conhecimento. Como afirmou Graff (apud AHMAD, 2002), aquela década resultou em uma explosão teórica<sup>4</sup>, que tinha em geral um clima de “discordância radical” quanto às práticas culturais e

<sup>3</sup> Patriarcado é uma palavra arcaica que mudou de sentido no século XIX, com os estudos dos estágios de evolução das sociedades humanas (HIRATA et al, 2009) e novamente no século XX, a partir da segunda onda feminista. A partir de então, o patriarcado designa uma formação social “em que os homens detêm o poder”, sendo, para alguns autores, sinônimo de “dominação masculina”, definição mais ampla, adotada neste trabalho.

<sup>4</sup> Decerto, AHMAD (2002) observa que expoentes feministas norte-americanas, como Angela Davis, ou Shulamith Firestone, depositaram suas defesas, primeiro em outros movimentos, e só depois, com a descentralização do movimento de mulheres e a criação de programas de Estudos Feministas nas universidades,

aos modos de interpretá-las. Foi também a partir da segunda metade da década de 1960 que os meios de comunicação de massa passaram a ser vistos não somente como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos de Estado, principalmente sob a perspectiva dos Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2006).

Aqui são apresentadas algumas das principais justificativas para o uso de gênero como categoria de análise transversal (SCOTT, 1991) nas pesquisas em comunicação social e para os Estudos Culturais<sup>5</sup>, visto que a comunicação é um fenômeno social bastante ancorado na mediação<sup>6</sup>, que perpassa as relações sociais marcadas pelo patriarcado e pela divisão sexual, de raça ou etnia e de classe. A partir de teóricas feministas, com base principalmente nos estudos desenvolvidos a partir do feminismo socialista (HIRATA et al, 2009), de teorias do jornalismo e de estudiosos da comunicação, considera-se que as bases materiais da comunicação social são utilizadas para construção de modelos simbólicos que podem colaborar tanto para reforçar, quanto para desconstruir a divisão sexual da sociedade.

Para que os estudiosos da comunicação se apropriem histórica e analiticamente da categoria de gênero<sup>7</sup> e a incorporem em suas pesquisas é preciso admitir, em primeiro plano, sua transversalidade. Observa-se a contribuição deste fato para os estudos

---

é que elas começaram a pensar de maneira consistente suas próprias posições. Muitos estudiosos consideram que a academia foi o espaço onde o movimento feminista teve seus maiores ganhos. De fato, a aceitação da transversalidade dos estudos de gênero como categoria de análise (SCOTT, 1991) é essencial para o desenvolvimento deste tipo de estudo. Isso dadas as contestações quanto aos argumentos feministas nos ambientes culturais acadêmico e jornalístico, de produção e consumo, cujas estruturas são tantas vezes norteadoras de raciocínios práticos e cujo resultado crítico parece levar em conta o desenvolvimento das relações sociais.

<sup>5</sup> Os Estudos Culturais (E.C.) não configuram uma "disciplina", mas uma área onde atuam diferentes disciplinas, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade (ESCOSTEGUY, 2006). Williams, como um dos fundadores dos Estudos, defende que cultura é uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social. Ele observa o impacto cultural dos meios de comunicação de massa de maneira crítica, mostrando descrença em relação aos espaços da cultura popular e aos propósitos dos meios massivos. Os E.C. apresentam uma perspectiva teórico-metodológica entrelaçada às teorias da Comunicação Social. Por sua natureza interdisciplinar, os E.C. já não permitem resultados que expressem verdades absolutas e dogmáticas. Assim, a categoria de gênero para análise entre os E.C. fornece o enquadramento necessário para investigar a multiplicidade vigente no interior de cada cultura e nas relações interculturais, ricas e diversificadas. O estudo dos meios de comunicação observa a estrutura ideológica dos meios, principalmente, da cobertura jornalística. Denominada por Hall (1982) como "redescoberta da ideologia", esta fase pressupõe que os efeitos dos meios de comunicação podiam ser deduzidos da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios (ESCOSTEGUY, 2006).

<sup>6</sup> Segundo Sousa, a comunicação social é sempre mediada. "A comunicação social ou comunicação de massas (*mass communication*) é a comunicação efetuada em grande escala, de forma impessoal, para uso e benefício de um grande, anônimo e heterogêneo número de receptores em simultâneo, que fisicamente podem estar bastante separados, sendo, habitualmente, diminutas as possibilidades de interação e feedback do receptor com o emissor." (2006, p.54).

<sup>7</sup> Este trabalho se apropria do conceito de gênero que é ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo.

da comunicação em geral, e acredita-se que aceitar a transversalidade da categoria de gênero seja essencial para desenvolver uma análise sobre o fenômeno do uso de imagens femininas no jornalismo impresso, em especial, cuja causa maior se encontra na divisão sexual da sociedade.

## 2.1 UMA HISTÓRIA DAS MULHERES E A PERCEPÇÃO DOS GÊNEROS

A narrativa que inclui os feitos femininos e a descrição de uma sociedade a partir de diferentes ângulos tem início nos anos 1960, na Grã Bretanha (PERROT, 2007). Scott (1991) percebeu que determinando a “História das Mulheres”, construída para a inclusão da perspectiva e da ação das mulheres, os historiadores estavam, na verdade, criando um domínio especial para separar a experiência feminina da história. Ela observou, assim, que era preciso refletir sobre o modo como gênero atuava nas relações humanas e como a categoria daria sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico. Para Perrot, “uma história sem as mulheres parece impossível” (2007, p. 13). O que hoje demonstra um rompimento com o silêncio que ronda a história da humanidade apenas se deu porque a vida privada tomou os espaços públicos e as fontes passaram a ser ouvidas.

Dessa forma, para Scott a categoria de gênero se baseia em duas proposições. O gênero constitui as relações sociais baseadas na diferença entre os sexos e é também uma forma de significar as relações de poder<sup>8</sup>. Como afirmou Beauvoir, o mundo feminino se opõe, por vezes, ao universo masculino. “Mas é preciso sublinhar, mais uma vez, que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens” (BEAUVOIR, 2008, p. 409).

Foi no contexto de efervescência social que, nos anos 1960, a obra de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* (1949), tornou-se um dos estímulos da segunda onda feminista, ressurgência do movimento que se expressou por meio de grupos, marchas e protestos, mas também via livros, jornais, revistas e outras publicações. “Surgem os estudos da mulher.” (LOURO, 2003, p.16).

Ainda não havia o interesse acadêmico por estudos sobre as sociedades matriarcais primitivas, os quais, pela ausência de rastros comprobatórios, apenas presumem a existência de um estilo de vida arcaico que difere “radicalmente” do nosso (LAMPHERE e ROSALDO, 1975). Louro revela que ações contra a opressão de mulheres, isoladas e

---

<sup>8</sup> Segundo Scott (1991), as relações sociais são sempre relações de poder, conflitos e negociação.

coletivas, são usualmente atribuídas ao movimento social organizado no Ocidente no século XIX, o “sufragismo”<sup>9</sup>, que passou a ser conhecido posteriormente como “a primeira onda do feminismo” (LOURO, 2003). A necessidade de afirmação das mulheres e do acesso ao universo masculino marcou a segunda onda, que ainda apresenta um pensamento dialético pós-hegeliano<sup>10</sup>. No entanto, os movimentos políticos feministas demarcam uma necessidade de se discutir: cabe o acesso das mulheres a estruturas inalteradas, dentre elas a imprensa, mas desde então compartilhadas, ou uma transformação dessas “estruturas de acordo com os dois sexos – ou vários sexos?” (HIRATA et al, 2009, p.66). Apesar das diferentes trajetórias feministas, pode-se dizer que, historicamente, o patriarcado funda e orienta as mais diferentes sociedades.

### 2.1.1 Patriarcado como primeira condição da humanidade

Em 1861, Johann Jakob Bachofen publicava um estudo que marcava os direitos do matriarcado baseado em fontes poéticas como a *Ilíada*. No mesmo ano, Henri Summer Maine (1970) apresentava uma tese contrária, sobre o patriarcado como primeira condição da humanidade (in BAMBERGER, 1979). Bamberger observa que a sustentação do mito de que existiram sociedades matriarcais serve para questionar a credibilidade do matriarcado como sistema social. Esse argumento da autora é bastante útil para afirmar a necessidade de aceitar a sociedade contemporânea, patriarcal ou sexualmente dividida, como único modelo já experimentado (BAMBERGER, 1979) por todas as grandes sociedades.

Segundo propôs Bamberger (1979), em um levantamento sobre as sociedades indígenas da Terra do Fogo, “os mitos e os rituais têm sido mal interpretados como lembretes constantes de que as mulheres possuíram e perderam o poder. Esta perda determinou-lhes uma conduta *inadequada*”. Para ela, os mitos, como o do matriarcado, são fatos não-históricos que tem uma carga simbólica muito grande e podem preservar determinadas diferenças. Isso ocorre por que, para a autora, os mitos sobre as sociedades matriarcais arcaicas reafirmam que as mulheres não sabem administrar o poder:

---

<sup>9</sup> “Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento.” (LOURO, 2003, p. 15).

<sup>10</sup> É preciso deixar claro que, apesar de apresentados argumentos que respeitam determinada ordem cronológica, não são definidas neste trabalho todas as fases dos movimentos feministas, nem é defendido que determinadas ideias estejam restritas a etapas ou grupos na produção intelectual feminista. De qualquer maneira, aqui a sociedade patriarcal é considerada a primeira condição da humanidade, conforme Bamberger (1979).

A versão final da mulher que surge desses mitos, é que ela representa o caos e o desgoverno através da sexualidade enganosa e desenfreada. Isto é o inverso do ponto de vista de Bachofen sobre as mulheres pré-helênicas, simbolizadas por ele como Deusas místicas, puras e incorruptas. (BAMBERGER, 1979, p.252).

Destaca-se ainda que, na atualidade, tal incapacidade de governo está associada às características sociais como sinônimos de “predicados biológicos essencialmente femininos” (grifo nosso) tais como a docilidade, o culto à beleza, a parcimônia, a capacidade de educar, entre outros. Sabe-se também que tais predicados foram historicamente atribuídos às mulheres em função dos benefícios que apresentavam à sociedade capitalista, como afirma Hobsbawm:

Nas fábricas onde a disciplina do operariado era mais urgente, descobriu-se que era mais conveniente empregar as dóceis (e mais baratas) mulheres e crianças: de todos os trabalhadores nos engenhos de algodão ingleses em 1834-47, cerca de um-quarto eram homens adultos, mais da metade era de mulheres e meninas, e o restante de rapazes abaixo dos 18 anos. (HOBSBAWM, 1995, p.36).

Condenadas à invisibilidade por muitas décadas, as mulheres hoje são intensamente apresentadas em imagens, para deleite ou exaustão dos apreciadores. Perrot (2007) pondera que, de maneira geral, quando as mulheres aparecem em espaços públicos, causam um desconforto. São apresentadas por estereótipos e quase sempre taxadas de “*histéricas*, caso soltem o menor grito. A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria” (PERROT, 2007, p.21).

Bamberger mostra ainda, que as diferenças biológicas não são tomadas de maneira homogênea em todas as sociedades. “No entanto, os papéis e tarefas sociais tornam-se associadas com sexo e idade por um processo específico educacional, tanto formal como informal” (1979, p.248).

### 2.1.2 Epistemologia do sistema sexo-gênero

A palavra gênero tem seu uso determinado de maneira recorrente à compreensão apenas do universo feminino. É muitas vezes aplicado como um sinônimo de “mulheres” (SCOTT, 1991). No entanto, Scott afirma que o estudo de mulheres é necessariamente embasado em informações sobre os homens e mulheres. Essa tendência tem

sido um pouco amenizada pela teoria *Queer*<sup>11</sup> e pelos movimentos LGTB (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e os estudos sobre eles. Nas últimas décadas, pesquisas com base no pós-estruturalismo e estudos sobre a sexualidade e individualidade em Lacan, têm apontado interessantes discussões quanto à binariedade do sistema de sexos (SCOTT, 1991).

Estudos demonstram que, como seres biológicos e socialmente construídos, os seres humanos pertencem a dois grandes grupos definidos como mulheres e homens, palavras que fazem referência binária a uma realidade complexa. Traços que vão, portanto, muito além de uma divisão natural. Extrapolando as características biológicas e binaristas, essa realidade se apresenta em três níveis: o sexo - fêmea e macho; o gênero psicológico e social - feminino e masculino; e a identidade psicosssexual - heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade (IZQUIERDO, 1990, p.1). Estas três são acolhidas e discutidas socialmente, nas culturas ocidentais euro-androcêntricas, em geral nesta mesma ordem.

Não existe uma relação inequívoca entre os níveis e não se pode negar diversas combinações entre eles. Este sistema de divisões confere imperfeições no modo como a sociedade se estrutura, divide poder, riquezas, liberdades, direitos e espaços. Apropriando-se dos estudos de Izquierdo, percebe-se que tal desequilíbrio é fruto de “uma base dupla: a biologia e a divisão sexual do trabalho” (1990, p.2) e que os dois fatores contribuem diretamente para o modo de construção simbólica da realidade, proposto pela imprensa.

Um exemplo disso é a divisão sexual no mundo do trabalho experimentada nas Redações. Os espaços de produção de conteúdo jornalístico, como é uma Redação, são componentes das bases materiais da divisão sexual. Embora as mulheres tenham alcançado muitos espaços profissionais e possam hoje *disputar* livremente carreiras com homens, os índices de desenvolvimento humano mostram grandes desigualdades na maneira como a sociedade atual estrutura suas classes trabalhadoras.

---

<sup>11</sup>Segundo Guacira Lopes Louro, *Queer* pode ser traduzido como estranho, ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. “Efetivamente, a teoria queer pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação.” (LOURO, 2001, p. 546). A teoria Queer pode ser encontrada em “uma análise da figura hetero/homossexual como um regime de poder/saber que molda a ordenação dos desejos, dos comportamentos e das instituições sociais, das relações sociais numa palavra, a constituição do self e da sociedade.” (Seidman, 1995, p. 128 apud LOURO, 2001, p. 549).

Primeiro, porque, apesar de sua crescente participação no mercado de trabalho, as mulheres ainda são empregadas em áreas de menor produtividade que homens e estão mais associadas ao trabalho informal e, portanto, menos recompensado financeiramente. De acordo com o *Relatório do Banco Mundial* (2012), as mulheres continuam em atividades consideradas "femininas" (grifo nosso), recebendo, em geral, uma remuneração mais baixa que os homens.

Também porque a própria experiência de Redação pode ser determinante para as atividades profissionais “femininas”, e para a conduta *machista*<sup>12</sup>. Foi o que inferiu Silva (2010), a partir de um estudo de campo que reflete sobre as relações de poder e desigualdade junto a um grupo de jornalistas da TV RBS, em Porto Alegre, designado *Masculino: o gênero do jornalismo*. Para a autora, os valores e concepções hegemônicos de gênero eram reproduzidos da Redação às matérias, como resultantes de um padrão social de desigualdade percebido entre os trabalhadores intelectuais. Ao resultado da produção cultural eram atribuídas as características do indivíduo masculino, branco e heterossexual. A conclusão de Silva é que tais atributos eram valorizados nos âmbitos pessoal e profissional, o que refletia nas notícias.

Além disso, o feminismo, ou o coletivo de luta de mulheres, requer o reconhecimento da situação de dominação sexual historicamente desenvolvida (HIRATA et al, 2009). Exige também a agência (atuação) dos envolvidos para mudar uma realidade social, pois a mulher precisa construir sua cidadania para tornar suas reivindicações legítimas. Essa percepção é uma realidade contra-hegemônica.

Assim, considera-se que, em geral, a distinção biológica (sexual) contribui, na sociedade contemporânea, para compreender e até a “justificar” a desigualdade social (LOURO 2003). Apesar de sua admissão ser restrita a um grupo minoritário, a consciência da desigualdade como construção das relações sexuais é “historicamente adaptada a cada sociedade” (HIRATA et al, 2009, p.67). No entanto, vale lembrar que coube ao feminismo apresentar o sexo como categoria social, mostrando que os papéis de homens e mulheres não são resultado de um acaso biológico, mas de uma construção social que têm base material. O que revela novamente a importância do movimento feminista.

Abordar as questões de gênero, em qualquer circunstância, é geralmente muito trabalhoso, sobretudo a partir de abordagens sociais, históricas e teóricas. Requer a

---

<sup>12</sup> O termo machismo parece ter uma aceitação e compreensão mais geral que o termo patriarcado. Na cultura popular, também preserva o estranhamento sobre o ignorado universo da igualdade de gênero e da luta da mulher pela emancipação e pela igualdade.

habilidade de mostrar alguns dos principais problemas sociais, a necessidade de um comportamento radical, no sentido de eliminar pela raiz os mais retrógrados preconceitos, e finalmente, apresentar posturas e pensamentos que possibilitem uma nova ordem social entre os indivíduos. Acrescente a repugnância que o assunto geralmente causa e o resultado será uma iniciativa um tanto ousada de proclamar as diferenças a quem não se interessa por reconhecê-las, um grupo majoritário formado por homens e mulheres.

“As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX” (SCOTT, 1991, p.13). Assim como proclamava Natalie Davis em 1975, ao defender a necessidade de se estabelecer estudos sistematizados da história de homens e mulheres, não selecionando trabalhar apenas com o sexo oprimido, optou-se por propor estudos de mídia, analisando o jornalismo impresso em seu contexto de produção simbólica, como vetor de estereótipos visuais em uma cultura androcêntrica, portanto perpetuadora dos modelos de dominação masculina (BOURDIEU, 1998).

A história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino (SCOTT, 1991). A primeira onda feminista desenvolveu-se no final do século XIX centrada na luta por direitos políticos, sociais e econômicos, como o direito ao voto e à eleição de mulheres, participação na propriedade privada e na herança, trabalho remunerado e estudo. A revolução Industrial, a complexidade do Estado, a democratização do aparato político, o sufrágio universal, a universalização dos pensamentos eurocentristas de liberdade, igualdade e fraternidade possibilitaram às mulheres “parcelas de poder”, por isso a noção de indivíduo é tão importante para as questões de gênero. No entanto, para Scott: “(...) o feminismo ocidental e historicamente moderno é constituído por práticas discursivas de política democrática que igualaram individualidade e masculinidade.” (SCOTT, 2001, p.29). Reside aí o paradoxo do “individualismo”. Fraisse<sup>13</sup> afirma que, para os ideais da Revolução Francesa, a categoria articulada nas teorias democráticas, que corresponde a seres abstratos, é causadora da exclusão de mulheres (GODINHO e SILVEIRA, 2004).

A abstração completa acabou por tornar “indivíduos” os seres humanos que pertençam unicamente à categoria de seres singulares: homens, brancos, pertencentes às classes dominantes, ocidentais e cristãos; excluindo do poder todos aqueles que não possuíssem tais características.

---

<sup>13</sup> Para maior aprofundamento, ver FRAISSE, Geneviève. *Musa de la razón: la democracia excluyente y la diferencia de los sexos*. Trad. Alicia H. Puleo. Madri: Cátedra, 1989.

Os movimentos da segunda onda feminista e de contracultura (HOBSBAWM, 1995), que fundados nos anos 1960 passaram a ser denominados *Revolução Cultural*, focalizaram questões sobre transgressão cultural, liberdade corporal e a sexualidade.

Há três grandes posições teóricas feministas, mas dificilmente será possível encontrar redutos ortodoxos nos movimentos de mulheres ou nas conferências feministas. A primeira posição é o esforço em explicar as origens do patriarcado. A segunda baseia-se na tradição marxista e procura uma crítica feminista. A terceira baseia-se nas escolas de psicanálise e no pós-estruturalismo.

Segundo Perrot (2007), o feminismo não é considerado linear, ou homogêneo. Deve ser visto como plural e variado, num sentido amplo, como qualificação da luta pela igualdade entre as pessoas. Sendo percebido em movimentos súbitos em toda a história, não se baseia em organizações estáveis, é ressurgente, intermitente e sincopado (PERROT, 2007, p.155).

Este trabalho se apropria das teorias do feminismo socialista para construir uma base que utiliza a categoria de gênero para a análise do uso de imagens femininas nos jornais. Utiliza, principalmente, a teoria econômica do sexo para compreender a relação entre as imagens no jornal, seu conteúdo simbólico e a reificação do corpo para a produção de signos.

Harding (1993) observa a importância de relações interdisciplinares para a construção de bases teóricas feministas. Segundo a autora, “o esforço inicial da teoria feminista foi o de estender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar as atividades e relações sociais das mulheres analiticamente visíveis no âmbito das diferentes tradições intelectuais.” (HARDING, 1993, p.7). Alguns estudos feministas são construídos a partir de teorias marxistas, outros da psicanálise e uma terceira via pretende estabelecer teorias propriamente feministas, originando o “feminismo radical” (HARDING, 1993, p.7), rompendo com algumas epistemologias norteadoras.

Scott destaca o objetivo da nova *pesquisa histórica*: “explodir a noção de fixidez, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros”. (SCOTT, 1991, p.15). O conceito de gênero como diferença sexual, e os que deste derivam, é atualmente base para os estudos feministas. Teresa de Lauretis (1994), porém, observa que esse marcador de diferença sexual acabou por limitar as possibilidades, universalizando o sentido. Para a autora, a lógica da diferença marca a exclusão. Na medida em que se estabelecem as diferenças entre os sexos, na tentativa de avançar na conquista de direitos para as mulheres, pode-se limitar a

compreensão de papéis femininos a determinados modelos e até levando ao acúmulo de obrigações, como mostram as pesquisas sobre a mulher no campo do trabalho.

Ao optar pela expressão “relações sociais de sexo”, em vez do termo “gênero”, ou da expressão “relações de gênero”, Daniëlle Kergoat (1996), representante do feminismo francês, “profundamente marcado pelo marxismo como teoria de referência” (SCOTT, 2001, p.24), define a expressão como conceito que leva a uma visão sexuada dos fundamentos e da organização da sociedade, processos ancorados materialmente na divisão sexual do trabalho. Segundo Kergoat: “As relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são duas proposições indissociáveis que formam um sistema”. (KERGOAT, 1996, p.19). A autora destaca ainda que é impossível colocar estas expressões, altamente polissêmicas, em oposição.

Quanto ao uso da palavra “patriarcado”, Kergoat confere aos termos usados nos Estados Unidos - cujo sentido é baseado na reprodução, ou sexualidade - e na França - cuja definição demonstra ser fundamentada no modo de produção e no modo de produção doméstica; problemas de ordem estruturalista. Ao racionalizar as dificuldades próprias do sistema, pode-se “passar a uma abordagem que considera a posição das mulheres como imutável” (KERGOAT, 1996, p.25). No entanto, demarcar as estruturas sociais fundadoras da divisão sexual pode ser útil na tentativa de desconstruir as desigualdades.

Outra situação colocada pela autora é que a afirmação da primazia do patriarcado não é suficiente para mostrar domínios alheios ao âmbito da produção doméstica, do trabalho não remunerado e do âmbito familiar. Neste sentido, acredita-se que a compreensão da divisão social em outras categorias, como classe e etnia, seja fundamental para a alteração do *status quo*.

Para Kergoat, a divisão sexual está no centro do poder que os homens exercem sobre as mulheres. A diferenciação que surge nesta relação de poder hierarquiza as atividades, tornando a relação (que não se trata apenas de contato social) antagônica, estruturante para o conjunto do campo social e transversal à totalidade deste campo social<sup>14</sup>. A autora, socióloga que desenvolveu importantes pesquisas e conceitos no campo do trabalho, defende a não fragmentação do conjunto social, já que as relações sociais de sexo existem em diversos lugares e níveis sociais. No entanto, Kergoat define a relação social de sexo em uma ruptura radical com as explicações biologizantes e com os modelos universais. Além disso, a

---

<sup>14</sup> A teoria dos campos sociais foi desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Presente em grande parte de sua obra, *A genesis dos conceitos de habitus e de campo* (capít.) pode ser encontrada In: **O poder simbólico**. 9ªed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

autora reafirma que as diferenças são construções sociais que têm base material, e não apenas ideológica, o que as torna passíveis de serem apreendidas historicamente. Ambas esferas determinam a apreensão de sentido e resultam em situações determinadas. “Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular.” (BEAUVOIR, 2008, p.9).

A categoria de gênero foi legitimada em Bourdieu (1980 apud SCOTT, 1991), por exemplo, que mostrou que, em determinadas sociedades, a atividade agrícola se baseava em definições de oposição entre o feminino e o masculino, em relação aos conceitos de tempo e estação. Segundo Scott (1991), os pesquisadores começam a perceber que o gênero constrói relações sociais quando começam a entender a natureza recíproca entre o termo e a sociedade, bem como suas particularidades. “(...) como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política”. (SCOTT, 1991, p.17). Essa natureza recíproca também é percebida no âmbito da comunicação.

Ao apresentar gênero como uma categoria útil para análise histórica, Scott (1991) toma alguns conceitos pós-estruturalistas de Foucault e Derrida (LOURO, 2003). Ela também recusa a definição biológica e critica o uso de “gênero” como substituto de “mulheres”, fazendo referência ao movimento histórico, nos anos 1980 que, em busca por uma “legitimação acadêmica”, causou a troca dos termos nos livros e outras publicações. “O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (...) Seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas”. (SCOTT, 1991, p.4).

Agamben (2004) demonstra que os conceitos gregos de *bíos* e *zoé*, vida politicamente qualificada e vida nua, são referências primárias para pensar a genealogia do paradigma político do ocidente, porém, para o autor, o traço distintivo da modernidade é a politização da vida nua. Ele afirma:

A morte impediu que Foucault desenvolvesse todas as implicações do conceito de biopolítica e mostrasse em que sentido teria aprofundado posteriormente a sua investigação; mas, em todo caso, o ingresso da *zoé* na esfera da *pólis*, a politização da vida nua como tal constitui o evento decisivo da modernidade, que assinala uma transformação radical das categorias político-filosóficas do pensamento clássico (AGAMBEN, 2004, p.12).

Assim, a determinação da vida politicamente qualificada das mulheres é tardia e transcende o pensamento clássico. Scott define o gênero como a maneira primordial de significar as relações de poder; estruturar modos de perceber e organizar, concreta e simbolicamente, toda a vida social. A autora observa como a estrutura econômico-política é desenvolvida a partir das desigualdades, e não apenas resultando em diferenças. Neste sentido, a autora levanta um dos argumentos centrais da discussão proposta e que tem nas

estruturas política e econômica sua explicação: “A reificação sexual é o processo primário da sujeição das mulheres”. (SCOTT, 1991, p.6).

Tais argumentos se encontram na teoria econômica do sexo e, por esse viés, pode-se considerar o conflito ente corpo, imagem e exploração sexual um fenômeno que se desenvolveu mais fortemente a partir do capitalismo e da mercantilização da arte e da comunicação. A partir da reificação, o corpo é tomado como mercadoria ou objeto negociável, contexto que será aprofundado no capítulo a seguir. Esse enquadramento permite refutar outro senso determinante em nossa sociedade: a noção de poder.

### 2.1.2.1 Gênero como Categoria para Análise de Imagens Corporais Femininas

Há vinte anos, as teóricas feministas contemporâneas à Scott tinham “dificuldades de integrar o termo gênero em conjuntos teóricos pré existentes e em convencer os adeptos de uma ou de outra escola teórica que o gênero faz parte do seu vocabulário” (SCOTT, 1991, p.13). Apesar da lacuna de duas décadas, a preocupação com a inserção de temas ligados à estrutura de divisão sexual da sociedade parece ainda não encontrar lugar nas principais linhas teóricas das escolas de jornalismo e pesquisas em comunicação.

Como na premiada<sup>15</sup> dissertação de Marcia Veiga da Silva, há padrões sociais baseados na diferença sexual presentes no modo de produzir jornalismo. A pesquisa de Silva (2010) “foi empreendida na tentativa de perceber se e em que medida este padrão, que é social, produzido na cultura, perpassa o processo de produção de notícias”. Da mesma maneira, no jornalismo impresso as representações imagéticas, decorrentes da construção da notícia (ALSINA, 2000) perpassam modelos que culminam na edificação cultural de estereótipos.

Assim, uma busca no Banco de teses e dissertações da Capes revelou o estado da arte das pesquisas em comunicação e gênero no Brasil. A partir da busca por palavras-chave (gênero, jornalismo impresso) foram encontrados 69 resultados no nível Mestrado. Destes, apenas 11 têm alguma relação entre jornalismo impresso e estudos de gêneros e apenas dois pertenciam à área da Comunicação.

A mulher como eixo temático da investigação comunicacional foi pensada por Norma Reynoso, presidenta da Associação Mexicana de Investigadores da Comunicação (AMIC). A autora afirma, nos anais da Escola Latina Americana de Comunicação (2003, p.25) que o campo das ciências da comunicação tem contribuído de maneira pontual com investigações sobre a mulher, com métodos cada vez mais adequados para o estudo de gênero. Ela revela que os estudos advertem sobre a forma como se dá a relação entre as mulheres e os meios de comunicação, assim como a criação de imagens estereotipadas da mulher, como muitos outros temas relacionados à questão de gênero. Segundo Reynoso (2003), os resultados dessas pesquisas acabam convergindo para o tema Comunicação e Mulher, abordando principalmente os seguintes aspectos:

---

<sup>15</sup> A dissertação de Silva - *Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias* - foi vencedora do prêmio Adelmo Genro Filho, edição 2011, concedido pela Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR.

- Papeis dos gêneros atribuídos às mulheres, a imagem estereotipada da mulher difundida nos meios de comunicação;
- Valoração sobre o corpo feminino;
- Características “femininas” como ternura, passividade, amor na imprensa;
- Tempo que as mulheres dedicam aos meios de comunicação;
- Incorporação feminina ao uso de tecnologias de comunicação.

Reynoso afirma ainda que as pesquisas revelam novos obstáculos para a igualdade de gênero e o desenvolvimento cultural. Ela elenca o aumento de imagens violentas ou degradantes da mulher, incluindo a pornografia, descrições estereotipadas, sobretudo por meio de novas tecnologias; a dificuldade de acesso da mulher aos meios de comunicação e educação; a posição subalterna das mulheres em organizações que comandam os meios de comunicação massivos. A autora destaca também uma pesquisa nacional realizada no México que revelou que as notícias quase não faziam referência às mulheres e a temas de interesse de grupos femininos, além de apresentar baixo percentual de mulheres jornalistas.

Como foi demonstrado, o uso de gênero como categoria de análise transversal é justificado em uma pesquisa em comunicação social que tem como objeto principal as fotografias de corpo feminino publicadas na imprensa brasileira. Esse desenvolvimento epistêmico se releva a partir de teorias feministas, de teorias do jornalismo e da comunicação, com bases materiais da comunicação social aplicadas na construção de modelos simbólicos em uma sociedade marcada pela divisão sexual.

### 2.3 EMANCIPAÇÃO E IGUALDADE

Na sociedade capitalista ocidental, as bases sociais são construídas e marcadas pelas relações de poder e dominação. Saffioti (2004) prevê a superação das contradições e questiona o impasse proposto por Scott quanto à estrutura de poder provocada pelas divisões sexuais. Ela observa que o “poder” pode ser “constelado” na direção da igualdade ou da desigualdade entre as categorias de sexo e afirma:

O que precisa ficar patente é que o poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discricionariamente, criando desigualdades. Definir gênero como uma privilegiada instância da articulação das relações de poder exige a colocação em relevo das duas modalidades essenciais de participação nesta trama de interações, dando-se a mesma importância à integração por meio da igualdade e à integração subordinada. (SAFFIOTI, 2004, p.113).

Colocar duas modalidades em confronto para análise é, ao mesmo tempo, colocar toda a análise em contradição. Assim, quando as justificativas para as desigualdades são procuradas na diferença biológica, o resultado é uma interpretação binarista. Derrida (apud LOURO, 2003) mostrou que o pensamento moderno é calcado em concepções binaristas, marcado por dicotomias (teoria/prática, presença/ausência). Ao evidenciar a propriedade de um elemento, simplifica-se outro, que dele deriva, por isso Louro também propõe a desconstrução do padrão de referência da mulher em relação ao homem. Isso sugere que se encontrem condições que definam a polaridade e que a historicizem, bem como a hierarquia implícita nesta relação dual. “O processo desconstrutivo permite perturbar esta ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções. O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição.” (LOURO, 2003, p.33).

Para Saffioti, a mídia reforça os ideais neo-liberais de sucesso profissional e empoderamento: “o empoderamento individual acaba transformando as empoderadas em mulheres-álibi, o que joga água no moinho do neo-liberalismo” (SAFFIOTI, 2004, p.114). Quanto ao movimento feminista, Del Priore considera o resultado ambíguo, entre conquistas e armadilhas. Ao refletir sobre a profissionalização, sexualidade e relações familiares, a autora observa que “a executiva de saias não deu certo” (DEL PRIORE, 2000): “um homem como nós, como diriam alguns patrões” (CARRASCO, 2003).

O conceito de empoderamento vem do inglês *empowerment*, procedente do movimento negro norte-americano que nos anos 1960 lutava pela valorização da raça e da conquista dos direitos civis. Assim, a palavra abrange as ações que permitam controle e emancipação, na busca por posições igualitárias nas relações estabelecidas e na construção de novas realidades sociais. A partir da segunda onda do feminismo, o termo passa a ser empregado e seu significado discutido.

O empoderamento das mulheres representa um desafio para as relações familiares e perpassa a estrutura cultural, segundo Magdalena Leon (2000), pois significa a perda de posições privilegiadas em que foram colocados os homens nas sociedades “patriarcais”. Outro argumento da autora é que empoderamento e empoderar assinalam ações

e pressupõem que os sujeitos se convertam em agentes ativos, como resultado de um acionamento, que varia de acordo com cada situação concreta (LEÓN, 2000). A autora pretende estabelecer aspectos materiais e práticos para compreender e alterar a posição de mulheres nas relações de poder e atribui esta ação à prática do feminismo. Neste esforço, reside também a intenção de impulsionar mudanças na cultura e no imaginário social sobre a relação da mulher com o poder e gerar transformações na linguagem que reflitam em novas construções e mudanças nas estruturas de subordinação e imaginários sociais.

Analisar os resultados de um determinado fenômeno comunicacional relacionado à representação do heterogêneo grupo mulheres se trata, portanto, de perceber que as bases materiais para a divisão do sistema sexo/gênero são culturais, econômicas e políticas. Políticas e econômicas como na concepção Gramsciana, em que: “A economia não trata de coisas, mas de relações entre pessoas e, em última análise, entre classes, embora tais relações estejam sempre *ligadas* às coisas e apareçam como coisas”<sup>16</sup> (COUTINHO e TEIXEIRA [orgs.], 2003, p.76).

Assim, a materialidade corporal é instrumentalizada conforme interesses políticos e econômicos para fins diversos que agem opostamente à ideia de empoderamento das mulheres, ou igualdade de gêneros. No âmbito cultural, um dos fatores que colaboram para esse direcionamento é o uso do corpo feminino nos meios de comunicação.

---

<sup>16</sup> Carlos Nelson Coutinho foi um dos maiores estudiosos e divulgadores da obra de Gramsci (MORETZSOHN, 2007). Para ele: “Gramsci recusa assim, de modo enfático, a redução da economia às relações técnicas de produção”. A estrutura econômica não é a simples esfera da produção, mas o modo pelo qual mulheres e homens se organizam, estabelecem seu “metabolismo” natural e produzem, ou reproduzem não apenas objetos materiais, mas, sobretudo, suas próprias relações sociais globais (COUTINHO e TEIXEIRA [orgs.], 2003, p. 76).

### 3. PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS SIMBÓLICOS NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Considerando a interdependência da sexualidade, da economia e da política, e observando que as imagens de mulheres são, no jornalismo brasileiro, uma apropriação do corpo feminino, pode-se definir seu uso como elemento de alegoria, imagem idealizada do corpo real, símbolo plural apropriado como mercadoria na ilustração de mensagens jornalísticas. Essa é uma prática que vem sendo percebida como negativa por determinados grupos e aplicada como diretriz para os meios de comunicação em diversos países.

Recentemente, a gestora da televisão italiana RAI decidiu reduzir a exposição da nudez feminina no canal, atendendo à pressão popular. Os editores do polêmico jornal alemão *Bild* também anunciaram em 2012 a retirada de imagens de mulheres nuas da capa da publicação. Naquele periódico elas não deixaram de existir, porém, migraram para a página 3 do jornal. “Reconhecer que essa postura da mídia gera discriminação e impede as mulheres de desenvolverem suas capacidades físicas e intelectuais de forma plena, é reconhecer que a imagem feminina também é protegida pelos direitos humanos e deve ser adequadamente tratada” (VIANNA, 2005, p.4).

Compreender a transversalidade dos estudos de gênero se torna essencial para desenvolver uma análise sobre o fenômeno do uso de imagens femininas no jornalismo impresso, atividade da sociedade capitalista e dividida sexualmente. Isso porque as bases materiais da comunicação social, como são as Redações e os próprios produtos, como os jornais e revistas, resultam na construção de modelos simbólicos que podem colaborar tanto para reforçar, quanto para desconstruir a divisão sexual da sociedade. Tal divisão na sociedade capitalista contribui para reificar o corpo feminino e limitar sua representação a determinados modelos.

Bourdieu (1998) considera que a dominação sobre a mulher é exercida por meio de uma força, a violência simbólica<sup>17</sup>, compartilhada inconscientemente entre dominador e dominado, determinada, muitas vezes, por uma ação de condescendência e permissividade. A obra busca explicar a manutenção da dominação sobre as mulheres em

---

<sup>17</sup> Por violência simbólica Pierre Bourdieu (2006) define o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força. A dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica (1998).

todas as sociedades e se apoia em um estudo particular sobre a sociedade de princípio androcêntrico de Cabília, a fim de dar objetividade científica a seu trabalho.

Como a natureza biológica é base para características dos sexos (macho e fêmea), a produção social da existência implica em intervenção dos gêneros feminino e masculino, em todas as sociedades históricas conhecidas, como Bourdieu explicitou a partir de seus estudos com a sociedade Cabília (1998), cada qual contribuindo para produção e reprodução da existência (IZQUIERDO, 1990, p.1), de forma material e simbólica.

A subordinação, ligada a juízos patriarcais e de dominação econômica masculina, estaria de tal maneira intrínseca ao pensamento social, que comprometeria a sua percepção. Ou, como considera Bourdieu, seria “uma violência suave, invisível às suas próprias vítimas” (1998). Assim, a mulher condescendente (MAZER, 2011) torna-se vetor da mercantilização entre o corpo-imagem feminino e o espaço midiático, subordinado aos desejos de uma sociedade capitalista e patriarcal.

Gilles Lipovetsky (2000) ataca a real condição de opressão vivida pela mulher - apesar das mudanças ocorridas durante todo o século XX - afirmando que a obra *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (1998), é uma crítica cega e total. Lipovetsky afirma que “depois de séculos de submissão, a mulher objeto finalmente passou a ter um futuro aberto”, sinalizando as escolhas da “pós-modernidade”. Infelizmente o autor se equivoca ao afirmar que a contínua e extrema valorização da beleza feminina não mais constitui um “símbolo da condição da mulher objeto” (2000, p.12). Isso sem abordar os demais sentidos que “escolha” possa ter. Apesar da crítica de Lipovetsky, o texto de Bourdieu segue um importante levantamento antropológico e justificaria aqui a tolerância de mulheres em geral para com o sistema de exploração capital de suas imagens.

### 3.1 A DIVISÃO SEXUAL NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS SIMBÓLICOS

O corpo é a primeira “base sobre a qual se assenta o sistema sexo/gênero” (IZQUIERDO, 1990, p.1), que pode ser social e culturalmente construído. Desde o nascimento, os sexos biológicos são tratados com desigualdade. Ao homogeneizar os indivíduos de um mesmo grupo sexual, assimilando as características comuns a todos os circunscritos, constrói-se socialmente a desigualdade entre os diferentes sexos “violenta por todo um sistema de obrigações, proibições e oportunidades distintas para os machos e para as fêmeas” (IZQUIERDO, 1990, p.1). Para Saffioti (2004), o corpo não pode ser ignorado na sociedade “patriarcal”.

Esta construção cultural e social infunde modelos às pessoas em função de seu sexo, as relações determinadas nas quais, independente da vontade, os seres são envolvidos em uma relação entre consciência e realidade social. As esferas privada (sobrevivência) e pública (transcendência) constituem o espaço social dos gêneros, no entanto, cabe ao gênero feminino o âmbito doméstico. “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila.” (PERROT, 2007, p.16).

As práticas sociais se referem àquilo que é vivido no cotidiano, nos espaços de trabalho, na família, nas relações sociais e sexuais. A comunicação se insere como aquilo que torna comum (do latim *communicare*), o que é compartilhado nestas relações. Ao longo deste trabalho, pretende-se identificar espaços destinados à perpetuação do modelo simbólico da mulher alegoria. Considerando o jornalismo uma atividade do modo de produção capitalista (MARCONDES FILHO, 1986), faz-se uma reflexão teórica sobre os usos da imagem feminina no contexto do jornal diário e das revistas semanais, fenômeno que reforça as construções simbólicas de gênero e sexualidade.

O emprego de violência simbólica na exploração do corpo-imagem feminino é observado, o que nos permite refletir sobre como as inclinações de subordinação de gênero estão presentes também nos meios de produção cultural. Alguns usos da imagem feminina no contexto do jornal diário são um fenômeno crucial para reforçar as construções simbólicas de gênero e sexualidade e manter a “subordinação feminina” (BOURDIEU, 1998). Na mídia impressa, o corpo feminino estereotipado tem, em muitas de suas aplicações, o estatuto de alegoria e mercadoria, tornando-se um complemento ou um adorno da informação.

Para Lauretis (1994), um sujeito é constituído no gênero por meio de códigos linguísticos e representações culturais, “engedrado” não apenas nas relações de sexo, mas também nas de classe e raça. Como a sexualidade<sup>18</sup>, o gênero não pertence aos corpos nem existe nos seres humanos. Assim, o corpo é ressignificado nas mídias e atua como código linguístico cujas interpretações podem variar desde significados decorativos, alegóricos, a sexuais e de subordinação.

A imprensa do período industrial se estrutura com os processos revolucionários na Europa do século XVIII. As práticas revolucionárias femininas têm origem na Revolução Francesa (1789). Resistência, recusa e transgressão constituem o movimento

---

<sup>18</sup> Para Foucault (1985), a sexualidade é o conjunto de efeitos produzidos em corpos, em comportamentos e relações sociais.

feminista na Europa e nos Estados Unidos a partir de 1830. Porém, no início do século XIX o acesso à leitura pelas mulheres ainda era limitado. Mesmo que elas tivessem o direito à leitura de jornais, na maioria dos casos, apenas os homens da família eram alfabetizados. Desde a produção de conteúdos, até a impressão gráfica e distribuição, os jornais eram feitos exclusivamente por homens para leitores também do sexo masculino (FRAISSE e PERROT, 1991).

As artes, em geral, sempre conferiram à mulher ocidental um papel decorativo (FRAISSE e PERROT, 1991) e o uso de imagens de mulheres é conhecido antes mesmo da invenção da escrita (PERROT, 2007). Vianna critica não apenas a função primordial de embelezar o ambiente, atribuída à mulher, mas principalmente a “ausência de discussão sobre o quanto essa postura gera malefícios para as mulheres, impondo padrões estéticos discriminatórios e que contradizem explicitamente os estudos e tratados de direitos humanos das últimas décadas” (VIANNA, 2005, p.2). Para a autora, essas situações são violentas e contrariam os direitos humanos, pois causam danos psicológicos, físicos e sexuais, além da angústia de mulheres fora dos padrões de “imagens comercializáveis”.

Algumas hipóteses podem explicar a exaltação do corpo da mulher nos espaços midiáticos no século XX. Essa característica, própria da Era da Reprodutibilidade Técnica (BENJAMIN, 1994), tornou os contornos femininos objetos de grande valor e dicotomicamente desvalorizados socialmente. Entre os argumentos, na tentativa de compreender a obsessão imagética pelo corpo da mulher que é tão presente na publicidade (LESSA, 2005) e atualmente encontra espaço no jornalismo, está a evolução capitalista dos meios gráficos e do jornalismo.

Assim, supõe-se que a lógica gravurista, que se expandia comercialmente, sobretudo pelo crescimento da publicidade visual, encontrou espaço na imprensa do século XIX (BARBOSA, 2007) e se apropriaria do corpo feminino na produção industrial de cartazes publicitários. Essa lógica, atrelada às práticas modernas de jornalismo, pode ter influenciado a maneira como os jornais e revistas se apropriaram da imagem sedutora da mulher, principalmente a partir do uso de fotografias nos veículos impressos brasileiros.

### 3.2 MEDIAÇÃO COMO MODO DE PRODUÇÃO CULTURAL

A imprensa atua na constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido. Esse sistema contribui para a construção de uma identidade coletiva que se baseia em estereótipos. Como afirmara Davis, “nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis

sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la” (1975, p.90 apud SCOTT, 1991, p.2). É preciso refletir sobre o conceito moderno de “mediação” e produtores de conteúdo midiático: uma camada composta por representantes da grande imprensa, inseridos na sociedade brasileira neste início de século. Pretende-se observar de que maneira estes veículos se apropriam de estereótipos femininos e como isso influencia as representações do gênero.

Por ora, entende-se por representação o “reconhecimento do eu e do outro” (SAFFIOTI, 1992), e “as representações que os homens e mulheres fazem da realidade social operam como forças propulsoras de novas ações”. (WILLIAMS, 2011, p.209). Neste sentido, as figuras que se fazem de mulher são determinantes na compreensão dos sentidos de ser mulher: “Através da representação e da percepção, das imagens e dos modelos, das aspirações e dos valores que estão ligados a essa mudança, temos toda a possibilidade de evolução de uma sociedade.” (LAUWE, 1989). O conceito de representação será aprofundado mais adiante.

Os meios de comunicação, como os jornais, são social e materialmente produzidos (WILLIAMS, 2011). Atuam como aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1999), conforme a concepção marxista de construção social dividida entre base e superestrutura. Em geral, não “possuem estatuto público, mas são simplesmente instituições privadas” (ALTHUSSER, 1999, p.265), porém participam da seleta classe dominante que determina e exerce poderes nas esferas pública e privada. “A distinção entre público e privado é uma distinção intrínseca ao direito burguês e válida dos campos (subordinados) em que o direito burguês exerce seus poderes” (ALTHUSSER, 1999, p.265). Tais instituições concorrem para a reprodução das relações de exploração capitalistas e funcionam por meio da ideologia. São também, na sua concepção material, forças produtivas em transformação e que incluem variações históricas, “como as homologias relativas entre os meios de comunicação e as forças produtivas e as relações sociais mais gerais” (ALTHUSSER, p.70). José Marques de Melo afirmou:

Os meios de comunicação coletiva, através das quais as mensagens jornalísticas penetram na sociedade, bem como os demais meios de produção simbólica, são aparatos ideológicos, funcionando, se não monoliticamente atrelados ao Estado, como dá a entender Althusser, pelo menos atuando como uma *indústria da consciência* (MELO, 1987, p.57, grifos do autor).

Assim, o modo de produção jornalística está inserido neste movimento de transformações históricas e sociais e é, portanto, responsável em parte por fenômenos

materiais, como a representação visual (materializada), e em parte por resultados simbólicos, como a fixação de estereótipos femininos.

A incorporação simbólica que se dá através do conteúdo publicado no jornal é, há décadas, objeto de estudo das teorias do jornalismo. “As categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produtos da incorporação das estruturas objetivas do espaço social” (BOURDIEU, 2006, p.141). O problema da naturalização dos comportamentos considerados “femininos” e o modo como o jornal propaga determinadas interpretações também são observados. Ainda segundo Bourdieu, o conteúdo simbólico “leva os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele, a oporem-lhe possíveis diferentes e, até mesmo, antagonistas” (BOURDIEU, 2006, p.141).

Uma das principais críticas que se faz ao jornalismo contemporâneo corresponde ao mito da objetividade, que revela a mediação entre sujeito e realidade, de maneira a aproximá-lo, através da tela ou do papel, do acontecimento, do perfil, da verdade. O mito da objetividade jornalística foi discutido no Brasil por Ciro Marcondes Filho, reforçando a Teoria Construcionista<sup>19</sup>, opondo-se ao paradigma de que o jornalismo seria um reflexo da realidade. A exposição da subjetividade na imprensa desmente uma suposta objetividade da notícia (MARCONDES FILHO, 1986) e de suas ilustrações, como fotografias, gravuras, charges, etc.

Para Marcondes Filho, “a objetividade é impossível” e a “possibilidade de possuir a verdade é falsa” (1986, p. 14), traduz-se em dogma. “Isso não significa que tudo seja igualmente subjetivo ou que todas as expressões jornalísticas da realidade mantenham a mesma distância do real: há apropriações mais ou menos próximas da verdade dos fatos”. (MARCONDES Filho, 1986, p.14).

Neste esforço midiático de produzir e reproduzir modelos de representação, a imprensa está, na verdade, colaborando para ampliar, ou no mínimo manter, o modelo atual de diferenças histórica, política e simbolicamente construídas entre os sexos, o que exclui a mulher da “cidadania plena” (SARACENO, 1995).

---

<sup>19</sup> A Teoria Construcionista reconhece um grau maior de autonomia por parte dos jornalistas. Outra diferença importante entre esta e a Teoria Estruturalista é que a última defende a posição de que os valores-notícia dos jornalistas têm um papel central na reprodução da ideologia dominante. De acordo com as teorias do jornalismo, White definiu em 1950 o conceito de *gatekeeper*. Em sua teoria, o processo de produção de notícias é concebido como uma série de escolhas, onde o fluxo de notícias tem que passar por diversos portões (*gates*), que são momentos de decisão em relação aos quais o *gatekeeper* (jornalista) tem de decidir se vai escolher ou não uma notícia, deixá-la passar ou não (Vizeu, 2003).

A organização do trabalho nas Redações, sendo uma base material da produção de conteúdos simbólicos, também demonstra como a cultura hegemônica pode determinar a exploração de imagens femininas. Para Silva (2010), os valores culturais hegemônicos apropriados pelos jornalistas incidem, ainda que inconscientemente, nos processos criativos, seletivos e produtivos das notícias. A autora conclui, a partir de sua pesquisa empírica, que ficou evidenciado entre os jornalistas:

(...) que na hierarquização de valores e posições profissionais, o prestígio e o poder decorriam de um processo complexo, para além da simples competência profissional, e que tinham a ver também com adequação a determinados perfis, cujos atributos de gênero mais valorizados estavam em consonância com aqueles convencionalmente associados ao masculino (força, imposição, coragem, pioneirismo, pró-atividade, etc.), independentemente do sexo biológico dos profissionais (...). (SILVA, 2010, p.198).

A perspectiva dos estudos de gênero, “ao destacar a dimensão subjetiva das relações de poder entre homens e mulheres, acabou por negligenciar o vínculo com suas bases materiais. Em nossa concepção, não se trata de excluir a questão feminina do âmbito mais geral da luta de classes, mas – igualmente – não se pode cair na armadilha de abordá-la como questão *específica* que acaba por ser diluída no discurso da proeminência das questões *gerais*”. (GONÇALVES, 2009, apud LOVATTO, 2009).

O mito da objetividade e da imparcialidade jornalísticas reside em ignorar que a simples escolha de palavras, para os textos, ou ângulos e poses, para as fotografias, por exemplo, já é a recusa de outros. A escolha de um assunto ou imagem, em detrimento de outro, é “uma parte seletiva da realidade” (TRAQUINA, 2005). Isso torna a atividade subjetiva e imprecisa, apesar das técnicas difundidas nas escolas de jornalismo.

Cada publicação, no jornalismo, é carregada de escolhas. E o modo como os produtores de informação percebem as questões de gênero impregnará suas mensagens. Ou ainda, em relação à discussão pública do tema proposto: “Nem as atividades das mulheres, nem as relações de gênero (dentro dos gêneros e entre os gêneros) podem ser simplesmente acrescentadas aos discursos sem distorcê-los e sem deturpar nossos próprios temas.” (HARDING, 1993).

A igualdade entre mulheres e homens constitui um dos grandes desafios internacionais, presente nos *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* (Organização das Nações Unidas). No Brasil, algumas entidades desenvolvem, entre outras atividades, o trabalho de articular a sociedade, o Estado e os veículos de comunicação. Destacam-se a Rede Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, a SOF – Sempre Viva

Organização Feminista, a Rede Mulher de Educação<sup>20</sup>, o Observatório da Mulher<sup>21</sup>, o Observatório Brasil da Igualdade de Gênero<sup>22</sup> e o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA)<sup>23</sup>.

A análise da comunicação em sociedade apenas pode dar espaço para demandas públicas e diretrizes para políticas de transformação, de maneira que a realidade seja reorganizada simbolicamente para uma mudança real. “Para a teoria feminista, o sistema sexo-gênero não é uma maneira contingente, mas essencial, pela qual a realidade é organizada simbolicamente, dividida e vivida na experiência.” (BENHABID, 1988, p.80 apud SAFFIOTI, 1992, p.188).

Para compreender e estabelecer fenômenos comunicacionais os teóricos da comunicação se utilizam de determinado contexto e paradigma e apresentam seus argumentos. Neste ambiente, conforme Wolf, se encontram:

- a) o contexto social, histórico, econômico em que certo modelo teórico sobre as comunicações de massa surgiu ou se difundiu;
- b) o tipo de teoria social, pressuposta explicitamente mencionada pelas teorias da mídia (...);
- c) o modelo de processo de comunicação, que cada teoria da mídia apresenta. (WOLF, 2008, p. 3).

De maneira geral, os meios de comunicação abrangem quatro potencialidades, analisadas por cientistas sociais das mais diferentes áreas: a capacidade de agendamento social, de enquadramento temático, de construção da informação e de controle social (CANELA, 2008). “Estamos, portanto, assumindo que a mídia tem um poder central

---

<sup>20</sup> A Rede Mulher de Educação é uma organização não governamental sem fins lucrativos. Criada em 1980, facilita a interconexão entre grupos de mulheres em todo o Brasil, constituindo uma rede de serviços em educação popular feminista. Tais ações visam a fortalecer a capacidade de enfrentamento das desigualdades de gênero, a superação do sexismo nas organizações e a valorização das diferentes contribuições femininas à sociedade.

<sup>21</sup> Fundado em outubro de 2005, o Observatório da Mulher busca contribuir, resgatar e tornar visíveis as lutas das mulheres no Brasil. A entidade tem como principais objetivos promover os direitos das mulheres, democratizar a comunicação, produzir e veicular informações sob o ponto de vista das mulheres, promover a educação ambiental e a mudança de hábitos de produção e de consumo além de avaliar as políticas públicas sob a ótica de gênero.

<sup>22</sup> O Observatório Brasil da Igualdade de Gênero foi criado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Produz conteúdo destinado a gestores públicos, representantes políticos, movimentos e organizações da sociedade civil, e em particular aos movimentos e às organizações feministas e de mulheres. Entre outras linhas de atuação, é papel do Observatório acompanhar o comportamento da mídia, “tomando-a como um ator importante na promoção da equidade entre homens e mulheres” (ANDI, 2011)

<sup>23</sup> O CFEMEA é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de atuação nacional e internacional, cujos marcos políticos e teóricos são o feminismo, os direitos humanos, a democracia e a igualdade racial.

nas democracias contemporâneas: definir a agenda pública.” (CANELA, 2008, p.25). Mas a comunicação, por si só, não promove mudanças materiais.

Reynoso (2003, p.25) destaca a tentativa de se organizar uma rede mundial de monitoramento de mídia para a igualdade de gêneros chamada Media Watch. O Projeto de Monitoramento Global de Meios (PROYECTO DE MONITOREO GLOBAL DE MEDIOS, 2010) é coordenado pela Associação Mundial de Comunicação Cristã (WACC, da sigla em Inglês), uma rede mundial de comunicadores e meios de comunicação que promovem comunicação e mudança social. A rede realiza pesquisas e documentos para assegurar o papel de mediação da mídia. A mediação só tem efeito de ação quando articula diversos setores da sociedade, constituindo uma nova forma de comunicar, promover discussões, informar, estabelecer espaços para propulsão das demandas públicas e dar ao trabalho jornalístico um caráter mais cidadão “pleno”. A Escola Latina de Comunicação define uma teoria das “mediações” que perpassa a construção simbólica no âmbito da recepção:

Na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. O desafio apresentado pela indústria cultural aparece com toda a sua densidade no cruzamento dessas duas linhas de renovação que inscrevem a questão cultural no interior do político e a comunicação, na cultura (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.287).

Mediadora reconhecida, Carmen Silva escrevia no ano de 1963: “Não é necessária muita perspicácia para perceber sintomas de insatisfação nas mulheres de hoje” (apud CIVITA, 1994, p.73). Em seu artigo na coluna *A Arte de Ser Mulher* da revista Cláudia, Carmen apontava as causas do descontentamento feminino, no ano em que Betty Friedan publicava *A mística feminina*. Carmen é um ícone no jornalismo feminino e muito contribuiu para a divulgação de ideais revolucionários para as relações entre sexos e gêneros. Em 1982, Carmen Silva escreveria um artigo intitulado *Mulher, deixando de ser imagem para ser pessoa* em sua coluna na revista Cláudia: “Há séculos o homem vem descrevendo a mulher com luxo de minúcias: o que ela é, o que pensa, sente e quer, como reage, o que espera da vida, enfim, um retrato feminino de corpo inteiro...tirado da fantasia e dos desejos dele.” (apud BUITONI, 1990, p.10).

Diferente do que definia Carmen, quase 50 anos depois, é preciso muita perspicácia para perceber as insatisfações femininas e observar que elas não são muito diferentes do que se esperava na década de 1960, apesar das conquistas. “Diversas autoras inseridas no debate olham criticamente para os *universais* presentes nas análises antropológicas, reivindicando outorgar especial importância à observação das diferenças reais

entre as sociedades.” (PISCITELLI, 1998, p.308). Em diversas sociedades e camadas sociais, as necessidades são mais das mesmas, mascaradas em uma naturalização da igualdade de direitos, deveres e oportunidades, próprios de uma época pós-moderna e de uma sociedade neoliberal. Herança dos ideais de liberdade e igualdade, a responsabilização individual chega a seu extremo no início do século XXI.

Combater os estereótipos de gênero e raça, na cultura e na comunicação, é uma ação prevista no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, cuja importância e urgência se percebe também nas escolas e pesquisas de comunicação.

“O combate aos estereótipos de gênero e raça, na cultura e na comunicação, previsto no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, cuja implementação é coordenada pela SPM (Secretaria de Políticas para as Mulheres), insere-se nesse cenário mais amplo, em que é preciso analisar e enfrentar as reações patriarcais frente aos avanços das mulheres em algumas áreas, sobretudo após a eleição da primeira mulher para a Presidência do país. (...) A visão difundida pelos meios de comunicação – os mesmos que atuam para deslegitimar o discurso feminista – de que as políticas para as mulheres deveriam se localizar e, portanto, se diluir em um ministério dos direitos humanos, caminha no sentido oposto à construção da igualdade e da liberdade das mulheres. Estas só serão conquistadas na medida em que haja uma interferência nas estruturas que sustentam a desigualdade, ou seja, na divisão sexual do trabalho e na mercantilização do corpo e da vida da mulheres.” (MORENO, Sempreviva Organização Feminista - SOF, 2011).

O que fizeram as autoras Carmen Silva e Regina Helena de Paiva Ramos (2010), além de uma excelente contribuição para a discussão das questões de gênero no jornalismo brasileiro e um inacreditável registro histórico dessa transição, foi observar o tempo passado nas Redações e o conteúdo cultural expelido pelos jornais e revistas com ovação e glória da conquista de mulheres por espaços majoritariamente masculinos.

Algumas das novas gerações feministas, no entanto, veem esse exercício como reformista e facilitador do processo de naturalização de uma sociedade estável, dividida sexualmente. Para uma nova geração de mulheres, a fotografia do corpo perfeito do jornal como símbolo da representação de um grupo não é suficientemente agradável. Para Vianna, a “desigualdade na abordagem da aparência faz com que as mulheres não tenham a mesma igualdade de oportunidades que os homens” (2005). Tampouco é a obrigatoriedade dos ritos de beleza e sacrifícios laborais. Menos ainda a exigência de um padrão de beleza para exercício de qualquer atividade laboral, ou ainda a comercialização de atributos femininos e o exercício da sedução para o consumo de produtos e serviços.

“Eu tenho raiva da mulher que queimou o sutiã<sup>24</sup>”. Dita por uma mulher, a frase dá ao movimento feminista toda a responsabilidade pelas desigualdades entre as pessoas e pela sobrecarga atribuída à mulher nos tempos atuais. Hoje as mulheres se questionam pela dupla ou tripla jornada de trabalho. Sob coordenação de Rose Marie Muraro, uma pesquisa realizada na década de 1980 mostrava as relações entre corpo e classe social no Brasil. Entre as conclusões, a de que o corpo é moldado diretamente pelo lugar que ocupa no sistema de produção (MURARO, 1983). O corpo de classe média, segundo Muraro, era “formado por homens e mulheres altamente montados e produzidos para o prazer e para o consumo. Ainda mais: para o exercício do poder.” (1983, p.319). Já os corpos dos camponeses e dos operários eram orientados para a força e produção.

Quando Lessa questiona os usos das imagens femininas na publicidade expressas em outdoors na cidade de Maringá (PR), está também criticando a sociedade moderna do gozo obrigatório e a sensualidade prevista em todos os atos femininos, que através da publicidade, propaga a ideia de mulheres como objeto de consumo, padronizando o grupo de mulheres e tornando-as consumidoras desse modelo (LESSA, 2005, p.5). A autora também questiona o bombardeio de anúncios destinados às mulheres, que na sociedade hedonista tornaram-se consumidoras potencialmente interessantes, levando sempre ao que a autora chama de “conclusões maniqueístas”: ou as mulheres são vítimas ou vilãs neste conflito entre corpo e consumo, o que não resolve a questão. “Vivemos num mundo povoado de luzes *neon*, de *outdoors*, de placas luminosas móveis” (LESSA, 2005, p.16). A autora acredita que essa proliferação de imagens causa uma “nova revolução”, como a que propôs Galileu. “De qualquer maneira, a experiência de caminhar ou dirigir pelas grandes cidades é mais do que nunca uma experiência midiática.” (KLEIN, 2007, p.143).

Dessa maneira, segundo Lessa (2005), a proliferação de imagens expostas na cidade determina normas e valores de consolidação de um modelo feminino, ainda que esta mediação seja exclusivamente visual. “A compulsão pela visibilidade transformou as cidades em entulhos de imagens fragmentadas e repetitivas.” (KLEIN, 2006, p.140). Ao andar pelas ruas de qualquer grande cidade, é muito fácil encontrar mensagens de consumo cujo apelo visual é proposto pela sedução de um corpo feminino. Para Lessa, “a publicidade atua na produção e apropriação dos papéis sexuais e sociais destinados às mulheres” à medida que

---

<sup>24</sup> Em 1968, as manifestantes do Movimento de Liberação das Mulheres simularam a queima de sutiã, sapatos de salto e outros apetrechos nos Estados Unidos, no Atlantic City Convention Hall, onde era realizado o concurso “Miss América”, a fim de simbolizar o fim da opressão da beleza obrigatória, do comportamento contido condizente a uma senhorita.

transfere ao corpo feminino a responsabilidade pelas sensações que o produto pode oferecer: “A publicidade ainda trabalha em prol da coisificação das mulheres. Basta vermos as atuais propagandas de cerveja, a mulher é a cerveja e a cerveja é a mulher” (LESSA, 2005, p.62).

Contrariando as aspirações de Carmen Silva, as mulheres predestinadas continuam a ter seus espaços preconcebidos em vidas pré-fabricadas. No entanto, com o desenvolvimento de uma economia neoliberal, algumas mulheres têm mais opções de vidas em seu guarda-roupas. O fato é que esse feminismo das diferenças está baseado também nas distinções entre classes, matizando o que pode ser o grupo de mulheres de intensas variações cromáticas. Isso pode ser notado, por exemplo, no exercício diário e doméstico de relação entre empregadas e babás e suas “patroas”.

Como afirmou Teresa de Lauretis (1992), a identidade de uma mulher é produto de sua própria interpretação e da reconstrução que faz de sua história, permeada pelo contexto cultural discursivo ao qual tem acesso. A fragmentação das identidades femininas e a relativização das necessidades de mudança, não somente baseadas na divisão sexual da sociedade, também acabam por naturalizar uma máxima de igualdade que na vida cotidiana é inexistente.

Com base em estudos sobre a psicanálise em Freud e Lacan e antropologia de Levi-Strauss, Rubin admite as discussões igualitárias de gênero e define o sistema sexo/gênero como “uma série de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nas quais essas necessidades sociais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p.3). Para Rubin, a diferença sexual se dá mais pela cultura do que pela própria natureza. Ela afirma que a partir da psicanálise e da antropologia é possível se ter uma ideia do aparato social sistemático que torna mulheres matérias-primas de um sistema sexual econômico. Sendo o capitalismo o processo pelo qual o trabalho humano é transformado em mais-valia, a autora aponta como falha o marxismo clássico não se ocupar da questão sexual para a formulação de uma teoria social.

A autora lança o desafio: “Se o sexismo é um subproduto do apetite insaciável do capitalismo pelo lucro, então o sexismo se extinguirá com uma bem-sucedida revolução socialista.” (RUBIN, 1993, p.2). No entanto, apesar da questão sexual não ser o tema central das discussões marxistas, o próprio Marx estava atento ao problema da divisão sexual como concepção natural e observada a partir da categorização do homem como indivíduo:

Na relação com a mulher, como prisioneira e servidora da luxúria coletiva, expressa-se a infinita degradação na qual o homem existe para si mesmo, pois o segredo desta relação tem sua expressão inequívoca, decisiva, manifesta, sem véus, na relação do

homem com a mulher e no modo de conceber à relação mais imediata, natural e genérica. (...) A partir dessa relação, pode-se julgar o grau de cultura do homem em sua totalidade. Do caráter dessa relação deduz-se a medida em que o homem converteu-se em ser genérico, em homem, e se aprendeu como tal. (MARX, 1967, p.13).

Apesar do amadurecimento próprio da evolução das décadas, Rubin retoma o conceito de materialidade histórica e define, como Marx (1967), que “um elemento histórico e moral”, como necessidades biológicas, condições físicas e tradição cultural, será determinante na estruturação sexual da sociedade. Assim ela afirma:

É precisamente este “elemento histórico e moral” que determina que uma “mulher” esteja entre as necessidades de um trabalhador, que as mulheres, e não os homens, façam o trabalho doméstico, e que o capitalismo seja herdeiro de uma longa tradição na qual mulheres não herdaram, na qual mulheres não lideraram, e na qual as mulheres não falam com deus”. (RUBIN, 1993, p.9)

Rubin, porém, destaca que na tradição do materialismo histórico, Engels incorpora sexo e sexualidade à sua teoria social. Segundo a autora, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, Engels tentou desenvolver uma análise coerente de diversos aspectos da vida social, considerando a interdependência da sexualidade, da economia e da política, sem subestimar a importância de cada uma delas.

Pode-se compreender, sob esse viés, por que a imagem da mulher no jornalismo brasileiro é uma apropriação do corpo feminino. Seu uso se constitui como elemento de alegoria, objeto decorativo, coisa, carne, imagem descolada do corpo real, símbolo sexual, como é possível observar na evidência dos três maiores estereótipos femininos (HIGONNET, 1991): a Madona, a Sedutora e a Política.

### 3.3 O CORPO FEMININO EM IMAGENS

*Os encantos femininos constituem um capital. (PERROT, 2007, p. 47).*

No século XXI, a sociedade se apropriou dos corpos femininos, fragmentando-os, recompondo-os, regulando seus usos e funções (DEL PRIORE, 2000). “A magreza ativa foi resposta do século à gordura passiva da belle époque” (DEL PRIORE, 2000, p. 9). No século XX o nu, banalizado sexualmente na mídia, tornou-se laboratório para cremes que desenrugam ou não permitem enrugar, colágenos que esticam, em uma busca camuflada pela eternidade, pois “o prestígio exagerado da juventude tornou a velhice vergonhosa”. (DEL PRIORE, 2000, p. 11). Sant’Anna revela que a sociedade ocidental iniciou uma franca aversão pelos gordos pelo menos a partir da década de 1920 e que

sentimentos como o amor e a paixão seriam bens limitados àqueles considerados esbeltos (2001). Em pesquisas publicadas ao longo da década de 1990, autora questiona a valorização do corpo humano. Para ela, a o fenômeno é acompanhado de uma intensa exploração comercial, expressando os imperativos da beleza e da saúde perfeita (SANT'ANNA, 2001).

Nesse período, a sexualidade também foi transformada. No entanto, a responsabilidade pela atividade sexual continua sob os domínios masculinos. “A famosa pílula azul, o Viagra, só veio a reforçar o primado do desejo masculino, explicitando uma visão física e mecanicista do ato sexual, reduzindo ao bom funcionamento de um único órgão” (DEL PRIORE, 2000, p. 12). Neste período de liberdade sexual, se comparado a outros séculos, a sexualidade se torna pública: É a era do indivíduo e foi eleita sua representante a mulher, não mais submetida à reclusão de sua sexualidade doméstica.” (COSTA, 2006, p. 46).

Segundo o antropólogo Bruno Reumary, em todas as culturas a mulher é objeto de desejo e em raras, esse desejo estaria dissociado da disposição para maternidade. Na cultura ocidental, a imagem da mulher se confunde com beleza, e esta, com saúde. O corpo do final do século XX está representado, mais do que nunca, como a expressão perfeita de uma evolução - o corpo humano é a imagem de sua cultura:

O discurso dominante, particularmente o discurso jornalístico ou ainda aquele das análises sociológicas aplicadas ao mercado, tem assim geralmente adquirida a ideia de que a mulher vê a relação com seu corpo se beneficiar de uma intensidade inédita, que ela dispõe de muitas maneiras para melhorá-lo e embelezá-lo e que ela compõe para si mesma o programa em termos de técnicas e materiais mais adequados às suas necessidades. (REMAURY, 2000, cap.1, s/p., tradução nossa).

Através da estética, recurso fundamental na vida humana, a sociedade mostra sua face, a partir da representação dos ideais da alma humana em bens sociais ou valores. A relação entre bem, arte e beleza integra o contexto genérico de estética, pois tanto o bom, o belo e o artístico “produzem prazer estético” (HARTMANN, 2001, p. 4). Nossa atitude diante da beleza é de contemplação. Hartmann afirma que o tema da beleza chega a seu apogeu quando é centrado no corpo humano na Grécia. Mas é difícil afirmar em qual período histórico o corpo humano foi a grande referência cultural. Em geral, se atribui esse protagonismo corporal ao período Helênico.

O ideário de beleza se desenvolveu na Grécia antiga e a forma sempre deu suporte à valoração da beleza e da bondade, considerando a métrica do corpo humano, especialmente o masculino, como modelo na concepção de obras de arte e métodos de beleza

corporal. Na filosofia grega, conforme Protágoras, “o homem é a medida de todas as coisas”. Foi a partir de um sistema de medidas corporais que os gregos puderam criar um código de valoração estética que avalia do critério do mais elevado ao menos elevado (HARTMANN, 2001). “É ali onde a arte se propõe precisamente à conquista daquilo que é belo, de tal maneira que uma obra artística para ser tal deve ajustar-se ao cânon da beleza” (HARTMANN, 2001, p. 11).

A estética atua na aplicação de um sistema de valores tanto na criação da beleza, quanto em sua apreciação e, em ambas, terá efeito na imagem. A história da estética ocidental é adjacente à natureza e evolução da arte e, como um juízo de valor, se apoia nas variáveis culturais do meio ao qual é julgado (HARTMANN, 2001). Assim, quando uma imagem corporal é apreciada em uma revista qualquer, nosso código cultural, que sofre a influência da norma métrica e do sistema de valoração estética, nos leva a definir, se não adjetivos verbalizados, ao menos valores mentais para a representação do corpo que nos é apresentada. Como em um concurso, a beleza da imagem publicada é julgada de maneira graduada. O juízo de valor estético, aplicado ao código de beleza arquetípico<sup>25</sup> vigente, atua na formação de um esquema de valores, como o proposto por Hartmann, que vai definir a escala de pessoas mais belas para as menos belas. Assim, de acordo com Hartmann (2001), ainda que inseridos em diferentes contextos culturais, os indivíduos sofrerão a avaliação estética de seus pares dentro desta escala de valor, recebendo o julgamento, em geral, de forma inconsciente.

Da mesma maneira, quando em nossa cultura instituem-se os padrões estéticos para a beleza corporal, os atributos de beleza são julgados, determinados e comparados como mercadorias, referenciando níveis a partir de adjetivos, geralmente de maneira dicotômica: do mais para o menos; do natural para o artificial; do bom para o ruim. No entanto, nos meios impressos, o corpo é melhorado, e o sujeito fotografado é transformado por meio do editor fotográfico, um “bisturi digital”, que pode determinar os novos atributos físicos na esfera digital em questão de minutos (SIBILIA, 2006).

O corpo veiculado nos meios de comunicação de massa não é o corpo de natureza, nem exatamente o de cultura na sua dimensão de expressão de corpo humano: é imagem, texto, não verbal que representa um ideal. É o que denominamos

---

<sup>25</sup>Arquetípico: referente a arquétipo. Na Filosofia, trata-se do modelo ideal, inteligível, do qual se copiou toda a coisa sensível. Para o platonismo, as ideias são os arquétipos das coisas; para o empirismo, certas ideias são os arquétipos de outras ideias (PRIBERAM, 2010).

corpomídia: construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas (CAMARGO e HOFF, 2002, p. 26-27).

As primeiras ideias sobre a natureza da arte nasceram na filosofia de Platão e marcaram a estética ocidental (SANTAELLA, 2000). Em sua obra estão contidos os primeiros argumentos para o pensamento sobre a arte e a beleza, inspiradores para muitos autores. A obra de Platão nos proporciona a reflexão sobre a realidade a partir da mimese, dando subsídios para a reflexão da questão do duplo, sobre o real e a reprodução da qual nenhuma obra de arte pode escapar. O conceito de belo que até hoje influencia nossos juízos é retirado dos escritos platônicos. No dicionário kantiano de filosofia o termo belo é definido como “aquilo que apraz universalmente sem interesse algum (...) aquilo que é objeto de uma satisfação necessária” (p. 47). No entanto Kant reformulou a interpretação da experiência estética a partir da *teoria do gosto*. Para ele, o gosto é construído a partir da possibilidade de discussão e, portanto, é compartilhável. Assim, a beleza é uma ideia universal da razão.

Na sociedade de consumo do espetáculo, o conceito de beleza é distorcido, a fim de atingir um número grande de pessoas. A separação entre arte e beleza ocorreu principalmente depois da modernidade, com a autonomia da arte. Na modernidade a arte passa a ser heterogênea, fruto da vontade do artista, mas indissolúvel, segundo Hartmann (2001), das influências externas do código cultural em vigor.

As reflexões sobre o corpo e a imagem corporal têm relativa importância na observação da cognição, da construção da autoimagem e das relações sociais em torno das inúmeras temáticas que o organismo humano pode gerar. Ao estudar o desenvolvimento social do homem, compreende-se que a unidade corporal representa o ícone natural de nossa presença no mundo, em que o espaço do corpo se apresenta como a fronteira física entre a pessoa e o mundo exterior (FREITAS, 2008).

Para Camargo e Hoff (2002), o corpo pode ser estudado através de dois aspectos distintos: a parte biológica do organismo humano, como elemento de uma classe da espécie animal da qual pode-se separá-lo e estudá-lo, de forma objetiva, a partir da sua estrutura física, das suas funções orgânicas e o segundo aspecto, mais subjetivo, que nos remete a questões relativas à imagem ou à representação cultural do corpo humano, e neste caso, os pesquisadores podem direcionar-se a questões relativas a aspectos afetivos, psicológicos, sociais, éticos, estéticos, eróticos, sexuais, políticos e culturais, propriamente

ditos. Para Freitas, formular um esquema corporal perpassa a sensação, a percepção, a simbolização.

Logo, perceber o mundo é apreender e aprender o mundo com o corpo. É perceber o corpo. Isto implica na integração de modelos sociais. A descoberta do corpo e a formação da imagem do corpo passam por situações sociais. É na interação com outras pessoas do entorno social que os modelos são internalizados, isto é, nas vivências e experiências, que são intransferíveis e subjetivas. Deste modo se processam as formas de solicitação de vias de conclusão neuromotora, melhorando a dissociação dos movimentos e dos gestos, através dos quais cada ser humano responde à adaptação que o meio externo solicita e/ou sugere (2008, p.322).

Vygotsky (2003, apud FREITAS, 2008), afirma que a produção de imagens, particularmente ao desenhar o corpo, se relaciona com o que cada ser humano conhece. Ou seja, não se reproduz o que se vê, mas o que se conhece. Para o autor, o conhecimento é um processo de construção pessoal que se dá em interação social e do qual participam as funções mentais superiores tipicamente humanas: inteligência abstrata, imaginação, representações mentais, principalmente. Pode ocorrer a presença de conflitos entre a ordem ótica das coisas e as nossas incorporações subjetivas. Tal fato ocorre, por exemplo, quando o indivíduo atribui a si mesmo certas informações externas, fazendo causa de efeitos independentes de sua vivência, o que é particularmente comum em crianças pequenas (VYGOTSKY, 2003, apud FREITAS, 2008).

Já Medeiros (2000) afirma que o retrato é “sustentado por convenções ideológicas historicamente determinadas”, servindo a objetivos também determinados. Sua história circulante entre a “introspecção e a extrospecção” (MEDEIROS, 2000, p. 151) é marcada pelo conceito de mimese, considerada o processo impulsivo de imitar, não a realidade, mas sua representação. A autora considera o retrato pintado o primeiro recurso de referência especular. Considera também que a fotografia, em 1839, “vem acentuar o espanto e o delírio provocados pela imitação” (MEDEIROS, 2000, p. 45).

Ela observa que a fotografia traz à tona o conteúdo mágico e onipotente, “características de um sentir narcísico” (MEDEIROS, 2000, p. 151) presentes no retrato e no autorretrato, projetando a sensação de reprodução da realidade mais perfeita a partir da imagem pessoal. É na circulação entre as esferas do público e do privado que a imprensa acaba por reforçar a construção histórica de exclusão das mulheres.

### 3.4 ESPETACULARIZAÇÃO INDIVIDUAL E A PROMOÇÃO DE SUBJETIVIDADES

O surgimento de colunas e seções dedicadas aos corpos femininos nos jornais regionais e locais denuncia uma tendência à projeção do indivíduo comum no “noticiário” (MAZER, 2011), o que Morin (1981) denominou projeção aos Olímpianos<sup>26</sup>. Em muitos casos, estabelece-se uma troca consensual entre corpo-imagem: a bela e jovem mulher - pela exposição da subjetividade: o “eu” no jornal, como sou, o que posso oferecer. Esse processo é fruto da lógica de mercado dominante, narcísica, em busca de uma pureza orgânica (SIBILIA, 2008) mediada e visível, na construção de um corpo ícone, desenvolvido para o consumo visual: o que não é visto, não é lembrado, nem consumido. Ou, nas palavras de Debord: “O espetáculo não diz nada além de o que aparece é bom, o que é bom aparece.” (apud SILVA, 2012).

Sibilia toma a sociedade da busca pela pureza orgânica como cenário original para a construção de um arquivo, portfólio de belezas corporais, editadas em programas como o *Photoshop* e outras ferramentas, criando um ideal de beleza digital. Tal paradigma extrapola as telas, envolvendo o corpo e a subjetividade à medida que converte as imagens editadas em objetos de desejo e projeção. Essas melhorias são aplicadas sem o menor pudor, abandonando qualquer vínculo com a materialidade e redefinindo a sensualidade em um “corpo ícone descarnado e bidimensional” (SIBILIA, 2008, p.72), produzido para ser visto e consumido visualmente. Todos os indivíduos que não se encaixam neste modelo, são considerados negligentes com sua forma física. Modificar o corpo por completo em respeito a esse ícone é considerado natural.

Vive-se um período de promoção das subjetividades. Contrariando os critérios de noticiabilidade<sup>27</sup> jornalísticos, cada indivíduo pode se servir dos meios de comunicação para divulgar suas mais íntimas características como se fossem de interesse

---

<sup>26</sup> Ao analisarmos o impacto que a imagem superexposta, espetacularizada, causa na vida cotidiana, toma-se o exemplo do conjunto de imagens de personagens cujo teor de visibilidade já se tornou saturado, como artistas e políticos, figuras influentes na sociedade. A esses personagens, é emprestado o termo criado por Morin (1981) para definir as estrelas, cujas características supra-humanas as assemelham aos deuses do Olimpo. O autor as denomina olímpianas. Essas imagens são por Morin consideradas projéticas, o ideal a ser alcançado é a imagem do olímpiano.

<sup>27</sup> Para Jorge Pedro Souza, e outros teóricos do jornalismo, os critérios de noticiabilidade são elementos que tornam um fato notícia, baseados no interesse público e na hierarquização das estruturas da notícia. No entanto, tais argumentos têm natureza difusa e por vezes contraditória. Apesar das evoluções no campo dos “media”, as tarefas dos jornalistas ainda estão relacionadas com a capacidade de hierarquizar acontecimentos, transformá-los em notícias e difundi-las.

público, ocupando principalmente os espaços da Cibercultura<sup>28</sup>. A autopromoção, a promoção da subjetividade em geral, pode ser avaliada como um simulacro, que constitui a realidade cotidiana coletiva. Simulacros e Simulação, escrito em 1981, mantêm-se como uma das mais importantes obras de referência a Jean Baudrillard<sup>29</sup> e revela que o Simulacro é um fragmento da hiper-realidade ou a visão midiaticizada da realidade. É o real espetacularizado. Quando a participação estética ultrapassa o trato com o objeto, transcendendo os limites fotográficos, imagéticos, a relação passa a ser mágica, simbólica, e o objeto ou sua imagem passa a ser percebido como tão real que pode até ser considerado mais real do que a realidade.

Apesar do aparente conflito entre o uso de matrizes teóricas provenientes dos estudos culturais marxistas e a apropriação do conceito de hiper-realidade de Baudrillard, neste trabalho são aplicadas as interpretações do francês sobre a relação do indivíduo com o universo simbólico e a capacidade de abstração que determinadas imagens e planos estimulam. O autor foi sociólogo e fotógrafo e, portanto, experimentou a transição entre a materialidade da fotografia e seus impactos simbólicos. No entanto, ao desenvolver uma Economia Política do Signo, Baudrillard questiona a força da dominação imposta pela mídia e pela rede de signos no contexto da pós-modernidade. Faz também uma crítica aos crescentes movimentos de esquerda (1960) e propõe a aceitação do capitalismo, criticando a tentativa de tomada de poder.

---

<sup>28</sup> Cibercultura é, segundo Pierre Lévy, o novo espaço de interações propiciado pela realidade virtual, em que as pessoas vivem uma nova relação no espaço-tempo. “O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p.17).

<sup>29</sup> Apesar do aparente conflito entre o uso de matrizes teóricas provenientes dos estudos culturais marxistas e a apropriação do conceito de hiper-realidade de Baudrillard (e a provável ingenuidade que se possa demonstrar), **compreende-se** neste trabalho as interpretações do francês sobre a relação do indivíduo com o universo simbólico e a capacidade de abstração que determinadas imagens e planos estimulam. O autor foi sociólogo e fotógrafo e, portanto, experimentou a transição entre a materialidade da fotografia e seus impactos simbólicos. No entanto, ao desenvolver uma Economia Política do Signo, Baudrillard questiona a força da dominação imposta pela mídia e pela rede de signos no contexto da pós-modernidade. Faz também uma crítica aos crescentes movimentos de esquerda (1960) e propõe a aceitação do capitalismo, criticando a tentativa de tomada de poder. Ele afirma: “A ideologia não corresponde senão a uma malversação da realidade pelos signos, a simulação corresponde a um curto-circuito da realidade e à sua reduplicação pelos signos. A finalidade da análise ideológica continua a ser restituir o processo objetivo, é sempre um falso problema querer reinserir a verdade sob o simulacro.” (1981, p. 39). É exatamente através da compreensão de “morte do real” que **pretendemos** explicar a criação de personagens e estereótipos ocupando o espaço figurativo de mulheres reais, ou representáveis. **Discordamos** essencialmente de Baudrillard, pois **acreditamos** que a produção cultural perpassa os âmbitos da economia e da política e, certamente, culmina com a dominação dos aparatos midiáticos.

Ele afirma: “A ideologia não corresponde senão a uma malversação da realidade pelos signos, a simulação corresponde a um curto-circuito da realidade e à sua reduplicação pelos signos. A finalidade da análise ideológica continua a ser restituir o processo objetivo, é sempre um falso problema querer reinserir a verdade sob o simulacro.” (1981, p. 39). É exatamente através da compreensão de “morte do real” que se pretende explicar a criação de personagens e estereótipos ocupando o espaço figurativo de mulheres reais, ou representáveis. **Nesse ponto**, o argumento do trabalho discorda essencialmente de Baudrillard, pois defende que a produção cultural perpassa os âmbitos da economia e da política e, certamente, culmina com a dominação dos aparatos midiáticos.

Assim, na Sociedade do Espetáculo<sup>30</sup>, a imagem serve como cura para as mazelas particulares, transformando os indivíduos em consumidores hedonistas. A sociedade se espetaculariza porque tudo se torna imagem e esta, transforma-se num dispositivo de controle, como na obra *1984* (2009), em que George Orwell descreve a sociedade controlada por meio de teletelas<sup>31</sup>.

Juremir Machado da Silva observa a transição da sociedade do espetáculo para o hiperespetacular, revisitando os aforismos de Guy Debord (1997). Para ele, os iluministas inventaram o culto à transparência. Depois, a sociedade espetacular o trocou pelo culto total à visibilidade e o que ele chama de sociedade “midíocre”, junção do adjetivo à palavra mídia, fria e transpolítica, tratou de dar visibilidade a personagens obscuros, “até revelar a transparência, ou a opacidade, dos seus espíritos.” (DA SILVA, 2012, p.7).

Para Belting (2004), o corpo é a base da iconologia e a imagem tem vida para além do suporte. Ele afirma que a visibilidade do corpo é delegada às imagens, que por sua vez necessitam de uma mídia adequada para tornarem-se visíveis. É como se tornam visíveis e vivos os corpos nos jornais.

---

<sup>30</sup> Sociedade do Espetáculo (1997) é uma obra de Guy Debord lançada em 1967 que se tornou conhecida graças ao movimento de Maio de 68. Para o autor, os meios de comunicação de massa são apenas “a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores”. Para Débord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (1997, p 14).

<sup>31</sup> Orwell (1948) não previa o fenômeno dos *reality shows* ao descrever em sua obra a imagem do Grande Irmão que tudo vê. O autor, porém, soube a dimensão que a midiatização traria ao convívio social ao escrever o paradeiro do personagem Winston Smith. Como na teletela de Orwell, a sociedade é bombardeada por figuras poderosas.

Considerando o corpo-imagem, ou na consideração de Camargo e Hoff (2002), o corpo-mídia, um simulacro do corpo real, este trabalho constata que imagens de corpo feminino são utilizadas em demasia na mídia impressa e, em muitos casos, para deleite visual, próprio da „cultura da visibilidade“ (KLEIN, 2006). As investigações sugerem que as imagens de corpo feminino, publicadas diariamente na mídia tradicional, respondem de maneira simbólica à produção hegemônica<sup>32</sup> de conteúdos, construindo, ou reforçando, um imaginário negativo sobre a mulher e seus estereótipos.

Do ponto de vista da sociologia da imagem (MARTINS, 2008), tais fotografias recebem condições de propagação ampla, o que conferem uma transfiguração de sentido, que por sua vez dá origem aos estereótipos.

A sociologia da imagem (MARTINS, 2008), portanto, trata a fotografia como o registro visual de informações factuais de trato sociológico e antropológico sobre a realidade social. Para o sociólogo da imagem, a fotografia não é apenas documento para ilustrar nem apenas dado para confirmar, ou instrumento de pesquisa. É constitutiva da realidade e é, de certo modo, objeto e também sujeito. A produção, edição, seleção e indução de conteúdo nos jornais a partir de imagens de corpo feminino são ações em geral definidas por sujeitos concordantes com as regras da cultura hegemônica, opressora e de domínio masculino. Nestes casos, a fotografia da mulher é utilizada como mecanismo de difusão ideológica capitalista no consumo diário de notícias.

Martins reflete acerca do caráter científico das imagens para a pesquisa em Ciências Sociais: “Se a fotografia nada acrescenta à precisão da observação sociológica, muito acrescenta à indagação sociológica na medida em que a câmera e a lente permitem ver o que por outros meios não pode ser visto. Ao mesmo tempo ela produz alterações nos processos interativos, na pluralidade de sentidos que há tanto no lado do fotógrafo quanto no lado do fotografado e do espectador da fotografia” (MARTINS, 2008, p.36).

De acordo com Marcondes Filho (1986), o consumo de mídias de massa “regula” o modo de pensar. Seja a imagem do corpo desnudo das “vedetes” (Morin, 1981) publicados alegoricamente (FRAISSE e PERROT, 1991), seja a lacuna de informações sobre o atual estado de direito e empoderamento feminino, seja a imagem do corpo

---

<sup>32</sup> A fim de desenvolver um conceito de hegemonia na cibercultura, o pesquisador Edilson Cazeloto faz uma interessante busca nas obras de Gramsci e Laclau. Para ele, a hegemonia é o poder exercido na cultura e no imaginário. “É a construção de consensos em torno de determinadas visões de mundo e axiologias que, embora permaneçam conectadas a grupos sociais determinados, logram ultrapassar seus limites iniciais e estabelecem-se como universais e transparentes, confundindo-se com o *real*.” (2010, p. 151).

coberto pela *burqa*, pela *jihab* ou outros mantos e véus atribuídos diretamente à cultura islâmica, a utilização de fotografias padronizadas transforma a comunicação visual, desvela o conjunto dos suportes visuais em ferramentas de dominação ideológica, limitando a compreensão do leitor.

#### 4. IMPRESSÕES DO CORPO: Reificação da Mulher na Imprensa

*A ordem do capital e a emancipação da mulher são – histórica e praticamente – absolutamente irreconciliáveis. (ANDERSON, 1984, p. 106).*

A ordem capitalista e a emancipação do ser humano oprimido, pertencente a qualquer grupo, são irreconciliáveis, pois a lógica do capital é (seja a do acúmulo de propriedade, de lucro, de poder ou de vantagem), em si mesma, a lógica da opressão. Como defendido no capítulo anterior, a partir da divisão social e sexual da sociedade a mulher e sua imagem são reificadas e seu corpo recebe sentido de mercadoria, limitando a representação da mulher a determinados modelos e *funções*.

É importante ressaltar que, a partir dos estudos feministas e de uma reconstrução sobre uma história da ilustração e do fotojornalismo na imprensa brasileira, considera-se também a dependência de uma economia da sexualidade para complementar essa afirmação. Neste capítulo serão demonstrados alguns argumentos para extrair tal afirmação do universo da *doxa* e do livre pensamento e ponderar os fatos históricos para a construção de uma *epistême* sobre a imagem da mulher na imprensa brasileira.

Em nossa cultura, a imagem corporal da mulher é mais frequentemente exposta que a do homem, resultado da tradição masculina de transformar em imagens o objeto de desejo (REMAURY, 2000) e do modo de pensar daqueles que possuem os meios de produção cultural. As imagens femininas são descritas, representadas ou utilizadas desde o princípio dos tempos (PERROT, 2007, p.24), das grutas pré-históricas aos anúncios publicitários da atualidade. No entanto, a relação entre a real condição e a imagem projetada da mulher não é de simples decifração.

Historicamente, a representação imagética feminina é construída sob o imaginário dos homens. Questionando-se sobre a maneira como os homens registraram as mulheres na pintura, Perrot (2007) apresenta a natureza contraditória por trás das imagens femininas, considerando a maneira como as mulheres viam e veem suas imagens. “Para elas, a imagem é, antes de mais nada, uma tirania, porque as põe em confronto com um ideal físico ou de indumentária ao qual devem se conformar. Mas também é uma celebração, fonte possível de prazeres, de jogos sutis. Um mundo a conquistar pelo exercício da arte.” (2007, p.25). Universo de sedução e resistência, jogo do qual a mulher muitas vezes se aproveita, lógica de mercado que pode torná-la condescendente (MAZER, 2011).

Assim, a grande imprensa segue um padrão que acentua as diferenças na forma de representar a mulher. De acordo com uma pesquisa realizada pela ANDI – Comunicação e Direitos e pelo Instituto Patrícia Galvão, em parceria com o Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (ANDI; Instituto Patrícia Galvão, 2011), a imprensa aborda determinadas figuras femininas, em detrimento a outras possibilidades. A pesquisa, no entanto, reflete a produção textual. Trata-se de uma análise quantitativa e qualitativa que monitorou 16 periódicos e dois mil textos jornalísticos veiculados em 2010, segundo três recortes temáticos: Trabalho, Poder Político e Decisão e Violência Contra as Mulheres. Neste sentido, os dados mostram números interessantes, relacionados à produção e interpretação textual. Informações que podem ser apreendidas pelos leitores na construção do imaginário coletivo sobre a mulher.

Sobre o total de notícias selecionadas sobre violência, poder e trabalho, cinco figuras foram mais frequentes nas formas de representação das mulheres sendo estas: 1) ligadas à maternidade; 2) aos trabalhos domésticos; 3) como objeto sexual ou de desejo; 4) ligada a padrões de beleza, relacionados à magreza ou dietas e 5) associada à fragilidade e à vulnerabilidade. As categorias analíticas citadas somaram 11,18% do *corpus* estudado (ANDI; Instituto Patrícia Galvão, 2011). No entanto, supõe-se que se o recorte fosse estendido para além dos temas propostos, considerando também os temas saúde e cultura, por exemplo, os dados poderiam ser até mais indicativos da relação entre imprensa e construção de estereótipos. Isso porque toma-se como pressuposto outras pesquisas analíticas (PERROT, 2007, HEDLER, 2011).

Hedler observa que a cobertura sobre assuntos relacionados à mulher, especialmente quanto à abordagem de políticas públicas, está majoritariamente conectada às editorias de Cultura e Variedades, pois “a imagem da mulher na mídia está atrelada aos assuntos referentes à arte, música, dança, celebridades, televisão, cinema e atividades culturais desde o século passado como comprovam vários estudos.” (HEDLER, 2011, p.118).

A mulher e a feminilidade foram, e ainda são, associadas ao belo, o que revelam, segundo Ribeiro, “uma concepção do olhar masculino sobre o mundo, as relações sociais, o espaço e a função determinados para cada um” (2010, p.3), baseando-se na descrição física e moral.

Ainda segundo a pesquisa da ANDI, mesmo que em baixas proporções, dentro do recorte já mencionado, no Brasil ainda persistem representações da mulher ligadas a padrões de beleza e magreza, como objeto sexual ou de desejo, ou como sendo emotivas ou

frágeis. “Num cenário ideal, a imprensa já teria eliminado totalmente essas visões estereotipadas da cobertura, avançando para um cenário de valorização do tratamento igualitário entre os gêneros.” (ANDI, 2011, p.125). Assim, a imprensa pode ajudar a mudar esse cenário, em vez de reforçá-lo.

Para Silva (2011), a mídia é considerada um lugar importante para pensar os estudos das relações sociais, e reconhece que os processos generificados (s.i.c.), ou seja, aqueles construídos por representações/concepções de gênero, atuam na construção de sentidos que compõem o imaginário social.

Uma das principais adversidades da atualidade é o uso mercantil que se faz das belas imagens de mulher na imprensa. Em geral, os jornais são dirigidos a um público heterogêneo. Ora, é quase natural a abstração desses leitores sobre a informação de que a notícia é um produto no sistema capitalista (MEDINA, 1988; MARCONDES FILHO, 1986). Portanto, chega a ser um desafio enxergar a negociação corporal que se faz nas páginas de jornais e revistas brasileiros. Jorge Pedro Sousa observa que “os meios jornalísticos atuam sobretudo através do ato de informar os cidadãos, no pressuposto de que estes são atores responsáveis num sistema social de que fazem parte e sobre o qual devem intervir.” (2002, p.58).

Para Marcondes Filho, a relação entre notícia, poder e capital é ainda mais contundente. Ele considera a notícia uma mercadoria, forma elementar da riqueza no capitalismo. Mas ele esmiúça essa relação, destacando a conexão entre o editor, o dono do jornal, o redator, o leitor e o espaço publicitário. Sendo mercadorias, as notícias encerram em si duas dimensões, o valor de troca e de uso: “O valor de uso realiza-se na aquisição do jornal”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 25). Já o valor de troca está mais presente nas relações que se dão na esfera da produção de notícias: “Para o editor, o valor da mercadoria se realiza na troca; é esta que garante a sobrevivência de sua empresa”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 26). E o autor complementa, afirmando que a Redação deve estar “afinada conteudisticamente (s.i.c.)” de acordo com o espaço publicitário.

A notícia é uma mercadoria cujo valor de uso é aceleradamente precível. Portanto, para Marcondes Filho, a imprensa sensacionalista utiliza recursos emocionais para, na fase do capitalismo tardio, explorar o trabalhador, oprimido pelo processo de produção, com sua dedicação ao lazer, ao prazer e ao novo. “Ao trabalhador interessa muito mais o jornal que o descansa, que o entretinha, do que o jornal que o jogue de novo contra o mundo

do trabalho, da produção, da política”. Outro fator levantando por Marcondes Filho é que a notícia desloca os responsáveis e permite que a “justiça” se faça no próprio universo da classe trabalhadora. “A violência exposta no jornal sensacionalista liga-se a esses fatos. Junto com ela vem a exploração do sexo, garantindo a perpetuação de anomalias e perversões sexuais, numa sociedade que a moral é machista, repressora, desigual (...)”. (1986, p. 90).

De acordo com Medina, a mensagem jornalística como produto da indústria cultural desenvolveu uma nova forma de se construir o texto no jornal, atrelando-a aos apelos visuais que servem para chamar atenção e despertar interesse do público:

O apelo verbal, articulado com o apelo visual, exige um estudo particular na formação linguística. Está integrado no ritmo narrativo geral, na posição que o narrador assume e nas cenas de realidades concretas, mas como elemento de formulação é um foco em si, de tal maneira que na elaboração redacional representa um momento de preocupação especial por parte do emissor. (MEDINA, 1988, p.118).

Apesar disso, os Observatórios de imprensa e os críticos já perceberam que essa é uma tendência distribuída pelas mídias por meio do infotainment<sup>33</sup> em que os fatores mais importantes são o impacto das informações e o espetáculo que elas proporcionam:

En el mundo del “reality” por televisión y el “infotainment”, donde se utiliza el sexo para vender noticias, la línea que separan las noticias la publicidad es cada vez más sutil. En este mundo de espejos y reflejos distorsionados, la ficción sobre mujeres se adereza como verdades sobre las famosas, falsamente enmascaradas como realidad. (Projeto de Monitoramento Global de Mídia – WACC, 2010, p.51).

Outra adversidade proposta pelas fotografias de mulheres na imprensa é que elas valorizam um padrão estético e anulam a existência de outros tipos de mulheres. A diversidade étnico-racial e de gênero não está presente nos jornais, o que limita sua reflexão. Como afirmou Vianna, não se pode negar uma discriminação entre imagens de uma mulher europeia, “bastante próxima do padrão considerado ideal, e uma mulher cujos traços são das demais etnias mundiais e demonstram miscigenação, como é o caso das mulheres latinas, orientais, africanas e árabes.” (2005, p.10).

A invisibilidade não se limita aos padrões estéticos, embora esse seja o estágio mais óbvio da negligência midiática. Muitas vezes vazio de significado, o corpo no jornal, um simulacro que não revela cultura, idealizado e massivo (CAMARGO e HOFF, 2002):

---

<sup>33</sup> Fabia Angélica Dejavite escreve sobre o “INFOtenimento”, que é a informação atrelada ao entretenimento no jornalismo. Como Marcondes Filho (1986), ela descreve a função de recreação e entretenimento, que permite que as pessoas participem de atividades recreativas, culturais e sociais. E neste cenário, “os veículos de comunicação de massa acabam difundindo informações, ao mesmo tempo em que distraem a audiência. Esse papel pode ser considerado como um fator de equilíbrio, um meio para suportar as disciplinas, obrigações e coerções necessárias à vida social.” (DEJAVITE, 2006, p. 49).

O corpo veiculado nos meios de comunicação de massa não é o corpo de natureza, nem exatamente o de cultura na sua dimensão e expressão do corpo humano: é imagem, texto não verbal que representa um ideal. É o que denominamos corpo-mídia: construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas (CAMARGO e HOFF, 2002, p.27).

Assim, Shohat e Stam invertem esta lógica da padronização. A partir da análise um repertório de imagens, eles veem que a própria acepção “diversidade cultural” é uma redução, baseada na visão eurocêntrica que considera o Velho Continente como “a origem única dos significados, como o centro de gravidade do mundo, como realidade ontológica em comparação com a sombra do resto do planeta” (SHOHAT e STAM, 2006, p. 11). Tais modelos fazem parte do modo de ver da sociedade ocidental atual e a imprensa brasileira, inserida neste contexto, se apropria de tais características para uniformizar um determinado grupo. A mulher branca, liberal<sup>34</sup>, esbelta, detentora de poder aquisitivo parece ser o principal modelo de mulher para a grande imprensa. Esse trabalho também busca questionar os padrões estéticos vigentes.

---

<sup>34</sup> Alguns teóricos veem o liberalismo como uma espécie de darwinismo social, na medida em que slogans liberais sobre direitos e igualdade mascaram um outro conjunto oculto de credenciais sociais. (SHOHAT e STAM, 2006, p. 54).

#### 4.1 A CIVILIZAÇÃO DA IMAGEM: Modos de Ver

Para questionar padrões estéticos apresentados na imprensa é preciso entender por qual razão, na contemporaneidade, o apelo visual sobressaiu aos demais sentidos. Para Coelho e Castro (2006), a predominância do interesse econômico sobre a vida social no sistema capitalista se caracteriza “pela degradação do *ser* em *ter*, e na sociedade do espetáculo atingiu-se o império do *aparecer*.” (2006, p.141, grifos dos autores).

A imagem é o resultado fecundo das noções de presença e ausência, ou simulação técnica, representação hábil, de clareza e misticismo, (KAMPER, 2002; 2012), luz e sombra, ou o duplo da imagem. A Civilização da Imagem<sup>35</sup> é marcada pela evolução rápida e constante dos meios tecnológicos, cujos processos mais recentes de produção imagética mudaram, não apenas a composição física de suportes, mas usos, costumes, velocidade de divulgação e apreciação de imagens. Para Kossoy (2001), a Civilização da Imagem começa a se delinear com o advento do consumo de litogravuras em séries, produzidas pelos artistas oitocentistas. Sabe-se que toda imagem, a princípio, é reproduzível. A era da reproduzibilidade técnica (Benjamin, 1994) proporcionou um avanço do processo manual de produção das imagens para um método sistêmico mediado por máquinas. No entanto, “a reproduzibilidade das formas simbólicas é uma das características que estão na base da exploração comercial dos meios de comunicação” (THOMPSON, 1998, p.27).

Vick Goldberg considera a imagem técnica e a fotografia como signos da moderna sociedade de consumo de imagens pela capacidade de se apropriarem da realidade, transformando-a ideologicamente em síntese e símbolos do mundo do entretenimento (GOLDBERG, 1991 p.152 apud TACCA, 2005).

Como previa Benjamin (1994), a reproduzibilidade técnica permitiu o crescimento e a massificação de um sistema de propagação de mensagens visuais, bem como de estereótipos, em diversos suportes, dinâmica de produção presente na imprensa, fenômeno estimulado também pelo acesso aos meios de produção de imagens (KOSSOY, 2001).

O exercício do olhar cotidiano é uma atividade que oscila entre a alienação individual e a consciência coletiva de composição e interpretação visuais. As imagens apenas

---

<sup>35</sup> Civilização da Imagem é um termo que, entre outras referências, é baseado em reflexões sobre o conceito de história e pós história de Flusser (2002), em que as imagens técnicas servem para explicar os textos, produzidos na história, em uma tentativa de submeter a imaginação à crítica da razão.

existem para serem vistas por um espectador. Assim afirmou Jacques Aumont, ao questionar a intencionalidade da produção de imagens (1995). Ao partir de pressupostos levantados sobre as relações entre sociedade e imagem, torna-se possível refletir sobre o exercício do olhar coletivo nas culturas ocidentais para com as imagens.

Benjamim (1994) acreditava que os meios de reprodução poderiam politizar a estética, democratizando a arte e a cultura. Apesar das questões sobre a perda da aura de uma obra de arte, pode-se afirmar que a indústria cultural, de certa maneira, democratizou o acesso a muitos objetos culturais, a ponto de colocar o valor da exibição à prova. Na civilização ocidental, a ordem visual se antecipou a todos os demais sentidos. A superexposição das imagens interfere radicalmente na questão econômica do acesso e na relação de apreciação estética entre indivíduo, sociedade e imagens.

Mas afinal, o que são imagens? Vilém Flusser define imagens como superfícies que pretendem representar algo, na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora (fora do pensamento), no espaço e no tempo, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Elas se originam da abstração que ele chama de imaginação: “a capacidade de fazer e decifrar imagens” (FLUSSER, 2002, p.7). A partir de interpretação posterior à flusseriana, pode-se dizer que imagens de base material são grafias produzidas pelo homem a partir de sua cultura para diferentes formatos, suportes e funções.

O presente estudo considera as imagens exógenas, sendo essas as figuras materializadas externamente. Não são desprezadas as “imagens endógenas” (BELTING, 2004, p.31), que são consideradas aqui fonte primária para a exteriorização das imagens. As exteriores apenas chegam aos nossos olhos quando as endógenas são materializadas em suportes técnicos. “As imagens mentais e físicas de uma época (sonhos e ícones) se organizam de maneira tão complexa umas sobre as outras que é impossível as dissociar claramente (BELTING, 2004, p.31). Belting considera a dupla natureza corporal da imagem, a medida em que são projetados os suportes como corpos simbólicos ou virtuais das imagens, em primeiro lugar, e depois porque os meios se inscrevem em nossa percepção corporal e a modificam. Eles direcionam a experiência no ato de olhar, pois é a partir deles e seus modelos são percebidos e a imagem do próprio corpo é abandonada:

*Les médiums de transmission des images sont chargés d’une double référence corporelle. Tout d’abord, Il y a analogie parce que nous concevons lès médiums-supports comme corps symboliques ou virtuels des images. En deuxième lieu, cette similitude existe Du fait que lès médiums s’inscrivent dans notre perception corporelle et la modifient. Ils gouvernent l’expérience que nous faisons dans l’acte de regarder, puisque c’est sur leur modèle que tout à la fois nous percevons et nous nous dessaisissons de notre propre corps. (BELTING, 2004, p.21).*

Assim, seguindo o raciocínio de Belting sobre a projeção cinematográfica, em que ele afirma as imagens não são visualizadas no próprio filme nem afixadas na tela de cinema, mas surgem via projeção e ilusão do espectador que delas se apropria através de um duplo ritmo da projeção pública e da imaginação pessoal (2004, p.103), o fotojornalismo atua na formação das imagens endógenas. Ele observa, no entanto, que a projeção é uma ilusão gerada por um aparelho, divergindo os limites entre o meio e a percepção (BELTING, 2004). Assim, as imagens também podem encobrir o que elas mostram (KAMPER, 2004). A grande contradição é que no pequeno recorte de superfície material de uma imagem estão imersos os ilimitados espaços da imaginação.

A superfície plana da fotografia permite ao observador decifrá-la superficialmente num relance, porém, um olhar mais atento, mais demorado, passa pela estrutura da imagem. Trata-se da síntese, um processo decifrador mental e íntimo, resultado da intenção do emissor ao receptor, que recebe uma série de símbolos conotativos, relacionais. O olhar do observador é circular e tende a contemplar preferencialmente alguns elementos, estabelecendo relações significativas.

Flusser considera que: “Imagens são mediações entre homem e mundo” (2002, p. 9). Ora, a inversão da função imagética é por Flusser considerada idolatria. O homem passa a aceitar a imagem como um espelho da vida, considerando o reflexo das imagens como realidade: “Imaginação torna-se alucinação” (FLUSSER, 2002, p. 9). Segundo Flusser, o grande problema das imagens é sua natureza ideológica, pois elas escondem algo, a partir do recorte registrado, ou são intencionais. São consideradas, porém, por muitos, um recorte da realidade, mas são tão simbólicas quanto os textos.

A consideração desse reflexo como realidade, ou seja, sua inversão, pode atenuar a dificuldade do homem em compreender o mundo a sua volta. Em vez de explicar graficamente o mundo, a imagem vai deturpá-lo, instituir novos valores e conferir ao indivíduo um novo comportamento na relação entre imagem, homem e mídia. A imagem passa a ser um veículo que intervém no mundo, gerando idolatria.

O retrato, em particular, gênero que se tornou uma prática fotográfica importante, informa sobre os diferentes indivíduos que constituem um grupo social ou uma classe, sobre seus hábitos de vida e sua postura. Alguns fotógrafos buscam, também, ultrapassar a vocação documental ou funcional da fotografia, bem como a representação de uma “imagem” social ou de celebridades, para se interessar por anônimos, por desconhecidos, sem pertencer a nenhuma classe ou categoria específica. (DEL PRIORI, 2005, p.30).

Como forma de expressão visual, a fotografia é, para Kossoy (2001), uma representação plástica incorporada (indissociável) ao suporte, que apresenta um aspecto dado

do real, em determinado lugar e época e que resulta dos procedimentos tecnológicos que a materializaram. No entanto, o autor também destaca a dupla natureza da fotografia, observando que apesar do valor documental, iconográfico, representativo da informação, essas imagens não são “despidas de valores estéticos” (KOSSOY, p. 48), portanto simbólicos.

Neste sentido, a publicidade, por exemplo, tende a utilizar mais os gatilhos emotivos que representativos em uma fotografia. Assim, a aproximação de fotografias jornalísticas da estética publicitária, ou do entretenimento, colocaria em xeque o conteúdo informacional, tomado erroneamente no jornalismo como recorte do real. O que prejudica, principalmente, a compreensão da mensagem por parte daqueles que desconhecem o modo de produção e edição (seleção, melhoria, recorte) de fotografias jornalísticas.

Apropriando-se do processo antropofágico proposto por Norval Baitello Junior (2006), observa-se que o grupo leitor apreciador dessas imagens é, na verdade, consumido por elas à medida que se declara inclinado a aceitar seu teor cultural como realidade. Usuários da rede, leitores ávidos por imagens e transeuntes que observam a publicidade estampada nas cidades nem se dão conta de estarem recebendo mensagens visuais quase que em tempo integral. A era da visibilidade acelera nosso modo de conceber e apreciar imagens, ao passo que, a partir de sistemas de mediação mais sofisticados, o homem perde sua liberdade de observar as mensagens por tempo ilimitado, pois o tempo decifração e da contemplação é eliminado em favor de uma sonoridade e uma visualidade em ritmos acelerados. “eliminam-se os obstáculos do espaço em sua concretude e em sua gravidade, uma vez que já não se transportam os suportes que carrega os sinais, mas se transmitem os sinais sem seus suportes” (BAITELLO JUNIOR, 2006, p. 34).

Ao serem bombardeados pelas imagens, os usuários tem seu poder de percepção visual relativizado, sua sensibilidade estética às mensagens reduzida. Tornam-se, de maneira geral, receptores anestesiados. A imagem supermediatizada perde sua principal função, que é fazer com que o observador receba conscientemente uma informação plural. Com a proliferação de imagens de mulher, essa hipoestesia transforma o corpo exposto em um corpo padronizado, forjando também os estereótipos femininos a determinados papéis sociais:

O grande problema da imagem feminina exibida nos meios de comunicação está não só na ideia, muitas vezes inconsciente, de que a função primordial da mulher é embelezar o ambiente, mas principalmente na ausência de discussão sobre o quanto essa postura gera malefícios para as mulheres, impondo padrões estéticos discriminatórios e que contradizem explicitamente os estudos e tratados de direitos humanos das últimas décadas. (Vianna, 2005, p.1).

Dados levantados por Etcoff (2004), a pedido da empresa Unilever<sup>36</sup>, mostram<sup>37</sup> que para 68% das mulheres entrevistadas em dez países, a mídia divulga um padrão de beleza que as mulheres nunca poderão alcançar, e 47% percebem que apenas as mulheres fisicamente mais atraentes são retratadas na cultura popular. O estudo fora proposto com o objetivo de realizar uma campanha publicitária, que acabou ficando bastante conhecida no Brasil, uma estratégia mundial da Unilever intitulada Campanha pela Real Beleza.

Sabe-se que o corpo feminino serve à publicidade na personalização do consumo. O corpo, “como símbolo do vazio perfeito, empresta autoridade às mercadorias a ele associadas e esconde do consumidor tudo o que deveria ser necessário saber sobre elas para se realizar uma boa transação comercial”, afirmam Camargo e Hoff (2002). Assim, o corpo-mídia tem a função de “propagar o discurso do poder” (CAMARGO e HOFF, 2002, p.28).

Ao apresentar as questões do imaginário social e suas implicações para o universo político, Baczko toma como plano a Revolução Francesa que para o autor foi, como todas as revoluções, um “período quente” na produção da imaginação coletiva (BACZKO, 1985). Para o filósofo da Nova História Cultural, o controle do imaginário garante uma implicação nas condutas individuais e coletivas, canalizando energias, influenciando escolhas coletivas em diferentes situações. (BACZKO, 1985). “Não são as acções efectivamente guiadas por estas representações; não modelam elas os comportamentos; não mobilizam elas as energias; não legitimam elas as violências?” (BACZKO, 1985, p. 298). O imaginário social e as técnicas do seu uso são produzidos espontaneamente, confundindo-se com os mitos e os ritos:

Não será que o imaginário colectivo intervém em qualquer exercício do poder e, designadamente, do poder político? (...) Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potencia “real”, mas sim em duplicar e reforçara dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. (BACZKO, 1985, p. 298).

---

<sup>36</sup> *A verdade sobre a beleza* foi um estudo patrocinado pela Unilever, que criou a *Campanha pela real beleza*, vinculada a seus produtos, incluindo a linha Dove. O estudo, segundo os autores (ETCOFF, Nancy ET AL, 2004), surgiu de uma preocupação sobre o fato de que o retrato da beleza feminina nas culturas populares ajudava a perpetuar a ideia de que a beleza inatingível. Realizado em dez países (Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Itália, França, Portugal, Escócia, Brasil, Argentina e Japão) com 3.300 mulheres entre 18 e 64 anos, entre fevereiro e março de 2004, o estudo explorou empiricamente o que “beleza” significa para as mulheres.

<sup>37</sup> Tradução nossa: *More than two-thirds (68%) of women strongly agree that the media and advertising set an unrealistic standard of beauty that most women can't ever achieve. Women over 30 tend to believe this more strongly than women 18 to 29.* (ETCOFF et al, 2004, p. 27).

Na era digital, a obsessão pela visibilidade permite que tudo seja publicado, postado na internet, a fim de legitimar socialmente uma obra, no caso da arte, um fato ou imagem, no caso da vida cotidiana, possibilitando assim que uma mesma imagem ou conjunto de imagens sobre determinado assunto ou personagem figurem exaustivamente entre as mídias. Isso ocorre porque o avanço tecnológico permite que o processo de produção digital acelere o modo de conceber e apreciar imagens.

Assim, os veículos impressos (jornais e revistas) cada vez mais se aproximam de uma linguagem própria da publicidade, e apresentam em seus suportes visuais impressos, fontes constantes de exposição da imagem corporal feminina, objeto principal deste trabalho. Tal aproximação da publicidade, ao longo da evolução capitalista dos meios impressos, atribuirá significados distintos e novas linguagens ao fotojornalismo.

A imprensa, preocupada em não perder espaço para as novas mídias, adiantou-se trazendo a informação visual espetacular para suas páginas, em uma tentativa de manter o número de leitores. No entanto, o que ocorreu foi uma saturação de imagens escandalizadoras, pois os jornais não perderam espaço. Ao contrário, cresceram em consonância com a convergência midiática, de acordo com o relatório da Associação Mundial de Jornais e Editores de Notícias (WAN-IFRA), em 2012. “Os jornais têm mais leitores que nunca graças à difusão de seus conteúdos em edições impressas e em meios digitais.” (ANJ, 30/08/2012).

O modo de ver o mundo é determinante na concepção de visibilidade. Dietmar Kamper revela que, na civilização do olhar, a visibilidade passa a ser o critério para a existência social. Apenas existem aqueles que são vistos e o que está encoberto é considerado misterioso, obscuro, sombrio, podendo ser ignorado e até mesmo perigoso. Em uma sociedade que prioriza a visibilidade e o reconhecimento no olhar alheio, o enaltecimento do corpo humano não é mais que uma consequência do excesso de visibilidade:

A transformação dos corpos em imagens de corpos teve lugar numa série de graus de abstração. Abstração significa aqui "subtrair o olhar a" (*absehen von*). O poder do olhar manifesta-se naquilo que não é visto, que é deixado à margem como vítima da primeira distinção de uma visão focalizadora. Os corpos que nos circundam foram inicialmente distanciados e estilizados em retratos, estátuas e corpos ideais (*Bildkörpern*); depois fotografados em superfícies e transformados em imagens corporais (*Körperbildern*); e finalmente projetados sobre suportes de imagens de diversos materiais, da tela de linho à da TV, sendo aqui irresistível a tendência à imaterialidade. (KAMPER, 2002, p.54)

A partir de uma forma de organização social, hábitos, necessidades que sofrem a interferência do olhar externo sobre seus elementos, é construída a civilização do olhar. Nesse ambiente, o valor da exposição se sobressai em relação ao valor de culto. Klein

afirma que, na civilização do olhar imersa na cultura da imagem<sup>38</sup>, o critério para a existência social passa a ser a visibilidade:

A intensificação da visão com o surgimento das mídias visuais, a sofisticação dos dispositivos do olhar, a colonização do espírito humano pela cultura de massa através da TV, o cinema e fotografia renderam à imagem, no século XX, o lugar mais honroso na comunicação social a partir do qual se estabelece quase a totalidade das relações humanas, situação ainda marcante na entrada do século XXI, com a digitalização de nossas vidas (KLEIN, 2006a, p.1).

A imagem como representação de si, ou do outro, surge como manifestação da presença do ser no mundo, na tentativa de recriá-lo ou restaurá-lo contra seu esvaecimento, reafirmar sua individualidade. As reflexões sobre a presença do corpo humano e a reprodução de sua imagem nos meios de comunicação podem gerar inúmeras discussões. O corpo é objeto constante das divagações na civilização do olhar, construída a partir de uma forma de organização social, hábitos, necessidades e, sobretudo, da intervenção do olhar. Assim, a visibilidade atesta a existência midiática do sujeito.

---

<sup>38</sup> Compreende-se a cultura da imagem como o domínio do olhar sobre os demais sentidos.

#### 4.1.1 O corpo feminino pensado a partir da Era da visibilidade

Historicamente, o retrato se constrói sobre duas representações antagônicas, a da ausência e a da presença, e está ligado à condição de representante da morte, da perpetuação da noção de ausência, do finito. “É a ordem humana que se desenvolve sob signo da desordem” (MORIN, 1973, p. 25), manifestando sua presença no mundo e estabelecendo a partir da imagem uma luta contra a ameaça da extinção e a afirmação do ser. Da mesma maneira, as discussões sobre a exibição e da invisibilidade corporal podem ser baseadas em representações opostas de presença e ausência para a afirmação de discursos também opostos.

Neste sentido, a construção dos olhares para corpos perfeitos, ou a invisibilidade de algumas mulheres são ações reforçadas por determinados retratos. Como o imaginário dos ocidentais para com o corpo da mulher islâmica, encoberto por tecidos religiosos, que na mídia é caracterizado por discursos orientalistas, incluindo a retórica sobre a opressão da mulher e sobre a liberdade individual (KLEIN e MAZER, 2011). Já para nós, nos jornais brasileiros, o corpo feminino exposto constitui um esquema simbólico positivo de valorização (fig. 1), estabelecendo também valores para o corpo escondido. Na cobertura das guerras, por exemplo, as imagens de mulheres islâmicas representam majoritariamente a fragilidade feminina sob o domínio religioso. No cotidiano brasileiro, o corpo feminino, e exclusivamente este, é exposto exaustivamente, sempre no sentido decorativo, limitando as percepções sobre o indivíduo mulher. Até mesmo a definição de corpo feminino é limitada. Apenas os corpos eleitos figuram naturalmente nas páginas dos jornais.



★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

O FRIAS FILHO

ANO 91 ★ SÁBADO, 18 DE FEVEREIRO DE 2012 ★ Nº 30.271



Figura 1: Capa da Folha de S. Paulo de 18/02/2012 e detalhe da capa

O corpo nos jornais e nas revistas assumiu o espaço do espetáculo impresso. A exposição da carne feminina entre as notícias é naturalizada nos dias atuais, ao ponto de fazer os jornais satíricos *O Rio Nu*<sup>39</sup>, ou o *Sans Dessous*, do início do século XX, parecerem publicações objetivamente *recatadas*.

Outro exemplo ocorre na relação entre imagem corporal feminina e a exploração mercantil da sexualidade. Marra (2008) defende o papel que a própria fotografia desempenhou no realce do corpo ocidental, especialmente o feminino. Este fenômeno é precedido por uma complexa alteração social, mas que se tornou possível pela facilidade de conservação dos corpos que este suporte permite. Para o autor, a visibilidade cultural adquirida pelo corpo nos anos 1960 e 70 é favorecida pela complexa rede tecnológica que se estabelecia muitos anos depois do surgimento da fotografia. O autor não atribui a novidade do corpo aparente ao retrato, mas considera o papel da imagem e seus diferentes suportes grandes responsáveis pelo corpo em ação. Coube à fotografia de moda “desenvolver um imaginário claramente mais orientado para uma transgressão dos comportamentos sexuais” (MARRA, 2008 p. 165).

Sigel mostra que a “representação de corpos femininos desnudos, que erotiza alguns aspectos de suas formas, como seios e glúteos, longe de ser a única possível, também é relativamente recente, remetendo-se ao século XIX.” (2005, *apud* DEL PRIORE e AMANTINO, 2011, p. 318). Para compreender melhor a relação entre a transformação dos suportes imagéticos e a transgressão sexual baseada em imagens, bem como sua apropriação pelos jornais, será apresentada uma breve análise histórica sobre os meios gráficos.

Na trajetória histórica dos meios impressos, os gravuristas do *fin de siècle*, como Mucha Alfons e Gustave Klimt, expoentes da *Art Nouveau* (1890), apresentavam à sociedade francesa, na transição do século XIX para o XX, uma maneira



**Figura 2:** Imagem da série *Elles*: *Woman Looking into a Hand Held Mirror*. Toulouse-Lautrec. Fundação Toulouse-Lautrec.

<sup>39</sup> O Rio Nu e o *Sans Dessous* foram duas publicações do “gênero alegre”, que surgiu no Rio de Janeiro no início do século XX. Este gênero jornalístico tinha o objetivo de divertir e excitar sexualmente os leitores, com textos e imagens “sugestivas” e “maliciosas” (grifos do autor), porém nunca “pornográficas” (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011).

de desenhar as mulheres mais sensualmente por meio dessa revolução estética europeia. Em 1896, Toulouse-Lautrec produziu uma série de litogravuras de garotas sob o título *Elles* (fig. 2). O título inicial seria *La Fille*, baseada em imagens mitológicas e lendárias como de Messalina, Herodiade, Popeia, Maria Magdalena, Eva Pandora, Pasifaé, Desdemona, Safo, Manon, Diana, Cleópatra, Circe, Judite, Rubria e Dânae (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.24).

No entanto, Toulouse-Lautrec acabou por registrar o cotidiano de prostitutas parisienses, o que deixou sua obra conhecida como a série “Uma mulher por dia” (fig. 3). Isso provavelmente tornou-as precursoras das “meninas do calendário”, já que as séries eram confeccionadas em volumes e em tamanhos de bolso, mas “primeiro apareciam no jornal diário, que justificava o título: era realmente uma mulher por dia para o leitor, ilusório paxá”. (DOTTIN-ORSINI, 1996, p 24).

Sara Bernardt, lendária atriz parisiense, foi eternizada nas imagens de Mucha em cartazes espalhados por toda capital francesa (fig. 3). “Linha em ponta de chicote de amante imperiosa, arqueadura de dançarina lasciva ou ainda entrelaçados da cabeleira solta: a arte de 1900 aparece como uma arte feminina, isto é, inteiramente dedicada à adoração das



**Figura 3:** Cartaz de Mucha Alfons, da peça Gismonda, com Sarah Bernardt

formas femininas e repetindo-as por toda parte”. (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.13).

A parceria entre Mucha e Sara deu origem a numerosos pôsteres que assinalaram o trabalho do ilustrador. “Para o inconsciente coletivo, a curva da arte de 1900 se confundia com a curva dos quadris, sem que se saiba qual foi o primeiro elemento: a voluta teria sido desenhada imitando o traseiro, ou a mulher teria tentado copiar a curva?” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.12). A mulher como o grande tema da arte não era uma exclusividade do início do século XX. Dottin-Orsini, porém, atribui a este período a obsessão pela imagem feminina.

Prática registrada na época, o uso de imagens femininas como objeto decorativo de papéis de parede a anúncios publicitários, geralmente em série, é duramente criticado pela pesquisadora de literatura comparada à arte Mireille Dottin-Orsini. À sequência de corpos femininos, conhecidos nos salões de pintura como mostruários, a autora dá o título de “mostruários de carne – e quando dizemos carne, não nos referimos à carne masculina.” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.11). Ela complementa sua ideia contra a produção mecânica ou seriada de corpos femininos: “Esses corpos repetidos poderiam dar a impressão de que a criação artística esperava o final do século XIX para que a obsessão explodisse, maculando para sempre de ridículo e de mau gosto boa parte das produções da época”. (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.12).

Mucha pintou principalmente cartazes, publicitários ou não, representando mulheres de curvas acentuadas, com cabelos esvoaçantes e roupas atraentes e flexíveis. Tais signos teriam sido transferidos para as imagens publicitárias presentes em jornais (ECO, 2007) e, mais tarde, seriam aplicadas também ao fotojornalismo ocidental. Logo os demais gravuristas perceberam que muitos olhares se interessavam pelo contorno feminino nos cartazes de teatro. Assim, a lógica gravurista, sobretudo a partir da “Arte Nova”, encontrou espaço na imprensa do século XIX (BARBOSA, 2007) e logo se apropriaria do corpo



**Figura 4:** Inicial da marca Singer (Ball, 1898) produzida em Art Nouveau para anúncio publicitário.

feminino para tornar a arte um ofício rentável (fig. 4).

Na virada do século, a existência de um público leitor feminino faz surgir os cadernos de moda. Mais uma vez a publicidade está atrelada à produção de conteúdo informacional, pois as grandes galerias de vendas, como a Galeria Lafayette, em Paris e a na Harrods, em Londres, passaram a produzir brochuras com modelos de roupas e outros acessórios disponíveis para compra, proporcionando uma nova maneira de envolver as damas da sociedade.

Sabe-se que a primeira imprensa feminina especializada é a de moda, que se inicia no século XVIII. Em sua maioria, jornais são escritos por homens, mas algumas mulheres se inseriram no “mercado editorial” ainda nos anos 1770, como Eliza Haywood, que publicava o *Female Spectator* entre 1774 e 1746. O *Journal des dames* é outro exemplo de material escrito nesse período (1750 a 1778) por e para mulheres. Marguerite Durand, Hubertine Auclert, Georges Sand, Colette são exemplos de vanguardistas do jornalismo moderno (PERROT, 2007, p.34). Nos anos 1900, porém, ainda havia poucos conteúdos jornalísticos dirigidos às mulheres. No entanto, elas já começam a demonstrar interesse na produção de jornais, revistas e livros. Como leitoras, apoderam-se das colunas sociais e dos folhetins (PERROT, 2007). Mas são as feministas as mais engajadas na produção de conteúdos para as mulheres, tendo “consciência do papel da imprensa na opinião pública” (PERROT, 2007, p.34).

Considerada uma nova filosofia, a *Art Nouveau* pode então ter influenciado, junto de outras heranças artísticas e simbólicas, o interesse da publicidade pelos encantos e contornos femininos: “A moda e o adereço foram por ela (pela imagem colorida)<sup>40</sup> influenciados, tendo a mulher como propagandista. O corpo feminino, estilizado pelo espartilho, desabrochava em saias que se abriam como corola de flores.” (CHAMPIGNEULLE, 1976, p.12). Na arte parisiense de 1900, a mulher é celebrada e considerada sensual, delicada, espiritual e luxuosa. Essa adjetivação determinava a mulher voluptuosa e branca, cujos encantos pudessem ser circunscritos em curvas.



**Figura 5:** Modelo de pin up da década de 1940. Fonte: elvgrenart.com

<sup>40</sup> Grifo nosso.

Nos anos 1920, as mulheres que aparecem nas publicidades “remetem à beleza filiforme do floral, do Liberty, ou do Art Déco”. (ECO, 2007, p.425). Outro exemplo dessa apropriação estética são as *pin ups*, que surgiram em tempos de guerra para compensar as frustrações no primeiro terço do século XX. As divas imaginárias divertiam com sua aparência plástica perfeita (CARVALHO e SOUZA, 2010). Nathalie Chahine revela que o primeiro protótipo surgiu em 1943, quando Howard Hughes desenhou para a atriz Jane Russel um sutiã que realçava os seios, cujo esboço se tornou célebre a partir de então (in FAUX, 2002). Muitas outras divas em carne e osso estampariam os apelos comerciais com suas imagens lendárias.

O século XX marca o início do uso da fotografia na imprensa brasileira. “A imagem já não dependia da lito e da xilogravura.” (BUITONI, 1990, p.42). Na segunda metade do século, as *pin ups* (fig. 5) e modelos migraram para as páginas dos jornais. A fotonovela também é incorporada ao mercado editorial brasileiro, importada da Europa. Inicialmente, apresentavam histórias românticas em quadrinhos desenhados, mas logo foram trocadas por fotografias (BUITONI, p.47). A projeção das divas também foi vinculada ao trabalho fotográfico de moda, que muitas vezes extrapolou as editorias, constituindo novas formas de se viver em sociedade (MARRA, 2008).

A respeito dos variáveis perfis femininos, Buitoni destaca duas formas de representação da mulher bem definidas no século XIX na imprensa feminina brasileira: a que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas” e a que “defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação” (1981, p.28). Mas a autora não pretendia confirmar essa observação na imprensa não especializada, objeto de estudo deste trabalho.

Uma revolução sexual teve lugar no Ocidente no final do século XX. A secularização das relações sexuais e a chegada da pílula anticoncepcional ao mercado norte-americano em 1960 permitiram a pluralidade de parceiros, iniciações sexuais precedentes entre os jovens e casamentos mais tardios (THERBORN, 2006). Marra (2008) defende o papel que a fotografia desempenhou no realce do corpo e do físico, um fenômeno precedido por complexos motivos sociais, mas que se tornou possível pela facilidade que a fotografia tem de conservar e propagar a imagem corporal. Para o autor, a visibilidade cultural adquirida pelo corpo nos anos 1960 e 70 é favorecida pela complexa rede tecnológica que se estabelecia. Coube à fotografia aplicada “desenvolver um imaginário claramente mais orientado para uma transgressão dos comportamentos sexuais” (MARRA, 2008 p.165). Assim, um dos reflexos da transgressão sexual e da valorização da subjetividade é a espetacularização individual.

#### 4.1.2 No Brasil, Uma Imprensa Muito Ilustrada

*A estampa, a gravação e a litografia, por outro lado, estavam muito generalizadas, porque eram baratas e começavam a invadir os jornais. (HOBSBAWM, 1995, p. 184).*

Sabe-se que a imprensa ilustrada no Brasil foi favorecida pelo analfabetismo e pela escravidão. Durante o Segundo Reinado (1840-1889), o Brasil mantinha-se como uma sociedade essencialmente rural, cuja produção era baseada na mão de obra escrava e com uma estrutura política conservadora<sup>41</sup>. Mesmo ao final do Império, mais de 90% da população brasileira estava na área rural e 85% eram analfabetos (ANJ, Ano?). “Numa cidade cuja maioria absoluta da população é analfabeta, a textualidade da imprensa se faz pela possibilidade de transmitir a informação através da imagem.” (BARBOSA, 2010, p. 32). No final do século XIX, período que inaugura a lógica gravurista no Brasil, as revistas ilustradas e os serviços de litografia se multiplicavam (BARBOSA, 2007). A imagem passava a ser importante método para seduzir leitores analfabetos no Brasil:

Com ilustrações a bico de pena de páginas inteiras, resumindo as notícias da semana sob a forma de caricaturas, inovando ao criar o „conto sem palavras”, na verdade uma espécie de história em quadrinhos sem fala, o *Jornal do Brasil as imagens* – ainda em forma de desenho – em detrimento do texto (BARBOSA, 2007, p.33).

Como afirma Perrot em *Minha história das mulheres no Ocidente* (2007), “as estatísticas são quase sempre assexuadas” (2007, p. 21). Hoje sabe-se quão absurdo é restringir a educação dando oportunidades de aprendizagem apenas aos homens. No entanto, as diferenças na educação entre homens e mulheres no início do século XIX<sup>42</sup> eram tão presentes entre os migrantes como eram entre os luso-brasileiros (LOURO, 2010). Segundo Bortoni-Ricardo *et al*, o analfabetismo no século XIX era um problema relativamente novo, que se referia a um antigo problema relacionado a fatores sócio-demográficos, tais como: gênero, raça, localização geográfica, faixa etária, renda familiar e, principalmente, ao processo de urbanização (2008).

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher - , nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? (Nisia Floresta, *Opúsculo Humanitário*, 1953, apud LOURO, 2010, p.443).

<sup>41</sup> Nos anos 1870 e 1890 registrava-se um crescimento demográfico entre imigrantes e libertos. Em 1900, a cidade do Rio de Janeiro, capital do país e principal centro cultural da época, atingia 600 mil habitantes. Desse contingente, 80% eram analfabetos. (Lobo, 1978 apud BARBOSA, 2007).

<sup>42</sup> Segundo Ferraro (2004), no ano de 1920, cerca de 65% da população maior de 15 anos era analfabeta.

Com o passar dos séculos, a relação entre homens e mulheres analfabetos no Brasil foi invertida. Hoje, a proporção de homens analfabetos supera a das mulheres em todos os grupos de idade, com exceção da faixa etária igual ou superior a 50 anos, o que nos remete à histórica exclusão das mulheres do sistema educacional (SENKEVICS, 2012).

Já em relação à produção dos jornais, foi na segunda metade do século XIX que o desenvolvimento da imprensa brasileira se intensificou. Os jornais mudaram de formato, prelos mais modernos passaram a ser utilizados e logo foram instalados em espaços construídos especialmente para abrigá-los, conhecidos como praças ou indústrias gráficas. A ilustração na imprensa brasileira é marcada pela rápida evolução entre os métodos gravuristas e o fotojornalismo, além do melhoramento das técnicas de impressão. Segundo Costa (2006), no início do século XX, a publicidade brasileira contou com os avanços técnicos da imprensa que proporcionou aumento na qualidade gráfica de impressão de ilustrações e fotografias. “Os anúncios para a mídia impressa vão nascer a partir de uma colagem de recursos já existentes e conhecidos, tais como as ilustrações das pinturas e os textos da literatura e do jornalismo.” (COSTA, 2006, p.37).

As primeiras ilustrações impressas surgiram na China, no século IX (ANDRADE, 2004). A revolução gráfica das revistas, porém, começou em Londres, em 1842, com a primeira revista ilustrada, a *Illustrated London News*, periódico que é editado ainda na atualidade. Na época, a publicação tinha 16 páginas de texto e 32 de gravuras, em formas de desenhos que ilustravam as notícias. O modelo deu tão certo que foi copiado pelo mundo inteiro e aperfeiçoado no final do século XIX, com o desenvolvimento da fotografia.

Antes mesmo das famosas caricaturas litografadas, as xilogravuras<sup>43</sup> já representavam armas poderosas, principalmente para a imprensa política. Reforçavam o poder das críticas e dos ataques, agindo de maneira muito direta sobre a imaginação do leitor (SANTOS, 2008).

A Lanterna Mágica<sup>44</sup>, de Manuel de Araújo Porto Alegre (1844-45) e A Revista Ilustrada (1876-1891), do jornalista e caricaturista Ângelo Agostini (1843-1910) marcam este período de transição. Ainda de acordo com Ramos, as origens da imprensa ilustrada brasileira (1820-1850) estão associadas ao surgimento de periódicos ornados de litografias, em particular as revistas de caricaturas, tratando de política e crítica social. Era

---

<sup>43</sup> Segundo Everardo Ramos (2009), poucos pesquisadores reconhecem a importância das primeiras xilogravuras no início da imprensa ilustrada brasileira.

<sup>44</sup> Publicada entre 1844 e 1945, a lanterna mágica é considerada a primeira publicação ilustrada no Brasil. Apresentava caricaturas (chargés, do francês), humor jocoso, castigava os “costumes” e fazia a crítica ao hábito social.

constituída por um número vasto de periódicos veiculados, sobretudo, nos anos 1840; a maior parte deles teve curta duração e uma circulação irregular.

Ainda sob o Império, a segmentação, que até então se limitara a jornais políticos e literários, ampliou-se com o surgimento dos periódicos ilustrados, como *A Semana Ilustrada* (1860); femininos, como o *Jornal das Senhoras* (1852); e os voltados aos imigrantes, como *O Colono Alemão* (1836). Na década de 1860 alguns diários já pregavam liberdade de crença, emancipação e/ou libertação dos escravos, sufrágio universal e o advento da República. Nesse período, a mercantilização da imprensa supera as condições de letramento e tem origem a fase de jornais mais estáveis e estruturados, aumentam as edições e as tiragens, a contundência do embate político diminui, embora o alinhamento com correntes políticas prossiga (ANJ, ano?).

Com a vinda de D. João para o Brasil (1808), veio também a primeira prensa oficial, assim pode-se dizer que a origem da imprensa nacional é consequência dos movimentos revolucionários na Europa do século XVIII. Como se sabe, na Europa, as mulheres tinham o *direito* (grifo nosso) à leitura de jornais (PERROT, 2007), porém, na maioria dos casos, apenas os homens da família eram alfabetizados. Da produção de conteúdos, até a impressão gráfica e distribuição, os jornais eram feitos exclusivamente por homens para leitores também do sexo masculino. A grande imprensa se estruturou nesses moldes e em raros momentos da história do jornalismo, veículos foram produzidos, editados e administrados por mulheres. Um desses eventos foi o jornal *La Fronde*, fundado em 1897 por Marguerite Durand, atriz e cronista. O diário era feito integralmente por mulheres, sendo responsável por uma campanha a favor do voto feminino (BUITONI, 1990).



**Figura 6:** Gravura da escritora Amantine Aurore Lucile Dupin.

Houve no Brasil um exemplo semelhante de produção na imprensa feminina, *O Mulherio*, inicialmente vinculado à Fundação Carlos Chagas, que circulou a partir de 1981:

Em 1981 vemos surgir Mulherio. Esses dois jornais, juntamente com Brasil Mulher, “marcam o nascimento e o desenvolvimento de um feminismo moderno no Brasil”,<sup>15</sup> influenciados sobretudo pelo movimento feminista francês, já que entre as editoras tínhamos militantes políticas que voltavam do exílio na França, e com menor influência do feminismo norte-americano. (ATHAYDE, 2008).

Em 1849 era lançado no Brasil o periódico *A Marmota*, editado por Paula Brito. Nele foram publicadas as primeiras litografias impressas no país, figurinos importados da Europa e encartados na revista. Moda e literatura compunham o universo feminino nos periódicos tradicionais. Porém, até para as mulheres, era difícil imaginar uma identidade feminina. O individualismo nas artes motivava uma autoafirmação de grupos sociais marginais que foi percebida também na representação visual das mulheres.

Na França, a autora de *Valentine*, a escritora Amantine Aurore Lucile Dupin (fig. 6), assumiu o pseudônimo masculino de George Sand e calças compridas, na época, usadas somente por homens. Por suas ousadias, foi alvo de diversas charges. Em litografia de Alcide Lorenz (fig. 7, Paris, 1842), George Sand foi representada como a líder ativista de diversas frentes. Em 1839, Henri Gerard Fontellard havia feito uma gravura que representava a masculinização de Sand, publicada no *Aujourd'hui Journal des Ridicules*, sobre um congresso literário no qual as mulheres, novas ingressantes, teriam hábitos masculinos e o domínio do ambiente público. Recorrentes na época, as charges revelavam os enredos intrincados de libertação feminina, tornando-se importante elemento da cultura visual.

A industrialização da cultura visual alterou gradualmente as convenções de representação herdadas dos séculos anteriores. “Algumas mulheres adquiriram visibilidade, enquanto outras eram relegadas a obscuridade” (Fraisse e Perrot, 1991, p.315). Marco para o surgimento de uma sociedade racional, civilizada e consumista baseada na posse de bens ou serviços, as revoluções burguesas dão início à construção de uma sociedade moderna e liberal com o abandono voluntário dos instintos e a imposição de sacrifícios.

O excesso de ordem reflete na opressão em vários sentidos: compulsão, regulação, supressão, renúncia forçada, resultando na completa privação da liberdade e, contraditoriamente, no estímulo ao consumo hedonista. A cultura consumista é o modo

dominante da reprodução cultural e reflexo da sociedade moderna<sup>45</sup>. É na sedução e no efêmero que se organiza a vida moderna coletiva. Debord afirmou:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o *ter* efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última (1967, p.18, grifo do autor).

A produção industrial de fotografias também será responsável pela alteração de uma lógica da visibilidade corporal. Sabe-se também que o crescimento de uma industrialização de editoriais pornográficos muda o acesso e o interesse pelas imagens corporais femininas (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011).

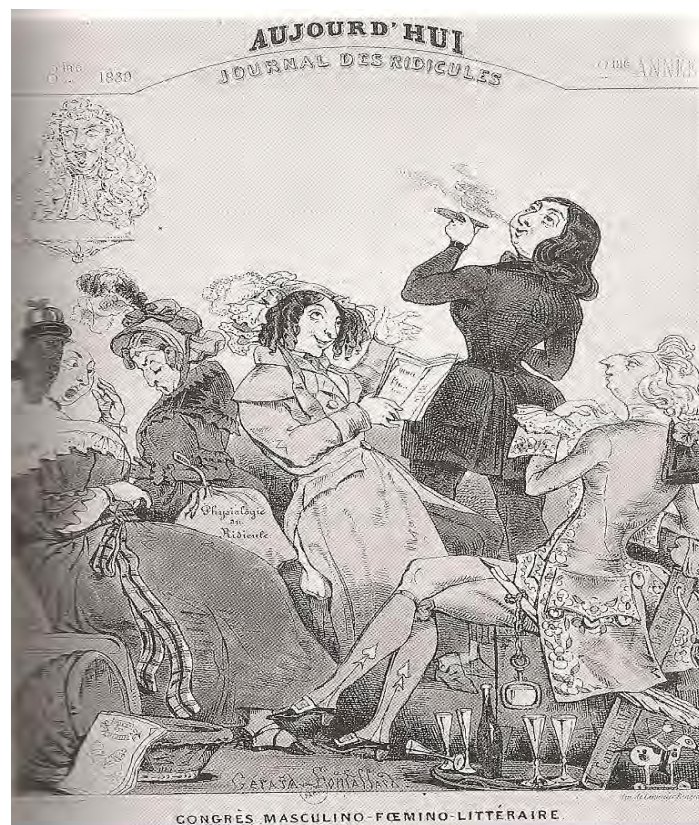


Figura 7: Litografia de Alcide Lorenz, Paris, 1842.

<sup>45</sup> Foucault (1982), em suas análises da sociedade industrial e da governamentalidade liberal, ao refletir sobre biopolítica e biopoder, revela que o Liberalismo é a capacidade de gerir a própria vida de maneira eficiente, administrando seu capital vital no mercado. O autor parte do princípio que a sociedade liberal é individualista e, dessa maneira, não poderia desenvolver biopolíticas públicas. Como pensar as condições de saúde, higiene, natalidade, longevidade, um conjunto de fenômenos viventes constituídos em população. Biopolítica é a capacidade que o Estado tem de prover bem-estar físico e mental a seus cidadãos, ou de estabelecer o biopoder estatal. A oferta de procedimentos bioascéticos é dirigida aos cidadãos livres, inseridos no circuito do capitalismo pós-industrial. Dessa maneira, surgem expoentes de medidas políticas para a contenção de desgastes físicos, como campanhas públicas de controle da obesidade e a proibição do fumo em ambientes coletivos.

Como havia ocorrido em 1896 com a série “Uma mulher por dia”, com litogravuras de mulheres confeccionadas em volumes e em tamanhos de bolso, (DOTTIN-ORSINI, 1996), as *carte-de-visite*<sup>46</sup> (1950) e os *cabinet-portrait*<sup>47</sup> viriam popularizar a coleção individual de fotografias de bolso. Apenas<sup>48</sup> quatro décadas depois da primeira demonstração do daguerreótipo em terras brasileiras pelo abade Louis Compte, a venda popular das gravuras e das fotografias de bolso abre precedentes para a comercialização de imagens de mulheres, o que ocorreria com mais intensidade no século XX.

O desenvolvimento da indústria gráfica e a evolução da técnica fotográfica também acabaram por desenvolver um abundante mercado editorial de revistas ilustradas. No Brasil, a Revista Cruzeiro, cujo primeiro número foi publicado em 1928, ajudou a consolidar esse modelo que privilegiava as imagens, primeiro gravuras, depois as fotografias, em detrimento da escrita. Imagem assumia, a partir dos anos 1920, um papel utilitarista, sendo apropriado massivamente pela publicidade e logo, pelo jornalismo.

Assim, além de evoluções técnicas, a Arte Nova (*Art Nouveau*) também determinou o uso utilitarista de imagens impressas, influenciando o trabalho de gravuristas como Mucha Alfons e Gustave Klimt do *fin de siècle* na Europa, e mais tarde no Brasil. Tal revolução estética chegou aos *afiches* (anúncios) na época em que a “publicidade comercial começava a atrair a clientela pelo poder de sugestão da imagem colorida” (CHAMPIGNEULLE, 1976, p.12). Essa associação entre publicidade, imagem feminina e imprensa seria um importante legado para todo o século XX.

#### 4.1.3 Fotojornalismo e a Fotografia Ilustrativa na Imprensa

A partir de estudos sobre a fotografia utilitarista (publicidade e jornalismo), observa-se que grande parte da fotografia nos jornais hoje é ilustrativa, principalmente quando

---

<sup>46</sup> André Disderi inventou o formato cartão de visita, em 1850, patenteando-o em 1854. O formato se popularizou e revolucionou a fotografia, introduzindo-a na fase de industrialização. Com oito tomadas simultâneas em uma mesma chapa, além do barateamento da produção fotográfica, o direito de ter uma imagem suapassou também para os pequenos burgueses e até para o proletariado. Com isso, a produção industrial da fotografia começou a estimular a criação de estereótipos sociais, aos quais se sobrepõem ao indivíduo, destacando o personagem em detrimento da pessoa (FERREIRA e SILVA, 2011).

<sup>47</sup> O *cabinet portrait* era um tipo de fotografia que costumava apresentar os retratados de corpo inteiro em um cenário, geralmente em formato de 11 por 17 centímetros.

<sup>48</sup> O abade francês Louis Compte demonstrava o daguerreótipo no Rio de Janeiro, pela primeira vez no Brasil, em 1840, a pedido de D. Pedro II. No mês seguinte, Compte estava apresentando o invento em Montevideú. Considerando a velocidade e os custos das evoluções tecnológicas naquele século, a popularização da fotografia em apenas quarenta anos é bastante impressionante.

aplicada a assuntos não factuais, e se aproxima de uma estética da fotografia aplicada à moda e à publicidade.

A série de videodocumentários da pesquisadora Jean Kilbourne, especialista em anúncios de bebida e cigarros, mostra, há algumas décadas, a reificação da mulher na publicidade e a mensagem deturpada dos anúncios comerciais. O trabalho pioneiro de Kilbourne ajudou a desenvolver e popularizar o estudo da representação de gênero na publicidade. Seus filmes *Killing Us Softly* (1979) e *Still Killing Us Softly*<sup>49</sup> (1987) foram premiados, e em seu último documentário, *Killing Us Softly 4* (2010), distribuído pela *Media Education Foundation*, uma fundação que produz documentários e outros recursos educacionais para inspirar o pensamento crítico sobre o impacto social, político e cultural dos meios de comunicação norte-americanos, Kilbourne analisa se e como a imagem da mulher na publicidade mudou ao longo dos últimos 20 anos.

Em geral, a publicidade trabalha com as imagens clichês a fim de estabelecer com o receptor as referências à peça, à campanha ou ao produto (BAEZA, 2001; TOSCANI, 2005). Em alguns casos, o fotojornalismo pode ser aplicado na publicidade ou a fotografia no jornal pode conter uma estética publicitária. Pepe Baeza (2001) revela que a hibridização de estéticas pode produzir resultados interessantes. Oliviero Toscani, responsável pelas campanhas publicitárias da marca Benetton, combinava a estética de fotografias jornalísticas extraídas de seu contexto com outras de criação original, realizando trabalhos polêmicos.

Para Baeza (2001), a catarse que Toscani promovia quebrava as barreiras dos gêneros de expressão “em uma padronização comunicativa facilmente reconhecível”<sup>50</sup>. Uma maneira de apresentar reflexão à superficialidade e à alienação, habitualmente propensas na leitura publicitária. “Há que considerar, além disso, que as melhores agências de fotojornalismo, de documentarismo ou de criação fotográfica artística são contratadas cada vez mais por, por muito dinheiro, pelas agências publicitárias”<sup>51</sup>.

Segundo Toscani, a publicidade é a última ideologia conquistadora. Ela: “não vende produtos, mas um modo de vida” (TOSCANI, 2005, p.163). Intencional, a estratégia visual muitas vezes se baseia na não diferenciação entre os estilos de fotografia aplicada e jornalística. Jorge Pedro Souza define as fotografias jornalísticas como aquelas que

---

<sup>49</sup> Matando-nos suavemente e Matando-nos ainda suavemente.

<sup>50</sup> Tradução nossa.

<sup>51</sup> Tradução nossa.

“possuem valor jornalístico e que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado”. (2004, p.11). Em alguns veículos, como nas revistas semanais, chega a ser difícil distinguir os conteúdos editoriais dos publicitários.



**Figura 8:** Fotografia ilustrativa do caderno *folhateen* da Folha de S. Paulo publicada em 19/09/11.

Isso pode ser notado expressivamente nas capas dessas revistas, ou em suplementos jornalísticos, como no *Folhateen*, da *Folha de S. Paulo*, em que duas bonecas Barbies e um boneco Ken (Mattel Inc.) são fotografados para ilustrar o interesse de adolescentes pela bissexualidade (fig. 8). Ao transmitir uma mensagem sucinta que reflita sobre o assunto abordado no jornal, os editores optaram por uma fotografia de estúdio ilustrativa, bastante parecida com os anúncios publicitários do brinquedo. Apesar de criativa, a saída se afasta bastante dos critérios de notícia estabelecidos para o jornalismo (SOUSA, 2000). A imagem, no entanto, serve ao propósito de chocar e chamar a atenção do leitor para um assunto polêmico. Segundo Buitoni:

A utilização de fotografias por jornais e revistas – mesmo que as revistas tivessem nascido mais vinculadas à ilustração do que à informação noticiosa – costuma se fazer num horizonte de registrar um lampejo de realidade. O registro, o referente, o índice – esse rastro concreto, o cordão umbilical químico ou digital que remete à cena física real (ainda que tenha sido inteiramente produzida) sempre foi um

motivo muito forte que justificava a presença de fotos nas páginas que se pretendem jornalísticas (BUITONI, 2012, p.42).

Uma rápida busca das primeiras 40 primeiras capas publicadas no primeiro semestre de 2012 pelas três principais revistas semanais do país, *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, podem mostrar muito sobre como esse tipo de publicação representa as mulheres. Observa-se que a figura da mulher é exaustivamente aplicada como ilustração. A comparação quantitativa dessas capas de revistas<sup>52</sup> demonstra alguns dos levantamentos bibliográficos já apresentados.

Na revista *Época*, da Editora Globo, a segunda de maior circulação do país (IVC, 2008; ANER, 2009), dentre as 40 primeiras edições do ano de 2012, 14 apresentam mulheres na capa (fig. 9) e cinco delas relacionam a mulher à imagem de seu corpo. Além disso, duas delas apresentam adolescentes, uma é um desenho e outra apresenta celebridades, atrizes de uma telenovela reunidas. Uma curiosidade é que última capa do recorte menciona a “Guerra dos Sexos” superada.

Em relação à revista *Veja*, da Editora Abril, a de maior circulação no Brasil (IVC, 2008)<sup>53</sup>, das 40 primeiras capas de 2012, 14 apresentam a figura da mulher e destas, sete apresentaram o corpo feminino como elemento principal da capa (fig. 10). Em quase todas as edições observadas, os corpos são brancos, aparentam ser extremamente jovens e



**Figura 9:** As 14 capas da Revista *Época* em que aparecem mulheres, do total de 40 observadas. Cinco delas relacionam a mulher à imagem de seu corpo.

<sup>52</sup> Esse material de pesquisa é auxiliar e não corresponde a uma pesquisa qualitativa-quantitativa em profundidade.

<sup>53</sup> Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) cerca de 1 milhão de revistas circulam semanalmente e 5 milhões de jornais circulam diariamente no Brasil. Os quinze jornais de tiragem do País estão distribuídos nos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, que tem a Folha de S. Paulo, o jornal de maior circulação do Brasil. Esse resultado está relacionado ao número de habitantes das cidades, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo e ao hábito de se ler mais nessas regiões. Entre as revistas mostra-se um grande domínio das grandes editoras, como a Abril e a Globo. A revista *Veja* lidera a lista das revistas com maior circulação.





Causa preocupação não apenas a quantidade de vezes que o corpo e a imagem da feminilidade são usados nas publicações, mas também os sentidos que essas imagens despertam. Essa opção de retratar apenas certo grupo de mulheres acaba por determinar a invisibilidade de outros, como o de mulheres negras e indígenas, idosas e obesas. Apesar disso, sabe-se que é impossível ter acesso direto ao real e que a própria arte é uma maneira mimética<sup>54</sup> de representação. Neste caso, as fotografias ilustrativas nas capas das revistas acabam por assumir o espaço de criação artística. A escolha das cores da capa, as fotografias editadas, a própria criação do *décor*<sup>55</sup> para o ensaio fotográfico (BARTHES, 1979), são todas formas de produzir as fotografias utilitaristas de maneira industrial e artística, como observaram os teóricos da Escola de Frankfurt. “Para Adorno e Horkheimer, a padronização e a repetição atingem todos os aspectos da produção cultural e artística.” (COELHO e CASTRO, 2006).

Aparentemente um propósito “corretivo” quanto à representação de grupos minoritários, esta observação nos coloca diante de uma estética de representação ideal, como uma busca pela maneira correta de representar o grupo de mulheres. O que, segundo Shohat e Stam, “parece se resumir a uma simples questão de identificar erros e distorções, como se a verdade de uma comunidade fosse simples, transparente e facilmente acessível, e mentiras fossem facilmente desmascaradas.” (2006, p.261). No entanto, Mary Del Priori lembra que a fotografia é plural e suas abordagens, múltiplas:

Para além do discurso estético que, no mundo da fotografia, tende a privilegiar toda a manifestação de caráter criativo e a se interessar por todas as formas e sua evolução, ligando-a a diferentes tradições visuais, uma sociologia da fotografia repousa sobre o estudo dos diferentes contextos (históricos, sociais, econômicos) da fotografia; quanto à semiologia, ela permite encarar a fotografia como mensagem, desmontando seu processo de comunicação e os códigos aí investidos. (DEL PRIORI, 2005, p.28).

Este trabalho defende a ideia de pluralidade visual, no sentido de que todo leitor de imagens é também um crítico. Mas o argumento do trabalho baseia-se mais na crítica da grande imprensa, que na proposta de uma solução e regulação das formas de representação.

---

<sup>54</sup> A obra de Platão nos proporciona a reflexão sobre a realidade a partir da mimese, dando subsídios para a reflexão da questão do duplo, sobre o real e a reprodução da qual nenhuma obra de arte pode escapar.

<sup>55</sup> Roland Barthes (1979) define que o editorial de moda é montado sobre um *décor*, um cenário, sugerindo todas as possibilidades que determinada peça quer assumir. Assim, um ambiente montado de verão pode indicar a emergência do calor, das praias, de uma nova coleção e até da perfeição dos corpos, significados estabelecidos a partir de equivalências sensoriais, relativas ao cenário preparado. As fotografias são produzidas para as capas de revistas semanais da mesma maneira que são produzidas nos ensaios fotográficos de moda, com a contratação de modelos, escolha de cenários e ambiência.

Afinal, a fim de ganhar o leitor com espetáculo, veículos impressos se utilizam cada vez mais da receita pronta da exposição corporal, garantindo sua fatia no mercado:

Pensar a grande imprensa escrita como um dos componentes da indústria cultural não é tão imediato quanto seria pensar a televisão, o rádio ou o cinema. No entanto, os jornais diários e as revistas semanais fazem um jornalismo cada vez mais preocupado com o sucesso de mercado, regulados por parâmetros e metas mercadológicas. (COELHO e CASTRO, 2006, p.35).

Assim, observa-se que a fotografia publicada junto à notícia, de caráter informativo-ilustrativo, tem mais signos visuais apropriados da publicidade, portanto da arte, da metáfora, ou da dramatização, que do fato jornalístico.

Partindo de uma perspectiva crítica do fotojornalismo nas últimas décadas, Persichetti (2006) apresenta dois tipos de profissionais: os fotojornalistas, que trazem informação via imagem, e os fotógrafos na imprensa, que preocupados somente com a estética, não assumem a responsabilidade em informar:

Há alguns anos, mais precisamente no final dos anos 90 criei alguns “inimigos” ao afirmar categoricamente que o fotojornalismo havia morrido. Continuo pensando da mesma maneira. Não sumiu a foto da imprensa, mas sumiu o conceito de informar por imagem. Temos uma imprensa baseada no personalismo, na foto posada, deixamos de ter a ação. Embora a tecnologia nos permita fazer coisas impensáveis, é nossa cabeça que não pensa. A fotografia que vai na capa do jornal não é a mais informativa ou importante; é a mais “bonita”. (PERSICHETTI, 2006, p.185).

Assim, com o declínio da capacidade noticiosa no fotojornalismo, Baeza (2001) define a fotografia de imprensa como o grupo de imagens publicadas nos jornais e revistas, diferenciando o fotojornalismo das imagens com fins “persuasivos”, mais especificamente, das fotografias publicitárias. Segundo o autor, o fotojornalismo vincula informação, atualidade e notícia. Recorre a feitos de relevância, em uma perspectiva social, política e econômica.

A fotoilustração cumpriria, para Baeza, a função clássica ilustrativa de descrever, explicar e detalhar assuntos originados em um texto prévio, por meio de retórica visual, como a metáfora, e dos símbolos. Ligada ao desenvolvimento dos novos modelos de imprensa, mais envolvidos com o jornalismo de serviço, mercadológico e de entretenimento, a fotoilustração estaria, segundo Baeza, à disposição de novos usos da comunicação:

O fotojornalismo, em seus melhores registros, oferece a difusão pública das provas necessárias para que o corpo social corrija tudo aquilo que lhe causa dano. Mas o fotojornalismo só pode cumprir essa tarefa se estiver em sintonia com o resto das mensagens de imprensa, e a análise desta relação permite distinguir os fatores que a estão afetando de modo específico (BAEZA, 2001, p.57)<sup>56</sup>.

Como alguns estudiosos da década de 1970 questionaram os critérios de noticiabilidade de textos jornalísticos, pesquisadores da fotografia buscam entender por que, na Sociedade do Espetáculo<sup>57</sup>, algumas imagens são ponderadas como noticiosas.

A pretensão de orientar e interpretar está atrelada à origem publicista do jornalismo. Desde que a burguesia passou a fazer uso dos espaços, então „baratos“ do jornal - no século XVII, para fazer jornalismo “bastavam uma prensa, tipos moveis, papel e tinta” (LAGE, 2003, p. 11) - a opção ideológica faz parte dos discursos propagados na imprensa. No entanto, com as transformações industriais e culturais do século XIX, o modo de produção jornalístico passou por uma reformulação estilística, dando origem a uma imprensa sensacionalista e, aos olhos do leitor, supostamente mais objetiva.

O jornalismo é um vetor de discussão que pode levar à transformação da sociedade. Assim, à medida que um jornal é determinado a manter em sua linha editorial representações femininas especificamente ilustrativas, a noção de representação vai depender do imaginário coletivo, do repertório cultural de quem produz a simulação fotográfica e de um código comum para a interpretação da mensagem.

Debord denunciou a falsa consciência, a alienação generalizada, presentes em uma cultura espetacular. A sociedade se espetaculariza porque tudo se torna imagem e esta, transforma-se num dispositivo de controle. Na tentativa de desmistificar mais uma vez o caráter de verdade absoluta de uma fotografia, destaca-se o aforismo de Debord:

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como sendo o sentido privilegiado da pessoa humana - o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. (DÉBORD, 1997, p.18).

---

<sup>56</sup> Tradução livre da autora.

<sup>57</sup> A Sociedade do Espetáculo é uma obra de Guy Debord lançada em 1967 que se tornou conhecida principalmente a partir do movimento de Maio de 68. Para o autor, os meios de comunicação de massa são apenas “a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores”. Para Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p 14). A reflexão à luz de Debord somente pode ser compreendida se levarmos em consideração seus vínculos com a teoria crítica da sociedade capitalista, como um conceito histórico que pretende dar a compreender um fenômeno em uma realidade determinada historicamente. (COELHO e CASTRO, 2006).

As relações entre mídia, corpo e imagem, em geral, são bastante amplas. Se a visualidade, nos dias atuais, toma um estado de superioridade em relação aos demais sentidos, as imagens corpóreas ocupam, por sua vez, um espaço valioso entre as imagens propagadas diariamente por veículos impressos.

Na sociedade do espetáculo, quase tudo é convertido para a exploração da imagem. O corpo como mídia primária (BAITELLO, 2006) tanto pode abrigar a subjetividade, a personificação do indivíduo, como pode converter o seu lado humano-genérico a um formato corpóreo ideal, manipulado, podendo levar a uma visão distorcida. Assim, o corpo espetacularizado na mídia estabelece, por meio de novas formas ascéticas (SIBILIA, 2008), o padrão corporal de uma imagem pura, projetada, modelo preenchido pelo imaginário. O corpo ícone é desenvolvido para o consumo visual.

Submetida a determinadas representações, a mulher ocupa na imprensa, desde a revolução dos meios de produção de imagens, sentidos estereotipados. O estereótipo, segundo Bhabha (2007), é a principal estratégia discursiva da fixidez como signo da diferença cultural e está longe de ser uma simplificação, pois se trata de uma falsa representação. “É uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre no lugar, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (BHABHA, p. 124), num processo de ambivalência. É assim que jornais da grande imprensa se utilizam de imagens ilustrativas, reforçando alguns estereótipos femininos e limitando a percepção de outras interpretações e representações. Observa-se que os estereótipos de gênero, presentes na grande imprensa, compreendem mais amplamente à invisibilidade feminina no noticiário, uma presença marginal reduzida a um grupo restrito de mulheres, além da sobre-valência das funções e papéis masculinos em todo o tipo de atividade social. Mas a imagem não recebe sozinha toda carga informacional deturpada, direcionada. As legendas, títulos e textos reforçam esses estereótipos.

## 5. REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA: Interpretações

Ao estudar as representações da mulher na imprensa, é importante abordar o próprio conceito de representação e o de representação social, na tentativa de compreender a complexidade dos termos. A expressão *representações sociais* designa os fenômenos e a teoria que os estuda. Serge Moscovici, ao tentar redefinir os conceitos da psicologia social, acaba por inaugurar esse campo de estudos que hoje tem no Brasil um consistente movimento acadêmico (SÁ, 1996).

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, *apud* SÁ, 1996).

Para Stuart Hall (2010), a representação é a produção de sentido que se constitui através da linguagem, em dois sistemas. Primeiro através das representações mentais que colaboram para compreensão do mundo exterior, a fim de tornar a vida inteligível. Outra forma de representação se dá pela linguagem, de maneira que a imaginação possa ser traduzida em palavras, ou imagens, por exemplo. Bourdieu afirma que os sentidos podem ser construídos e comunicados por meio dos signos, e “representação” pode ser usado “quer no sentido de imagens mentais, quer naquele outro sentido de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais” (1996, p. 108). Ambas podem ocorrer de maneira similar entre indivíduos que compartilham uma cultura.

Hall (2010), no entanto, refere-se também à representação como aquilo que tem um “sentido verdadeiro”, o espelho da realidade. Assim, os meios materiais poderiam reproduzir ideias a partir de determinadas linguagens, fazendo a mimese do real ao abordá-lo, como revela a secular Teoria do Espelho, que permeia diversas correntes e estudos em comunicação. Apesar dessa interpretação, o autor também defende a representação intencional, em que a mensagem é produzida de maneira a dar um sentido específico por meio da linguagem. Uma terceira interpretação de Hall revela um caminho intermediário, no qual nem as coisas, ou as imagens, nem os usuários da linguagem, ou os fotógrafos e meios impressos, são fontes independentes de produção de sentido, constituindo um sistema relacional. Portanto, “não é mais adequado considerar as representações como uma réplica do mundo ou como um reflexo dele (...) porque as representações evocam igualmente o que está ausente desse mundo, elas o constituem mais do que o simulam” (MOSCOVICI, 2010, p.212).

As representações como construções sociais têm também uma dimensão histórica, e algumas denominações ou formas de representação foram suprimidas, enquanto outras foram criadas. Observa-se, porém, que “existem representações coletivas que são partilhadas e transmitidas de uma geração à outra sem que mudem” (MOSCOVICI, 2010, p. 178).

Assim, o termo representação, especificamente quando se trata de representação imagética, pode causar no receptor uma sensação de verdade absoluta, de fotografia como vetor do real. No entanto, segundo Soulages, as condições de possibilidade (o objeto a ser fotografado, o sujeito que fotografa e o material fotográfico), as condições de produção e de recepção de uma fotografia perpassam a construção de realidade daquela representação (SOULAGES, 2010). Referindo-se às Obras Filosóficas de Descartes, Soulages afirma: “representar não é assemelhar-se” (SOULAGES, p. 51). Mais do que subordinadas a uma suposta objetividade na produção fotográfica, as condições de recepção dependem do repertório e da historicidade do sujeito, ou aquilo que dá caráter factual à vivência humana. É preciso (e possível) saber ler uma imagem e são inúmeras as possibilidades de leituras.

Um ciclo de quatrocentos anos nos levou ao mito da imagem transparente, real, porém desvinculada das tensões sociais, o que torna a cultura visual um campo de estudos ainda recente e fértil (CATALÀ DOMENÈCH, 2011). Susan Sontag explica que a humanidade permanece na “caverna de Platão”, contentando-se com fragmentos da verdade. “Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar.” (SONTAG, 2003, p.13). Segundo a autora, portanto, para compreender a verdade por trás das imagens, seria preciso torná-las legíveis, ir além das sombras da caverna, conhecer o código imagético. No entanto, é preciso considerar que, ainda que possam existir maneiras de transmitir uma mesma mensagem visual elas podem resultar em diferentes percepções do que é real. Portanto, a construção de realidade é baseada nas múltiplas interpretações dos indivíduos.

As notícias e as imagens nos jornais, como fragmentos de cultura, colaboram para a construção da realidade a partir da representação, como os símbolos, que precedem a linguagem e a razão discursiva (ELIADE, 1991). “Toda essa porção essencial e imprescritível do homem – que se chama imaginação – está imersa em pleno simbolismo e continua a viver dos mitos e das teologias arcaicas” (ELIADE, 1991, p.15).

Segundo Jovchelovitch, “a teoria das representações sociais se constrói a partir de uma teoria dos símbolos” (1999, p.71), consideradas duas importantes faces em uma

relação ambígua: a figurativa e a simbólica. Isso ocorre por que toda representação é a referência de alguém para alguma coisa (JOVCHELOVITCH e GUARESCHI, 1999).

É, portanto, na inevitabilidade da representação (algo sempre representa alguma coisa pra alguém ou para um grupo) que habita o perigo das limitações de efeitos reais sobre o mundo (SHOHAT e STAM, 2006, p.262). “As representações sociais não são um agregado de representações individuais da mesma forma que o social é mais que um agregado de indivíduos” (JOVCHELOVITCH e GUARESCHI, 1999, p.80-81). Assim, não existe uma verdade absoluta e toda verdade está baseada na representação e no conhecimento desses fatos. Além disso, existem ainda “verdades contingentes, qualificadas a partir de certas perspectivas, que informam a visão de mundo de certas comunidades” (SHOHAT e STAM, 2006, p.263).

Tais considerações ajudam na compreensão de como são eternizados os arquétipos e como se constroem os estereótipos, afinal, “a representação se apresenta como uma modelização do objeto” (SÁ, 1996, p.33), mas esse modelo pode ser reconstruído diversas vezes, por meio dos símbolos, definindo variações do ideal.

## 5.1 ARQUÉTIPOS E ESTEREÓTIPOS

Os mitos são fontes de imagens, símbolos e representação, com a propriedade de expressar fenômenos da psique, assim como representar a cultura em que se inserem (PIRES, 2008). Para Durand, o mito “utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias” (1997, p.63). Tais figuras da imaginação mítica representam fatos simbolizados da mente humana. Aplicada em duplo sentido, a palavra mito é a ilusão e a tradição sagrada, segundo Mircea Eliade (1991).

“É também evidente a afinidade entre a natureza dos arquétipos e o mito” (CONTRERA, 1996, p.44). Os arquétipos estão presentes neste caráter mitológico, definidos, de maneira geral, como a matriz ou a mais antiga referência e são “matrizes do imaginário de uma cultura” (CONTRERA, 1996, p.44). É a ideia que recebe atributos, oníricos e simbólicos, vícios e virtudes advindos de feitos como conquistas, sofrimentos, esforços empreendidos. Forma de apreensão que pode ser encontrada universalmente, de maneira uniforme no tempo e no espaço (CUNHA, 2003). “O arquétipo deve ser pensado associado a padrões de imagens e de comportamentos, pois a imagem sem comportamento é vazia e sem sentido e o

comportamento sem imagem é cego” (SERBENA, 2010). Assim, o arquétipo deve ser distinto da imagem arquetípica, pois “o arquétipo em si é irrepresentável e aparece à psique sob a forma de uma imagem arquetípica” (SERBENA, 2010).

Quer seu caráter mitológico seja reconhecido, ou não, todas as vezes que formas de apreensão de ideias que se repetem de maneira regular, tem-se um arquétipo (JUNG, 1989), que guarda em si a gênese da representação. Trata-se de uma imagem totalmente coletiva, cuja existência histórica fornece exemplo para uma série de outras representações, subsequentes e renováveis no tempo (CUNHA, 2003). Entre essas resultantes variáveis estão os estereótipos.

O conceito mais conhecido de estereótipo é o de compreensão comum deturpada da realidade. A palavra deriva do grego *stereós* (“sólido”) + *týpos* (“molde”, “marca”, “sinal”), segundo Freire Filho (2004, p.44). “Estereotipar reduz, essencializa, naturaliza e conserva as *diferenças*, excluindo ou expelindo tudo aquilo que não se enquadra, tudo aquilo que é diferente” (ROSO et al, 2002, p.78). Atribui-se a Lippmann a primeira definição do conceito na Comunicação, mas sua maior contribuição para o tema é a ideia de construção da realidade. Assim, Wolf (2008) considera os estereótipos elementos indispensáveis na organização e antecipação de experiências da realidade: “Eles impedem o caos cognitivo, a desorganização, mental, representam, enfim, um instrumento necessário de economia na aprendizagem” (2008, p.83). É uma noção que se assemelha muito com o conceito de representação, porém *estereótipo* recebeu ao longo do tempo uma interpretação negativa, tornando-se também sinônimo de preconceito e discriminação.

De acordo com Neal (1979 apud SHOHAT e STAM, 2006), os estereótipos são julgados simultaneamente em relação ao *real* empírico e um *ideal* ideológico (imagem ou mensagem positiva). Além disso:

O estereótipo – “o vírus da essência”, na definição lapidar de Barthes [1963, p. 71] – reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um “grupo desviante” a alguns poucos atributos essenciais (traços de personalidade, indumentária, linguagem verbal e corporal, comprometimento com certos objetivos etc.), supostamente fixados pela natureza. (FREIRE FILHO, 2004, p.47).

Embora sejam todos negativos (SHOHAT e STAM, 2006), alguns estereótipos mantêm o fardo da representação mais pesado que outros. Isso significa que, apesar de causarem desconforto, alguns podem levar à violência, inclusive física, e a outras formas de opressão. Exemplificando, para Shohat e Stam, em Hollywood “a superioridade branca não é afirmada, mas simplesmente presumida – os brancos são objetivos, os especialistas, os que não causam problemas, aqueles que julgam, que estão em casa no mundo, aqueles cuja prerrogativa é criar leis que organizem a desordem” (SHOHAT e STAM, 2006, p.292). A reivindicação de espaços de representação imagética, ou de imagens mais positivas, dá às minorias o direito de exigir representações mais justas (SHOHAT e STAM, 2006). No caso das representações estereotipadas de mulheres, pode-se dizer que há uma hierarquia que reserva às mulheres brancas, jovens e belas o topo da cadeia das representações, ainda que sejam de interpretação negativa.

Inevitavelmente, a representação social liga um indivíduo a uma natureza social, material ou ideal e arquetípica, em uma relação de simbolização e interpretação (SÁ, 1996). A representação imagética de origem arquetípica altera, portanto, os processos de pertencimento e participação, pois determina papéis naturais. A aplicação e as funções da imagem feminina no contexto do jornal diário reforçam as construções simbólicas de gênero e sexualidade patriarcais, pois, além da herança histórica arquetípica, estão carregadas de interesses e ideologia.

O problema das representações estereotipadas não estaria, portanto, ligado apenas ao interesse ideológico de produção das imagens, mas também ao caráter diverso de difusão, recepção e compreensão das mensagens.

Podemos afirmar, portanto, que as revistas sugerem, estimulam e induzem figuras, estilos de vida, padrões e atitudes que funcionam como quadros de referência da realidade social para as mulheres. Elaborar uma publicação pensada e dirigida para este público já é um modo de orientar um enfoque particular da realidade. (MENDES, 2012, p.6).

Isso porque essas representações são baseadas nos arquétipos, que se manifestam como formas simbólicas de sentido permanente. Eles resistem nos traços comuns da alma humana, ainda que culturalmente experimentada de maneira particular ou histórica, participando de uma estrutura geral ou inconsciente coletivo (JUNG, 1989), mas muitas vezes

resultam em imagens estereotipadas. Eva, por exemplo, é modelo para uma série de representações. Sua figura esboça virtudes e vícios, estipulando padrões de comportamento emocional e intelectual através de “uma herança filogenética<sup>58</sup>” do inconsciente coletivo (CUNHA, 2003, p.26; JUNG, 1998).

Arcaico, o arquétipo sobrevive na coletividade, representando as heranças do espírito humano, ou como considerou Freud, os “resíduos arcaicos” (JUNG, 1998). “O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo – representações que podem ser inúmeras e variadas – sem perder a sua configuração original” (JUNG, 1998).

Mas pensar a produção de sentido a partir da materialidade histórica, utilizando figuras arquetípicas pode parecer um ato contraditório. No entanto, apesar de reconhecer o peso da vivência humana e da experiência material, é preciso considerar que algumas representações se refletem em um nível mais profundo da consciência e que esta parece, muitas vezes, ser comum a todo humano e historicamente compartilhada. Nestas circunstâncias, será preciso carregar essa contradição:

Decerto, Jung insiste sobretudo no caráter coletivo e inato das imagens primordiais, mas sem entrar nessa metafísica das origens e sem aderir à crença em „sedimentos mnésicos“, acumulados no decurso da filogênese podemos fazer nossa uma observação capital do psicanalista, que vê nesses substantivos simbólicos que são os arquétipos „o estádio preliminar, a zona matricial da ideia“ (DURAND, 1997, p.61, grifos do autor).

A abordagem das figuras arquetípicas de uma perspectiva mais sociológica não contraria a teoria de Jung, se considerados os estudos de Lauwe (1967), que insistiu nas diferenças de percepção de acordo com as diferentes classes sociais. Assim, considerando os desvios bem maiores que há entre as diferentes civilizações, Lauwe observa que “as imagens que apreendemos se relacionam com modelos herdados da tradição, importados de outras culturas ou elaborados recentemente num novo contexto, mas elas têm um conteúdo coletivo e uma força ativa que variam segundo os meios sociais, os momentos e as personalidades” (LAUWE, 1967, p.12)

Considerado o texto seminal da sociedade patriarcal, o Gênesis marca a primeira *transgressão* feminina. Com base na figura de Eva, “as mulheres são associadas a perigos e à degradação da carne, projetando-se nelas toda impureza” (PIRES, 2008). No entanto, outra figura arquetípica dessa gênese deixou de ser protagonista na tradição cristã, mas está presente nas mitologias sumeriana, babilônica, assíria, cananéia, hebraica, árabe,

---

<sup>58</sup> Relativo à filogenia: sucessão genética das espécies orgânicas.

persa e teutônica. Na tradição desses povos, Lilith é o nome da mulher criada antes de Eva, do mesmo pó que Adão. Por isso, reivindicou igualdade, não se admitindo submissa. Apesar de esquecida, ela representa o aspecto sombrio do feminino (PIRES, 2008), pois ao perceber-se subjugada por Adão, passou a viver na promiscuidade, aproximando-se de demônios. A figura de Lilith está presente em diversas mitologias, “mas é rejeitada pela religião *tradicional* e patriarcal” (PIRES, 2008).

A Estética como ciência, definida por Sánchez-Vázquez como “um modo específico de apropriação da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo e com as condições históricas, sociais e culturais em que ocorre” (1999, p. 47) nos ajuda a perceber que as convenções de representação herdadas dos séculos anteriores foram alteradas gradualmente pela industrialização da cultura visual. “Algumas mulheres adquiriram visibilidade, enquanto outras eram relegadas a obscuridade” (Fraisie e Perrot, 1991, p.315). Assim, “a premissa oculta da análise do estereótipo é o individualismo, na medida em que o personagem individual – e não as categorias sociais mais amplas (raça, classe, gênero, nação, orientação sexual) – permanece o ponto de referência” (SHOHAT e STAM, 2006, p.293).

Estruturais, as diferenças de gênero podem determinar as possibilidades em uma sociedade e serem excludentes. Algumas representações podem culminar em discursos racistas e sexistas. O historiador Georges Duby, ao descrever a mulher na construção do imaginário masculino no prefácio de *Images de femmes* (1992), revela que a força da iniciativa masculina reduz as mulheres a espectadoras, mais ou menos submissas, de si mesmas (PERROT, 2007), pois no inventário das imagens “as mulheres não representavam a si mesmas” (DUBY, 1992, *apud* PERROT, 2007, p.24).

### 5.1.1 Os três grandes estereótipos femininos na imprensa

As controvérsias entre os gêneros e os divergentes movimentos de pertencimento e extrusão da mulher são fenômenos fundamentalmente observados nas análises sobre o uso da imagem feminina na imprensa, elementos que reforçam a construção de estereótipos e limitam a compreensão de determinados contextos.

Flávia Biroli (2010) analisou as relações entre gênero e política no noticiário das principais revistas semanais brasileiras (*Veja*, *Época* e *Carta Capital*) entre os anos de 2006 e 2007 observou que as representações da feminilidade atribuem sentidos à presença diferenciada de homens e mulheres na política e na mídia. Para ela, existem marcas de gênero na maneira como as personagens políticas estão representadas no noticiário, podendo-se

afirmar que há estereótipos de gênero. A autora conclui sua análise considerando que tais estereótipos compreendem mais amplamente a invisibilidade feminina no noticiário, uma presença marginal reduzida a um grupo restrito de mulheres, o que atualiza as “divisões convencionais entre masculinidade e feminilidade” (BIROLI, 2010, p. 9).

O que se pretende observar é a propagação dos três maiores estereótipos femininos da arte pictórica sugeridos por Anne Higonnet (1991) - as madonas, mulheres amáveis e protetoras de seus filhos, as musas, ou mulheres políticas, líderes que conduziam os homens à revolução e à liberdade e, finalmente, as sedutoras, mulheres sensuais e perigosas, atrizes, amantes inspiradoras de artistas - na produção de imagens da grande imprensa. Ou, na leitura de Umberto Eco, a Virgem Maria, a Rainha e a Vênus (2007).

Se a construção de imagens é baseada em heranças históricas arquetípicas e repertórios culturais e simbólicos, isso também incide sobre os três maiores estereótipos na arte pictórica (ANNE HIGONNET, 1991) e pode ter influenciado o jornalismo de maneira permanente, desde sua aproximação com as artes gráficas no século XVIII, apesar do distanciamento espaço-temporal e das mudanças nos diferentes contextos sociais.

Apesar de ser baseada no estudo proposto para as artes pictóricas, a ideia de definir a três *maiores* representações da mulher sugere uma limitação aos resultados, dada a grandiosidade do universo fotojornalístico na atualidade. Assim, a melhor definição para essa investigação na imprensa seria atrelada ao três *grandes* estereótipos da mulher no fotojornalismo.

Majoritariamente, é possível que na imprensa sejam reservados à mulher principalmente as representações: da Madona, a grande mãe, oriunda do arquetipo maternal, simbolizada na tradição católica pela Virgem Maria (ECO, 2007); da Sedutora ou a Vênus, mulher atraente, destacada por seus atributos físicos, aqui também compreendida como a celebridade; e da política, aquela que se encarrega de „competir“ com os homens no universo social público, muitas vezes „fugindo“ de seu papel na esfera privada.

Assim, transpondo a teoria, ao retratar o sofrimento, a luta diária, as catástrofes, guerras, tragédias, os fotógrafos dão preferência às madonas, benfeitoras inabaláveis, com seus filhos no colo ou clamando por eles. Quando se trata de política, como nos mostra Flávia Biroli, as musas seriam algumas, poucas mulheres à margem do volume de notícias dedicadas aos homens públicos, cujas noções de feminilidade devem ser revistas. A maior parte das retratadas seria, portanto, composta de sedutoras, atrizes, modelos, esposas e filhas de ilustres personagens.

Sem dúvida é necessário abandonar a ideia de que a imagem nos traz um painel da vida das mulheres. Mas não abandonar a ideia do poder, da influência das mulheres sobre as imagens pela maneira como a usam, pelo peso de seu próprio olhar. Por outro lado convém estabelecer diferenças entre a natureza das imagens. Entre o quadro e a foto. (PERROT, 2007, p.25).

Apesar do caráter teórico exploratório dessa pesquisa, a comprovação de alguns desses fenômenos nos veículos impressos poderia contribuir para sua compreensão. Assim, a análise de conteúdo na mídia mostrou ser um interessante método verificador.

## 5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS IMAGENS

Em virtude da riqueza do valor do repertório cultural e do contexto dessas fotografias, para a análise de conteúdo das imagens coletadas foi definida uma investigação iconológica, na qual seriam consideradas também as legendas, os títulos, os textos, os eixos sintagmático e paradigmático (camadas semânticas).

Panofsky define os três níveis de análise de uma imagem: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico. No primeiro, prevalece a análise da forma, na instância dos significados naturais de simples identificação, em que a familiaridade com os objetos já é suficiente. No segundo nível, a análise exige uma sensibilidade baseada no repertório cultural do leitor. O terceiro difere dos outros dois (significados sensíveis) por ser inteligível, revelador e intrínseco, constituindo o “mundo dos valores simbólicos” (PANOFSKY, 1991, p.64). Este último nível se baseia em aprofundamento e interpretação, descrevendo detalhes sociais sobre o contexto da imagem, ou ainda uma análise de conteúdo e repertório.

### 5.2.1 A princípio, uma noção de iconologia

Iconologia: s.f. Ciência das figuras alegóricas. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

Iconologia é a ciência voltada ao estudo e interpretação, de forma ampla, do significado dos ícones ou do simbolismo artístico de uma obra ou artista, em diferentes contextos históricos e culturais. Também designa uma área das belas-artes que estuda como um determinado tema é tratado por diferentes artistas em diferentes épocas, resultando em representações alegóricas ou emblemáticas de uma visão de mundo (Enciclopédia de Artes Visuais Virtual Itaú Cultural).

Frequentemente, entende-se que iconologia é o estudo de ícones ou de simbolismos em representação visual. É a interpretação de um tema, por meio de estudo abrangente do contexto cultural e histórico do objeto de estudo. É a ciência das figuras alegóricas, isto é, um estudo do „logos“ (as palavras, ideias, discursos), ou „ciência“ de „ícones“ (imagens, fotos, ou similares). É, portanto, uma retórica da imagem, ou, nas palavras de Mitchell<sup>59</sup>: trata-se de “o que dizer sobre as imagens” e “o que dizem as imagens” (MITCHELL, 1986).

Na década 1960, Panofsky havia separado a iconologia e a iconografia, diferenciando a interpretação do horizonte simbólico total de uma imagem a partir da catalogação de valores simbólicos como formas puras, manifestações de princípios básicos gerais. Ele considerou:

A identificação de tais imagens, histórias e alegorias é o domínio daquilo que é nominalmente conhecido por „iconografia“. De fato, ao falarmos do „tema em oposição à forma“, referimo-nos, principalmente, à esfera dos temas secundários ou convencionais, ou seja, ao mundo dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, estórias e alegorias, em oposição ao campo dos temas primários ou naturais manifestados nos motivos artísticos. (PANOFSKY, 1979, 51).

Como se a iconografia fosse meramente descritiva, ele define: “A iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise” (PANOFSKY, 1979, p.54). Considerando que a “a exata identificação dos motivos é o requisito básico para uma correta análise iconográfica”, Panofsky observa, portanto, que “a

---

<sup>59</sup> W. J. T. Mitchell fez uma revisão de importantes teorias da imagem, separadas por dois centros históricos: um no final do século XVIII, aproximadamente, a época da Revolução Francesa e auge do Romantismo, o outro na era da crítica moderna, exercício que resulta em uma iconologia crítica.

exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica.” (PANOFSKY, 1979, p.54).

Mitchell propôs, seguindo Panofsky, sua Iconologia crítica, cunhando a expressão “virada imagética” (*pictorial turn*<sup>60</sup>).

Chamo isso de „ensaios em iconologia” para restaurar algo do sentido literal dessa palavra. Isto é um estudo do „logos” (as palavras, ideias, discursos, ou „ciência”) de „ícones” (imagens, fotos, ou similares). É, portanto, uma „retórica da imagem” em um duplo sentido: primeiro, como um estudo de „o que dizer sobre as imagens” a tradição de „escrever arte” que remonta às imagens de Filóstrato e está centrada na a descrição e interpretação da arte visual; e segundo, como um estudo de „o que dizem as imagens” isto é, as maneiras pelas quais elas parecem falar por si mesmas convencendo, contando histórias ou descrevendo<sup>61</sup>. (MITCHELL, 1986, p.1-2, tradução nossa).

Para Mitchell, a iconologia é mais que a ciência de ícones, englobando sua psicologia política<sup>62</sup>, o estudo da iconofobia (pavor da imagem), da iconofilia (prazer pela imagem) e a luta entre iconoclasmo (oposição ao culto das imagens) e idolatria (adoração de imagens e objetos), pois, segundo Mitchell:

É um clichê de nosso tempo – talvez de todos os tempos – considerar que “o problema é a imagem” – a falsa imagem, a dissimuladora, a ilusória percepção, o artifício superficial, o simulacro e o espetáculo, a propaganda, a publicidade, a embalagem, e (a mais traiçoeira de todas) a ideologia, que é literalmente a “idolatria das ideias”. (PORTUGAL e ROCHA, 2009, p. 2).

Mitchell considera que a iconologia não pode ser pensada para além de um confronto com o iconoclasmo e seus antagonistas: idolatria, fetichismo e iconofilia. Ele observa de que maneira a aplicação de uma análise ideológica para os problemas iconológicos muda a nossa forma de pensar sobre as relações entre texto e imagem. Ele utiliza a descrição sobre ideologia em que Marx e Engels apresentam a câmara escura como método material para entender a inversão da realidade:

---

<sup>60</sup> Para o autor, o deslocamento imagético é o momento de transformação da base técnica da produção e da circulação de imagens (2009).

<sup>61</sup> *Imagines*, de Filóstrato, ou o sofista Philostratus, é um trabalho em grego clássico em dois volumes que descreve e explica várias obras de arte. Tradução livre da autora.

<sup>62</sup> Mitchell, porém, ousou em suas interpretações. Para tanto, fez estranhas conexões entre autores bastante distintos e suas teorias: a crítica de Wittgenstein sobre o significado em uma „teoria da imagem” e as teorias modernas da poesia e da imagem mental; a crítica de Nelson Goodman, de „iconicidade” na semiótica; o argumento de Ernst Gombrich para a naturalidade das imagens, e „natureza” como uma categoria ideológica, a tentativa de Lessing de pronunciar as leis genéricas que separam a poesia da pintura, e a independência cultural alemã; a estética de Burke sobre o sublime e o belo em relação à sua crítica da Revolução Francesa; e finalmente, o uso do exemplo de Marx e Engels com a câmara escura e seu conceito de fetiche como figuras para o embate entre psicológico e material da idolatria.

A consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo da vida real. Se, em toda a ideologia, os homens e as suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

A realidade aparece invertida por meio da ideologia como processo histórico na analogia entre as relações humanas e a disposição da câmara escura para com a imagem produzida<sup>63</sup>.

Ao criticar a filosofia alemã, em que a consciência desce do céu para a terra (aqui parte-se da terra para atingir o céu), Marx e Engels negam também o sistema hegeliano, que afirma que o espírito parte do que dizem, imaginam e pensam os homens, da imaginação e da representação de outros para chegar aos homens em carne e osso. Há, ainda, uma conjunção entre a práxis e o *Zeitgeist*, espírito da época, espírito do tempo, ou sinal dos tempos. Uma associação ontológica entre vida prática e espírito, que não pode ser desfeita, mas que requer a experiência da conexão com outros sujeitos. "Os indivíduos fazem-se uns aos outros, física e espiritualmente, mas não fazem a si mesmos". (MARX e ENGELS, 2007, p. 41).

Assim, como em Marx e Engels, parte-se, portanto, da humanidade, da sua atividade real, de sua condição material para a construção espiritual, imaginária. Esta inversão estabelece que é a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas. Mesmo a imaginação corresponde, no cérebro humano, a sublimações necessariamente resultantes do processo vital material que pode ser observado empiricamente e que repousa também em bases materiais. Isso quer dizer que nos processos de produção simbólica a divisão sexual da sociedade é um fator marcante e que ela está presente também nos produtos da cultura.

Para Marx e Engels, a construção do conhecimento, por si mesma, apresenta grandes dificuldades, já que a aparência das coisas não coincide imediatamente com a essência delas e a apreensão do movimento do real exige o que Hegel chamava de "o esforço do conceito". Superando Hegel, *A ideologia alemã* defende que a situação dos sujeitos altera a percepção do conhecimento. "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência" (MARX e ENGELS, 2007, p. 94). Assim, o trabalho como primeiro

---

<sup>63</sup> Para um aprofundamento no tema, ver: A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx. Jesus Ranieri. 176 p. Boitempo, 2001.

ato histórico toma o homem vivo, com suas necessidades e anseios e seu modo de produzir meios de vida, determinando a produção de ideias, ou, nas palavras de Marx e Engels:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, ainda aparecem, aqui, como emanação direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

A câmara escura, para Marx e Engels, faz a metáfora da realidade invertida que não pode ser percebida sem que sejam transformadas as condições materiais dos sujeitos. Ela expressa as contradições do mundo real, assim como é intenção deste trabalho: apresentar as contradições de gênero presentes na sociedade e expressas nas relações sociais, bem como nos produtos da cultura, como os jornais e o fotojornalismo. Não se alteram as condições de produção cultural se as relações não forem alteradas. Pois, como afirmou Williams, é claro que os meios de comunicação são sempre social e materialmente produzidos e reproduzidos, mas “a comunicação e os seus meios materiais são intrínsecos a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social, constituindo-se assim em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção” (2011, p.69).

Inevitavelmente, a historicidade do sujeito na pós-modernidade é mediada e cada vez mais dependente de formas simbólicas mediadas (THOMPSON, 1998, p.38), o que traz, mais uma vez, consequências para a noção de pertencimento do indivíduo. A leitora que vê as figuras que a *simbolizam* no jornal não *se sente real* ou representada. Além disso, a recepção de um produto da mídia “implica um certo grau de atenção e de atividade interpretativa da parte do receptor” (THOMPSON, 1998, p.44). Essa reação individual está dissolvida na massa receptora de conteúdo e tem poucas chances de se fazer conhecida, pois “apenas algumas vozes são amplificadas” (WILLIAMS, 2011, p.82). Dessa forma, pensar no modo de produção das fotografias de mulheres nos jornais é também pensar na forma como são produzidos os jornais e as notícias, em seu consumo e no distanciamento entre comunicação e comunidade determinado pela industrialização simbólica.

### 5.2.2 Descrição metodológica da análise

Para fazer uma análise iconológica dos três grandes estereótipos na imprensa, foi feita uma pesquisa prévia qualitativo-quantitativa, que justificaria o debate proposto neste trabalho e colaboraria para a definição de fotografias para análise em profundidade.

Assim, na tentativa de escolher um objeto de pesquisa e um recorte que demonstrassem a perspectiva cultural do uso utilitarista das fotografias jornalísticas de mulher no do jornalismo impresso, a tiragem dos jornais pareceu um ponto de partida interessante, considerando também o objetivo de demonstrar que os argumentos levantados durante todo o trabalho ocorrem na imprensa brasileira e atingem leitores em geral. A consulta da tabela informativa (tabela 1) da Associação Nacional de Jornais (ANJ) sobre os jornais de maior tiragem no Brasil marcou o início desse estudo dirigido. O quadro demonstra que, ao final do ano de 2011, os seis diários pagos mais distribuídos no país eram o *Super Notícia*, *Folha de S. Paulo*, *Extra*, *O Estado de S.Paulo*, *O Globo* e o *Zero Hora*.

Posição	Título	UF	Média da Circulação	Varição 2010/2011
1º.	<i>Super Notícia</i>	MG	293.572	-1,0%
2º.	<i>Folha de S. Paulo</i>	SP	286.398	-5%
3º.	<i>Extra</i>	RJ	265.018	37%
4º.	<i>O Estado de S.Paulo</i>	SP	263.046	5%
5º.	<i>O Globo</i>	RJ	256.259	-14%
6º.	<i>Zero Hora</i>	RS	188.561	1%

**Tabela 1 -** Fonte: ANJ/IVC, 2011.

Ao mesmo tempo em que são consideradas as questões pragmáticas no esquema de estudo, é preciso evitar que preferências, valores pessoais ou fatores de conveniência afetem os resultados de pesquisa. Dessa forma, optou-se pela pesquisa qualitativa por amostragem aleatória, recortando no período de um ano seis edições dos dois maiores jornais brasileiros em tiragem (ANJ, 2011). Aqui foram também consideradas as situações práticas do cotidiano da Redação que alteram ou determinam padrões na representação de mulheres em fotografias, como a contratação de um novo editor, um fotógrafo ou um diagramador, por exemplo. Na prática, a partir de uma amostra, pode-se fazer inferências gerais sobre o problema de pesquisa. Assim, opção foi a retirada de uma amostra de seis edições, ou seja, exemplares aleatórios do conjunto de jornais para observação.

Portanto, após a reflexão sobre os diferentes métodos, foi definida a técnica de coleta de dados por amostragem probabilística aleatória, que permite reduzir o número de exemplares para análise em uma pesquisa, mantendo a mesma chance de seleção em todas as edições, sem risco de invalidar resultados (LOPES, 1990, p.145). Em uma planilha de Excel foram lançados os 366 dias de 2012 e, partindo de uma fórmula matemática ( $=\text{ALEATÓRIO}()*366$ ), foram gerados números aleatórios que corresponderiam às datas de cada edição dos diários. “Nos trabalhos quantitativos, a generalização está determinada pela amostragem aleatória e pela estatística inferencial, mas essas técnicas não são relevantes para a pesquisa qualitativa” (RICHARDSON, 1999, p. 101).

Pensou-se inicialmente em aplicar essa busca aleatória nos jornais *Super Notícia* e *Folha de S. Paulo*. Ordenados do menor para o maior, os números definiriam datas correspondentes e subsequentes. Para cada um dos jornais foram gerados seis números diferentes. Do jornal *Super Notícia*, a indicação aleatória determinou os números 61, 165, 189, 193, 300 e 340. Assim, seriam coletadas fotografias dos dias 01/03/12 (61º. dia), 13/06/12 (165º. dia), 07/07/12 (189º. dia), 11/07/12 (193º. dia), 26/10/12 (300º. dia) e 05/12/12 (340º. dia).

Da *Folha de S. Paulo*, os números gerados foram 35, 95, 125, 152, 235 e 353. Assim, seriam coletadas fotografias das edições de 4/2/12, (35º. dia), 4/4/12 (95º. dia), 4/5/12 (125º. dia), 31/5/12 (152º. dia), 22/8/12 (235º. dia) e 18/12/12 (353º. dia). “A fase de definição do objeto de pesquisa precede à da observação propriamente dita e a esta, seguem-se a elaboração descritiva e a interpretativa das evidências descobertas durante a fase da observação” (LOPES, 1990, p.117).

Já para a análise dos dados coletados, ou seja, das fotografias, foi definido o método qualitativo, a fim de observar os resultados de amostragem acordo com parâmetros teóricos sobre o problema levantado. Em uma primeira observação, o jornal *Super Notícia*, de maior tiragem nacional, foi eleito o primeiro jornal para coleta do *corpus* a ser analisado. O jornal é vendido a R\$0,25 e diariamente veicula informações regionais.

*Apesar* de lançado em 1º de maio de 2002 pelo empresário e deputado federal Vittorio Medioli, o *Super Notícia* não explora muito os assuntos do âmbito político, segundo Carvalho, “priorizando a fórmula *crime-sexo-promoção*” (2010, p.76). “Composto por matérias curtas, de fácil leitura, simplicidade de conteúdo, serviços de utilidade pública, e permeado de promoções, o *Super* atinge todas as classes sociais, principalmente as C e D” (CARVALHO, 2010, p.76).

Em formato tablóide, “ele leva informação, sobretudo, às classes B, C e D. A população de menor renda, que até então não tinha acesso à mídia impressa, hoje, pelo baixo custo do jornal, consegue estar informada diariamente” (PAULA, 2007, p.?). Os leitores são na maioria homens (59%), entre 20 a 29 anos, predominantemente da classe econômica „C” (53%) (Pesquisas Marplan, apud CARVALHO, 2010). Amaral (2006) aponta a dificuldade em acreditar que atualmente exista um “jornalismo popular” de qualidade, definindo este gênero:

São jornais baratos, com baixa paginação, vendidos em bancas, que abrigam publicidades de produtos destinados ao público de baixa renda. Também se utilizam de elementos culturais historicamente destinados aos setores populares ou produzidos por eles (AMARAL, 2006, p.10).

O popular aqui não significa, necessariamente, contra-hegemônico. Assim, os jornais *populares* se apoiam no baixo preço, no espetáculo e no entretenimento para aumentar a tiragem e obter anúncios publicitários, deixando de promover discussões importantes entre as pessoas às quais se destina. Não significa que os grandes e tradicionais jornais promovam essas discussões. De qualquer maneira, o *Super Notícia*, “nesta linha, prioriza os *faits divers*, ao selecionar eventos relacionados ao entretenimento, ao mundo das celebridades, ao consumo, à violência e à espetacularização da notícia” (CARVALHO, 2010, p.86).

Observadas suas capas (figs.12 e 13), percebeu-se que o jornal apresentava um padrão de retratação das mulheres bastante óbvio, que poderia ser interessante para abordagem que se propõe aqui, mas limitaria a compreensão geral do trabalho a um dos estereótipos apresentados: o da mulher sedutora. Com chamadas como: “morena soltinha”, “toda molhada”, “golpe de sensualidade” e “*empreguete* peladona”, o jornal estampa diariamente suas capas com uma ou várias mulheres quase nuas, com títulos e legendas depreciativos. Essas fotografias geralmente são de atrizes, celebridades e outras mulheres que receberam destaque por causa de sua *beleza física*, sobre tudo corporal.

São destacados os seios, as nádegas e as pernas dessas mulheres. Sempre em poses sensuais, são exibidas em retratos eróticos, muitos sem autorização do autor. A fotografia da primeira capa do *corpus* analisado (fig. 12), por exemplo, é uma apropriação da capa da revista *Corpo a Corpo* (Editora Globo). Publicada no *Super Notícia* em 01/03/12, a capa trazia a atriz Carol Castro, com fotografia de Danilo Borges, produzida com exclusividade para a edição de janeiro de 2008 da revista.

Jornais que apresentam esse tipo de argumento são bastante comuns no Brasil. Infelizmente, por serem considerados *populares* na concepção de Amaral (2006), raras

vezes são levados a sério nas pesquisas acadêmicas, por não serem considerados periódicos de *qualidade* (AMARAL, 2006). Engana-se quem subestima o poder de penetração desses veículos, mas, de fato, vale observar que, do ponto de vista do pesquisador, introduzido no estudo das visualidades, sua composição imagética pode ser pouco complexa e de decifração mais imediata.

Assim, como nosso objetivo é conferir o “papel efetivo que a imagem desempenha no campo das motivações psicológicas e culturais” (DURAND, 1997, p.24), uma primeira observação do jornal, cujas capas de seis edições aleatórias compõem o corpus deste trabalho (figs.12 e 13), acabou por reafirmar os prejuízos que determinadas publicações causam às mulheres e ao imaginário sobre o gênero feminino, principalmente quanto à representação da mulher *sedutora*. Mas seria preciso aprofundar uma investigação em um veículo que pudesse proporcionar um universo maior e mais complexo de representações. Assim, optou-se por realizar um estudo iconológico das fotografias publicadas na *Folha de S. Paulo* nas edições indicadas pela busca aleatória.



Figura 12: Capas do jornal Super Notícia publicadas nos dias 01/03/12, 13/06/12 e 07/07/12, respectivamente.



Figura 13: Capas do jornal Super Notícia publicadas nos dias 11/07/12, 26/10/12 e 05/12/12, respectivamente.

Já o jornal *Folha de S. Paulo*, apesar de ser o segundo em tiragem, demonstrou ser o maior em importância e abrangência nacional. Primeiro, pela sua história frente à imprensa brasileira (KRAUSS, 2011). Também pela capacidade de distribuição do jornal impresso e por último, pelos avanços tecnológicos, como acesso de suas páginas via internet, o que colabora tanto para a pesquisa, favorecendo a busca no acervo digital do conteúdo integral das páginas diagramadas, como pelos meios de distribuição da mensagem, o que amplia o universo de perfis dos leitores.

Não se pode deixar de mencionar que, desde uma primeira investigação neste trabalho, a *Folha de S. Paulo* demonstrou possibilitar uma análise mais profunda de outras retratações da mulher, que não aquela que vem sendo chamada de *sedutora*. Assim, optou-se pela *Folha de S. Paulo* por essa demonstrar, durante a seleção das edições, ser um veículo mais abrangente e interessante do ponto de vista das representações da mulher.

Além de ser distribuída em quase todo o país, a *Folha de S. Paulo* preenche a agenda jornalística com assuntos relacionados a diversos temas em quase todos os estados, recebe importante investimento publicitário e tem preço de capa de R\$ 3 (R\$ 5 aos domingos). Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), a tiragem média diária da *Folha* em todo o Brasil em 2011 foi de 286.398 mil exemplares (ANJ, 2011).

Na região metropolitana de São Paulo, a *Folha de S. Paulo* lidera em número de leitores de jornal, segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos Marplan (PORTAL IMPRENSA, 2012). Relativa ao primeiro semestre deste ano, a pesquisa aponta que a *Folha* conta com 1,567 milhão de leitores diários, seguida pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, com 1,277 milhão de leitores, em 13 mercados, sendo: Brasília, regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Vitória, Goiânia e São Paulo e mais o interior de São Paulo (PORTAL IMPRENSA, 2012).

Vale observar que a *Folha* se destina majoritariamente aos públicos consumidores A e B, disputando com outros jornais o público leitor dessas classes (AZEVEDO, 2001), como *O Estado de S. Paulo*. Em São Paulo, a penetração dos jornais é maior no interior (48%) do que na capital (37%). Estima-se que o número de leitores no total supere o da circulação dos veículos, uma vez que o jornal costuma ser compartilhado por diferentes pessoas (PORTAL IMPRENSA, 2012).

O próprio jornal publicou resultados de uma pesquisa realizada durante três meses, com cerca de 400 pesquisadores que foram às ruas entrevistar mais de 7.000 pessoas. O resultado definiu o público da *Folha* nas suas várias plataformas: impressa, on-line, em

vídeo, rádio, tablets e smartphones. Segundo o portal, “todos reunidos, os brasileiros que leem a edição papel formariam a terceira cidade mais populosa do país, atrás apenas de SP e do Rio: são seis milhões os que declaram acompanhar a Folha com alguma regularidade” (Portal da *FOLHA*, 2011). É óbvio que esses dados são o resultado interessante e publicável da pesquisa produzida pela própria *Folha*.

Ainda em relação ao recorte, as pesquisas qualitativas permitem maior liberdade na composição dos casos e/ou unidades a serem escolhidas. Por isso, dentre as fotografias do corpus estudado, foram coletadas as fotografias em que a mulher apareceu como principal elemento na composição fotográfica. Nessas, sua presença altera, ou determina a interpretação iconológica. Assim, não foram coletadas as fotografias em que a mulher aparece à sombra da composição, mas essas foram contabilizadas junto ao montante de fotografias que apresentaram mulheres e podem ser conferidas no Anexo 1 deste trabalho. Essa escolha foi baseada em critérios subjetivos de interpretação do contexto das fotografias.

### 5.2.3. Coleta, análise e interpretação dos dados

Estabelecido o recorte por amostragem aleatória de seis edições do jornal *Folha de S. Paulo* no ano de 2012, em seguida, passou-se a para coleta de dados. A partir da escolha dos exemplares, planejou-se um levantamento, observando a incidência de fotografias de/com mulheres no montante de fotografias publicadas junto aos conteúdos jornalísticos. Portanto, foram coletadas as fotografias em que a mulher apareceu como principal elemento na composição fotográfica (observação iconográfica).

A partir de então seria possível realizar a análise iconológica propriamente, separando apenas aquelas em que o elemento principal de composição da fotografia era a mulher. Em cada edição, foram quantificadas todas as fotografias publicadas com conteúdos jornalísticos. Assim, os primeiros dados demonstram quantas fotografias do universo total de fotografias publicadas relacionadas a assuntos jornalísticos em cada edição têm o elemento mulher em sua composição. Pode-se dizer que as fotografias com mulheres na composição são a minoria no corpus analisado e se concentram principalmente na editoria de cultura, no caderno *Ilustrada*. O resultado em detalhes dessa percepção quantitativa pode ser verificado nos Anexos 1 e 2. Não foram considerados os suplementos do jornal. O caderno esportivo,

apesar de atualmente ter formato de suplemento na *Folha*, é um dos cadernos mais lidos do jornal e, portanto, foi inserido nessa coleta<sup>64</sup>.

Depois dessa delimitação, percebeu-se que as fotografias de mulheres poderiam ser divididas em grupos temáticos, o que permitiria uma análise de conteúdo. Assim seria preciso relacionar as fotografias em grupos temáticos, sendo que estes corresponderiam principalmente aos três grandes estereótipos imagéticos: a mulher política, a madona e a sedutora.

Para análise iconológica, seriam escolhidas (subjetivamente) aquelas que representassem mais os três grandes estereótipos apresentados neste trabalho. Possivelmente, algumas retratações não se encaixam nesses perfis, assim, seria preciso descobrir outros grupos e fotografias não agrupáveis.

A partir da análise, baseada no repertório cultural da autora deste trabalho, confirmou-se que não seria possível delimitar as fotografias encontradas apenas aos três grandes estereótipos, pois, obviamente, há muito mais maneiras de se retratar uma mulher na imprensa. É preciso destacar, também, que esta leitura iconológica não é excludente, ao contrário, pode se mostrar bastante variável, de acordo com o contexto do leitor. No entanto, a presença dos três grandes grupos é marcante. Assim, seguem algumas das interpretações que se pode fazer dessas representações.

#### 5.2.3.1. A política

A mulher política é aquela que toma os espaços públicos, majoritária e historicamente masculinos (PERROT, 2007), e transita por eles com *naturalidade*, apesar da ausência de atributos *naturais* para tanto. A ideia de capacidade ou incapacidade natural é arcaica. Assim, na atualidade, as retratações de mulheres em posições de trabalho, profissões ou cargos políticos que foram ou são ocupadas em maior parte por seus idênticos masculinos ainda provocam sensações de estranhamento. São as cientistas, as atletas, as superiores hierárquicas, as profissionais bem sucedidas, as altas executivas, as líderes, entre outras mulheres. A presidenta Dilma Rousseff é hoje a principal personagem feminina do cenário político nacional e se encaixa neste exemplo.

Apesar de termos, na atualidade, uma mulher como presidente, e a cobertura política nos jornais nacionais ser frequentemente pautada pelos fatos que ocorrem no Palácio

---

<sup>64</sup> Para detalhes sobre os cadernos considerados na coleta e excluídos em cada edição, observar o Anexo 1.

do Planalto, observa-se que as mulheres que figuram nas editorias de política são poucas e quase sempre as mesmas. Isso reflete, se não uma preferência na representação jornalística, a diferença na representatividade feminina nos cargos políticos: “no sistema hierárquico existente na democracia representativa, os lugares estratégicos dos poderes de decisão permanecem nas mãos da elite masculina” (HERATA et al, 2009, p.188). De acordo com o Portal Brasil, a parcela de mulheres nas “esferas do poder” ainda é baixa:

Embora representem 51,7% dos eleitores brasileiros, a participação das mulheres na Câmara dos Deputados é de 9%, número semelhante aos 10% registrados no Senado. São Paulo, a maior cidade do País, possui os mesmos 9% de vereadoras na Câmara Municipal. No Poder Executivo, a situação não é diferente: das 26 capitais, somente duas têm mulheres como prefeitas (PORTAL BRASIL/MULHER).

A baixa participação de mulheres nos espaços políticos tem relação com o limitado acesso feminino à esfera pública, segundo estudo da Secretaria de Políticas para as Mulheres (in PORTAL BRASIL/MULHER). Mas, essa não é a única explicação. Fatores culturais estão entre as causas dessa disparidade: a cultura de divisão sexual do trabalho, o não compartilhamento de tarefas domésticas e familiares e o preconceito de gênero, entre outros fatores.

No campo da produção simbólica, quatro fotografias marcam a notícia negativa sobre anúncio do pacote de medidas para estimular a economia na *Folha de S. Paulo* (04/04/12). O pacote foi “recebido com desconfiança” por empresários, segundo o jornal. De acordo com a *Folha*, técnicos trabalharam até a madrugada para entregar o relatório que seria anunciado na manhã seguinte em cerimônia “com pompa”, levando a presidente a fazer “reparos” minutos antes do anúncio, o que mostraria o despreparo da presidenta e sua equipe. “Visivelmente contrariada”, Dilma teria dado “bronca” no ministro Guido Mantega, afirma a reportagem, que é assinada por três pessoas.

## Ajuda de Dilma à indústria terá pouco efeito imediato

Governo abre mão de um dia de receita para estimular novos investimentos

Lançado com pompa pela presidente Dilma Rousseff, o pacote de medidas para socorrer a indústria e estimular a economia no início do ano terá pouco efeito imediato. O anúncio foi recebido com desconfiança por empresários presentes à cerimônia no Planalto.

A principal medida prevê a injeção de R\$ 45 bilhões no BNDES, principal fonte de crédito no país para investimentos de longo prazo. Também foram incluídas ações já previstas e estimadas para a indústria automobilística que só entrarão em vigor no próximo ano.

Como ação de impacto imediato, Dilma anunciou corte de R\$ 3,1 bilhões em impostos para 15 setores da economia para estimular novos investimentos. A renúncia equivale a apenas um dia da arrecadação do governo nos primeiros dois meses do ano.

Técnicos do governo trabalharam até a madrugada finalizando as medidas que seriam anunciadas. A presidente fez vários reparos a poucas horas do início da cerimônia e, no evento, visivelmente contrariada, deu bronca no ministro Guido Mantega. **Poder 36 e A8**



**Figura 14:** Detalhe da capa da *Folha de S. Paulo*, (FSP, 04/04/12, p. A1/CAPA).

Divididas entre a capa e a página A7 (três imagens), Dilma tem a expressão séria em todas as imagens. A fotografia da capa (fig. 14) mostra, nesta leitura, a presidenta olhando por cima, com uma inclinação de cabeça, torcendo a mão em sinal de questionamento, seguida da legenda: “Acompanhado de Marco Maia (centro), Dilma se mostra contrariada com o ministro Mantega durante cerimônia de anúncio do pacto de ajuda à indústria”.

Na página A7, o pacote é chamado de “improvisado” pelo jornal na manchete. A sequência de fotos tem o título de Bronca, seguida dos subtítulos Papel, reclamação e saída sob cada uma das três fotos (fig. 15). As legendas das fotos são as seguintes: 1) Após discursar, Mantega mostra dados sobre a desoneração da indústria para a presidenta; 2) Dilma reclama dos números apresentados pelo ministro da Fazenda e devolve o papel; 3) O ministro da Fazenda deixa o palco para conversar com seus assessores, mas depois volta (FSP, 04/04/12, p. A7).

Tanto as fotografias, como as legendas e subtítulos postos em sequência reforçam uma narrativa do suposto descontentamento da presidenta em relação ao desempenho do ministro da Fazenda. Em nenhum momento os repórteres apresentam testemunhos do desentendimento dos políticos, ou sobre o imprevisto na aprovação do pacote.

Todas as afirmações são colocadas nas vozes de “assessores”, minimizando o caráter opinativo dos repórteres no texto. Dilma é a superiora que recebeu a informação “improvisada”, de última hora, resultando em um pacote pouco efetivo para os empresários (leitores do jornal), segundo o texto. A reportagem é pouco esclarecedora quanto às fontes ouvidas, no entanto as fotografias selecionadas podem dar a entender que houve realmente um grave desentendimento e que a presidenta e sua equipe não estariam preparados para anunciar o pacote. É uma clara tentativa de diminuir a capacidade técnica de Dilma e seus “assessores”. O potencial de liderança econômica da presidenta é questionado também em outros



QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2012 ★ ★ ★ poder A7

## Pacote improvisado provoca críticas de setores do governo

Segundo assessores, medidas importantes acabaram sem destaque por terem sido incluídas de última hora

**Palácio do Planalto queria dar 'volume' à cerimônia e incluiu até programa para o tratamento de câncer**

VALDO CRUZ  
NATUZA NERY  
MÁRCIO FALCÃO  
DE BRASÍLIA

Técnicos do governo federal trabalharam até a madrugada de ontem finalizando algumas das medidas do pacote, como o novo regime para o setor automotivo.

Como de costume, a presidente Dilma Rousseff fez vários reparos a poucas horas do evento no Palácio do Planalto e, num sinal da correria, acabou assinando apenas a metade dos decretos previstos dentro do pacote. Motivo: não houve tempo de incluir o restante no roteiro da solenidade realizada ontem.

Dilma estava contrariada durante o evento, tendo distribuído broncas ao cerimonial e até ao ministro Guido Mantega (Fazenda).

Em um determinado momento, ela discutiu com ele sobre números de desoneração numa folha de papel.

Até o longo arquivo eletrônico de Power Point com as

medidas, divulgado pela Fazenda, tinha erros: o secretário-executivo Nelson Barbosa teve de corrigir o valor de desonerações deste ano de R\$ 4,9 bilhões para R\$ 3,1 bilhões.

Auxiliares da presidente, ao fim do evento, usavam uma metáfora de mecânica para resumir a correria: a tentativa de consertar um carro em movimento.

### AMONTOADO DE MEDIDAS

O plano do governo de transformar o lançamento do pacote de medidas econômicas em um evento de grande impacto acabou se revelando um erro de estratégia de marketing, na avaliação de assessores da própria presidente.

A análise foi feita reservadamente durante a solenidade de ontem no Palácio do Planalto, que reuniu mais de 400 pessoas e durou mais de duas horas.

De acordo com esses assessores, o evento poderia ter sido desmembrado em pelo menos três grandes cerimônias e ganhar, com isso, maior destaque na mídia.

Da forma como foi feito o anúncio de ontem, o pacote virou um amontoado de 21 medidas novas, velhas e de antigas promessas—incluindo até Programa Nacional de Assistência Oncológica.

A presença do programa foi a que causou maior surpresa na equipe de Dilma, que contava com seu anúncio em outra data, de preferência com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — aproveitando o sucesso de seu tratamento contra um câncer na laringe.

### “FAZER VOLUME”

Só que, de acordo com um auxiliar, o Palácio do Planalto queria “fazer volume” no lançamento de ontem.

O governo chegou a ser aconselhado, por exemplo, a anunciar em algum outro dia todas as medidas destinadas a aumentar as exportações para dar mais repercussão às novas ações de desoneração de impostos e de estímulo do investimento.

Para esses assessores, também perderam impacto medidas relacionadas ao Plano Nacional de Banda Larga e ao Programa um Computador por Aluno, projetos considerados prioritários pela própria presidente.

Pouca gente entendeu também o motivo de constar entre as medidas do pacote a famosa “guerra dos portos” — além de uma ameaça velada ao mercado de baixar novas medidas cambiais para conter a valorização do real.

Figura 15: Fotografias e texto em sequência publicados na página A7 da *Folha de S. Paulo* em 04/04/12.

momentos, como na matéria de 04/05/2012.

A capa da editoria *Poder* (fig. 16), no primeiro caderno da mesma data, apresenta uma foto da presidenta Dilma no Planalto com as mãos unidas sobre a mesa e lábios bem cerrados. Abaixo segue a manchete: *Governo mexe em regras e diminui ganho da poupança* (FSP, 04/05/12, p. A4).

O texto que segue é uma análise sobre as mudanças tomadas. Na página A6, a manchete *Dilma diz a aliados que país precisa de 'medida ousada' para voltar a crescer* é seguida da linha fina: *Presidente afirma que não teme perder popularidade e que há 'coisas que precisam ser feitas'* (FSP, 04/05/12, p. A6, fig. 17). Dilma é apresentada entre Michel Temer e Guido Mantega, bem centralizada, com o braço esquerdo apoiado na mesa, sobrancelhas arqueadas, sorriso entreaberto. Nesta leitura, Dilma parece querer rir, mas não consegue. Atitude típica de quem esnoba, age com ironia ou tem ar de superioridade. A presidenta foi "elogiada pelos empresários por adotar uma medida polêmica", segundo a *Folha*. "Não estou aqui para vender facilidades. Esse é um passo que precisa ser dado", foi o que afirmou a presidente, segundo o jornal.

**FOLHA DE S. PAULO**  
SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2012, A4

**poder**

**ECONOMIA**  
Produção industrial tem início de ano fraco e recua 3%  
Pág. A8

**CACHOEIRAGATE**  
Senador pede processo contra Demóstenes no conselho  
Pág. A9

**PAINEL**  
VERA MAGALHÃES

**Festa no interior**  
A estratégia de defesa da Delta na CPI será jogar toda a responsabilidade pela relação com o grupo de Carlinhos Cachoeira nas costas do ex-diretor preso Cláudio Abreu e isentar o dono, Fernando Cavendish.  
A empreiteira vai usar a conclusão da própria Polícia Federal —de que Abreu era "sócio oculto" de Cachoeira— para sustentar que o ex-diretor no Centro-Oeste estava lesando a Delta em benefício próprio. A triangulação com empresas do grupo do acusado de contração será usada como prova de que Abreu praticava sonegação fiscal. Depois de uma auditoria em curso na empresa, a Delta pode até processar seu ex-diretor.

**Seletivo** A Procuradoria-Geral da República afirma que Roberto Gurgel só recebeu o material referente a pessoas com foro privilegiado e que a Integra da Operação Monte Carlo permanece na 1ª Vara Federal de Goiânia. Ali estavam as conexões entre a Delta e Cachoeira.

**Consulta** O novo ministro do Trabalho, Brizola Neto, reuniu-se na véspera da posse com o ex-ministro José Dirceu para tratar de alianças municipais. Dirceu quer apoio do PDT a Marcio Pomchmann (PT) em Campinas.

**Freio** Parte do governo e do Congresso ficaram alarmados com as críticas de Dilma Rousseff ao setor financeiro. Argumentam que, com popularidade alta, a presidente não precisa comprar briga com bancos em ano eleitoral, e atribuem ao mar-

**COMO FICA A POUPANÇA**  
se o presidente do BC, Alexandre Tombini.

**Visualizador**

**Dilma Rousseff no Planalto, durante reunião com empresários**

**Governo mexe em regras e diminui ganho da poupança**

Medida tem o objetivo de permitir a redução da taxa de juros da economia

Alteração, que vale para novos depósitos

Figura 16: Fotografia e texto publicados na página A4 da *Folha de S. Paulo* em 04/05/12.

## Dilma diz a aliados que país precisa de 'medida ousada' para voltar a crescer

Presidente afirma que não teme perder popularidade e que há 'coisas que precisam ser feitas'

**Líder do governo na Câmara fala que a MP ainda precisa ser aprovada, mas ninguém manifestou resistência**

DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff disse a sindicalistas, empresários e líderes aliados, em três reuniões distintas no Palácio do Planalto, que a mudança no rendimento da poupança é uma "medida ousada", mas que tinha de ser "enfrentada" para permitir a queda dos juros no país.

Segundo os participantes, Dilma disse não temer perder popularidade e foi elogiada pelos empresários por adotar uma medida polêmica. "São coisas que precisam ser feitas e serão feitas, fomos eleitos para isso", afirmou no encontro com os empresários, o último dos três que teve para pedir apoio à medida.

A primeira reunião foi com o Conselho Político, que reúne líderes dos partidos aliados. Nela, parlamentares lembraram a tentativa frustrada do ex-presidente Lula de mudar a poupança. Bem-humorada a reunião encerrou-se.

dos juros, a valorização cambial e a carga tributária do país: "Não estou aqui para vender facilidades. Esse é um passo que tem que ser dado". O último encontro reuniu 26 empresários. Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade diz que todos elogiaram a medida, incluindo os banqueiros presentes: Pedro Moreira Sales (Itaú-Unibanco), Luiz Carlos Trabuco (Bradesco) e André Esteves (BTG Pactual).

O presidente do Bradesco, Luiz Trabuco, disse que "foi uma mudança boa para todos, importante, pois preservava os saldos existentes, mantendo as regras de liquidez e isenção tributária, preservando a grande credibilidade deste instrumento, um dos mais populares do país. A mudança foi boa, pois permitiu espaço para a continuidade da queda dos juros".

Robson Andrade disse que a busca por juros menores não poderá ser feita só por bancos oficiais e afirmou que os demais estão reagindo por conta da concorrência. "Se você não tem concorrência, não tem necessidade de buscar maior eficiência. A medida que bancos tenham concorrência, isso faz com que



Michel Temer, Dilma Rousseff e Guido Mantega durante a reunião com Conselho Político

### Mudança pode alterar crédito imobiliário

DE BRASÍLIA

A decisão do governo de mudar a regra de remuneração da poupança quando a taxa Selic chegar a 8,5% poderá aumentar o ganho dos bancos no financiamento

mesmo preço dos mutuários.

Hoje a poupança é a principal fonte de recursos na área de habitação, e 65% do saldo das cadernetas tem que ser obrigatoriamente direcionado para o setor.

as operações feitas pelas regras do SFH (Sistema Financeiro de Habitação).

A diferença serve para cobrir os custos do financiamento e o lucro do banco. Se a taxa de captação cai e a de aplicação não, a remuneração

#### TIRE SUAS DÚVIDAS Sobre as novas regras

- 1 A mudança vale para todos os poupadores?**  
Não. As novas regras serão aplicadas aos depósitos feitos a partir de hoje. Os depósitos feitos até ontem continuam a ser corrigidos pelas regras antigas.
- 2 O que acontece com quem já tem caderneta?**  
Os bancos terão que apresentar extratos discriminando os depósitos antigos e os novos, e os índices de correção aplicados a cada um.
- 3 E se o poupador precisar sacar seu dinheiro?**  
Saques deverão ser debitados prioritariamente dos depósitos mais recentes, que renderão menos se as taxas de juros caírem.
- 4 Vale a pena continuar investindo na poupança?**  
As cadernetas continuam sendo uma aplicação segura, livre de imposto de renda e das taxas de administração cobradas em outras aplicações.
- 5 Mas o rendimento não vai diminuir?**  
Com a queda dos juros, o rendimento das cadernetas será menor do que o atualizado atual.



Figura 17: Detalhe da página A6 da Folha de S. Paulo (FSP, 04/05/12, p. A6).

Atitude aprovada pelos empresários (leitores) da matéria, Dilma tem neste ato atributos necessários ao líder: decisão e pulso forte. Em conjunto, essas fotografias reforçam a ideia de que a mulher política de maior importância no país na atualidade age quando precisa e não pode ser contrariada. Ao mesmo tempo, é *corajosa*, como deve ser um "homem", atributo considerado daquele que vive o mundo público, que não está submetido à exclusividade da vida privada. Dilma, portanto, não teme perder "popularidade". Ela incorpora o "mito da virilidade" (LAUWE, 1967), ou recebe da mídia, e supostamente dos empresários, legitimação, autorização para governar, dadas as demonstrações de capacidade.

Lauwe observa as censuras e qualidades que as mulheres que trabalham fora de casa recebem. Ele se refere aos julgamentos que "correspondem, em parte, a estereótipos (...). É interessante sublinhar por que eles traçam um modelo da mulher no trabalho em nossa sociedade" (1967, p.44). São restrições e aptidões que foram atribuídas às mulheres, em razão de sua posição social. "Paralelamente a essas censuras, reconhecem-se na mulher capacidades particulares para o exercício de certas profissões" (LAUWE, 1967, p.45). É importante destacar que apenas a partir participação na produção material com a sua força de trabalho que a mulher teve o direito de tentar ser igual ao homem. Na perspectiva liberal, as atividades domésticas não interferem na construção da cidadania e algumas profissões seguem consideradas femininas e assessorias, como as secretárias, domésticas, professoras, enfermeiras (fig. 18), garçonete, entre muitas outras.

Aqui, outra comparação que se pode fazer com os líderes políticos é seu lado heroico. A figura arquetípica do herói se compromete a desenvolver um feito que mudará o aspecto da narrativa. Para Jung “o mito universal do herói, por exemplo, refere-se sempre a um homem, ou a um homem-deus poderoso e possante que vence o mal” (1998, p.79). O mito, como o do herói, exerce fascínio: reside aí a força do arquétipo, cuja energia pode ser concentrada em ritos e outros apelos à emoção (JUNG, 1998). Por ser mulher, porém, Dilma não possui *características naturais* para o ato heroico, de acordo com a ideologia dominante.

A introjeção de atributos naturais femininos e masculinos é muito difundida e profunda, além de refletida nos mitos. Jung determinou o elemento feminino da psique masculina como *Anima* e o masculino na psique feminina como *Animus*. Este é a *masculinidade* encoberta na mulher, segundo Jung (1998). Assim, ao assumir sua porção *Animus*, Dilma passa a declarar, com voz convicta e forte, sua capacidade de assumir a posição política de origem masculina. Ao assumir-se forte, ela prova que tem o direito de



**Figura 18:** Detalhe da página A13, publicada na *Folha de S. Paulo* em 04/04/12.



**Figura 19:** Detalhe da página A9, publicada na *Folha de S. Paulo* em 31/05/12.



Figura 20: Detalhe da página A14, publicada na *Folha de S. Paulo* em 18/12/12.

ocupar o lugar, *masculino* de origem.

Outro símbolo arquetípico interessante observado no *corpus* é a união dos elementos masculino e feminino. Duas das imagens da mulher política Dilma ilustram matérias sobre o ex-presidente Lula. Nelas, Dilma é sempre a *companheira de Lula* (figs. 19 e 20).

O casamento religioso arquetípico é a união dos opostos, dos princípios masculino e feminino (JUNG, 1998). Imbuída de companheirismo, Dilma é quem pode proteger seu *esposo* de rivais. A fotografia publicada em 31/05/12 traz a manchete: “Lula diz que tem que se precaver contra rivais” (FSP, 31/05/12, p.A9).

A linha fina: “Em meio a uma polêmica com Gilmar Mendes, petista afirma que precisa ‘tomar cuidado’ com quem não gosta dele” (FSP, 31/05/12, p.A9) e da legenda “Após almoçarem juntos, o ex-presidente e a presidente Dilma Rousseff deixam o Palácio da Alvorada em Brasília” reforçam a construção do imaginário em torno da relação complementar dos dois líderes. Dilma não é apenas a predecessora de Lula. É também seguidora, a mulher que chegou à residência oficial do presidente da República Federativa do Brasil por meio dele. O jogo de palavras, expresso nos elementos da reportagem, remetem ao

eleições 2012

## Lula vai à TV em 3 capitais pedir votos para petistas

Em vinheta da campanha de Fernando Haddad, em SP, candidato sequer fala

**Ex-presidente também serve de cabo eleitoral para Patrus Ananias, em BH, e Humberto Costa, em Recife**

DE SÃO PAULO  
E DE BELO HORIZONTE  
E DE RECIFE

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi fartamente usado como cabo eleitoral de candidatos petistas a prefeito nas inscrições comerciais que começaram a ser veiculadas ontem no rádio e na TV.

Os programas propriamente ditos vão ao ar a partir de hoje —ontem, a faixa de 30 minutos foi dedicada ao presidente.

Em uma inserção da campanha de Fernando Haddad (PT), em São Paulo, Lula recorda que, em 2010, pediu votos para Dilma, então desconhecida por boa parte do eleitorado. “Com a mesma convicção”, recomenda o candidato de agora, “o melhor ministro da Educação da história”, Haddad só surge no fim, abraçado a Lula (e mudas).

“É importante olhar todo o programa eleitoral, não apenas uma inserção de 30 segundos [...] Julgue pelo todo, não pela parte”, disse o petista, ao ser questionado ontem pela reportagem sobre a possibilidade de o comercial reforçar a ideia de que sua candidatura depende de Lula.

A ligação com Lula e Dilma volta a ser enfatizada em uma vinheta “solo” do candidato, em que ele sublinha a importância de “propor coisas novas e ousadas”.

O candidato a vereador na capital paulista Orlando Silva (PC do B), ex-ministro do Esporte, é outro que pega carona na popularidade do ex-presidente. “São Paulo pode ter dois ministros de Lula cuidando da cidade”, diz a narração que acompanha imagens de Silva com Haddad.

Em Belo Horizonte, Lula recebeu abraços para mais um de seus ex-ministros, Patrus Ananias (PT), que busca voltar à prefeitura.

Em um comercial, o titular do Desenvolvimento Social e Combate à Fome entre 2004 e 2010 é apresentado pelo ex-

presidente como homem moderno, que “pensa à frente de seu tempo”.

Em Manaus, a candidata Vanessa Grazziotin (PC do B), apoiada pelo PT, usou fotos de Lula e Dilma. Arrematou com um “adivinha quem os dois estão apoiando?”

A presidente também foi citada em inserção do candidato do PSB à Prefeitura de Recife, Geraldo Julio, como apoiadora de uma eventual gestão dele. Nessa disputa, o PT tem Humberto Costa, que convocou Lula para sua estreia. O ex-presidente disse “estar bom outra vez” e prometeu fazer campanha na cidade em setembro.

**SERRA JOVIAL**

Em São Paulo, José Serra (PSDB) “respondeu” à imagem de renovação vendida por Haddad com o slogan “ideias novas, coragem e compromisso”. Seu jingle é uma versão de “Eu Quero Tchu, Eu Quero Tchu”, e pululam ícones de “curtir” do Facebook em uma inserção.

Celso Russomanno (PRB) mostrou números de pesqui-

sa do Ibope que o coloca, ao lado de Serra, na liderança das intenções de voto.

Ele e a candidata Soninha Francklin (PPS) vieram a Lei Eleitoral ao veicular gravações externas (fora de estúdio), o que é proibido pelo artigo 51 da norma. As campanhas reconheceram a infração e afirmaram que irão substituir as peças.

Na propaganda de Russomanno, o candidato surge em caminhada de campanha e em uma feira. Soninha pedala uma bicicleta pelas ruas.

Há também um terceiro comercial de Haddad, com cenas do encontro municipal do PT, em centro de convenções na zona norte. Questionada, a campanha diz se tratar de gravações internas. Especialistas ouvidos pela *Folha* não viram infração.

Por fim, Gabriel Chalita (PMDB) optou pela linha “uma no cravo, outra na feradura”. Em uma inserção, crítico, diz que “a Prefeitura de São Paulo foi dominada pela disputa entre PT e PSDB”. Em outra, conciliador, afirma ser amigo de Alcânin e Dilma.



**Chalita - Amizades nos dois polos**  
Diz que prefeitura é dominada há 12 anos por disputa entre PT e PSDB. Em outro vídeo, afirma ser amigo de Alcânin e de Dilma, e é vendido como “o cara para unir São Paulo”



**Paulinho - Foco em saúde e transporte**  
Promete “choque de gestão” na saúde e foco no atendimento igualitário para ricos e pobres. Também emba os gargalos do transporte público, como a espera e a superlotação



**Soninha - Reciclando slogan de quatro anos atrás**  
Aparece andando de bicicleta, declarando seu amor à cidade (e a irritação com os seus defeitos). Reapresenta o mote que usou nas eleições de 2008: “Quem disse que não tem jeito”



**Figura 21:** Detalhe da página A10, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.

ambiente doméstico familiar e a naturalidade com que circulam juntos pela *varanda*<sup>65</sup> do Palácio, ela conduzindo-o pelo braço, fortalecem ainda mais essa figura dependente.

Já na fotografia publicada em 18/12/12 (fig. 20), Dilma é revelada numa postura ainda menos autônoma. A imagem se refere à declaração de Lula, em 2006, sobre a autossuficiência em petróleo. Mas a imagem é a “então ministra Dilma” (FSP, 18/12/12, p.A14) servindo de apoio ou pano de limpeza para as *mãos sujas* de Lula. Sua expressão não é mais emancipadora que a postura do presidente. Ao fundo, o Ministro de Minas e Energia Edison Lobão, entre outros, olhando atentos e risonhos para o ato de Lula.

Essa representação se repete na montagem de fotografias retiradas de um jornal (FSP, 22/08/12, p.A10), em que o candidato a prefeito de Osasco, João Paulo Cunha, declarou ter recebido apoio de Dilma Rouseff. A montagem recria a narrativa de apoios consecutivos entre os petistas (fig. 21).

<sup>65</sup> Na fachada, vista de longe, as colunas dão a impressão de serem redes em uma varanda (Portal Brasil/Guia Turístico de Brasília).



**Figura 22:** Detalhe da página A10, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.

Situação semelhante é observada com outra figura política feminina. O jornal acusa a candidata à vereadora de São Paulo, Soninha Francine, de violar a lei eleitoral ao veicular gravações externas em sua campanha televisiva (figs. 21 e 23). A fotografia no jornal é bem interessante, pois leva algum tempo para se compreender o que a jovem moça, andando de bicicleta, está fazendo no cenário político de São Paulo, junto aos demais candidatos (homens). Ela é, na verdade, elevada à condição de invisibilidade, a partir do recorte da fotografia de seu contexto original (fig. 22).

Na leitura do texto, é possível perceber que a reportagem, que é sobre os apoios a campanhas de petistas, se desloca para o erro de campanha da candidata Soninha, mas é o estranhamento que a fotografia provoca o maior indício de estereótipo neste contexto. Afinal, o que no vídeo original da campanha pretendeu ser o

livre passeio de Soninha, na *Folha* produz sentido de desleixo, despreocupação, portanto, mais uma vez, incapacidade para o cargo pretendido.



**Figura 23:** Soninha em detalhe da página A10, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.



**Figura 24:** Detalhe da página C10, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.

A identidade complementar marca a mulher desde a gênese da humanidade. O modelo mitológico de Eva foi construído pelo judaísmo e se ancora na submissão e dependência do elemento masculino pela mulher pecadora (PIRES, 2008). No senso comum, a mulher é considerada o *oposto* do homem. “Ela é passiva e ele, ativo” (PERROT, 2007, p.22). Na sociedade patriarcal, a mulher não pertence naturalmente ao âmbito público, ou ao povo e dele emana. Não desenvolvendo características que permitam uma participação mais efetiva no universo público, a mulher não pode desenvolver sua cidadania plena (SARRACENO, 1995).

A noção de cidadania envolve três sentidos: um conjunto de direitos e deveres; uma identidade em comunidade e práticas exercidas pela representação (representatividade) e pela participação políticas (HIRATA et al, 2009).

Por último, nesta análise iconológica, seria preciso destacar o perfil de uma mulher pública, presente neste *corpus*, mas que poderia circular entre imagens de outro estereótipo no jornalismo brasileiro: o da sedutora. Trata-se da confusão que se faz entre a mulher política e a publicidade seu corpo e beleza. Denise Rocha (fig. 24), ex-assessora parlamentar, figura na página do caderno *Cotidiano*, em pauta sobre política. A notícia, no entanto, é que a moça confirmou ensaio (fotográfico) para a revista de nu feminino *Playboy*.

A união entre publicidade jornalística e aspiração ao mundo dos olímpicos (MORIN, 1980) é uma constante na cultura de massas. Jovens e belas mulheres, ao se depararem com o assédio da mídia podem, em escândalos políticos, como foi o Mensalão, tirar proveito econômico de sua posição e negociar sua exposição corporal.

Na contramão dessa postura estão as feministas que participam das marchas em todo o mundo. Como ícone, tem-se o grupo sexo-extremista *Femen*, que luta contra a indústria sexual, a igreja e outras formas *medievais de escravidão das mulheres*<sup>66</sup>, protestando contra a exploração a partir de uma intervenção em especial: os seios à mostra. Originário na Ucrânia, o grupo vem influenciando mulheres em todo o mundo, desde 2008. Paradoxalmente, suas integrantes são geralmente mulheres jovens, brancas, magras e com mamas firmes, corpo de alto valor agregado na cultura da visibilidade. A atitude do *Femen* chegou ao Brasil e se mostrou, de maneira mais abrangente, na *Marcha das Vadias*, como ficou conhecido o evento que reúne movimentos feministas em várias cidades e países.



Figura 25: Detalhe da página C11, publicada na *Folha de S. Paulo* em 31/05/12.

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2012 ★ ★ ★ poder A13

## PF investiga relato de ex-agente da ditadura

Ex-delegado afirma ter participado da incineração de 11 presos políticos

**Guerra já prestou depoimento, cujo teor sigiloso foi informado à presidente Dilma e ao ministro da Justiça**

BERNARDO MELLO FRANCO DE SÃO PAULO  
LUCAS FERRAZ DE BRASÍLIA

A Prolifera Federal abriu in-

poimento com outras provas. O coronel reformado Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-comandante do DOI-Codi apontado no livro como co-autor de assassinatos, disse não conhecer Guerra e ameaçou processá-lo. "Não temos idela de quem é este cidadão. Ou é louco ou foi comprado.", disse a mulher dele, Joseita. Outros militares também questionaram o ex-delegado.

"Não conheço e nunca vi esse sujeito, vou processá-lo. É um louco, condenado por vários crimes", disse o coronel Juarez de Deus Gomes da Silva, que segundo Guerra participou de reunião em que se decidiu a morte do delegado Sérgio Fleury, um dos principais nomes da repressão. Guerra cumpriu pena pela morte de um bicheiro e é acusado de matar a ex-mulher e a cunhada, crimes que ele nega. Filho de Sérgio Fleury, Paulo Fleury disse que a história da morte do pai (segundo o livro, morto com uma pedrada na cabeça) é "completamente fantástica". Fleury morreu em 1979, em Ilhabela, ao cair entre duas lanchas. "Minha mãe estava a meio metro, o acompanhou toda a noite. Nossa família já está vacinada com tantas fantasias."

**DITADURA** O grupo Levante Popular da Juventude faz 'Ato pela Memória, Verdade e Justiça' em frente ao antigo DOI-Codi de SP, local de tortura de opositores do regime

Nunca Mais! MORTOS E DESA PARCEIROS

Nunca Mais! MORTOS E DESA PARCEIROS

Visualizador

Figura 26: Detalhe da página A13, publicada na *Folha de S. Paulo* em 04/05/12.

<sup>66</sup> In [www.femen.org](http://www.femen.org)

Os seios à mostra e as inscrições na pele nua (fig. 25) são formas de protesto bastante comuns hoje. A confusão encontrada nos jornais, e por que não dizer até nos movimentos feministas, é a de propagação de uma imagem corporal para fazer frente à apropriação corporal e sexual, visual e carnal. Estranho paradoxo, resultante em polêmicas, todavia. A liberdade da expressão corporal é uma conquista, ao passo que o corpo descoberto ilustra páginas de jornais (sites, revistas, programas televisivos), que lucram com a exploração da imagem sexual da mulher. Outro fato curioso é a rotulação que emprestam às feministas: vadias, baderneiras e rebeldes sem causa, fato que precisa ser refletido, como no caso de Bruna Themis, paulistana que costumava participar de manifestações do *Femen* no Brasil. Segundo entrevista ao portal *Opera Mundi*, a ex-integrante feminista decidiu se desligar por questionar os interesses e as propostas do grupo: a "matriz" ucraniana criticou as brasileiras, "porque colocamos meninas gordinhas nos protestos". De acordo com ela, o Femen "quer somente meninas que se enquadrem no padrão de beleza delas" nos protestos (OPERA MUNDI, 18/09/2012).

Outras formas de protesto, como o do *Levante Popular*, acompanhado pela *Folha* (FSP, 04/05/12, p.A13), trazem a mulher como figura da revolta (fig. 26). Por causa presença importante na Revolução Francesa (1789) e das ações do movimento feminista na Europa e nos Estados Unidos, resistência e transgressão são marcas das mulheres nas manifestações. De diferentes maneiras, os grupos sexo-extremistas, e as manifestantes com os tradicionais cartazes, não são o motivo para discussões políticas importantes nos grandes jornais. Quando aparecem, tem seu peso político deslegitimado por se tratarem de atos simbólicos, muitas vezes sem sucesso ou resultados materiais diretos.

Grande parte das fotografias selecionadas para o grupo das mulheres políticas (Anexo 2) demonstra a minoritária participação das mulheres na política e nas páginas dos jornais. Expressam também a transformação em estereótipo de uma importante figura para os processos de empoderamento da mulher: a presidenta Dilma. Repete esse movimento com outras mulheres públicas. Contudo, vale ressaltar que a ridicularização de figuras políticas é verificável também entre os homens, uma estratégia de desestabilização de opositores.

Apesar dos avanços, em termos de participação política, e também de colocarmos em questão os modelos democráticos, em termos de experimentação política plena, percebe-se que são menos incidentes as representações fotojornalísticas da mulher no contexto político. Isso reflete, claro, a presença de estruturas arcaicas e de uma ideologia

dominante na produção de conteúdos simbólicos, mas é fruto, principalmente, da diferença na representatividade feminina em atividades políticas.

#### 5.2.3.2. A madona

O jornalismo, inserido na indústria cultural, reforça narrativas míticas, que apresentam padrões recorrentes. Uma importante representação arquetípica encontrada na imprensa é a *Grande Mãe*. Ao construir uma filosofia do imaginário, Durand (1997) define a figura materna como uma estrutura mística/antifrásica. Para Eliade (1991) a terra é vista como Mãe, protetora, lembrando as características da intimidade e do aconchego, presentes na estrutura mística desse regime. Segundo Jung, existem quatro estágios de desenvolvimento da *Anima*, e o terceiro estágio pode ser “personificado pela Virgem Maria” (1998, p.185).

A maternidade compreende três exercícios diferentes, mas complementares: uma especificidade biológica feminina, bastante valorizada pelo “poder de dar a vida”; uma função social, de importância inquestionável, “em nome da qual reivindicar direitos políticos” ou direitos sociais; e uma das “fontes de opressão” e dominação das mulheres (HIRATA et al, 2009, p.133). Ter ou não filhos, é antes de tudo, um direito de escolha, embora muitas vezes não respeitado pela mulher. Como receptáculo gerador, a mulher tem uma posição que compreende a dicotomia da elevação e da submissão. Das condições permanentemente biologizantes, a maternidade parece ser a contradição irreparável do universo feminino.

O regime da maternidade e o sentido social da procriação se alteram em cada sociedade, de acordo com as guerras, as reservas econômicas, a intervenção religiosa, estatais, as evoluções científicas, entre outras interferências. A ideia de mãe é uma das mais genéricas (do gênero humano), que também pode transmitir a mais universal sensação de pertencimento.

A maternidade não se manifesta unicamente nos processos naturais, como a fertilidade, a gravidez, o aleitamento, a elevação das crianças, mas ocorre também como uma construção cultural erguida por muitas sociedades de diferentes métodos (MOORE, 1996). “Na sociedade ocidental, as categorias mulher e mãe se sobrepõe em pontos fundamentais e bem diferentes” (MOORE, 1996, p.40). Há diversas sociedades em que o homem tem papel central na reprodução humana, mas no imaginário social ocidental, a mulher ocupa a centralidade da geração da vida. É a ela que se dirigem os cuidados na gestação de um bebê e é o seu corpo que o alimenta e o protege.

Nesta análise, apenas cinco imagens corresponderam à categoria da Madona (anexo 2) em dois imaginários distintos. O primeiro é o da mãe que sofre as dores de seu filho, a *pietà*. Do italiano, *pietà* quer dizer piedade. Bastante recorrente, expressa-se como um tema da arte cristã em que é representada a Virgem Maria com o corpo morto de Jesus nos braços, após a crucificação. O sofrimento de uma mãe marcou a tradição cristã e foi eternizado em imagens. A mãe de Deus, a Madona, presente em toda a arte pictórica e religiosa, é uma figura arquetípica e suas variações podem ser encontradas na cultura de massas. Duas fotografias do *corpus* analisado expressam esse simbolismo.

Retomando a análise, observa-se uma fixação de características, retratos circulares de uma ideia duradoura: da grande mãe em agonia. Na fotografia publicada na capa da *Folha de S. Paulo* em 18 de dezembro (FSP, 18/12/12, A1) uma mulher se abaixa para depositar a foto de um garoto que se supõe morto, no memorial da cidade de Newtown, Estados Unidos (fig. 26). A dor da mãe só é visível, porque é possível imaginar seu filho. Os indícios da morte de crianças, ainda que não exibidos seus corpos, estão subentendidos, presentes, se não nos bichos de pelúcia e fotos espalhados pelo chão, precisamente na imagem da mulher que deposita a fotografia de um menino. A fotografia é a sua dor (fig. 27).



**Figura 27:** Fotolegenda - Mulher coloca foto de um garoto em memorial da cidade de Newtown, no estado de Connecticut, nos EUA; ontem, sob chuva fina, ocorreram as primeiras cerimônias de enterro das vítimas do massacre da última sexta Mundo. Detalhe da capa, publicada na *Folha de S. Paulo* (FSP, 18/12/12, A1).

Alguns atributos circundam o imaginário sobre a mãe. A *mater dolorosa* e seus atributos de imagem primordial mais recorrentes: a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, aquele que irá suprir as necessidades de crescimento e alimentação (JUNG, 2003 apud KRAUSS, 2011). Para Durand, a mãe é refúgio, proteção, seio maternal de pertencimento (1997).

Além disso, o mito do matriarcado leva as mulheres a um lugar no imaginário que dá a elas a condição soberana, daquelas que possuíam “animais, trombetas e máscaras sagradas” (BAMBERGER, 1975). Mas em dado momento, os homens teriam descoberto “a verdadeira fonte do poder secreto feminino” e através das lutas e armas, baniram as mulheres, retomando o poder (BAMBERGER, 1975). Os símbolos do poder, expressos nas máscaras, armas e violência, revelam um importante mito arcaico no imaginário sobre as mulheres. Do poder que tinham na sociedade matriarcal e perderam. Retratadas como perdedoras, as mulheres mantiveram o privilégio natural de conceber a vida. “O mito do matriarcado é apenas a ferramenta usada para conservar a mulher ligada à sua situação. Para libertá-la necessitamos destruir o mito” (BAMBERGER, 1975, p.252).

Os critérios de noticiabilidade jornalística (MARCONDES FILHO, 1986), associados às estruturas arcaicas das imagens, permitem perceber que este padrão é recorrente nas fotografias, atrelado à estética do sofrimento, do horror. “Pode-se também relacionar o uso constante de famílias, mães sofredoras e crianças vulneráveis à automática relação com o repertório de narrativas de guerra e conflito e também ao arcaísmo de figuras arquetípicas usadas tanto para figurar como para compreender uma imagem ou texto (KRAUSS, 2011, p.77).

Mas a ideia de mãe requer a manifestação de um filho, ou sua ausência. Assim, quando o leitor se depara com a fotografia do conflito, das guerras, do desastre natural, da epidemia e outras dores, composta essencialmente pela mãe e seu filho, tem-se um quadro completo da figura materna e seu amor maternal, o que possibilita ao leitor, em geral, uma identificação imediata.

# ONU vê novos sinais de execução na Síria

Descoberta de corpos de 13 opositores com as mãos amarradas para trás aumenta a pressão sobre regime de Assad

**Governos de Rússia e China defendem Assad e reiteram opor-se a ação armada; Turquia e Japão expulsam embaixadores**

MARCELO NINHO  
DE JERUSALÉM

Menos de uma semana após a chacina de 108 pessoas na cidade de Houla, observadores da ONU descobriram ontem sinais de execução de 13 opositores do governo sírio, aumentando ainda mais a pressão sobre o regime do ditador Bashar Assad.

O general norueguês Robert Mood, que chefiava a missão da ONU, disse ter ficado "profundamente abalado" com a descoberta, na província de Deir Ezzor, na região leste do país.

"Todos os corpos tinham as mãos amarradas para trás e alguns parecem ter sido atingidos por tiros de curta distância na cabeça", disse.

Desde o massacre de Houla, aumentou a condenação internacional a Assad.

Anteontem, a França levantou a hipótese de uma intervenção militar no país, desde que autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU. A Austrália também mostrou-se disposta a analisar a possibilidade de intervenção. Já os EUA manifesta-



Mulher síria carrega o filho, que foi atingido na mão por um disparo, ao cruzar um rio na fronteira da Síria com o Líbano

ram ceticismo.

Mas Rússia e China, que detêm poder de veto no Conselho, reafirmaram ontem sua oposição à ideia. Moscou é "categóricamente contra to-

da interferência externa no conflito sírio", disse o vice-chanceler russo, Gennady Gantilo, pois isso "apenas exacerbaria" a crise. Damasco rejeita as acusa-

ções e culpa "grupos terroristas" pela matança.

Em protesto contra o massacre de Houla, dez países expulsaram anteontem embaixadores e outros diplomatas

sírios, incluindo EUA, França e Reino Unido, que, ao lado de Rússia e China, têm assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU. Ontem, Turquia e Japão se

uniram ao protesto e também anunciaram ontem a expulsão de diplomatas sírios.

## ULTIMATO REBELDE

A chancelaria russa chamou de "contraproducente" a expulsão dos diplomatas, por fechar "canais diplomáticos vitais".

Na véspera, o porta-voz do Itamaraty, Tovar Nunes, havia usado argumento semelhante ao dizer que não está nos planos do Brasil expulsar diplomatas sírios.

Pequim se alinhava à posição de Moscou. "A China se opõe a uma intervenção na Síria e a uma mudança de regime por meio da força", disse o porta-voz da chancelaria chinesa, Liu Weimin.

A Síria anunciou ontem que expulsará a escaregada de negócios da Holanda, um dos raros altos diplomatas ocidentais hoje em Damasco.

Segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos, mais de 13 mil pessoas foram mortas desde o início do levante contra Bashar Assad, em março de 2011.

Ontem, rebeldes do Exército Livre da Síria deram um ultimato ao governo de Assad para que cesse a ofensiva em 48 horas. Caso contrário, não mais aceitarão o plano de paz costurado pelo ex-secretário-geral da ONU Kofi Annan.

Colaboração São Paulo

Figura 28: Detalhe da página A20, publicada na *Folha de S. Paulo* em 31/05/12.

A fotografia publicada da *Folha de S. Paulo* em 31 de maio (FSP, 31/05/12, A1) traz uma mulher em trajes aparentemente islâmicos bastante coloridos (fig. 28), incluindo um véu lilás, muito diferentes dos *jihabs* escuros e das *burkas* opressoras (KLEIN e MAZER, 2011). Mas sua feição é de horror. A legenda não deixa dúvida: o filho, atingido por um disparo na Síria, leva a mãe ao desespero. A legenda de uma fotografia é tradicionalmente informativa. Traz nome, data, local e assunto fotografado. Da mesma forma, como um telespectador acredita no que vê na televisão, acompanhado dos comentários de um narrador, um leitor imagina o fato a partir da fotografia que acompanha o texto (BARTHES apud GIACOMELLI, p. 31).

Neste em caso especial, trata-se do uso ilustrativo de imagens (BAZEZA, 2001) no jornalismo. O fato fotografado não condiz com o assunto do texto. O texto apresenta detalhes sobre a descoberta de sinais de execução de 13 opositores ao presidente sírio Bashar Assad. Entre legendas, texto, título e linha fina não há sequer uma evidência da necessidade de se utilizar a fotografia da mãe com a criança ferida.

Nessa fotografia temos a reprodução da figura arquetípica da mãe, que na tradição Cristã se manifesta simbolicamente como Maria, a mãe de Jesus, símbolo reproduzido também em outras culturas e religiões. A forte influência cristã na cultura ocidental firmou um modelo de maternidade baseado em Maria e sua santidade. A luz que

entra pela janela do veículo também cria uma ambiência celeste, etérea. “Dentro do arquétipo da Grande Mãe, o tema do nascimento sobrenatural, ou seja, de uma gestação realizada por meios espirituais, é frequente e remete a uma dimensão espiritual superior contida no filho luminoso” (RODRIGUES, 2012, p.135).

A disparidade entre legenda e imagem foi exemplificada por SONTAG, tomando as gravuras que Goya produziu entre 1810 e 1820 para

representar as atrocidades cometidas pelos soldados de Napoleão durante a invasão da Espanha, em 1808. Considerando-as detalhadoras dos horrores da guerra, a autora demonstra que Goya inaugura um novo modo de retratar a dor, aplicando legendas que indagam o observador quanto aos seus limites (No se puede mirar! Que loucura! Barbaros!).

As imagens de Goya realizam uma síntese e declaram que pinturas dessa natureza foram produzidas para chocar, enquanto uma fotografia ou sequência filmada são representações exatas do que estava diante da objetiva. É com base nesse referencial de veracidade, um dos maiores paradigmas da fotografia, que os jornais utilizam com frequência o estereótipo da madona.

Roskis (2003) destaca a escolha dos componentes plásticos de uma imagem como método de assimilação da informação, baseados num acordo entre os moderadores – ele denomina cânones - da imagem ocidental, que escolhem materiais suficientemente exóticos para chamar a atenção, porém demasiadamente recortados, gerando assimilação, interesse e compaixão:

dezenas de milhares de imagens produzidas a cada dia no mundo se agregam às dezenas de milhões de imagens conservadas nos estoques de arquivos para fins de reciclagem. A esperança de realizar fotos singulares se reduz, portanto, com o decorrer do tempo. Recorrendo-se a um sistema esgotado de modelos narrativos, de composições, enquadramentos, uso de efeitos, as reportagens tendem a se assemelhar, a se referir umas às outras muito mais que ao seu objeto, em um jogo de espelho iconográfico onde o desafio não é mais a realidade, a narração da história ou ao menos a história, mas o jogo em si mesmo (2003, p. 9).

Assim, nesse modelo imagético, observa-se que o uso ilustrativo da mãe tende a ser um gatilho do horror, que pode ser compreendido como a necessidade de chamar o leitor para o assunto, além de assumir uma tendência estética bastante recorrente.

★ QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2012

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@globofolha.com.br



**Figura 29:** Detalhe da página E2, publicada na *Folha de S. Paulo* em 31/05/12.



Figura 30: Detalhe da página E2, publicada na *Folha de S. Paulo* em 18/12/12.

Mas um segundo aspecto da maternidade é utilizado nos jornais como atalho informativo, assentado no imaginário da felicidade da gravidez. O símbolo cristão influente nessa perspectiva é a Anunciação, que foi a mensagem do anjo Gabriel a Maria para lhe comunicar que ela seria mãe de Jesus.

Como a anunciação da tradição cristã e a notícia do nascimento iminente, a gravidez é celebrada com alegria também na coluna social (figs. 29 e 30) pelas fotografadas, as *celebridades* Claudia Leite e Michelle Alves. Atrelada à expectativa do novo, a geradora é alvo de cliques e sua alegria estampa as páginas do caderno de cultura.

A aparição pública da mulher grávida causa uma reação espontânea, curiosidade, desejo de tocar a barriga, que é o receptáculo da nova vida. Valorizada, a grávida expressa o momento *sublime* do ser feminino, repetido em raras ocasiões nas artes, na cultura de massas e em toda a tradição cultural ocidental.

É desejado também dar a conhecimento a criatura, exibir o pequeno ser gerado pela mulher. A exposição de bebês na mídia, recém-nascidos ou não, é assunto polêmico, mas que se manifesta também no *corpus* estudado. O momento de aparição pública do pequeno herdeiro é dado como notícia, em casos de proles célebres. Ele aparece como a realização da mulher idealizada. Essas fotografias ilustram a máxima da sociedade neoliberal e consumista. Não basta ser profissional, dona-de-casa e esposa: é preciso ter um bebê para ser completamente mulher.

Em ambas as situações (figs. 29 e 30), na coluna social a maternidade se manifesta com alegria. Mas, como se observa no *corpus*, entre as fotografias jornalísticas pairam dois grandes imaginários da mãe. A matriz, ideia geradora, permanece, mas o resultado é completamente diferente nos dois caos. No *corpus* analisado, observa-se que a partir da ideia da Grande Mae, dicotomicamente, a mãe é representada pela dor e pela alegria. Não se observou variações de representação além dessas apresentadas.

### 5.2.3.3. A sedutora

Quem é essa mulher, que por séculos foi retratada pelos homens (PERROT, 2007), e que no século XX, encontrou na cultura de massas espaço para divulgação de sua beleza? O corpo, que marca a diferença biológica, tornou-se o trunfo simbólico da beleza, pois foram as mulheres que serviram de inspiração aos artistas, não os homens. A beleza feminina foi cantada, pintada e eternizada em poemas.

Como foi alertado por Coelho e Castro (2006), no sistema capitalista, predomina o interesse econômico sobre a vida social e cultural, o que resulta na passagem “do ser em ter, e na sociedade do espetáculo atingiu-se o império do aparecer.” (2006, p.141). Isso interfere no interesse de homens e mulheres pela figuração do corpo feminino nos espaços públicos. Então os corpos são evidenciados até mesmo no jornal.



**Figura 31:** Detalhe da página E2, publicada na *Folha de S. Paulo* em 04/02/12.



**Figura 32:** Detalhe da página E10, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.

A principal diferença entre essa, e as demais representações da mulher observadas, é a valorização da aparência. São assim representadas as celebridades e sub-celebridades, como as *atrizes e apresentadoras* Ellen Roche (fig. 31) e Luciana Gimenez (fig. 32), entre outras como modelos, socialites, mulheres de grande prestígio e posição social (sem podermos definir exatamente sua ocupação), músicas, poetisas, cantoras, dançarinas, comediantes e mulheres comuns, fotografadas por seus atributos físicos, por sua participação em círculos sociais elitizados, pelo destaque de suas roupas e joias, ou pela falta de roupas.

Afinal, “o nu é a indumentária dos deuses“ (In Educação Physica, n. 31, 1939, p.6, apud GOELLNER, 2003).

Mais uma vez é empregado o elemento feminino da psique masculina, *Anima* (JUNG, 1998) para entender como se forma a essência dessas imagens em diferentes tempos, culturas e lugares. “A manifestação mais frequente da *anima* é a que toma a forma de uma fantasia erótica” (JUNG, 1998, p.179). A *anima* simboliza um sonho irreal de amor e se manifesta na psique masculina de maneira negativa, “revelada no tipo de observação rancorosa, venenosa e efeminada que ele emprega para desvalorizar todas as coisas” (JUNG, 1998, p.179). Para Perrot, “a prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais” (PERROT, 2007, p.17), referindo-se às imagens pictóricas.

Pode se dizer que, no *corpus* analisado, há uma valorização do corpo sem espírito, da posição dessa mulher no cenário cultural, pois há uma concentração de personagens femininas que circulam entre as notícias, não para que algo seja informado, mas apenas por serem quem são (fig.33). São imagens que não dizem nada em especial, não representam nada (DIDI-HUBERMAN, 2010), mas reforçam algumas ideias cristalizadas, em âmbito geral. Como a *ex-miss* mineira, que, segundo o jornal, vê “a história acontecer da primeira fila” somente por ter se casado com um rico empresário.

Se a cultura da visibilidade acelera os processos de produção e apreciação das imagens, reduzindo o tempo da decifração e da contemplação (BAITELLO JUNIOR, 2006), é preciso pensar que a abundância diária, que já foi dito, gera uma hipoestesia, também gera um ambiente de imagens sem sentido. No entanto, algumas imagens podem ser muito aguardadas pelo leitor habituado a elas. A expectativa padrão, ou o preconceito, motiva tanto quem faz, como quem recebe as imagens.

Perrot já afirmara que as imagens que se fazem de mulheres são sempre orientadas pelo imaginário masculino (2007). Dessa maneira, como se fala em ideologia dominante, pode-se afirmar que o imaginário masculino é dominante em nossa cultura. Assim, “estetizada pelo olhar masculino, a beleza feminina sugere o desejo, o sonho, o prazer e a aspiração dos homens que depositam no detalhe da forma do corpo da mulher a sua habilidade e o seu poder” (GOELLNER, 2003, p.54).

Com a exacerbação da fotografia ilustrativa (BAEZA, 2001), o corpo chega a ocupar espaço da não-notícia, ou seja, quando não há como informar com imagens, o corpo substitui a informação com seu potencial de sedução.

É o que se pode notar na capa do caderno Cotidiano (fig. 33), publicado no dia 22 de agosto (FSP, 22/08/12, C1). A fim de informar sobre a falta de chuva na capital paulista, o jornal utilizou uma fotografia que pouco expressa sobre as condições climáticas da região. “Mulher toma sol em piscina de hotel no centro de São Paulo”, diz a legenda. Há uma infinidade de maneiras de causar a sensação de baixa umidade e calor, mas a opção foi retratar, sem identificação ou autorização, uma mulher de biquíni na cobertura de um prédio em São Paulo.



**Figura 33:** Detalhe da página C1, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.



Figura 34: Detalhe da página E2, publicada na *Folha de S. Paulo* em 04/05/12.

Agrupados na sexta maior cidade do mundo e vivendo em zonas de alta concentração de prédios, os paulistanos estão habituados a enxergar as pessoas em seus momentos de lazer e intimidade por entre janelas. No entanto, isso não dá o direito de publicar as imagens feitas nesta situação. Nesse caso, apesar de ocupar uma pequena parcela da página do jornal, a *Folha* se aproximou muito dos tabloides sensacionalistas e das revistas de fatos diversos, variedades, novelas e celebridades.

A fotografia, porém, não foi feita por um *paparazzo*, como ficaram conhecidos os fotógrafos que perseguem celebridades, desde o filme *La Dolce Vita* de Fellini. Trata-se do renomado fotojornalista Apu Gomes, jovem ainda, porém experiente profissional e ganhador de prêmios. Curiosa contradição.

Fenômeno fundador da imprensa feminina (BUITONI, 1981; 1990), o colonismo social (fig. 34) agrupa hoje, no *corpus* analisado, a grande concentração de imagens de mulher. Mais precisamente a página E2 do caderno *Ilustrada*, que traz a coluna assinada por Mônica Bergamo.



A jovem Francesca Pascale trabalhou na campanha eleitoral do ex-premiê italiano em 2008

## Berlusconi revela namoro com mulher quase 50 anos mais nova

Italiano afirmou que está feliz ao lado de Francesca Pascale, 27

**Figura 35:** Detalhe da página A19, publicada na *Folha de S. Paulo* em 18/12/12.

Este tipo de caderno condensa as “fotografias ilustrativas” (BAEZA, 2001), pois, como já havia averiguado Hedler, a imagem da mulher na mídia está atrelada aos “assuntos leves”, “referentes à arte, música, dança, celebridades, televisão, cinema e atividades culturais.” (HEDLER, 2011, p.118), dispostos nas editorias de Cultura e Variedades. É também onde o exibicionismo encontra espaço.

Mas isso acontece em outros cadernos e editorias, no *corpus* analisado. Notícia na editoria *Mundo* no *Primeiro Caderno* do jornal em 18 de dezembro (FSP, 18/12/12, A19), Francesca Pascale é a noiva do ex-premiê Italiano Silvio Berlusconi “quase 50 anos mais nova”, segundo o jornal. A notícia aparece novamente na página C12, na editoria *Corrida*, do caderno *Cotidiano*, uma retrospectiva com os destaques da semana (fig. 36). A dupla publicação da *importante* notícia demonstra uma escolha por assuntos diversos, promovendo um esvaziamento dos assuntos políticos, geralmente presentes nos dois cadernos.



**Figura 36:** Detalhe da página C12, publicada na *Folha de S. Paulo* em 18/12/12.

Reificadas, as imagens de mulheres seduzem. Convidam para o mercado de notícias, como convidavam para as antigas revistas das primeiras lojas de departamentos inglesas e francesas, como convidam os *outdoors* de perfumes em uma grande cidade (LESSA, 2005), uma ressignificação que ultrapassa os limites da informação jornalística.

Mas há outros propósitos e maneiras de informar em uma fotografia. Um exemplo é a notícia publicada no dia 22 de agosto (FSP, 22/08/12, E1), sobre a musicista Andreia Dias (fig. 37) que passou por dez cidades brasileiras gravando um disco com várias bandas de todo o país. A cantora é fotografada em uma estrada, de maiô listrado, pés descalços. Sem dúvida, a fotografia prioriza as curvas de seu corpo. Outras imagens poderiam ilustrar sua viagem, na matéria que recebeu o título de *Road music* (música de estrada). Poderiam ter sido usadas as tradicionais fotos de estúdio musical, ou palcos, em momentos de shows, por exemplo. Mas ser fotografada de roupa de banho em um ambiente árido, que em nada não condiz com a expectativa provocada pelos trajes da cantora, causa um estranhamento interessante, embora também utilize o corpo como referência principal. O crédito vai para a fotógrafa Éloa Rocha, que conseguiu causar novas sensações dentro de uma

**FOLHA DE S. PAULO**  
QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO

**ilustrada**

**road music**

A cantora Andreia Dias em uma estrada de Sergipe

Em disco produzido em **viagem**, a paulista Andreia Dias mapeia a cena musical

**MARCUS PRETO**  
DE SÃO PAULO

Correr dez cidades brasileiras em 50 dias, compondo e gravando uma canção nova em cada uma delas — sempre em parceria com nomes emergentes da cena musical local. O plano da cantora paulista Andreia Dias para seu ter-

**AS FAIXAS** Quem são, onde vivem e como contribuíram os parceiros de "Pelos Trópicos", por Andreia Dias

**RECIFE** "Luva Pele", com Zé Calafinho  
"Gosto do jeito como ele toca e incorpora a viola de arco e da maneira meio 'roots' com que interpreta repertório autoral"

**BELEM** "Feliz e Mareado", com Lân Fournier e Arthur Kraus

**SALVADOR** "Bela Tebalosa", com Balana

**ARACAJU** "Aquilo", com The Bastards

**BELEM** "Beijão na Nuca", com Felipe Cordeiro  
"É o cara de Belém! Seu som é permeado por ritmos amazônicos que vão da lambada ao carimbó, da guitarra ao brega"

**SÃO LUÍS** "Bela Tebalosa", com Fríolina

Figura 37: Detalhe da página E1, publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/08/12.

estética já bastante desgastada. Essa característica é chamada aqui de “estranhamento” (FATORELLI e BRUNO, 2006).

Outra fotografia que causa esse estranhamento foi publicada no caderno *Ilustrada* em 04 de abril (FSP, 04/04/12, p. E6). Em texto sobre o fotógrafo Bob Gruen, que registrou estrelas da música mundial, a fotografia escolhida para ilustrar a matéria é da cantora Joan Jett (fig. 38), estadunidense que se tornou uma das figuras femininas mais importantes da história do rock. Ela é conhecida mundialmente pela música *I Love Rock 'n Roll* e por integrar a banda *The Runaways*, que ficou famosa por ser uma das primeiras bandas composta somente por mulheres.

A fotografia causa estranhamento, primeiro porque, iconograficamente, Joan não destaca sua corporalidade por meio de acessórios, roupas e poses consideradas femininas e sensuais. Segundo, porque sendo um ícone do rock feminino e por ser vanguardista nos anos 1970, apresentando-se, mesmo que por curto tempo, em uma banda formada apenas por mulheres, a fotografia oferece ao leitor a possibilidade de querer saber mais sobre Joan, o que poderia ter sido suprido pelo texto.

Uma terceira imagem tira o leitor de sua zona de conforto ao causar estranhamento (FSP, 04/05/12, p. E2). A modelo brasileira Keij Lemos posa em frente a duas paredes de armários de metal com portas trancadas por cadeados e ilustra um texto sobre a revista *Yes, We Wedding*, encartada na revista *Haper's Bazaar* (fig. 40). Essa fotografia é inesperada porque apresenta uma noiva em um ambiente que parece ser um



Joan Jett posa para Bob Gruen na cama de um hotel de Los Angeles, em dezembro de 1976

Figura 38: Detalhe da página E6, publicada na *Folha de S. Paulo* em 04/04/12.

vestiário ordinário. Isso ocorre por uma intenção em descrever o editorial de moda para um casamento de maneira surpreendente, pois, como afirmou Krauss, desta vez, olhar do autor da imagem não está, como o dos leitores em geral, “impregnado ideologicamente de estereótipos e “tipos” singulares” (KRAUSS, 2011, p.76).

Mas outra referência importante pode ser destacada. Keij é uma modelo negra, com um vestido branco (fig. 40), *como devem ser os vestidos de noiva*. Ela é magra e adequada aos padrões corporais de beleza expressos na mídia. Segundo Correa e Santos (2012), estudos mostram que as modelos negras são sub-representadas em anúncios publicitários. Como afirmam Acevedo e Nohara “a grande maioria das investigações indica que os afrodescendentes ainda estão sub-representados em comparação com sua composição na população” (ACEVEDO E NOHARA, 2008, p. 124 in CORREA e SANTOS, 2012). De acordo com o censo do IBGE de 2010, a população negra corresponde a 50,7% da população total (apud CORREA e SANTOS, 2012). Ainda assim, como mostram Correa e Santos (2012), em seu estudo com a revista *Vogue Brasil*, as modelos negras não são maioria entre essas profissionais:

Embora o percentual de mulheres negras seja inferior ao de mulheres brancas, 48,5% contra 50,6%, respectivamente, ainda assim sua sub-representação ficou evidenciada, uma vez que as modelos negras apareceram em apenas 4% dos anúncios publicados, não chegando nem perto de sua representação na sociedade brasileira (CORREA e SANTOS, 2012, p.19).

Com base em discussões sobre mídia e relações raciais (BORGES, 2003), a sub-representação da mulher negra em fotojornalismo pode ser entendida de duas maneiras: a



**Figura 39:** Detalhe da página E2, publicada na *Folha de S. Paulo* em 04/05/12.

primeira, em relação ao assunto da imagem, ou seja, como as mulheres negras são retratadas na imprensa brasileira, incluindo as “representações negativas do negro neste espaço” (BORGES, p. 233); a segunda forma de entender a sub-representação é em relação à participação no mundo da produção, ou seja, a discussão “que avalia a sub-representação ou mesmo falta dela (ausência de profissionais negros na estrutura ocupacional dos veículos e de seus produtos/gêneros) (...)” (BORGES, p. 233).

Embora a imagem em questão flutue entre o universo das fotografias ilustrativas (BAEZA, 2001) no jornalismo e a publicidade, o *corpus* mostra que as mulheres negras aparecem menos e, em geral, em situações muito diferentes das apresentadas na categoria da mulher *sedutora*. E não se trata de ampliar apenas o volume destas fotografias. O caráter positivo ou negativo dessas imagens é muito relevante para a cristalização de preconceitos, estereótipos e caricaturas, como destacou Quintão: “a exclusão simbólica, a não-representação ou distorções da imagem da mulher negra nos meios de comunicação são formas de violência tão dolorosas, cruéis e prejudiciais que poderiam ser tratadas no âmbito dos direitos humanos” (QUINTÃO apud CARNEIRO, 2003, s/p.).

Assim, embora apresentem um padrão, as fotografias que representam o estereótipo da mulher sedutora sofrem, entre si, diferentes classificações e, no mercado midiático, algumas mulheres adquirem muita visibilidade enquanto outras são levadas à invisibilidade. Esse padrão corresponde às mulheres cujo destaque é o corpo feminino, branco, magro e jovem.

Portanto, no *corpus* analisado, foi possível perceber que algumas mulheres não se encaixam nos três padrões de representação propostos: a política, a madona e a sedutora. Isso não nega a existência deles na imprensa brasileira. Ao contrário, realça sua ocorrência e demonstra que as fotografias não se limitam a esses três modelos de representação. Também não exime o jornal da responsabilidade quanto à produção dessas fotografias, estereotipadas e criadas, se não com o propósito de produzir de sentido, ao menos, tendo padrões de representação da mulher que se distanciam do heterogêneo universo das mulheres.

#### 5.2.4 Considerações finais sobre o *corpus* analisado: a mulher invisível

*A história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que eles são falsos, mas que eles são incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história* (Chimamanda Ngozi 2009 inTED blog/ The danger of a single story).

A partir dessa análise iconológica, foi possível perceber que o jornal estudado não se limita a representar as mulheres em determinados estereótipos. Porém, destacam-se características recorrentes que determinam grandes modelos de representação no *corpus* estudado. Intencionais ou não, na *Folha de S. Paulo*, tais fotografias atuam na produção de sentido, utilizando padrões eurocêtricos (SHOHAT e STAM, 2006) e colaborando para a divisão sexual, racial e de classes na sociedade.

Quantitativamente, o *corpus* analisado apresentou resultados interessantes. Das 485 fotografias coletadas para a análise, apenas cinco tinham em sua composição mulheres idosas; somente quatro apresentaram mulheres negras; três mostraram mulheres orientais; uma foto apresentou um grupo de indígenas brasileiros, incluindo mulheres e uma exibia uma mulher cega com seu cão guia.

Outra informação relevante é que as fotografias ilustrativas tiveram maior incidência no caderno *Ilustrada*, também o caderno com o maior número de fotografias em cinco das seis edições do *corpus*.

Embora tenha sido empreendida uma análise em um produto da mídia, é preciso pensar na invisibilidade como uma questão social, o que tem duplo efeito: o fato de determinados grupos aparecerem à margem das discussões em vários âmbitos da sociedade se reflete nos produtos da cultura, mas também a invisibilidade de atores sociais é reforçada a partir dos discursos midiáticos. Pois, para Caetano e Lemos (2009).

o fato da mediação dos regimes do ver ter sido outorgada aos veículos de comunicação causa afasia de alguns e representação de outros. Ao assumir-se como um canal de informações, o meio jornalístico “reduz o discurso *informativo* como o *locus* de um embate, em que cada lado tem suas versões e razões (...)Nessa acepção, a fotografia opera como uma forma de revelação dos vínculos sociais pelo jogo complexo de olhares em que



Índios festejam decisão que anulou títulos de terras na BA

Mulher reza diante de igreja em Porto Príncipe, no Haiti

**Figura 40:** Fotografias com mulheres idosas, negras e indígenas extraídas do *corpus* estudado, conforme Anexo 2. Algumas formas de representação foram pouco recorrentes e correspondem à invisibilidade de algumas classes de mulheres na imprensa.

cada sujeito se integra segundo padrões diferenciados de presença e valorização” (CAETANO e LEMOS, 2009, s/p.).

A fim de compreender o significado desta invisibilidade, observa-se o trabalho de Tomás, que afirma que o sentimento de ser invisível é partilhado por certos grupos sociais discriminados como, por exemplo, “os negros ou as mulheres” (2009). Segundo Tomás (2009), Ralph Ellison foi o primeiro a tratar da invisibilidade social e a abordar a condição dos negros nos anos 1940 nos Estados Unidos. O negro é invisível “porque os outros não o querem ver” (Ellison, apud TOMÁS, 2009). Neste caso, o indivíduo invisível é aquele que é “insignificante para os outros” (TOMÁS, 2009). Este tema refere-se, assim, ao não reconhecimento do outro (TOMÁS, 2009).

Assim, a valorização se dá pela revolução na perspectiva dos vínculos sociais, que por sua vez, resulta em mudanças na representatividade dos grupos sociais. Embora não se limite a padrões estéticos, a negligência midiática colabora para a invisibilidade de alguns grupos sociais (CAMARGO e HOFF, 2002). Além disso, o olhar de quem produz os jornais é determinante para a produção de sentido, por isso pesa a questão da representatividade também nas circunstâncias do trabalho, no âmbito da produção cultural (THOMPSON, 1998).

Algumas características podem ser escolhidas como virtuosas, enquanto outras podem ser consideradas negativas. Higonet observou que na arte pictórica “as mulheres de feminilidade *normal* eram representadas como admiráveis, virtuosas, felizes ou recompensadas, enquanto as mulheres de feminilidade *desviante* eram representadas como ridículas, depravadas, miseráveis ou castigadas” (1991, p.299, grifo nosso). A visibilidade de algumas mulheres, bem como os estereótipos de representação, encontra no fotojornalismo campo fértil para a cristalização de conceitos hegemônicos de opressão feminina. Em alguns casos, “especificamente, o totalitarismo do estereótipo nos leva ao falseamento, mesmo que parcial, de uma realidade complexa sufocada pela simplificação discursiva” (KLEIN e MAZER, 2011, p.715). É necessário observar ainda que a questão da representatividade não se limita ao regime de visibilidade:

Embora o presente raciocínio esteja assentado na questão da inclusão ou exclusão visual, não se deve restringi-la ao conceito de uma mera visualidade diante da presença de outrem (ver-se-á mais adiante que a visibilidade tem maior alcance), mas ao seu corolário de inclusão-exclusão social (CAETANO e LEMOS, 2009, s/p.).

Assim, confirmou-se a hipótese levantada neste trabalho, de que no *corpus* analisado, algumas mulheres são levadas à invisibilidade (fig. 41), por não figurarem com a

mesma frequência entre os padrões estéticos e comportamento descritos entre os três grandes estereótipos da mulher na imprensa.

As mulheres invisíveis no *corpus* analisado compreendem idosas, estrangeiras, indígenas, negras, orientais, islâmicas, não-brancas, doentes, fragilizadas, ou seja, todas as mulheres em que pese a alteridade eurocêntrica. Ou ainda, aquelas mulheres que fugiram à padronização inicialmente identificada.

Essa invisibilidade não é criada no jornal, mas reproduzida nele, como meio de produção simbólica. O objetivo desse levantamento não era a análise iconológica de todas as fotografias coletadas, mas a percepção de padrões recorrentes. Resultado de uma análise focada nos pontos de vista simbólico, material e sociológico, observados tanto no imaginário, como nas bases materiais da divisão sexual, esta análise resulta em uma interpretação parcial e subjetiva, que teve o propósito de verificar padrões de representação da mulher recorrentes na grande imprensa, com base em dados coletados no jornal *Folha de S. Paulo* no ano de 2012, mas que se mostrou incidente também em outros veículos da *grande imprensa* apresentados no decorrer do trabalho.

## 6. CONCLUSÃO

O patriarcado é determinante para a sociedade capitalista ocidental, cujas bases são construídas e marcadas pelas relações de poder e dominação. Como importantes fontes de informação, os veículos noticiosos determinam cenários, comportamentos e papéis, como o fazem outros produtos culturais. Algumas características da imprensa e suas bases materiais podem ser utilizadas na construção de alegorias sobre as mulheres, que culminam em estereótipos.

A submissão do império da mídia à sociedade de consumo e ao espetáculo (DEBORD, 1997) aproximou os ideais jornalísticos de serviço ao interesse mercadológico da publicidade. Assim ocorreu também com a estética fotográfica. A partir de revisão da literatura, observou-se que a apropriação do corpo da mulher como alegoria foi uma estética aplicada, primeiro nas artes e na publicidade do século XIX, e depois no jornalismo.

A partir de um estudo sobre a história do jornalismo, foi possível estabelecer um paralelo entre as mudanças culturais e as formas de representação fotográfica da mulher na imprensa e perceber que, por meio da herança estética e de elementos arquetípicos, as representações da mulher, que há muito tempo tem um sentido de mercadoria na publicidade, são apreendidas cada vez mais pelo jornalismo como chamariz de leitores, sendo consideradas fotografias ilustrativas (BAEZA, 2001).

A subordinação de gênero é transversal às relações humanas e está presente também nos meios de produção cultural. Entender a transversalidade da divisão sexual é essencial para estabelecer quaisquer estudos na comunicação, mais ainda para uma investigação sobre as representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira.

Os meios de comunicação pertencem a classes culturalmente dominantes que determinam e exercem poderes nas esferas pública e privada. E, em sua concepção material, são forças produtivas em transformação (THOMPSON, 1998). Como os demais meios de produção simbólica, funcionam a serviço do *status* político e econômico, determinantes (MELO, 1987), atrelados aos diversos interesses de seus mantenedores, sejam os anunciantes, os assinantes, legisladores, políticos, ou seus investidores em um mundo que historicamente reserva aos homens os melhores lugares na vida pública. O modo de produção jornalística é responsável em parte também por fenômenos materiais, como a representação visual (materializada) de mulheres; e simbólicos, como a resultante criação de estereótipos femininos.

A imprensa atua como mediadora da espetacularização individual e promotora de subjetividades. A materialidade corporal inscrita na imprensa facilita a exploração mercantil da imagem feminina. O corpo feminino estereotipado é reificado, uma forma de violência simbólica. Observa-se que algumas aplicações da imagem da mulher no contexto do jornal diário reforçam as construções simbólicas de gênero e sexualidade e mantém a “subordinação feminina” (BOURDIEU, 1998). Apesar da incidência de matrizes arcaicas do imaginário de uma cultura na formação das representações, acredita-se que elas não sejam herdadas ontologicamente, mas produzidas por meio de heranças materiais e históricas.

Com o propósito de verificar padrões de representação da mulher recorrentes na grande imprensa, foi feita uma coleta de dados inicial no jornal *Super Notícia*, que se mostrou insuficiente para dar conta da complexidade do tema. Assim, depois de feito o levantamento bibliográfico e confrontadas as expectativas levantadas no início deste trabalho, foi empreendida uma reflexão iconológica em seis edições do jornal *Folha de S. Paulo* no ano de 2012.

Essa não pretendia ser uma análise de todas as fotografias coletadas, mas a percepção de padrões recorrentes entre elas e a observação de características determinantes para a cristalização de estereótipos. A leitura iconológica se baseou no repertório da autora deste trabalho. Essas características se destacaram no *corpus* estudado, bem como em outros veículos da *grande imprensa* apresentados no decorrer do trabalho.

Foram apresentados três grandes estereótipos na imprensa, categorias fundadas com base nos três maiores estereótipos pictóricos da história, sendo eles a *madona*, a *sedutora* e a *mulher política* (HIGONNET, 1991; ECO, 2007). Percebeu-se que, ao serem retratadas na imprensa, algumas características *femininas* podem ser escolhidas como virtuosas, enquanto outras podem ser consideradas negativas.

Assim, a pesquisa no *corpus* analisado revelou primeiramente que, apesar da hipótese de serem muito representadas imagetivamente nos jornais, as mulheres são sub-representadas, mesmo nas fotografias jornalísticas. Exceto na editoria de cultura e variedades, pois esse tipo de caderno agrupa assuntos leves, referentes à arte, música, dança, celebridades, televisão, cinema e atividades culturais (HEDLER, 2011), assuntos que concentram o maior número de fotografias com mulheres em sua composição.

Outra informação relevante a maior incidência de fotografias ilustrativas (BAEZA, 2001) com mulheres em sua composição foi no caderno *Ilustrada*, também o caderno com o maior número de fotografias em cinco das seis edições do *corpus*. Dessa

forma, compreende-se que o corpo-imagem feminino figura na imprensa brasileira como ilustração, tendo forte influência de uma estética mercadológica, herdada da publicidade.

A sub-representação não se dá apenas em quantidade, mas em formas e sentidos. Esse fenômeno é resultado da dicotomia vivida pela mulher nas esferas pública e privada (PERROT, 2007), que marcou historicamente a presença marginal da mulher na sociedade, das diferenças econômicas, mas também de influências simbólicas do imaginário dominante (masculino).

Uma conclusão importante é de que o jornal não se limita a representar as mulheres em certos estereótipos. Porém, destacam-se características recorrentes que determinam grandes modelos de representação no *corpus* estudado. Intencionais ou não, na *Folha de S. Paulo*, tais fotografias atuam na produção de sentido, utilizando padrões eurocêntricos (SHOHAT e STAM, 2006) e colaborando para a divisão sexual, racial e de classes na sociedade.

Quantitativamente, o *corpus* analisado apresentou resultados interessantes, mostrando que o mundo das notícias é mesmo masculino. Além de ocupar um espaço muito inferior no jornalismo, os assuntos em que figuram as mulheres são considerados menos relevantes política e economicamente, em um processo complexo que valoriza alguns atributos de gênero em detrimento de outros.

Característica importante do *corpus* analisado é a confirmação da superlativa visibilidade de alguns grupos de mulheres e a invisibilidade de outros. Das 485 fotografias coletadas para a análise, apenas cinco tinham em sua composição mulheres idosas; somente quatro apresentaram mulheres negras; três mostraram mulheres orientais; uma foto apresentou um grupo de indígenas brasileiros, incluindo mulheres, e uma exibia uma mulher cega.

Embora tenha sido empreendida uma análise em um produto da mídia, é preciso pensar na invisibilidade como uma questão social. O fato de determinados grupos aparecerem à margem das discussões em vários âmbitos da sociedade se reflete nos produtos da cultura, mas também a invisibilidade de atores sociais é reforçada a partir dos discursos midiáticos.

Assim, confirmou-se a hipótese levantada neste trabalho, de que no *corpus* analisado, algumas mulheres são levadas à invisibilidade, por não figurarem com a mesma frequência entre os padrões estéticos e comportamento descritos entre os três grandes estereótipos da mulher na imprensa. Essa invisibilidade não é criada no jornal, mas reproduzida nele, como meio de produção simbólica.

Conclui-se que mesmo em uma cultura visual, a visibilidade não é garantida a todos. Ao contrário, são escondidas possibilidades de visão, determinadas ideologicamente. Observa-se, porém, que as condições de representação apenas mudam quando os sujeitos mudam, ou quando suas condições sociais, materiais e simbólicas são transformadas.

Dessa maneira, foi possível demonstrar um percurso verificável desenvolvido a partir da reflexão sobre os modelos de representação da mulher na imprensa, tendo como base os maiores veículos em circulação paga no país: o tablóide mineiro *Super Notícia* e a Folha de S. Paulo. O estudo possibilitou desconstruir as explicações que naturalizam o uso de determinadas imagens como representações do heterogêneo grupo de mulheres.

Ao final, a partir da análise do material coletado, o levantamento de dados com base em outras pesquisas de campo e bibliográficas, confirma-se a hipótese dos três grandes estereótipos femininos na imprensa. Compreende-se que o corpo-imagem feminino é utilizado como alegoria, chamariz para notícias na imprensa em geral e seus principais usos são na *ilustração* de notícias leves, ligada a variedades e cultura. Em geral, os atributos femininos são considerados naturais e subjetivos. Isso confirma a hipótese de que as esferas pública e privada são espaços amplamente confundidos no jornalismo atual, principalmente aquele produzido a partir da construção de um jornalismo de entretenimento, baseado na vida das celebridades, consumo e prazer. Revela que o corpo na imprensa precisa ser redimensionado. Esses argumentos forjam um imaginário social em que as mulheres representam a baixa ascensão à carreira profissional, a liberação sexual, a beleza obrigatória e padronizada, a obrigatoriedade de realização de tarefas e papéis familiares e sexuais. A grande imprensa brasileira colabora, portanto, na determinação dos papéis sociais femininos.

Finalmente, chega-se a conclusão de que a visibilidade de algumas mulheres encontra no fotojornalismo um campo fértil para a cristalização de conceitos hegemônicos de opressão feminina.

Assim, considera-se que os modelos simbólicos construídos nos meios de comunicação colaboram tanto para reforçar, quanto para desconstruir a divisão sexual da sociedade, mas são usados na maior parte do tempo para a opressão de classe, gênero e raça. Por isso este trabalho tem a relevância de ser força contrária a um fenômeno hegemônico. Comunicar é poder, é estruturar os mapas simbólicos da sociedade.

O título do trabalho vem testemunhar sobre o modo como foi conduzida essa pesquisa. Apresentadas aqui, as *impressões do corpo feminino* atestam subjetividade, sempre presente na reflexão proposta. Resultado de uma análise focada nos pontos de vista

simbólico, material e sociológico, observados tanto no imaginário, como nas bases materiais da divisão sexual, este trabalho resulta em uma interpretação parcial e subjetiva, com o propósito de verificar as hipóteses levantadas. É também um manifesto contrário à opressão e divisão de gênero e classes que se faz diariamente na imprensa brasileira.

As fotografias que atuam como discursos e constroem ou mantêm o laço social patriarcal e a estrutura de classes são imagens esperadas. Os editores dos veículos de comunicação de massa não desejam quebrar essa expectativa, pois o imaginário que descreve a mulher rege a boa rotina do mundo. Para muitos leitores, isso não deve ser questionado. Por isso também não se questiona o quadro comum de referências dessas imagens. Isso perpassa a dualidade entre interesse público e interesse do público no jornalismo.

Na pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas, ao passo que realizamos determinados levantamentos, constatamos também a necessidade de propor alternativas. Iminente é a necessidade de considerar a interdisciplinaridade dos estudos para uma área que tem como base os resultados sociais. A princípio, a proposta de uma regulação das formas de representação é utópica. No entanto, é preciso incentivar a busca por novas propostas que se baseiem menos na mercantilização da imprensa, mais na superação das diferenças simbólicas e materiais.

Além disso, é no mínimo justo que se considere uma nova forma de observar os estudos da comunicação, a partir de uma visão pluralista, que acate, ao menos, a proposição de que a história de todas as sociedades feita até então é a história dos homens e do androcentrismo.

Tentou-se responder de que maneira o corpo-imagem feminino é usado na imprensa brasileira e como os caracteres mercadológico e o simbólico da produção midiática influenciam nas representações sobre a mulher. Este trabalho possibilitou ampliar o horizonte de discussões sobre os papéis determinantes para as mulheres e sua relação com as imagens produzidas sobre elas nos jornais. A análise não pretende, portanto, esgotar as interpretações, mas proporciona reflexões importantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente**: ensaios. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, 287p.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009. 347p.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a Reprodução**. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**: Nas Trilhas do Materialismo Histórico. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **A crise da crise do marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da Fotorreportagem no Brasil** - a fotografia na imprensa do rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

ANDI; Instituto Patrícia Galvão, 2011. VIVARTA, Veet (Coord.). ANDI – Comunicação e Direitos e pelo Instituto Patrícia Galvão. **Imprensa e agenda de direitos das mulheres**: uma análise das tendências da cobertura jornalística. Estudo produzido em parceria com o Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Secretaria de Políticas para as Mulheres e Instituto Patrícia Galvão. Brasília, DF: 2011, 137p.

ANJ - Associação Nacional de Jornais. **História do jornal no Brasil**: imprensa brasileira - dois séculos de história. ANJ: Brasília, Ano? Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil> Acesso: 01/02/2012.

\_\_\_\_\_. **Jornais no Brasil**: maiores jornais no Brasil. ANJ: Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil> Acesso: 28/09/2012.

ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. O movimento feminista nas páginas dos jornais feministas do Brasil e da Argentina: Nós Mulheres, Mulherio e Persona em cena. In: **Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 25 - 28 ago. 2008.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas : Papyrus, 1995. 317 p.

AVELAR, Cátia Fabíola Parreira de. **Personalidade e propensão à cirurgia plástica estética**. Dissertação apresentada ao Centro de Pós Graduação e Pesquisas em Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

AZEVEDO, Fernando Antônio. Imprensa, cobertura eleitoral e objetividade: a eleição de 2000 na capital paulista. **Rev. Opin. Pública** vol.7 No. 2. Campinas: Nov. 2001

BAEZA, Pepe. **Por uma función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. ed. portuguesa, v.5. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 296-332, 1985.

BAITELLO, Norval. *Era da Iconofagia*. Hacker Editores, 2006. 122 p.

BAMBERGER, Joan. O mito do matriarcado. Por que os homens dominavam as sociedades arcaicas? In: **A mulher, a cultura e a sociedade**. Bette Denich; Michelle Zimbalist Rosaldo; Louise Lamphere; et al (Coords.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acesso: 21/01/2012.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. **Retratos de mulher**: Análise da representação do corpo feminino nas capas das revistas mensais brasileiras playboy e nova no ano de 2005. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL. Palhoça: 2007.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

\_\_\_\_\_, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.32-50.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: Nacional, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. São Paulo: Relógio d'Água, 1991.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed, 2008.

BELTING, Hans. **Pour une anthropologie des images**. Trad. Fran. Jean Torrent. Paris: Gallimard, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. 7. Ed, 255 p.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, UFMG, 2007.

BIROLI, Flávia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cadernos Pagu**. Nº.34. Campinas: jan./jun. 2010.

BORGES, Rosane da Silva. O já-dito e o não-dito: o papel da imprensa no debate sobre as cotas. In: SILVA, Cidinha da. **Ações afirmativas em educação**: experiências brasileiras. São Paulo: SUMMUS, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Raízes sociolinguísticas do analfabetismo no Brasil**. Revista ACOALFaplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 4, 2008. Disponível em:

[http://www.acoalfaplp.net/0004acoalfaplp/0004acoalfaplp\\_textos/3fundaeduc\\_alfab/0043fundaeduc\\_alfab03\\_form.pdf](http://www.acoalfaplp.net/0004acoalfaplp/0004acoalfaplp_textos/3fundaeduc_alfab/0043fundaeduc_alfab03_form.pdf). Publicado em: março 2008. Acesso: 03/02/2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas simbólicas**. Perspectiva. São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. (9ª ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981. 168p.

\_\_\_\_\_. **Imprensa. Feminina**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. Índice ou catálogo: o deslizamento imagético das fotos da revista Veja. Trabalho apresentado ao NP Fotografia: Comunicação e Cultura durante o XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Brasília, 4 a 9 de setembro de 2006. **Revista Líbero**, Ano IX, nº 18, p.41-48, Dez 2006.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. (Trad. Norval Baitello Jr. e Sonia S. Castino). São Paulo: PUC, 1995.

CAETANO, Kati, LEMOS, Anushka. À margem do olhar, à margem da imagem: regimes de visibilidade na fotografia documental. *Razon y Palabra*, México, n. 59, 2009. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n59/varia/kcaetano.html> Acesso em: 15 out. 2012.

CAMARGO, Francisco C e HOFF, Tânia M. C. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2002.

CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. Brasília: ANDI, 2008. 342p.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, vol.17 n. 49. São Paulo: Sept./Dec. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008) Acessado em: 23/12/12.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres. In: **Produção do viver**. Cadernos SOF. São Paulo, p. 11-49, 2003.

CARVALHO, Flaviane Faria. Os significados sociais construídos pela primeira página de jornais mineiros. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 69-89, jan./abr. 2010.

CARVALHO, Priscilla Afonso de; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. *Pin ups*: fotografias que encantam e seduzem. In: **Discursos fotográficos**. Londrina, v.6, n.8, p.119-144, jan./jun. 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Trad. de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico**: Seminários 1986 – 1987: a criação humana I. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CATALÀ-DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**: introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.

CAZELOTO, Edilson. Biblioteca de Inclusão Digital: Teses & Dissertações. **A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo**. Disponível em: <http://inclusao.ibict.br/index.php/biblioteca-de-id?sobi2Task=sobi2Details&catid=6&sobi2Id=280> Acessado em: Acesso: 03/12/2012.

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA – CFEMEA. Disponível em: <http://www.cfemea.org.br/> Acessado em: 30/06/2012.

CHAMPIGNEULLE, B. **Art Nouveau**. São Paulo: Verbo, EDUSP, 1976.

CIVITA, Laura Taves (Org.). **O Melhor de Carmen Silva**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto e CASTRO, Valdir José Castro. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

CONTRERA, Malena Segura. **O Mito na Mídia**: a presença de conteúdos arcaicos nos textos da mídia. 1º Edição. São Paulo: Annablume, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mídia e Pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

CORREA, Suzamar; SANTOS, Robson de Souza dos. Modelo negra e comunicação de moda no Brasil: análise de conteúdo dos anúncios publicados na revista vogue Brasil. **Revista Iniciacom**, Vol. 4, Nº 2, 2012.

COSTA, Claudio Francisco da. **A imagem das mulheres na publicidade no Brasil nas décadas de 1940 e 1950**. Dissertação de Mestrado. Londrina, 2006, 136 f. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000113216> Acesso: 02/09/2012.

COULDRY, Nick. **Why Voice Matters**: Culture and Politics After Neoliberalism. Sage Publications, Londres, 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson e TEIXEIRA, Andréa de Paula (Orgs.). **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 293p.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc**: a linguagem da cultura. São Paulo: Perspectiva, SESC São Paulo, 2003.

DA SILVA, Juremir Machado da. **A Sociedade Midíocre**: passagem ao Hiperespetacular. O Fim do Direito Autoral, do Livro e da Escrita. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento**: Informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006, 128p.

DEL PRIORI, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. Série Ponto Futuro; 2. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. A fotografia como objeto de memória. In: **Memória, patrimônio e identidade**. Ministério da Educação. Salto para o futuro. Boletim 04, ABRIL 2005. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145632MemoriaPatriIdent.pdf> Acesso: 02/09/2012.

DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011, 568 p.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.com/dlpo/> Acesso: 17.dez.11.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DOTTIN-ORSINI, Mirelle. **A mulher que eles chamavam fatal**. Textos e imagens da misoginia *fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 371 p.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. Los marcos de la “libertad” cómica. In: **¡Carnaval!** México: Fondo de Cultura Económica, 1989. 200 p.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ENCICLOPÉDIA DE ARTES VISUAIS VIRTUAL ITAÚ CULTURAL. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm). Acesso: 17.dez.11.

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.15-30.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: **Cartografias**: estudos culturais e comunicação. Agosto de 2006. Programa de Pós-Graduação em Comunicação FAMECOS/PUCRS. Disponível em: [http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos\\_culturais\\_ana.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf) Acesso: 23.ago.2012.

ETCOFF, Nancy; ORBACH, Susie; SCOTT, Jennifer; D’AGOSTINO, Heidi. **The real truth about beauty**: a global report. Findings of the Global Study on Women, Beauty and Well-Being. White paper. Disponível em [www.therealbeatycampaign.com](http://www.therealbeatycampaign.com), acesso em 15 de março de 2010.

FATORELLI, Antônio; BRUNO, Fernanda (org.). **Limiars da Imagem**: tecnologia e estética na cultura contemporânea. - Rio de Janeiro, RJ: MauadX, 2006.

FAUX, Dorothy. **Beleza do Século**. São Paulo: Cosac & Naifi, 2002.

FERRARO, Alceu Ravello. **História quantitativa da alfabetização no Brasil**. in RIBEIRO, V.M. (org.) p.195-207, 2004.

FERREIRA, Anderson Timóteo. SILVA, Katharine Nóbrega da. **Álbuns de família e álbuns digitais**: a propósito de semelhanças e diferenças. p. 265-284. In: BONI, Paulo Cesar (org.). *Fotografia: múltiplos olhares / Paulo César Boni (Org.)*. – Londrina: Midiograf, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/Fotografia-Multiplos-Olhares.pdf> Acesso: 03/06/2012

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. 1. Graal. 1985.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. France Info. Disponível em: [http://ns301239.ovh.net/spip.php?article3469&theme=36&sous\\_theme=41](http://ns301239.ovh.net/spip.php?article3469&theme=36&sous_theme=41).

FRAISSE, Geneviève. PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. v. 2. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991

\_\_\_\_\_. **História das Mulheres**. O século XIX. Vol. 4, Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.

FREIRE FILHO, João. **Mídia, estereótipo e representação das minorias**. ECO-PÓS, vol. 7, nº 2, p. 45-71, 2004.

FREITAS, Neli Klix. Esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo: questões teórico-conceituais. **Ciências & Cognição**; Vol 13 (3), p. 318-324 <http://www.cienciasecognicao.org>. Publicado on line em 30 nov. 2008.

FUNDAÇÃO TOULOUSE-LAUTREC. **Acervo Toulouse-Lautrec**. Disponível em: [www.toulouse-lautrec-foundation.org/search](http://www.toulouse-lautrec-foundation.org/search). Acesso: 23/08/12.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. **Discursos Fotográficos**, Londrina: v. 4, p.14-35, 2008.

GODINHO, Tatau e SILVEIRA, Maria Lúcia da (org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. 188 p.

HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage Publications, 2010.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, Brasil. v. 1, n. 1, 1993, p 7-32.

HARTMANN, Hélio Roque. Lições de estética filosófica: uma pedagogia da sensibilidade e da expressão. Londrina: Ed. UEL, 2001. 169p.

HEDLER, Ana Paula. **Mulher e mídia**: uma análise do enquadramento de políticas públicas femininas nos jornais Folha de S. Paulo e Gazeta do Povo de 2005 a 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência Política-PPGCP), Universidade Federal do Paraná, 2011 (136 p.).

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Representações. In: FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no ocidente**: o século XIX. v.4. São Paulo: Afrontamento, 1991.

HIRATA, Helena, et al (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

HOBBSAWM, Eric. J. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2a ed. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IZQUIERDO, Maria Jesus. *Bases materiais do sistema sexo/gênero*. Tradução livre do texto: **Bases materiales del sistema sexo/genero**. CARLOTO, Cássia Maria. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista – SOF, p. 1-5, 1990.

JAMESON, Frederic. **Reificação e utopia na cultura de massa**. *Crítica Marxista*, Campinas, v. 1, 1994. Ed. Unicamp, p. 1.

JOVCHELOVITCH, Sandra. GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Carl. **Símbolos da transformação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. (Org.) **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 16ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

KAMPER, Dietmar. Imagem in Cosmo, corpo e cultura. **Enciclopedia Antropologica**. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002.

\_\_\_\_\_. Estrutura temporal das imagens. In: **O espírito do nosso tempo**: ensaios de semiótica da cultura e da mídia. São Paulo: Annablume, 2004. 208p.

\_\_\_\_\_. Imagem. In: **Mídia e imaginário**. Castro, Gustavo (org.). São Paulo: Annablume, p. 17-27, 2012.

KERGOAT, D. *Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho*. In: LOPES, L. M. J. ; MEYER. E. D. ; WALDOW. R. V. **Gênero & saúde**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, p. 19-27, 1996.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KLEIN, Alberto Carlos Augusto. **Cultura da visibilidade**: entre a profundidade das imagens e a superfície dos corpos. 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Unesp-Bauru, 6 - 9 jun. 2006a. 12 p.

\_\_\_\_\_. **Imagens de culto e imagens de mídia**: Interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006b.

KLEIN, Alberto Carlos Augusto; MAZER, Dulce. Corpus absconditum: imagens do Oriente. **Rev. Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, set./dez, p. 700-716, 2011.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 279p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 176 p.

KRAUSS, Regina. **Um certo oriente**: a caracterização de palestinos e israelenses na cobertura fotográfica da folha de S. Paulo. Universidade Estadual de Londrina. Dissertação de Mestrado, Londrina: UEL, 2011.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.

LAMPHERE, Louise. ROSALDO, Michelle. **Woman, Culture, and Society**. Stanford, California: Stanford University Press, 1974.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). **Tendências e Impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 207-242, 1994.

LAUWE, Marie Jose Chombart de, FEUERHAHN, N. La représentation sociale dans le domaine de l'enfance. In: JODELET, Denise (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. 424p.

LAUWE, Marie Jose Chombart de (Dir.). **Imagens da mulher na sociedade**. São Paulo: Senzala, 1967.

LEON, Magdalena. Empoderamiento: Relaciones de las mujeres com el poder. **Revista Estudos Feministas**. CFH-CCE-UFSC, Vol. 08, n. 2, p. 279-281, 2000.

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda**: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors. Londrina: Eduel, 2005. 104p.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. Sedução, publicidade e pós-modernidade. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Publicação quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: nº 12, p. 7-13, junho, 2000.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. London: The Free Press/ Collier Macmillan, 1965.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. *Rev. Estudos Feministas*, 2/2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf> Acesso 02/09/12.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p.443-481.

LOVATTO, Angélica. *Maria Augusta Tibiriçá Miranda e Helga Hoffmann*: presença feminina nos Cadernos do Povo Brasileiro nos anos 1960. p. 179-197, in **Mediações Revista de Ciências Sociais**, Universidade Estadual de Londrina, Vo. 14, N.2, 2009.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

MACIEL, Fabrício. **O Brasil-nação como ideologia**: a construção retórica e sócio-política da identidade nacional. São Paulo: Annablume, 2007.

MAINE, Henry Summer (1970), **Ancient Law**. Gloucester, Mass, Peter Smith.

MARÇAL, Joaquim. **História da foto-reportagem no Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MARRA, Claudio. **Nas sombras de um sonho**: história e linguagens da fotografia de moda. São Paulo, Senac. 2008. 224 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008, 206 p.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Instituto Rosa Luxemburgo, Primeiro Fascículo, Berlin: Franz Duncker, 1859. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm> Acesso: 17.dez.11.

\_\_\_\_\_. **O Capital**. v. 1, Caps. I e VII, 1867. In: *Marxist Internet Archive*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/biblioteca.htm#m>. Acesso: 17.dez.11.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAZER, Dulce. A Mulher Condescendente: uma reflexão sobre a reificação da imagem feminina nas capas dos jornais. **Revista Domínios da Imagem**, Londrina, ano IV, n. 8, p. 19-30, maio, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/122>. Acessado em: 30/06/2012.

- MEDEIROS, Margarida. **Fotografia e narcisismo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.177p.
- MEDIA WATCH. Disponível em: <http://www.mediawatch.com/>. Acessado em: 30/06/2012.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana industrial. 5ª ed. São Paulo: Summus, 1988.
- MELO, José Marques. Mecanismos da expressão opinativa. In: \_\_\_\_. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1987. cap. III, p. 57-76.
- MENDES, Patrícia Monteiro Cruz. Corpo, mídia e subjetividade: os contornos do feminino no cotidiano. **Rev. Temática**, Ano VIII, n. 08, Agosto/2012.
- MITCHELL, W. J. Thomas. **Iconology: Image, Text, Ideology**. University of Chicago Press, 1986.
- MOORE, Henrietta. **Antropología y feminismo**. Madrid: Cátedra, 1996.
- MORENO, Tica. **O machismo abunda**. Sempreviva Organização Feminista - SOF, 25/11/2011. Disponível em: <http://www.sof.org.br/textos/10>. Acessado em 03/07/2012
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p. 302.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. 2ª. Ed, Forense. Rio de Janeiro, 1981.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MURARO, Rose Marie (org.). **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 1983.
- OBSERVATÓRIO BRASIL DA IGUALDADE DE GÊNERO. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/> Acessado em: 30/06/2012.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Portal brasileiro. Disponível em: <http://www.onu.org.br>. Acessado em: 03/07/2012
- PORTAL BRASIL. Seção Mulher. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/secoes/mulher/atuacao-feminina/mulheres-na-politica> Acessado em: 20/02/13.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979; 1991.
- PAULA, Judite Arruda de. **Jornal Super Notícia: uma Inovação no meio Jornalístico Brasileiro**. Belo Horizonte: **Centro Universitário de Belo Horizonte** Uni-BH, 24/05/2007 Disponível em : <http://www.webartigos.com/articles/1715/1/Jornal-Super-Noticia-Uma-Inovacao-NoMeio-Jornalistico-Brasileiro/pagina1.html#ixzz1OyZ1n4hm> Acesso em: 20/04/2011.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 155.
- PERSICHETTI, Simonetta: A encruzilhada do fotojornalismo. **Revista Discursos Fotográficos**. Londrina: v.2. n.2, p. 179-190, 2006.

PIRES, Valeria Fabriizi. **Lilith e Eva**: imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

PISCITELLI, Adriana. **Nas fronteiras do natural**: gênero e parentesco. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v. 6, n. 2, p. 305-321 1998.

PORTUGAL, Daniel B. ROCHA, Rose de Melo. Como caçar (e ser caçado por) imagens: Entrevista com W. J. T. Mitchell. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009, p. 1-17.

PROYECTO DE MONITOREO GLOBAL DE MEDIOS (2010). **Quien figura en las noticias. Informe 2010**. Disponível em: [www.genderit.org/sites/default/upload/Informe\\_GMMP\\_2010.pdf](http://www.genderit.org/sites/default/upload/Informe_GMMP_2010.pdf). Acesso em 20 de março de 2012.

RAMOS, Everardo. Origens da imprensa ilustrada brasileira (1820-1850): imagens esquecidas, imagens desprezadas (republicação). **Escritos**: Revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, v. 3, pp. 285-309, 2009.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas**: a Grande Invasão. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

**Relatório do Banco Mundial**: Desenvolvimento e Igualdade de Gênero 2012 (em inglês) - ODM3. Disponível em: [http://www.portalodm.com.br/biblioteca\\_multimedia\\_publicacoes.php?id\\_publicacao=366](http://www.portalodm.com.br/biblioteca_multimedia_publicacoes.php?id_publicacao=366) Acesso: 02.08.2012.

REMAURY, Bruno. **Le beau sexe faible**: Les images du corps féminin entre cosmétique et santé, Grasset/Le Monde in. Collection Partage du savoir. Cap. 1. 1 - Le corps au présent : l'hypothèse de maturité. France, 2000, 264 p. Disponível em: [http://www.grasset.fr/chapitres/ch\\_remaury.htm](http://www.grasset.fr/chapitres/ch_remaury.htm). Acesso: 10/09/2012.

REYNOSO, Norma Patricia Maldonado. *El género femenino en La investigación comunicacional latinoamericana*. p. 23-31. In MELO, José Marques de (org.); GOBBI, Maria Cristina (org.); BARBOSA, Sérgio (org.). **Comunicação latino-americana**: o protagonismo feminino. São Bernardo do Campo: EDUMESP, 2003. 255p.

RIBEIRO, Edméia. Mulheres como representações simbólicas de espaços territoriais na Espanha e América hispânica. **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Ribeiro\\_Edmeia.pdf](http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Ribeiro_Edmeia.pdf) Acessado em: 10/09/2012. Londrina-PR, 12, 13 e 14 de maio de 2009.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. Relações entre religiosidade e maternidade. **Ciências da religião**: história e sociedade. v. 10, n. 1, 2012 .

ROSKIS, Edgar. **A decadência do fotojornalismo**. Le Monde Diplomatique, Jan. 2003. Disponível em: [http://diplo.uol.com.br/2003-01\\_a543](http://diplo.uol.com.br/2003-01_a543) Acessado: 07/08/2008.

ROSO, Adriane ; NORA, Sandra; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais e de gênero. In: **Psicologia e Sociedade** (Impresso), Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 73-89, 2002.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de Mulheres**: Notas Sobre a "Economia Política" dos Sexos. Recife: SOS Corpo, 1993.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996. 189 p

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando Gênero e Classe In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma Questão de Gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 183-215, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SANCHEZ-VÁZQUEZ, Adolfo. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Estética**: de Platão a Peirce. São Paulo: Experimento, 2000. 220p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Renata. **A imagem gravada**: gravura e história da imprensa brasileira. Ed. Casa da Palavra, 2008, 144 p.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 60). **Cadernos Pagu**. N.º.36, Campinas: jan./jun. 2011.

SARACENO Chiara. **A dependência construída e a interdependência negada**. Estruturas de Gênero e Cidadania. In: BONACHHI, G. E., GROPPI, A. (orgs). O dilema da cidadania. São Paulo: UNESP, P. 205-234, 1995.

SCOTT, J. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. In: **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press, 1989, tradução Brasileira-SOS-Corpo Recife, 1991.

\_\_\_\_\_. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2001, p. 23-48.

SENKEVICS, Adriano. Alfabetização, gênero e raça no Brasil: as desigualdades no ler e escrever. In: **Ensaio de Gênero**. 2012. Disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/08/31/alfabetizacao-genero-e-raca-no-brasil-as-desigualdades-no-ler-e-escrever/> Acesso: 02/09/2012.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol.16 no.1 Goiânia: jun. 2010.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SIBILIA, Paula. **O pavor da carne**: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Revista Famecos, Porto Alegre, n.º 25, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **Imagens da beleza pura**: o corpo digitalizado. In: FILE - Festival Internacional de Linguagem Eletrônica. 2006. Disponível em:

<[http://www.file.org.br/file2006/symp\\_rio/papers\\_doc/portugues/paula\\_sibilia.doc](http://www.file.org.br/file2006/symp_rio/papers_doc/portugues/paula_sibilia.doc)>. Acesso em: 13 maio 2010.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SILVA, Marcos A. da, **A construção do saber histórico**: historiadores e imagens. R. História, n. 125, 1991.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Editora SENAC, 2010. 383 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. (2a ed.). Porto: 2006. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf> Acesso: 23.03.2012.

\_\_\_\_\_. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2000.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: IUPERJ; UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

TACCA, Fernando. Imagem Fotográfica: aparelho, representação e significação. **Revista Psicologia e Sociedade**, dezembro de 2005. Disponível em: <http://ww.scielo.br/scielo.phd?pid=S0102>, Acesso em 25/02/2011.

THERBORN, Göran. **Sexo e Poder**: A Família no Mundo. 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOMÁS, Júlia Catarina S. P. A invisibilidade social: uma análise hermenêutica. **Congresso Internacional Comunicação, Cognição e Media (CICOM)**, Braga, Portugal, Set., 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Vol. 43, No 0, 2005. Disponível: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewArticle/6991>. Acesso: 03.08.12

WISEU, Alfredo. **O Jornalismo e as "teorias intermediárias"**: cultura profissional, rotinas de trabalho, estrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso(AD). Disponível em

<http://www.crisluc.arq.br/O%20jornalismo%20e%20as%20teorias%20intermedi%20arias.pdf>  
Acesso 02/09/12 Intercom,. 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 295 p.

World Press Trends, edição 2012. **Associação Mundial de Jornais e Editores de Notícias (WAN-IFRA)**. Disponível em: <http://www.wan-ifra.org/microsites/world-press-trends> Acesso: 02.08.2012.

## REFERÊNCIAS FÍLMICAS

KILBOURNE, Jean. **Killing Us Softly**. *Media Education Foundation*, 1979. Disponível em: <http://www.jeankilbourne.com/videos/> Acesso: 01.03.2011.

\_\_\_\_\_. **Still Killing Us Softly**, *Media Education Foundation*, 1987. Disponível em: <http://www.jeankilbourne.com/videos/> Acesso: 01.03.2011.

\_\_\_\_\_. **Killing Us Softly 4**. *Media Education Foundation*, 2010. Disponível em: <http://www.jeankilbourne.com/videos/> Acesso: 01.03.2011.

## FONTES HEMEROGRÁFICAS

ANJ - Associação Nacional de Jornais. **Jornais nunca tiveram tantos leitores**. ANJ: Brasília, 30/08/2012, Disponível em: <http://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/noticias/jornais-nunca-tiveram-tantos-leitores> Acesso: 28/09/2012.

FSP - FOLHA DE S. PAULO. Ano 92. Edição nº. 30257. 04 fev. 12.

\_\_\_\_\_. Ano 92. Edição 30317. 04 abr. 12.

\_\_\_\_\_. Ano 92. Edição 30347. 04 mai. 12.

\_\_\_\_\_. Ano 92. Edição 30374. 31 mai. 12.

\_\_\_\_\_. Ano 92. Edição 30457. 22 ago. 12.

\_\_\_\_\_. Ano 92. Edição 30575. 18 dez. 12.

\_\_\_\_\_. **Folha lidera venda de jornais no país**. Publicado em: 27/02/2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/881709-folha-lidera-venda-de-jornais-no-pais.shtml>. Acessado em: 18/01/13.

\_\_\_\_\_. **Acervo Digital**. (Ano?). Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp>. Acessado em: 18/01/13.

OPERA MUNDI. Femen Brazil não tem propostas feministas, acusa ex-número 2 do grupo. 18/09/2012. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/24385/femen+brazil+nao+tem+propostas+feministas+acusa+ex-numero+2+do+grupo.shtml> Acesso: 22/11/2012.

PORTAL IMPRENSA. **"Folha" é o jornal com mais leitores na Grande São Paulo, diz pesquisa**. Publicado em: 03/09/2012. Disponível em: <http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/brasil/53244/folha+e+o+jornal+com+mais+leitores+na+grande+sao+paulo+diz+pesquisa> Acessado em: 18/01/13.

**ANEXOS**

## ANEXO 1

**Tabela 2.** Detalhes sobre dados coletados no corpus selecionado do jornal *Folha de São Paulo*.

	<b>Dia da semana</b>	<b>Cadernos consultados</b>	<b>Cadernos excluídos</b>	<b>Total de fotografias jornalísticas</b>	<b>Total de fotografias composta por figuras de mulheres</b>	<b>Caderno de principal incidência</b>
FPS 1 Fotografias extraídas da edição 30257 da <i>Folha de S. Paulo</i> (04/02/12).	SÁB.	Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Cotidiano2; Esporte; Imoveis; Ilustrada.	Classificados; Folhinha.	93	12	Ilustrada
FPS 2 Fotografias extraídas da edição 30317 da <i>Folha de S. Paulo</i> (04/04/12).	QUA.	Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Esporte; Ilustrada.	Comida.	87	23	Ilustrada
FPS 3 Fotografias extraídas da edição 30347 da <i>Folha de S. Paulo</i> (04/05/12).	SEX.	Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Esporte; Ilustrada.	Guia da Folha (120 p.); Especial da Virada (24p.).	69	22	Primeiro Caderno
FPS 4 Fotografias extraídas da edição 30374 da <i>Folha de S. Paulo</i> (31/05/12).	QUI.	Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Esporte; Ilustrada; Turismo.	Classificados.	101	21	Ilustrada
FPS 5 Fotografias extraídas da edição 30457 da <i>Folha de S. Paulo</i> (22/08/12).	QUA.	Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Esporte; Ilustrada.	Gazeta Russa(4p.); Ribeirão (10p.).	66	17	Ilustrada
FPS 6 Fotografias extraídas da edição 30575 da <i>Folha de S. Paulo</i> (18/12/12)	TER.	Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Esporte; Ilustrada.	Equilíbrio; Ribeirão.	69	26	Ilustrada

## FPS 1

Fotografias extraídas da edição 30257 da Folha de S. Paulo (04/02/12).

Total de fotografias jornalísticas: 93.

Total de fotografias composta por figuras de mulheres: 12

Caderno de principal incidência: Ilustrada

FSP, 04/02/12, p. A1. Fotografia 1/93

FSP, 04/02/12, p. A8. Fotografia 2/93

### STF MANTÉM PODER DE INVESTIGAÇÃO AMPLA

Maioria dos ministros votou de acordo com posições defendidas pelas categorias em que atuaram antes de entrar na corte

#### COMO VOTARAM OS MINISTROS

##### A FAVOR

Dos seis que votaram a favor, cinco seguiram posicionamento predominante em suas categorias



► Gilmar Mendes  
Ministério Público



► José Dias Toffoli  
Advocacia



► Ricardo Lewandowski  
Magistratura



► Cezar Peluso  
Magistratura



► Cármen Lúcia  
Advocacia



► Joaquim Barbosa  
Ministério Público



► Marco Aurélio Mello  
Magistratura



► Luiz Fux  
Magistratura



► Carlos Ayres Britto  
Advocacia



► Rosa Weber  
Magistratura



► Celso de Mello  
Ministério Público

► Foram os únicos ministros que não votaram de acordo com os locais onde atuaram antes de ingressar no STF

# Suspeito de matar mulher é achado morto

## Empresário investigado por assassinar uma procuradora foi encontrado em motel de Nova Lima, em Minas

**Policia diz que Veloso usou uma faca para cometer suicidio; corpo tinha marcas de 28 facadas, segundo laudo**

SILVIA FREIRE DE SÃO PAULO

O empresário Djalmir Braga Veloso, 45, suspeito de ter matado a mulher, a procuradora federal Ana Alice Moreira de Melo, 35, foi encontrado morto com 28 facadas na noite de anteontem, em um motel próximo ao condomínio de luxo onde a família vivia, em Nova Lima (MG). O delegado Edson Moreira, do Departamento de Homicídios disse que tudo indica que Veloso se matou.

Segundo o laudo da necropsia, das 28 facadas, 22 eram superficiais e seis, profundas. Não foram achadas lesões que indiquem tentativas de defesa, e os golpes são compatíveis com uma pessoa destra, como Djalmir era.



Ana Alice Moreira Melo, morta a facadas em condomínio



Djalmir Braga Veloso, suspeito de ter matado a mulher

"Primeiro ele busca perfurar a carótida (pescoço), depois tentar cortar os pulsos, a artéria femoral, na coxa, e enfim, o tórax", disse o delegado. Um dos golpes atinge o coração. "Era muita adrenalina, ele tinha acabado de matar a mulher. Estava sob

forte emoção." Sob um dos braços da vítima foi encontrada uma faca, que será submetida a perícia. Fala o delegado Renata Fagundes, que investiga a morte da procuradora, o empresário é o principal suspeito do assassinato da mulher, de quem estava se separando. Ana Alice foi morta a facadas na madrugada de anteontem, na casa da família. A falta dos filhos do casal disse à polícia que a procuradora e Veloso discutiram. Assustada, ela se escondeu em um banheiro com os filhos do

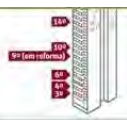
casal. Ao sair de lá, a procuradora estava morta, e o marido não estava em casa.

Segundo Moreira, Veloso entrou sozinho no motel às 4h55 de quinta, seis minutos após sair de casa. Durante todo o dia, não fez telefonemas nem pediu comida. Às 22h30,

duas camareiras entraram no quarto, encontraram o empresário caído na cama e acionaram a Polícia Militar. O cardiologista Flávio Brugnara Veloso, irmão de Djalmir, disse à Folha que a família tentou falar com ele durante toda a quinta-feira, mas não conseguiu. Flávio disse que a família está muito chocada e não comentará as circunstâncias das mortes. "Djalma era uma pessoa muito boa, que vivia para a família", disse. O advogado Guilherme Colen, que representa a família Veloso, disse que aguardará o resultado da perícia para se manifestar. Ele não quis comentar a situação do casal. A procuradora foi enterrada ontem, em Belo Horizonte. Em toda, a família pediu que a "tragédia" contribua para uma reflexão sobre a violência contra a mulher. A delegada vai aguardar o laudo necropsiográfico para arquivar o caso porque, para ela, o autor do crime morreu. Colaboração: MARTHA ALVES, de São Paulo



Uma semana após iniciar as investigações sobre o desabamento de três prédios, no centro do Rio, a Polícia Civil já tem certeza que a empresa TO Tecnologia Organizacional, que realizou a obra no 9º andar, modificou a estrutura de outros cinco andares do edifício Liberdade.



Video feito por um operário da obra no 9º andar do edifício Liberdade mostra viga danificada

Projeto original, aprovado em 1988, era de 15 andares, mas nunca foram feitos depois. Polícia investiga se a construção dos dois últimos andares contribuiu para a queda

Sacos de cimento e estufas de obras em excesso podem ter subornado a estrutura. Video feito por operário também mostra material acumulado no 9º andar

As paredes destes andares, que foram derrubadas, tinham função de sustentação. A direção da TO nega ter realizado obra na estrutura. "Estas convicções que essas reformas não afetaram a estrutura do prédio. Nessas reformas são internas", afirmou Sérgio Alves, diretor-presidente da TO.

O delegado Alcides Pereira não tem essa mesma convicção. Após dez dias, 21 depoimentos, um vídeo de pouco mais de cinco minutos e conversas com peritos, ele está convencido que entre os fatores que levaram ao desabamento estão as obras da TO. A empresa ocupa seis andares do prédio há 13 anos. Nos cinco andares já reformados (3º, 4º, 6º, 10º e 11º), contaram com orientação de arquiteto e engenheiro.

Em todos eles, paredes foram derrubadas e grandes salões abertos. Para a obra do 9º andar, a arquiteta e o engenheiro foram dispensados. No depoimento, Alves afirmou que isto aconteceu porque o que seria feito era semelhante aos outros andares.

A partir do vídeo feito por um operário, mostrando as obras do 9º andar, peritos e o delegado concluíam que as paredes tinham uma função de sustentação.

As imagens mostram uma coluna parcialmente quebrada em vergalhões a mostra. Depois, novas imagens mostraram a coluna no chão.

O mesmo aconteceu com as vigas no teto que, segundo peritos também sustentavam o prédio. O vídeo mostra uma perfuração na viga do 9º andar e rachadura no teto. A perícia avalia ainda se os dois andares construídos sobre o 18º andar também possuem ter contribuído para a queda do edifício. A apólice de seguro do prédio não cobria desabamento.



Vera Lúcia Gitay, mãe de última vítima encontrada

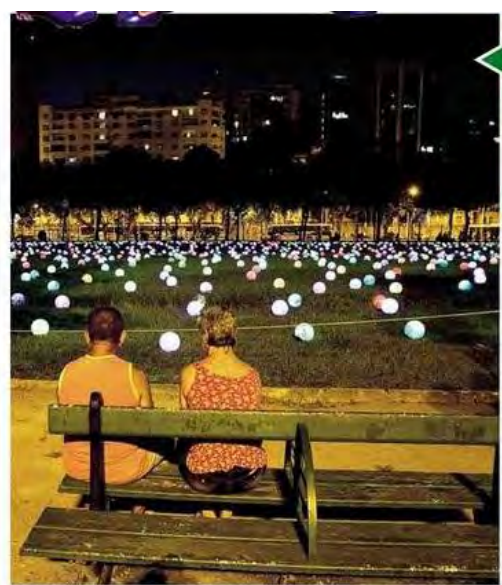
Dias antes do desabamento no centro do Rio, o analista de sistemas Bruno Gitay Charles, 25, comprou protetores de ouvidos para amenizar o barulho das obras na TO, onde trabalhava.

"Ele comprou a proteção porque não aguentava mais o barulho da obra", disse à Folha dona da casa Vera Lúcia Fernandes Gitay, 59, mãe do rapaz.

O filho relatou à mãe que a empresa TO pretendia ampliar a sala para contratar mais funcionários. Ela contou à Folha que se sentiu "enganada" por representantes da prefeitura da cidade, que haviam dito que o corpo do filho dela foi mutilado no desastre.

"Os peritos do Instituto Médico Legal disseram que o DNA seria feito através de ossos encontrados no depósito para onde levaram o entulho. Eu não acredito nessa maldade que fixaram com o meu filho. Picotaram o corpo dele com esse transporte de entulho feito com máquinas pesadas no dia seguinte da tragédia."

"Meu filho podia estar vivo, mas quiseram limpar às pressas o terreno, para encontrar os cofres do banco, que ficava no térreo de um dos prédios que caiu", disse. Bruno trabalhava havia sete meses na empresa. Ele tinha passado a quarta-feira fora, voltando ao prédio à noite para uma aula. Seu corpo foi identificado ontem. Dos 17 corpos encontrados, um não foi reconhecido. Cinco estão desaparecidos.



Daniel Matos/Filipinas

**CORES**  
Hoje é o último dia para ver a instalação 'Máximo Silêncio em Paris', na praça Paris, no Rio; a obra, do italiano Giancarlo Neri, está rodando o mundo  
folha.com.br/120345



FSP, 04/02/12, p. E2. Fotografias 6-10/93

tação e eu estarei lá, e claro", diz o vereador José Américo (PT-SP), que coordenará a comunicação da campanha de Haddad. Ele esclarece que a prefeitura abriu negociação com os ambulantes, da qual está participando.

MODÉSTIA

Em e-mail enviado à imprensa, a assessora de Lulica cita museus "comparáveis" e que servirão de "referência" ao projeto Memorial da Democracia, concebido pelo Instituto do ex-presidente. Entre eles estão os museus do Holocausto de Jerusalém, Washington e Berlim, e o Museu do Apartheid, na África do Sul.

EM CASA

Seu Jorge vai alegrar o picadinho da Daslu, na próxima terça.

Deve cantar seu hit "Burguesinha" na abertura da nova loja da grife, no shopping Cidade Jardim, em SP, além de canções de seu novo CD, "Músicas para Churrasco".

À FRANCESA

Já tem data a abertura da primeira loja da grife francesa Lanvin no Brasil: dia 4 de abril. A boutique funcionará no novo shopping JK Iguatemi, em SP.

SALA DE ESTAR

A estação Faria Lima da linha amarela do metrô de SP ganhará uma exposição em seu saguão. Chamada de "O Descanso da Sala", exibirá objetos em metal em forma de cadeiras.



Adélia Borges



Glória Kalil

MUNDO ARTESÃO

Adélia Borges, ex-diretora do Museu da Casa Brasileira, lançou o livro "Design + Artesanato: o Caminho Brasileiro", antecorrendo, no espaço Casa, em Pinheiros. A consultora de moda Glória Kalil, o empresário Waldick Jatobá e a galerista Renata Mellão pegaram seus autógrafos.



Renata Mellão



Waldick Jatobá

CURTO-CIRCUITO

A galeria Mendes Wood alerta hoje as mostras "Fresta" e "Futuro do Pretérito".

Pedro Cappeletti e Márcia Tiboni abrem exposição hoje, na galeria Central.

A Feijoada 2012 do Hotel Tivoli Morfene acontece hoje, em volta da piscina.

A Unibes (União Intelectual-Israelita do Bem-Fazer Social) faz bazar beneficente amanhã.

Carlos Casagrande organiza até amanhã encontro internacional de cirurgia plástica, em Florianópolis.



Cynthia Falabella

ESQUENTA

As atrizes Ellen Roche e Cynthia Falabella participaram do lançamento do camarote de Carnaval Bar Brahma, na quarta, no centro.



Ellen Roche

FSP, 04/02/12, p. E4. Fotografia 11/93

E4 ilustrada / livros \* \* \* SÁBADO, 4 DE FEVEREIRO DE 2012 FOLHA DE SP/10

OPINIÃO Szyborska fazia poesia leve, mas com direção

Escritora polonesa, ganhadora do Nobel em 1996, morreu nesta semana deixando obra profunda e questionadora

WISLAWA SZYBORSKA, além da polêmica, ganhou do Prêmio Nobel em 1996, mantendo o resumo e a obra em português. Ela nasceu em Cracóvia, de onde fugiu com a mãe. Em 1939, mudou-se para a França, onde escreveu seu primeiro livro, "A noite de São João". Em 1945, retornou à Polónia e escreveu "Batalha de Asinópolis". "Mas, além de poeta, foi também jornalista, crítica de arte e tradutora. Sua obra é marcada por uma linguagem simples e direta, com uma forte presença de imagens. Ela escreveu mais de 20 livros, incluindo poemas, contos e romances. Sua obra é considerada uma das mais importantes da literatura polonesa contemporânea. Ela morreu em 2012, aos 93 anos, em Cracóvia, Polónia.



A poeta Wislawa Szymborska em Cracóvia, em 2009



Fotobiografia ilumina vida e obra do poeta Fernando Pessoa

Volume, elaborado por Richard Zenith e Joaquim Vieira, refaz a trajetória do autor português e reúne mais de 400 imagens sobre ele

Além de um conjunto de textos, o livro também contém uma galeria de imagens que retratam o poeta em diferentes momentos de sua vida. O volume é considerado uma obra fundamental para quem deseja conhecer mais sobre o poeta português.



FSP, 04/02/12, p. E7. Fotografia 12/93



FPS 2

Fotografias extraídas da edição 30317 da Folha de S. Paulo (04/04/12).

Total de fotografias jornalísticas: 87.

Total de fotografias composta por figuras de mulheres: 23

Caderno de principal incidência: Ilustrada

FSP, 04/04/12, p. A1. Fotografia 1/87





PAINEL  
VERA MAGALHÃES



Convidados aguardam na fila no Palácio do Planalto para participar de anúncio de novo pacote

**Comando paralelo**

A criação do bloco PTB-PR, com 14 senadores, foi vendida primeiramente ao Palácio do Planalto como a volta do PR à base aliada, mas, no final do dia, a avaliação era de que a iniciativa tem o objetivo de empregar o governo. A costura foi feita diretamente com a titular da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, que levou Blairo Maggi (PR-MT) e Gim Argello (PTB-DF) até Dilma Rousseff. O líder do governo no Senado, Eduardo Braga (PMDB-AM), e a ministra Ideli Salvatti (Relações Institucionais) foram excluídos da negociação. O grande mentor da manobra foi o líder do PMDB, Roman Castanho (AL), que terá ascendência sobre o novo bloco.

**Dilma socorre indústria com medidas de impacto reduzido**

Corte de impostos para 15 setores equivale a um dia de receita do governo

**BNDES terá mais R\$ 45 bilhões para empréstimos e reduziu juros para estimular novos investimentos**

**O PACOTE DE DILMA**  
Governo lança série de medidas para tentar estimular a economia

Crescimento da produção industrial, em %

15 2,2

FOLHA DE SÃO PAULO

QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2012 **poder A7**



Papel

Após discursar, Mantega mostra dados sobre a desoneração da indústria para a presidente

**Pacote improvisado provoca críticas de setores do governo**

Segundo assessores, medidas importantes acabaram sem destaque por terem sido incluídas de última hora

**Palácio do Planalto queria dar 'volume' à cerimônia e incluiu até programa para o tratamento de câncer**

VALDO CRUZ  
NATÁLIA NERI  
MARCIO FALCÃO  
DE BRASÍLIA

medidas, divulgada pela Fazenda, tinha erros: o secretário-geral Nelson Barbosa teve de corrigir o valor de desoneração deste ano de R\$ 4,9 bilhões para R\$ 3,1 bilhões. Auxiliares da presidente, ao fim do evento, usavam uma metáfora de mecânica para resumir a cerimônia: a tentativa de consertar um carro em movimento.

A presença do programa foi a que causou maior surpresa na equipe de Dilma, que consultou com seu assessor em outra data, de preferência com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — aproveitando o sucesso de seu tratamento contra um câncer na laringe.

**'FAZER VOLUME'**  
Se, que, de acordo com um auxiliar, o Palácio do Planalto queria "fazer volume" no lançamento de ontem.

O governo chegou a ser aconselhado, por exemplo, a anunciar em algum outro dia todas as medidas destinadas a aumentar as expectativas para dar mais repercussão às novas ações de desoneração de impostos e de estímulo do investimento.

Para esses assessores, também perderam impacto medidas relacionadas ao Plano Nacional de Banda Larga e ao Programa um Computador por Aluno, projetos considerados prioritários pela própria presidente.

Foi a greve introduzida também o motivo de constar entre as medidas do pacote a famosa "guerra dos portos" — além de uma ameaça velada ao mercado de baixar novas medidas cambiais para conter a valorização do real.



Reclamarão

Dilma reclama dos números apresentados pelo ministro da Fazenda e devolve o papel

Técnicos do governo federal trabalharam até a madrugada de ontem finalizando algumas das medidas do pacote, como o novo regime para o setor automotivo.

Como de costume, a presidente Dilma Rousseff fez vários reparos a poucas horas do evento no Palácio do Planalto e, num sinal da cerimônia, acabou assinando apenas a metade dos decretos previstos dentro do pacote. Motivo: não houve tempo de incluir o restante no roteiro da solenidade realizada ontem.

Dilma estava contrariada durante o evento, tendo distribuído blocos ao secretário-geral e até ao ministro Cidely Mantega (Fazenda).

Em um determinado momento, ela discutiu com ele sobre o número de desoneração numa folha de papel. Até o longo arquivo eletrônico de Power Point com as

**AMONTADO DE MEDIDAS**  
O plano do governo de transformar o lançamento do pacote de medidas econômicas em um evento de grande impacto acabou se revelando um erro de estratégia de marketing, na avaliação de assessores da própria presidente.

A análise foi feita reservadamente durante a solenidade de ontem no Palácio do Planalto, que reuniu mais de 400 pessoas e durou mais de duas horas.

De acordo com esses assessores, o evento poderia ter sido desmembrado em pelo menos três grandes cerimônias e ganhar, com isso, mais destaque na mídia.

Da forma como foi feito o anúncio de ontem, o pacote virou um amontoado de 21 medidas novas, velhas e de antigas parcerias — incluindo até Programa Nacional de Assistência Oncológica.



Saída

O ministro da Fazenda deixa o palco para conversar com seus assessores, mas depois volta

eleições 2012

# Dirceu articula a montagem da equipe de campanha de Haddad

Deputado cassado costurou acordo para definição de coordenador

CATIA SEABRA DE BRASÍLIA

O ex-deputado e ex-ministro José Dirceu foi um dos articuladores na montagem do comando de campanha de Fernando Haddad (PT) à Prefeitura de São Paulo.

Dirceu —que teve o mandato cassado em meio ao escândalo do mensalão— atuou como avaliador na escolha do vereador Antonio Donato para coordenador do comitê. Sua tarefa foi, segundo o ciclo petista, apagar o incômodo causado pelo anúncio da escolha de Donato na Construindo um Novo Brasil, corrente petista majoritária da qual Dirceu faz parte.

A movimentação de Dirceu incluiu um encontro com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na tarde de segunda-feira. Segundo a assessoria do Instituto Lula, onde aconteceu a reunião, a conversa foi rápida, "para tratar de eleição municipal".

O presidente do PT, Rui Falcão, confirmou, por meio da assessoria, a participação no encontro. Não deu detalhes.

Dirceu se reuniu também com o deputado Vicente Cândido, de quem ouvira reclamações à condução política da campanha, concentrada na mão de três vereadores.

A um interlocutor Dirceu disse que esteve com Vicente e que ele estaria disposto a

colaborar com a campanha. Após a conversa, Dirceu esteve com Falcão na Assembleia de São Paulo. E, de lá, foram ao Instituto Lula. O nome de Donato foi formalmente divulgado como indicação da CNB logo depois.

Procurado, Haddad fez questão de lembrar que o nome de Donato fora submetido ao conselho político da campanha, no sábado, dois dias antes de Dirceu entrar publicamente em campo.

Dirceu negou que tenha discutido eleições com Lula. O ex-ministro afirmou que foi relatar ao ex-presidente como está o andamento do processo do mensalão no STF (Supremo Tribunal Federal).



POSE: O pré-candidato à prefeitura José Serra tira fotos em unidade do Poupaptempo; o tucano foi elogiado por aliados e chamado de "nosso prefeito" por Gilberto Kassab (PSD)



FOLHA DE S.PAULO

QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2012 mundo A13

# Ex-reféns das Farc receberam fotos para lembrar de parentes

Imagens foram entregues aos recém-libertados para tentar amenizar impacto do reencontro com familiares

Reféns estavam com a guerrilha havia mais de uma década; um deles não reconheceu seu filho após 14 anos

DE SÃO PAULO DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Em seus primeiros momentos de liberdade, os seis policiais e quatro militares que durante mais de uma década foram cativos das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) receberam, ainda na selva, um punhado de fotos dos familiares.

Era uma preparação para o reencontro com os parentes que aconteceria momentos depois em Villavicencio e mais tarde em Bogotá, explicou Jordi Raich, chefe da Cruz Vermelha na Colômbia.

Raich coordenou a operação que, com apoio do Brasil, transportou anteontem os últimos "reféns políticos" libertados unilateralmente pela guerrilha.

"Colocamos fotos atuais dos familiares, com quem já vinhamos trabalhando, dando apoio psicológico. Foi o primeiro que lhes demos, para que começassem a se preparar", contou ele à Folha. Para Robinson Salcedo

Guarín, sargento do Exército, a foto não foi suficiente. "Meu pai não me reconheceu", contou seu filho Yonathan, 18, ao jornal colombiano "El Tiempo". Ele tinha apenas quatro anos quando o militar foi capturado, em 1998. Salcedo chamou atenção anteontem ao desembarcar do helicóptero Cougar, cedido pelo Exército brasileiro. Ele levava no ombro dois peiquitos, um presente para Yonathan.

ACORRENTADOS

Raich, 48, disse que a operação teve momentos tensos. O protocolo de segurança, aceito pelas Farc, indicava que o helicóptero deveria decolar às 15h30 com os libertados, mas só às 16h10 apareceu a canoa que transportava os reféns.

"Temos um agradecimento enorme à tripulação brasileira pelo profissionalismo. Eles sabiam do protocolo,

mas entenderam como era importante aquele momento", afirmou. Os recém-libertados passaram ontem por revisão médica em Bogotá e foram visitados pelo presidente Juan Manuel Santos.

O mandatário colombiano reiterou que a liberação unilateral dos reféns não é suficiente para iniciar um diálogo de paz com as Farc, ativa desde os anos 60, e lembrou que ainda permanece na selva um número indeterminado de civis sequestrados.

No final do dia, os ex-reféns descreveriam à imprensa seus anos no cativeiro, grande parte deles acorrentados aos pares, e o medo que sentiam de serem atingidos por um bombardeio das forças de segurança.

Dois deles, o sargento José Libardo Forero e o intendente Jorge Trujillo, contaram que conseguiram escapar em 2009 e estiveram vagando por um mês na selva até serem recapturados.

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."

Os guerrilheiros tiraram as roupas dos dois. "Disse: Não nos humilhem mais porque estamos cansados de humilhação. Se vão nos fuzilar, fuzilem!", contou Forero. "Mas a vontade de Deus quis que voltássemos [ao cativeiro]."



Carregando foto da família, ex-refém Robinson Salcedo desembarca após a libertação



Temos a grande satisfação de comunicar que

**ÁLVARO LUÍS FLEURY MALHEIROS**  
e  
**GISELA DA SILVA FREIRE**

passaram a integrar o quadro de advogados do escritório, na qualidade de sócios, responsáveis, juntamente com a equipe que os acompanha, pelas áreas de Direito Societário e do Trabalho.

alvaromalheiros@porto.adv.br  
giselafreire@porto.adv.br

AVENIDA NOVE DE JULHO, 809 - 9º ANDAR - SÃO PAULO  
TEL. +55 11 3254 0050 - PORTO@PORTO.ADV.BR

WWW.FLEURY.ADV.BR



Mulher reza diante de igreja em Porto Príncipe, no Haiti



## Brasil vai dar visto para haitianos na fronteira

Cerca de 600 migrantes poderão entrar no país, após mais de dois meses de espera

DE SÃO PAULO

O governo brasileiro decidiu receber centenas de haitianos que estavam barrados na fronteira amazônica do país desde janeiro deste ano.

A notícia foi divulgada ontem pelo secretário nacional de Justiça, Paulo Abrão, em sua conta do Twitter e confirmada à **Folha** por ONGs que atuam na área de assistência aos refugiados do Haiti.

“O governo decidiu hoje receber os 245 haitianos restantes em Iñapari, no Peru. Terão procedimento simplifica-

do para permanecer no país. Também serão regularizados os 363 haitianos de Tabatinga/AM que estão fora do alcance da medida legal do CNIg [Conselho Nacional de Imigração] de janeiro”, escreveu Abrão.

“Todos receberão carteira de trabalho temporária e assistência das secretarias de Justiça de Acre e Amazonas para colocação no mercado”, acrescentou o secretário.

Em janeiro, o governo emitiu “vistos humanitários” para 4.000 haitianos já no Brasil e estipulou cota de 1.200 vistos por ano para haitianos.





# Após 17 dias, ainda é mistério a morte de brasileiro em Sydney

Polícia mantém sigilo sobre as investigações; corpo do estudante Roberto Laudisio Curti, 21, foi liberado ontem

Ele foi atingido por disparos de Taser feito por policiais; não se sabe até agora se houve erro da polícia no caso

rá chegar a US\$ 100 mil. A família deverá arcar com as despesas. O consulado não divulgou em quanto tempo a documentação para o transporte do corpo estará pronta. Integrantes da Associação Social de Justiça Indígena de Sydney protestaram ontem diante do consulado brasileiro e pediram para o Brasil cobrar a solução do caso.



Manifestantes em frente ao consulado brasileiro em Sydney cobram solução do caso

# ciência

## Tecnologia vai criar futuro de riqueza, afirma empresário

Criador do conceito de turismo espacial, americano diz, em livro, que problemas do mundo serão resolvidos

Avanço da computação e da biotecnologia, bem como bilionários com vocação filantrópica, seriam chave do processo

RENALDO JOSÉ LOPES

Peter Diamandis é um otimista incontestável. Depois de criar praticamente sozinho o ramo do turismo espacial, o empresário americano acha que dá para salvar o mundo fácil, fácil nos próximos anos. Esse é o argumento central de "Abundância: The Future Is Better Than You Think It" ("Abundância: O Futuro é Melhor do que Você Pensa"), livro que ele assinou com o jornalista Steven Kotler, lançado recentemente nos EUA. "Abundância" é a palavra-chave para Diamandis (que fala na primeira pessoa no livro) porque, segundo ele, não só há oportunidades de sobra para resolver os problemas do mundo como há grandes chances de que a maioria das pessoas alcance um padrão de vida tão bom quanto o dos países desenvolvidos hoje.

A aposta do empresário é tecnológica. Para ele, as revoluções que estão acontecendo hoje — a ascensão das plantas e dos animais geneticamente modificados, a manipulação de materiais na escala de átomos, os robôs autônomos e baratos — são apenas a ponta do iceberg. Com base nas últimas décadas de desenvolvimento, ele prevê que essas tecnologias vão superar de modo exponencial no futuro próximo, a exemplo da capacidade dos processadores de computadores, que dobra a cada dois anos, em média.

**GADGETS**  
Entre as prorrogações que ficam a distância no futuro próximo, segundo ele, estão o "laboratório mini chip", um aparelho capaz de diagnosticar doenças de modo automatizado, as ferramentas biológicas verticais, que produzem comida em abundância nas megacidades, e vasos sanitários capazes de reciclar sua própria água e transferir nutrientes e fibras em energia. Não são só os novos brinquedos tecnológicos que em-

**OS QUATRO PILARES DA ABUNDÂNCIA FUTURA**  
Forças que mudarão o mundo para melhor, segundo o empresário Peter Diamandis

**ASCENSÃO DOS TECNOLOGIARUMPOS**  
Empresários que se lançaram bilionários com a tecnologia, como Bill Gates e Mark Zuckerberg, estão investindo pesado em soluções para saúde e sustentabilidade.

**TECNOLOGIAS EM CRESCIMENTO EXPONENCIAL**  
Inteligência artificial, manipulação direta de células e moléculas, organismos transgênicos de segunda geração e elevadores verticais tornam-se serviços de forma mais rápida e barata.

**15 anos**  
É o tempo estimado para que os computadores superem qualquer máquina capaz de processamento que o cérebro humano possa.

**5.000 vezes**  
É a energia solar que chega à superfície da Terra (o que toda a energia empregada pelos seres humanos) durante um dia.

polgam o empresário, no entanto. Ele vê mudanças positivas e poderosas na maneira como a própria criação de soluções tecnológicas ocorre. Uma dessas mudanças é o que ele chama de ascensão dos inventores "faça você mesmo", gente capaz de usar a informação abundante da internet e seu tipo de empreendedor para criar revoluções tecnológicas na garagem. Outro ponto importante, afirma ele, envolve o surgimento dos "tecnodizastros", bilionários da era digital, como Bill Gates, que resolveram investir sua fortuna na criação de causas como a erradicação da malária. Há, finalmente, o avanço econômico do bilhão de pessoas em todo o mundo, que enfim estão ganhando acesso a inovações tecnológicas com ferramentas como os celulares baratos na África, uma história de sucesso que deve ser replicada, diz ele.

**"ABUNDANCE"**  
EDITORA: Fran Press. PAGINAS: 302. ISBN: 978-1-12-049-111-0. Disponível em: [www.abundance.com](http://www.abundance.com)



Diamandis (à dir.) em voe que simula microgravidade com o físico Stephen Hawking

### SAIBA MAIS

#### Empreendedor já levou oito para estação espacial

Uma coisa tem de ser dita sobre Diamandis: o sujeito sabe fazer dinheiro e sabe estimular a inovação. Filho de imigrantes gregos, formado em biologia molecular, engenharia aeronáutica (ambos no MIT) e medicina (por Harvard), ele criou a Fundação Premio X, que oferece US\$ 10 milhões para quem criar a primeira espaçonave privada rentável. O prêmio foi vencido em 2009 pela SpaceShipOne, cujo modelo mais atualizado deve voar comercialmente já no ano que vem. Diamandis também ajudou a fundar a empresa Space Adventures, responsável por levar oito milionários até a Estação Espacial Internacional. (p.1)



**PAINEL FC**

EDUARDO OHATA e BERNARDO ITRI

**Virada de jogo**

Menos de um mês à frente da CBF, José Maria Marin terminou de contornar as resistências à sua gestão. Após obter apoio dos principais clubes, o cartola recebeu ontem as federações de BA, MG, PR, RJ e RS e fez promessas que garantem estabilidade. Marin agendou nova reunião para o dia 17, só com os rebeldes. Na ocasião, prometeu que vai oferecer espaço na CBF a essas federações, contrárias ao domínio paulista na entidade.

**Cúpula.** As maiores reivindicações dos rebeldes à Marin, ontem, eram o veto da região Sudeste da CBF ser indicado pela Federação do Rio e o cargo de secretário-geral ser de um cartola de uma das outras quatro federações.

**Mapa.** Na CBF, ao contrário do estabelecido na geografia brasileira, a região Sudeste é composta apenas por São Paulo e Rio. Minas e Espírito Santo são consideradas Estados do Centro-Oeste, o que inviabiliza a candidatura de cartolas dessas regiões para ser vice. Marin também prometeu rever tal conceito.

**Aprendiz.** Apesar de ser criticado por conselheiros são-paulinos e de a negociação com a Lenovo para patrocínio de camisa ter falhado, Roberto Justus continua bem rotulado no Maracanã. O departamento de marketing do São Paulo vê com bons olhos que a ajuda do publicitário ao clube continue em curso.

**Otimismo.** Com a venda de outros espaços no uniforme (mangas, omoplacas etc.), o Corinthians espera arrecadar até R\$ 57 milhões por ano. Com a Hyundai, a negociação está em torno de R\$ 28 milhões só por peito e costas.

**DIVIDIDA**

“Que não seja como o sindicato de atletas, onde cada um está de olho só no seu”

JARULLI no Hospital do Santos, ao falar sobre a Associação Brasileira de Executivos de Futebol

**VÔLEI**

**Na abertura das semifinais, RJX e Cruzeiro triunfam**

DE SÃO PAULO - Apenas uma das equipes que jogaram em casa conseguiram começar as semifinais da Superliga masculina com uma vitória.

Em Contagem (MG), o Cruzeiro bateu de virada o Minas, por 3 a 1, com parciais de 22/25, 25/21, 25/17 e 25/16.

“Valei pelo nosso desempenho, por não ter dado a chance ao Minas, que sofre quando conseguimos encerrar nosso saque”, comentou o central Acácio, dono de 11 pontos para o Cruzeiro, ao Sportv, ao final da partida.

Os dois times voltam a se enfrentar no sábado, às 10h, em Belo Horizonte.

Já o RJX venceu o Vôlei Futuro em Aracatuba por 3 a 0 (25/21, 25/21 e 25/27), na abertura da semifinal da Superliga masculina, ontem.

“Todos que vêm a Aracatuba sabem que jogar aqui dentro é muito difícil. Vencer por 3 sets a 0 dá muito mais moral e confiança para o nosso time tentar fechar a série na próxima partida, em casa”, comentou o opositor Theo.

**GHASTILHA**

**COB inaugura CT para a seleção em velódromo do Pan**

DE SÃO PAULO - O novo centro de treinamento da ginástica artística, que será inaugurado hoje de manhã no Rio, contará com os equipamentos utilizados no Pan de 2007. Desde então, em boa parte do tempo, esses equipamentos ficaram sem uso.

A partir de amanhã, sete atletas da seleção brasileira vão se concentrar no CT por um período de sete dias e fazer treinos de preparação para o Meeting Internacional, que ocorre entre os dias 13 e 15 em São Bernardo do Campo (SP).

**FOCO**



Joseane Martins em ensaio do SeaWorld

**Atleta pede dispensa da seleção para trabalhar com baleias no SeaWorld**

MACIEL MERGULHO DE SÃO PAULO

Uma atleta que gosta de voar. Um impulso. É a seleção brasileira de nado sincronizado perde uma integrante. Graduada em Ciências Aeronáuticas, Joseane Martins, 22, já havia pedido dispensa para trabalhar por quatro meses em uma empresa de taxi aéreo no Rio. Voltou para disputar o Pan de Guadalajara.

As águias — especialidade dela — na piscina ajudaram o Brasil a conquistar a medalha de bronze. E contrariaram para outro voo dela.

Desde fevereiro, Joseane é contratada do SeaWorld, rede de parques aquáticos famosa mundialmente. Em março fez a primeira apresentação com belugas, uma espécie de baleia, e afetas de nado e saltos ornamentais. Ela soube da chance após o Pan, enviou um vídeo e dois dias depois recebeu convite para se mudar para o Texas, nos Estados Unidos.

“No show, faço nado sincronizado com mais três meninas, enquanto belugas passam com treinadoras, saltadores, comediantes. É igual ao nado, porém, sem os árbi-

tros para julgar, só o público para bater palmas”, explica Joseane à Folha.

Atleta do Flamengo desde os 13 anos — antes fez ginástica olímpica no clube —, ela tem contrato (renovável) com o SeaWorld até janeiro.

“Pretendo voltar ao Brasil, tenho o sonho de participar da Olimpíada do Rio-2016”.

A equipe brasileira tenta a vaga nos jogos de Londres entre 18 e 22 de abril, no Pré-Olímpico mundial. São três vagas, e a chance é remota. Já o dueto, deve conseguir.

Ao passado, as gêmeas Bia e Bianca Feres, 22, também pediram dispensa da seleção para se dedicar à carreira artística na MTV. Desta vez, foram conselheiras.

“A saída da seleção acontece porque propostas melhores surgem. Nado sincronizado é um esporte pouco reconhecido no Brasil. Agora co-

meçou a melhorar com o bolso atleta, com a mídia em 2016, mas não é suficiente”, diz Joseane, que recebe salário no SeaWorld com base nas apresentações que faz — chegam a ser seis por dia.

Para a técnica Maura Xavier, não há fuga de atletas e ela pode voltar à seleção desde que esteja competindo. “A Jose é atleta de seleção, em diferentes categorias, desde os seus 14, 15 anos. Hoje ela tem 22 e decidiu seguir outro rumo”, resume Maura.

Representantes do Brasil em Sydney 2000 e Atenas-2004, as gêmeas Carolina e Isabela Moraes trocaram o nado pelo Cirque du Soleil.

“Ninguém larga a seleção simplesmente porque quer. É muito treino para pouco investimento. O nado no Brasil é para quem realmente ama. É uma esperança é que até 2016 isso mude”, conclui Joseane.

# MÔNICA BERGAMO

## BRACOS DADOS

O chanceler Antonio Patriota pretende reunir no segundo semestre intelectuais e líderes das comunidades árabe e judaica para discutir os problemas do Oriente Médio sob coordenação do Itamaraty. Ele acha que o Brasil deve fortalecer sua liderança mundial pelo exemplo de que no país todos convivem bem e pacificamente.

### BRACOS 2

Patriota esteve acompanhado em jantar na casa do médico Claudio Lichtenberg, presidente da Confederação Israelita Brasileira. Entre os convidados estavam David Felfel, do grupo Suckato, Laryne Bilo, da Câmara Brasileira Israel de Comércio e Indústria, e Jack Terpiná, entre outros.

### BRACOS 3

No jantar, o chanceler deu lido e o diálogo com a tel e realismo que o Brasil fará "nada" para evitar um conflito armado entre o país e Israel. Em viagem recente, o presidente Dilma Rousseff defendeu o direito do Islã de desenvolver energia nuclear para fins pacíficos e criticou a "retórica agressiva" das potências contra o país.

### AMIGO

Lula telefonou para Eike Batista para se solidarizar com ele após o acidente que envolveu Thor, filho do empresário, e um helicóptero que morreu depois do choque.

### AMIGO 2

Lula aconselhou Eike a apoiar a família da vítima. E a não mais discutir o caso pelo Twitter, como o empresário vinha fazendo dias depois da tragédia.

### ÁRVORE GENEALÓGICA

O novo secretário estadual da Cultura, Marcelo Araújo, descobre recentemente um parentesco distante com Deleido de Amor Baptista, orientador, conselheiro do governador Geraldo Alckmin. Eles têm o mesmo tataravô.

### ACORDA, MENINA

Entrevistada por Pedro Bial para a edição de estreia de sua revista "A", Ana Maria Fraga diz que descobriu o que era lesbiana aos 102 anos, "porque existiam muitas meninas" no internato onde estudava. E que, ao chegar a São Paulo vindo de São José do Rio Preto, uma amiga a levou para trabalhar em uma boate, onde um homem ofereceu US\$ 100 para que ficasse perto dele. Ela ficou chocada.

### TÁ LÁ O CORPO

Solo Bocco, apresentadora do próximo Pânico da Mônica Brasileira, em junho, convidou o rapper Cidelo para participar da centomania na fachada do centro cultural O Futuro, no Rio, em maio. Ele mostrou ao conhecimento em um barco. A obra é do artista plástico Chico Cunha.

### É LA NAVE IA

Um desenho de 11 metros de altura com uma cena do filme "La Nave Va", do cineasta italiano Federico Fellini, será colocado na fachada do centro cultural O Futuro, no Rio, em maio. Ele mostra um conhecimento em um barco. A obra é do artista plástico Chico Cunha.



EMBAIXADO O ator Reynaldo Gianecchini gravou comerciais com crianças do Grapo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer; na campanha, da Ogilvy, divulga conscientização e campanha de combate ao câncer infantil e pede que as pessoas revelem parte do imposto de renda à ONG



Rodrigo Lombardi e Betty Baumgartner



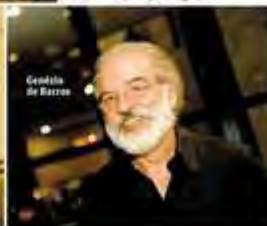
Chirla Cam

## O SEDUTOR BRASILEIRO

Os atores Eva Wilma, Chirla Cam e Geroldo de Barros foram à estreia da peça "Dona Juana", no teatro Raul Cortez. Estreia do espetáculo, Rodrigo Lombardi estava acompanhado da mulher, Betty Baumgartner.



Eva Wilma



Geroldo de Barros

### JAZZ NA BAHAIA

O instrumentista americano Trey Anderson, que se apresenta aqui o nome artístico Trombone Shorty, deu um show em Salvador durante sua passagem pelo Brasil. Ele é uma das atrações do 89th Jazz Festival, de 8 a 10 de junho, em SP, e de 11 a 13 de junho, no Rio.

### PRETA SAMURAI

A banda brasileira U3, que lançou o CD pela Deckdisc no segundo semestre, terá a participação de Preta Gil na faixa "Nega Samurai".

### OLHO GRANDE

A presidente da Fynobrás, Graça Fomen, recebe hoje o secretário de Energia de SP, José Aníbal. Vão discutir a construção de um reator de microgeração por unidade para observar a área do polo na Baixada Santista.

### CURTO-CIRCUITO

Em janeiro "O Livro Imaginário" foi lançado em SP, de 110 páginas, na editora Leya. O livro é de autoria de Ana Maria Fraga.

Marcelo Araújo, secretário de Cultura, foi entrevistado por Pedro Bial para a edição de estreia de sua revista "A".

O cantor Chirla Cam fez um show em Salvador durante sua passagem pelo Brasil. Ele é uma das atrações do 89th Jazz Festival, de 8 a 10 de junho, em SP, e de 11 a 13 de junho, no Rio.

A apresentadora Solo Bocco convidou o rapper Cidelo para participar da centomania na fachada do centro cultural O Futuro, no Rio, em maio.



Patricia Anastasiadis



Ezer Tink

## CASA E COMIDA

As apresentadoras Patricia Anastasiadis e Ezer Tink estiveram, ontem, no jantar de lançamento da revista "Casa Viva" deste mês, no restaurante Chez Min. Chris Phillips, da Missões House, também participou do evento.



Chris Phillips

E6 ilustrada QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2012

FOLHA DE S. PAULO

# acontece

## Evento Let's Rock traz ao país o mais icônico fotógrafo do estilo

Com fotos e palestra, Bob Gruen promove imersão na cultura pop em mostra que estreia hoje em SP

**Encontro que ocorre na Oca, no parque Ibirapuera, terá ainda vídeos, itens de colecionador e shows**

THALES DE MENEZES DE SÃO PAULO

Bob Gruen está de volta ao Brasil. E quer repetir a passagem feliz de 2007, quando uma vasta coleção de suas fotos foi mostrada na Faap. Esse americano de 66 anos é, a partir de hoje, a maior atração do Let's Rock, evento que transforma a Oca, no parque Ibirapuera, numa celebração roqueira. "Tem muita coisa interessante, tanto retro, recebi o convite para participar e aceitei na hora", contou Gruen em entrevista à Folha. "Em 2007, os trabalhos eram tirados do livro de mesmo nome. Agora, há muitas



Joan Jett posa para Bob Gruen na cama de um hotel de Los Angeles, em dezembro de 1976

fases diferentes na nova exposição, já que ela pretende ser uma grande festa de rock", afirma Gruen. Ele praticamente fotografou todos os astros relevantes, de Elvis a Michael Jackson, de Bob Dylan a Van Halen, dos Stones a New York Dolls. Apesar de tanta gente famosa, um nome sempre surge em suas entrevistas: John Lennon (1940-1980). "Minha relação com John foi muito intensa. Foi profissional, de admiração e, depois, de profunda amizade. Gruen trabalhou nas prin-

cipais revistas musicais das últimas cinco décadas. Mas ganhou notoriedade nas inglesas "Rock Scene" e "Creem", nos anos 1970, acompanhando turnês dos grandes nomes do punk inglês, como Sex Pistols e Clash. "Posso fotografar qualquer pessoa, mas, para o tipo de registro que procuro, mais intimista, é bom ter muito tempo ao lado do fotografado." A programação do Let's Rock tem fotos, vídeos, itens de colecionador, discos, shows e "workshops". Nessa imersão no rock and roll, é conveniente reservar um bom tempo para as fotos de Gruen — porque está tudo ali.

## Cinesesc reexibe os melhores filmes de 2011

Festival começa com prévia de "Girimunho"

DE SÃO PAULO

O Cinesesc elegeu os melhores filmes do ano passado e monta uma retrospectiva até o dia 26. São 42 longas: 26 estrangeiros e 16 brasileiros. Hoje, a partir das 19h, acontece a premiação, nas categorias filme, diretor, fotografia, atriz e ator nacional e filme, diretor, atriz e ator internacional. O evento terá a pré-estreia de "Girimunho", dirigido por Helvécio Marins Jr. e Clarissa Campolina. O evento oferece nova chance para o público conferir produções como "A Pele que Habito", "O Faltoso" e "Rio".

**SESC MELHORES FILMES** QUANDO: de hoje ao dia 26/4. ONDE: Cinesesc, Augusta, 2.075, tel. 3087-0500. QUANTO: R\$ 4 (gratuito em comemoração e dependentes). CLASSIFICAÇÃO: de acordo com a programação, em www.sescsp.org.br/melhoresfilmes



E10 ilustrada QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2012

FOLHA DE S. PAULO

# televisão

## OUTRO CANAL

REILA JIMENEZ

### Faustão troca famosos por dança da galera

Nada de famosos. Quem vai dançar no "Domingão do Faustão" (Globo) são os anônimos. Estreia no dia 15, o quadro "Dança da Galera", uma disputa de coreografias entre cidadãos. A ideia é reunir muitos moradores, até 4.000, em coreografias inspiradas em grandes eventos internacionais, como a Copa do Mundo. O "Dança da Galera" ficará três domingos no ar, com duas cidades participantes por semana. Quem escolhe o vencedor é o público. A melhor coreografia levará R\$ 100 mil, que deverá ser investido em um projeto de educação da cidade.



YCHORBERGÁ, Tati Araújo, Marco Palmiera, Cibella Alves e Ricardo Tuzi se divertem na festa de "Cinco de Maio" próximo evento das 19h, da Oca

**Relógio** A nova criação de Fátima Bernardes divide opiniões na Globo quanto ao horário de exibição. Há quem defenda que o programa deve entrar no ar após o "Bom Dia Brasil", que tem a audiência mais alta nas manhas da Globo. **Relógio 2** Isso faria o "Mais Você" ser empurrado para mais tarde. Outra opção é colocar Fátima logo após Ana Maria Braga, na faixa das 10h. **O NÚMERO É...** O público quer mesmo vingança. O salto no tempo rendeu à "Avenida Brasil" (Globo), antecessor, recorde de audiência: 40 pontos. **Suspiro** "Amor Eternu Amor" (Globo) também está se recuperando: marcou 26 pontos anteontem. Cada ponto equivale a 60 mil domicílios na Grande São Paulo.

**Versão** Fico de audiência da estreia do programa "Pânico" na Band, a sátira de Boris Casoy foi vista como uma homenagem pelo original. "Ri muito. Ficou divertido. Mas sei que tenho todos aqueles tristes", brincou Boris Casoy. **Versão 2** "Não consigo entender gente que não gosta desse tipo de brincadeira. Todo mundo aqui em casa adora Ri", diz ele. "O problema agora é a sátira ter mais audiência do que o ídolo original". Adou o âncora da Band, rindo. **Versão 3** Vale lembrar que no ano passado, Carlioca, integrante do "Pânico" que faz a sátira de Boris, deixou de fazer o Rô Suado, inspirado em Jô Soares, pois foi ignorado pelo apresentador da Globo em um evento. Carlioca ficou magoado e prometeu que nunca mais iniciaria Jô.

**Fora** A TV Mais suspendeu suas operações na Net. O canal de televidias passa por uma reestruturação e teve de abrir mão do espaço na operadora, que custa quase R\$ 600 mil mensais. A TV Mais estava no canal 15 e 15 (digital) da Net. **Fora 2** Na TVA, assim como no sistema analógico, a TV Mais segue no ar. **Apoio** A série "Smash", que estreou na semana passada no Universal Channel, ganhou um fã especial: o autor Aginaldo Silva. "Smash" pegou na veia", escreveram o framatungo no Twitter. **Caritos** O Globo, canal infantil da Globosat que estreia em junho, compra os direitos da animação francesa "Chaplin". A primeira temporada do desenho do lendário personagem tem 104 episódios.



### Atriz Cissa Guimarães acompanha histórias de fé em novo programa

"Viver com Fé" estreia no GNT e marca volta dela como apresentadora

ELISANGELA ROZO DE SÃO PAULO

A partir de uma pesquisa, o GNT chegou a duas conclusões: a audiência queria um programa que tratasse de fé; o nome mais lembrado pelo público quando desse era o tema foi Cissa Guimarães. Hoje, então, ela estreia na TV paga a frente do programa "Viver com Fé", com temporada de 13 episódios. "É um presente que caiu do céu, foi meu filho que mandou", diz a Folha a atriz, que perdeu em 2010 seu caçula, Rafael Mascarenhas, morto aos 18 num acidente. A cada episódio, ela tem sempre dois entrevistados que contam suas histórias de fé, independente de religião. "É muito doído. Durante as conversas, eu vejo a equipe muito emocionada. São casos que transmitem força." Além de anônimos, Gilberto Gil e Elba Ramalho também participaram. Cissa tenta trazer ainda para a tempo-



Atriz Cissa Guimarães em cena do programa "Viver com Fé"

rada o ator Reynaldo Gianecchini, que falou muito do tema enquanto se tratava de um câncer no ano passado. Apresentadora do "Video Show" (Globo) por 15 anos, se dedicava só às novelas desde 2001. O que a atraiu para a TV

### Série "Teimosia da Imaginação" aborda arte popular na TV Cultura

**Cultura, 23h45, classificação não informada.** O canal começa a exibir a partir de hoje a série "Teimosia da Imaginação", que tem dez documentários sobre arte popular. As quartas, são ao ar dois filmes. Na estreia, os temas serão os trabalhos dos escultores de madeira José Bezerra, em Pernambuco, e Vêto, em Sergipe. Entre os retratados nos documentários estão também o multiartista mineiro, Getúlio Damasceno, Antônio de Belém, Aurelino, Francisco Graciano, Izabel Mendes, Jadir João Egídio, Manoel Galvão e Nilson Pinheiro. A série é acompanhada por exposição homônima em São Paulo no Instituto Tomie O'Neil (fr. Geopós, 88; tel. 011/3245-1900; livre). **MELHOR DO DIA** **Série "Teimosia da Imaginação" aborda arte popular na TV Cultura** **Humorista Miá Mello estreia "Viajandona"** **Multishow, 22h30, classificação não informada.** A comediante (foto) — nova integrante do "Casseta & Planeta Vai Fodder" (Globo) — estreia hoje seu programa "Viajandona", de viagens pela América Latina. **SBT, 0h30, classificação não informada.** Maria Gabriela entrevista, no "De Frente com Gabi", José Pereira de Oliveira Júnior, fundador e coordenador executivo do Grupo Cultural AfroReggae.

**CRÍTICA** Ainda que meio óbvia, alegoria em "Rick", de Ozon, guarda encantos

**DIÁCIO ARAÚJO** CRÍTICA DA FOLHA Não existe cineasta mais estranho do que François Ozon: ele pode fazer um filme bem simples, quase comum, ou uma adaptação de Fassbinder. Pode, ainda, enveredar pela alegoria pura e simples, como em "Rick" (HBO Family, 13h25 e 23h30, 12 anos). Rick é um lindo bebê. Mas, quando começa a crescer, sua mãe nota algo diferente: vigaroso, quase repulso, asas de galinha começam a se insinuar em suas costas. E Rick começa a voar. Mas são mias, porém, e aceitam tudo, mesmo essas asas que, por sinal, fazem de Rick um bebê único e feliz. Alegoria meio óbvia, assim como é a defesa do diferente. Mas quem ousaria negar-lhe os encantos da originalidade, da coragem, da poesia?



## “Licht + Licht” lança luz sobre literatura de Goethe

Espectáculo de Caetano Vilela e Cia. de Ópera Seca estreia hoje em Curitiba

**Peça se baseia em textos do alemão, como “Fausto” e “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”**

**GABRIELA MELLÃO**  
ENTREVISTA ESPECIAL A CURITIBA

“Mais luz!” As últimas palavras de Goethe reverberam ao longo de “Licht + Licht”, espetáculo da Companhia de Ópera Seca baseado na obra do escritor alemão, cuja estreia nacional acontece hoje no 23º Festival de Curitiba.

A luz toma-se onipresente nas mãos do diretor Caetano Vilela. Delimita os objetos de cena e a própria caixa preta:

incide diferentemente sobre cada personagem da peça, ajudando a caracterizá-los.

O encenador, que também assina a dramaturgia, é um dos mais talentosos iluminadores do país. Começou na Companhia de Ópera Seca como assistente de Gerald Thomas e há dois anos o substituiu à frente do grupo.

Thomas renovou o teatro do país nos anos 1980 com uma estética teatral que, como o nome da companhia sugere, se inspirava na linguagem operística.

Vilela, que dedicou a última década às óperas, segue a mesma trilha. Há prioridade ao papel da iluminação na cena teatral, utilizando-se da luz para produzir uma experiência sensorial.

“A luz no espetáculo não é usada como efeito. Ela conta uma história”, afirma.

“Licht + Licht” (luz mais luz, em alemão) rejeita a lógica do teatro tradicional ao rearticular trechos da obra de Goethe em “Fausto”, “Os Sofrimentos do Jovem Werther” e sobretudo “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”, livro sobre o percurso teatral do jovem a quem o título da obra se refere.

Na peça, o encenador reinventa o que seriam as visões detraídas de Goethe: “É como se os personagens que são pilares da obra dele pousassem sua cabeça antes da morte.”

O resultado é uma obra caótica, fragmentada, que mistura diversas linguagens artísticas — além do próprio teatro, entram em cena artes plásticas, música e dança.

A ambição de Vilela é fazer do espetáculo uma obra de arte total, termo cunhado pelo compositor Richard Wagner, que, no século 19, alterou a partir desse conceito a história da ópera.

Como em “Travesties” — peça de Tom Stoppard que foi o primeiro espetáculo criado sob comando de Vilela no coletivo fundado por Thomas —, também aqui o encenador usa a metalinguagem.

Na trama, ele insere uma trupe teatral que se questiona sobre o papel de sua arte. “Algumas passagens são tão atuais que parecem improvisadas pelos atores, mas surpreendentemente foram extraídas da obra de Goethe”, conta o diretor.

A jornalista e a repórter fotográfica visitam o cenário do Festival de Curitiba.

**LICHT + LICHT**  
QUANDO Hoje e amanhã, às 21h  
ONDE Teatro Equilíbrio (R. 15 de Novembro, s/nº, Curitiba)  
Tel. 0xx41/3322-8191  
QUANTO R\$ 20  
CLASSIFICAÇÃO 16 anos



Atores em cena da peça “Licht + Licht”, de Caetano Vilela

### FPS 3

Fotografias extraídas da edição 30347 da Folha de S. Paulo (04/05/12).

Total de fotografias jornalísticas: 69.

Total de fotografias composta por figuras de mulheres: 22

Caderno de principal incidência: Caderno 1

FSP, 04/05/12, p. A1. Fotografias 1 e

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 92 • SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2012 • Nº 30.347 EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 23H31 • R\$ 3,00



**RECEBA HOJE**  
GUIA FOLHA  
GUIA ESPECIAL  
VIRADA CULTURAL

**OCUPE SP**  
Veja shows, espetáculos e até barraquinhas de chefs famosos que agitam a cidade por 24 horas

2/69

FSP, 04/05/12, p. A4. Fotografia

FOLHA DE S. PAULO  
SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2012 A4

**poder**

ECONOMIA  
Produção industrial tem início de ano fraco e recua 3%  
Pág. A8

CACHOEIRAGATE  
Senador pede processo contra Demóstenes no conselho  
Pág. A9

Visualizador

Governo muda em regras e diminui ganho da poupança

PAINEL

VERA MAGALHÃES

Festa no interior

A estratégia de defesa da Delta na CPI será jogar toda a responsabilidade pela relação com o grupo de Carlinhos Cachoeira nas costas do ex-diretor preso Cláudio Abreu e isentar o dono, Fernando Cavendishi.

A empreiteira vai usar a conclusão da própria Polícia Federal —de que Abreu era “sócio oculto” de Cachoeira— para sustentar que o ex-diretor no Centro-Oeste estava lesando a Delta em benefício próprio. A triangulação com empresas do grupo do acusado de contração será usada como prova de que Abreu praticava sonegação fiscal. Depois de uma auditoria em curso na empresa, a Delta pode até processar seu ex-diretor.

**Seletivo** A Procuradoria-Geral da República afirma que Roberto Gurgel só recebeu o material referente a pessoas com foro privilegiado e que a íntegra da Operação Monte Carlo permanece na 1ª Vara Federal de Goiânia. Ali estariam as conexões entre a Delta e Cachoeira.

**Devassa** A Delta, no entanto, sabe que enfrentará uma operação específica da PF sobre a empresa, com investigações já em curso em Goiânia e no Distrito Federal.

**Consulta** O novo ministro do Trabalho, Brizola Neto, reuniu-se na véspera da posse com o ex-ministro José Dirceu para tratar de alianças municipais. Dirceu quer apoio do PDT a Marcio Pachmann (PT) em Campinas.

**Freio** Parte do governo e do Congresso ficaram alarmados com as críticas de Dilma Rousseff ao setor financeiro. Argumentam que, com popularidade alta, a presidente não precisa comprar briga com bancos em ano eleitoral, e atribuem ao mar-



Dilma Rousseff no Planalto, durante reunião com empresários

Governo mexe em regras e diminui ganho da poupança

Medida tem o objetivo de permitir a redução da taxa de juros da economia

Alteração, que vale para novos depósitos

COMO FICA A POUANÇA

se o presidente do BC, Alexandre Tombini.

FSP, 04/05/12, p. A6. Fotografia 4/69

Dilma diz a aliados que país precisa de ‘medida ousada’ para voltar a crescer

Presidente afirma que não teme perder popularidade e que há ‘coisas que precisam ser feitas’

Líder do governo na Câmara fala que a MP ainda precisa ser aprovada, mas ninguém manifestou resistência

DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff disse a sindicalistas, empresários e líderes aliados, em três reuniões distintas no Palácio do Planalto, que a mudança no rendimento da poupança é uma “medida ousada”, mas que tinha de ser “enfrentada” para permitir a queda dos juros no país.

Segundo os participantes, Dilma disse não temer perder popularidade e foi elogiada pelos empresários por adotar uma medida polêmica. “São coisas que precisam ser feitas e serão feitas, fomos eleitos para isso”, afirmou no encontro com os empresários, o último dos três que teve para pedir apoio à medida.

A primeira reunião foi com o Conselho Político, que reúne líderes dos partidos aliados. Nela, parlamentares lembraram a tentativa frustrada do ex-presidente Lula de mudar a poupança. Bem-

dos juros, a valorização cambial e a carga tributária do país: “Não estou aqui para vender facilidades. Esse é um passo que tem que ser dado”. O último encontro reuniu 26 empresários. Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade diz que todos elogiaram a medida, incluindo os banqueiros presentes: Pedro Moreira Salles (Itaú-Unibanco), Luiz Carlos Trabuco (Bradesco) e André Esteves (BTG Pactual).

O presidente do Bradesco, Luiz Trabuco, disse que “foi uma mudança boa para todos, importante, pois preservava os saldos existentes, mantendo as regras de liquidez e isenção tributária, preservando a grande credibilidade deste instrumento, um dos mais populares do país. A mudança foi boa, pois permitiu espaço para a continuidade na queda dos juros”.

Robson Andrade disse que a busca por juros menores não poderá ser feita só por bancos oficiais e afirmou que os demais estão reagindo por conta da concorrência. “Se você não tem concorrência, não tem necessidade de buscar maior eficiência. A medida que bancos tenham con-



Michel Temer, Dilma Rousseff e Guido Mantega durante a reunião com Conselho Político

Mudança pode alterar crédito imobiliário

DE BRASÍLIA

A decisão do governo de mudar a regra de remuneração da poupança quando a taxa Selic chegar a 8,5% poderá aumentar o ganho dos bancos que investirem

mesmo preço dos mutuários. Hoje a poupança é a principal fonte de recursos na área de habitação, e 65% do saldo das cadernetas tem que ser obrigatoriamente direcionado para o setor.

as operações feitas pelas regras do SFI (Sistema Financeiro de Habitação). A diferença serve para cobrir os custos do financiamento e o lucro do banco. Se a taxa de captação cai e a de aplicação permanecer inalterada, o ganho do banco

TIRE SUAS DÚVIDAS Sobre as novas regras

- 1** A mudança vale para todos os poupançadores? Não. As novas regras serão aplicadas aos depósitos feitos a partir de hoje. Os depósitos feitos até ontem continuarão a ser corrigidos pelas regras antigas.
- 2** O que acontece com quem já tem caderneta? Os bancos terão que apresentar extratos discriminando os depósitos antigos e os novos, e os índices de correção aplicados a cada um.
- 3** E se o poupançador precisar sacar seu dinheiro? Saques deverão ser debitados prioritariamente dos depósitos mais recentes, que renderão menos se as taxas de juros caírem.
- 4** Vale a pena continuar investindo na poupança? As cadernetas continuarão tendo uma aplicação segura, livre de imposto de Renda e das taxas de administração cobradas em outras aplicações.
- 5** Mas o rendimento não vai diminuir? Com a queda dos juros, o rendimento das cadernetas será menor do que o atualizado pelas

Visualizador

Dilma diz a aliados que país precisa de medida ousada para voltar a crescer

FOCO



Ex-presidente Lula deixa evento do BNDES no Rio de Janeiro amparado por uma bengala

## Lula chega a evento de bengala e pede desculpa por voz baixa

DO RIO

Visivelmente abatido e amparado por uma bengala, o ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva fez ontem a sua segunda aparição pública desde que terminou o tratamento contra um câncer de laringe.

Ele participou de um seminário sobre a África organizado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), no Rio.

De acordo com a assessoria do ex-presidente, ele vem se recuperando bem, mas ainda precisa de ajuda da bengala para caminhar. Durante o tratamento, Lula perdeu 18 quilos, parte deles já recuperada.

Dos sete integrantes da mesa oficial ontem, Lula fez o discurso mais longo, de cerca de 20 minutos. Ele pediu desculpas pelo ritmo mais lento e pelo tom mais baixo de sua voz.

"Faz sete meses que eu não falo. Espero que não tenha esquecido como faz isso", disse o ex-presidente.

O ex-presidente leu o discurso, uma prática pouco usual para ele, e evitou improvisar para não se estender. Deu ainda pequenos sinais de cansaço e parou algumas vezes para beber água.

"Ele está bem melhor. Vocês o estão achando abatido porque não o veem há muito tempo", afirmou à Folha o ex-ministro da Comunicação

Social Franklin Martins. A agenda de Lula no Rio foi longa. Ele participou de todo o seminário, que durou das 9h30 às 14h. Depois almoçou com autoridades presentes.

Em seu discurso, enfatizou as oportunidades de investimentos para empresas brasileiras na África, em setores como infraestrutura, petróleo e agronegócios.

"O Brasil tem um dever de solidariedade para com a África. O suor dos escravos africanos que por muito tempo trabalharam por aqui ajudou a construir o país que temos hoje", disse Lula.

Hoje o ex-presidente cumprirá mais uma agenda no Rio de Janeiro, desta vez ao lado da presidente da Dilma Rousseff. Ele receberá o título de doutor honoris causa de cinco faculdades públicas do Estado — quatro federais e uma estadual.

(DENISE LUNA E LUCAS VETTORAZZO)



A ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, em comissão no Senado Federal

## Especialistas relatam riscos à liberdade de expressão

Seminário sobre o tema continua hoje em SP

DE SÃO PAULO

Bandeira do PT, o controle social da mídia foi criticado ontem por especialistas e políticos no primeiro dia do Seminário Internacional de Liberdade de Expressão, organizado pelo ICSS (Instituto Internacional de Ciências Sociais).

"No Brasil, o [ex-presidente] Lula tentou fazer um controle da comunicação social com diversos nomes eufemísticos. Na verdade é controle na dura, está no programa do PT", afirmou Nelson Nery Jr., advogado e professor da Unesp e da PUC.

Para Gustavo Binenbojm, professor de direito da Uerj, o discurso de controle social da mídia é "ambíguo e populista". "Ninguém pode imaginar que o Estado seja essa agênciã capaz de julgar o que merece ou não ser dito."

Os discursos foram similares ao do governador paulista, Geraldo Alckmin (PSDB), na abertura do evento. "As ameaças à liberdade de expressão persistem. Atualmente se sucedem sob disfarce de nomes pomposos", disse.

Tanto Binenbojm quanto Daniel Samento — procurador da República no Rio, que também falou no evento — defenderam, no entanto, que liberdade de expressão não significa ausência de regulação.

"Eu veria com reserva uma macroregulação. Mas há casos em que a atuação do Estado é necessária para que a liberdade de expressão exista", afirmou Samento.

O seminário segue com mais dois debates hoje. O encerramento terá o presidente do STF, ministro Ayres Brito.



## Comitê do governo vai acompanhar atos de violência contra jornalistas

Entidades do setor participarão do órgão, que vai centralizar dados

DE BRASÍLIA

O governo decidiu criar um comitê de acompanhamento dos casos de violência contra jornalistas após reunião realizada ontem entre o ministro Maria do Rosário (Direitos Humanos) e entidades que representam empresas e profissionais de comunicação.

Chamado de "observatório", o comitê será coordenado pela secretaria e terá participação das entidades. O objetivo é centralizar as informações e levantar estatísticas sobre os casos de violência.

"Esse problema é extremamente grave, porque envolve não apenas a integridade física dos jornalistas e o direito de exercício da profissão, mas também o direito da con-

sciência da sociedade, que é a liberdade de expressão e o acesso à informação", afirmou o presidente da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), Maurício Azêdo.

Participaram ainda da audiência o diretor-executivo da ANJ (Associação Nacional de Jornais), Ricardo Pedreira; o vice-presidente da Fentaj (Federação Nacional dos Jornalistas), Celso Schroeder; e o presidente da Altercom (Associação Brasileira de Empresas e Empreendedores da Comunicação), Renato Rovai, que representa blogueiros.

Schroeder disse que o "observatório" organizará as informações sobre a violência contra jornalistas para ter dados mais precisos: "O aumento desses crimes é conse-

quência da impunidade". A última vítima da violência foi Décio de Sá, blogueiro e repórter do "Estado do Maranhão", morto em 23 de abril.

Rosário disse que "quando um jornalista é atingido, temos também o exercício da livre possibilidade de comunicação atingida. Portanto, estão atingidos os direitos de todas as pessoas".

Ontem a ANJ e outras associações de imprensa da América do Sul divulgaram um alerta sobre a violência a jornalistas, a Declaração de Santiago. O texto destaca que "os 29 jornalistas assassinados" na região em 2011 (dos quais quatro brasileiros) somam "um terço do total mundial".

No Brasil, só em 2012 foram mortos quatro jornalistas.



Luzia Ferracho/Reuters

Indios festejam decisão que anulou títulos de terras na BA



# Fazendeiros da BA cobram Estado por perda de terra

Produtores preparam ofensiva judicial após STF decidir que área é indígena

**Ruralistas querem indenização do governo baiano, que cedeu propriedades; pedido pode atingir R\$ 300 mi**

GRACILIANO ROCHA  
DE SALVADOR

Após perderem suas terras para índios pataxós há há há, produtores rurais do sul da Bahia preparam uma ofen-

A Constituição veda a indenização por terra considerada indígena, mas os produtores vão basear suas ações no argumento de que receberam, de boa fé, os títulos do governo da Bahia.

“O mínimo que podemos fazer é entrar na Justiça contra o Estado, que emitiu os títulos. Quem sabe nossos bisnetos recebam”, disse a proprietária Clelle Aguiar.

“Tenho 57 anos e nasci nesta fazenda. Vamos ver agora o

# PF investiga relato de ex-agente da ditadura

Ex-delegado afirma ter participado da incineração de 11 presos políticos

**Guerra já prestou depoimento, cujo teor sigiloso foi informado à presidente Dilma e ao ministro da Justiça**

**BERNARDO MELLO FRANCO**  
DE SÃO PAULO  
**LUCAS FERRAZ**  
DE BRASÍLIA

A Polícia Federal abriu in-

poimento com outras provas. O coronel reformado Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-comandante do DOI-Codi apontado no livro como autor de assassinatos, disse não conhecer Guerra e ameaçou processá-lo. "Não temos ideia de quem é este cidadão. Ou é louco ou foi comprado. Ou disse a mulher dele, Josefa. Outros militares também questionaram o ex-delegado.

"Não conheço e nunca vi esse sujeito, vou processá-lo. É um louco, condenado por vários crimes", disse o coronel Juarez de Deus Gomes da Silva, que segundo Guerra participou de reunião em que se decidiu a morte do delegado Sérgio Fleury, um dos principais nomes da repressão. Guerra cumpriu pena pela morte de um bicheiro e é acusado de matar a ex-mulher e a

cunhada, crimes que ele nega. Filho de Sérgio Fleury, Paulo Fleury disse que a história da morte do pai (segundo o livro, morto com uma pedrada na cabeça) é "completamente fantástica". Fleury morreu em 1979, em Ilhabela, ao cair entre duas lanchas. "Minha mãe estava a meio metro, o acompanhou toda a noite. Nossa família já está vacinada com tantas fantasias."



**DITADURA** O grupo Levante Popular da Juventude faz 'Ato pela Memória, Verdade e Justiça' em frente ao antigo DOI-Codi de SP, local de tortura de opositores do regime



# Ativista pede que Hillary o tire da China

Após deixar embaixada americana, dissidente cego Chen Guangcheng quer que secretária de Estado o leve em avião

**Declaração constrange diplomacia americana, que já comemorava o acordo firmado com a China sobre Chen**

**FABIANO MAISONNAVE**  
DE PEQUIM

O governo norte-americano retomou as conversas ontem com a China sobre o futuro do dissidente cego Chen Guangcheng, que, horas após deixar a embaixada dos EUA anteontem, mudou de ideia e agora quer abandonar o país junto com a secretária de Estado, Hillary Clinton. Ela fica até hoje em Pequim.

"Minha esperança é de que seja possível ir para os EUA no avião de Hillary Clinton", disse ontem Chen ao site "Daily Beast" e, com algumas variações, a outros meios internacionais. "Minha vontade é sair, curar o meu corpo."

Chen está internado desde anteontem no hospital Chaoyang, em Pequim, para cuidar de um pé fraturado du-



Hu Jintao, presidente chinês (à esquerda), e Hillary Clinton, secretária de Estado dos EUA, durante encontro em Pequim

**ANÁLISE**

Dissidente é uma força difícil de enfrentar para as autoridades

**DAVID FILLING**  
DO "FINANCIAL TIMES"

A posição central de Chen Guangcheng — de que mulheres não deveriam ser forçadas a abortar — expôs repentinamente a falência moral da política pública chinesa.

Abortos forçados, além de serem moralmente repulsivos, são um método absurdamente antiquado de controle de natalidade.

Chen é uma força difícil de enfrentar para as autoridades chinesas. Ao contrário de Liu Xiaobo, ganhador do Nobel da Paz cujos apelos pela democracia desafiaram diretamente o poder do Estado, é

**FOLHA.com**  
Promotoria pede 80 anos de prisão para Taylor, ex-líder da Libéria  
folha.com/no1085148

**FOLHA.com**  
Gaddafi ajudou campanha de Sarkozy em 2007, afirma ex-premiê  
folha.com/no1084922



# BC europeu cobra medidas da Espanha

Setor financeiro, fragilizado por ativos problemáticos, é um dos alvos do recado de Draghi para a administração Rajoy

**Em Barcelona, sede do encontro de ontem do BCE, estudantes protestam contra cortes de gastos na educação**

**DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS**

Com o BCE (Banco Central Europeu) reunido em Barcelona (Espanha), o presidente da entidade, Mario Draghi, cobrou reformas mais ambiciosas do governo anfitrião. Como costuma acontecer

nessas ocasiões, o recado não foi direto, mas a interpretação é que um dos destinos dele era Madrid.

"Alguns governos devem ser mais ambiciosos [com suas políticas]", disse Draghi. "Se há um problema com o sistema financeiro, deve resolvê-lo. Se há um problema com a transparência do Orçamento, deve solucioná-lo."

Um dos problemas enfrentados pelos espanhóis é a fragilidade dos seus bancos, que estão em processo de reestruturação exigida pelo governo

para retomar a confiança dos investidores internacionais.

Segundo dados divulgados na semana passada, os ativos problemáticos (empréstimos em atraso, por exemplo) no sistema financeiro espanhol tiveram alta de 4,5% no segundo semestre de 2011 e agora somam € 184 bilhões.

Não são só os bancos que passam por reformas. O governo do conservador Mariano Rajoy tem promovido ainda mudanças trabalhistas e medidas de austeridade fiscal, e o premiê disse recente-

mente que ocorrerão reformas todas as sextas-feiras.

Reformas essas que Draghi disse ontem que o BCE ainda não analisou detalhadamente, mas ele afirmou "não há nenhuma dúvida de que medidas serão tomadas com a rapidez e a transparência que os mercados vão exigir".

Mercados que, por sua vez, vêm aumentando a cobrança para adquirir os títulos espanhóis: exigem hoje retorno de quase 6% para comprar os papéis de dez anos, ante cerca de 4% dois anos antes.



Estudantes participam de manifestação em Barcelona



FSP, 04/05/12, p. B5. Fotografia 11/69

## Agco nacionaliza parte da produção para a Argentina

Líder no mercado de tratores no Brasil, empresa traça tática para driblar barreiras protecionistas do vizinho

ARARIPE CASTILHO  
DE RIBEIRÃO PRETO

A fabricante de máquinas e equipamentos agrícolas Agco vai investir numa unidade de produção na Argentina só para driblar as barreiras protecionistas em vigor no país vizinho. Com a mudança, não estão descartados cortes de mão de obra no Brasil.

A empresa — que controla marcas como Massey Ferguson, Valtra, Challenger e Fendt — viu os embarques à Argentina despencarem após seus produtos perderem licença automática de entrada.

Segundo o vice-presidente sênior da Agco para a América do Sul, André Carioba, no primeiro trimestre deste ano foram vendidos cerca de 450 tratores para o mercado argentino. No mesmo período de 2011, quando as barreiras ainda não atingiam esses produtos, foram aproximadamente 1.500 unidades.

A exportação de colheitadeiras também caiu. As 120 vendas nos três primeiros meses de 2012 representam um terço do volume do mesmo período do ano passado.

Com esses resultados, a participação da Agco no mercado argentino caiu de 45%



Visitantes da Agrishow, em Ribeirão, aproveitam sombra de trator agrícola utilizado para pulverização das lavouras

para 26%. No Brasil, com as marcas Massey Ferguson e Valtra, a empresa abocanha pouco mais de 50% do mercado de tratores do país.

O executivo disse que a estratégia para facilitar a entrada do produto é nacionalizar

parte da produção para a Argentina. "Não tiramos nenhuma fábrica do Brasil, mas vamos ter de transferir uma parte da produção, alguma peça da máquina que será finalizada em solo argentino", afirmou Carioba, em visita à

Agrishow, feira do setor realizada em Ribeirão Preto (SP).

Em 2011, conforme publicou a Folha, a multinacional anunciou investimentos de US\$ 140 milhões ao longo de cinco anos no país vizinho, o que inclui recursos para o fi-

nanciamento de clientes e de fornecedores.

Além da Agco, cuja decisão inclui novos investimentos na Argentina, John Deere e New Holland já fazem o mesmo e investem naquele país desde o ano passado.

PETRÓLEO

## Exxon e parceiros perdem US\$ 450 mi na bacia de Santos

DO RIO - A ExxonMobil abandonou os últimos poços que explorava no Brasil, na bacia de Santos, depois de ter encontrado um poço seco e dois sem viabilidade comercial.

O prejuízo da empresa, que era operadora no bloco compartilhado com a Petrobras e a Hess, gira em torno dos US\$ 450 milhões, levando em conta uma média de US\$ 150 milhões por poço perfurado.

A falta de sorte da Exxon contrasta com o desempenho da Petrobras na área, que desde 2007 explora o pré-sal da bacia de Santos com taxa de sucesso de 94%.

A Esso Exploração Santos Brasileira, razão social da Exxon no Brasil, opera o bloco com 40% de participação. A Hess tinha 40% e a Petrobras, 20%. As sócias concordaram em devolver o bloco, informou a Exxon.

Há cem anos no Brasil, a empresa afirmou que está em busca de novas oportunidades de negócios. Para isso poderá comprar ativos de outras empresas ou aguardar a 11ª rodada de licitações de áreas de petróleo, prevista para depois da votação da lei dos royalties pelo Congresso.



FSP, 04/05/12, p. C4. Fotografia 12/69

C4 cotidiano ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2012

FOLHA DE S. PAULO

## Lotada, 'linha nobre' de trem para de novo

Curto-circuito leva trecho da 9-esmeralda a fechar mais cedo por dois dias seguidos; falha da CPTM é a 6ª do ano

Com demanda em alta e estrutura precária, linha será a única de todo o sistema que terá piora no conforto até 2014

JOSÉ BENEDITO DA SILVA  
DE SÃO PAULO  
RAFAEL ITALIANI  
DO "AGORA"

Um curto-circuito em uma subestação de energia elétrica da CPTM provocou ontem, antecipadamente a sexta — e mais longa — falha este ano na circulação de trens da linha 9-esmeralda, que passa por áreas valorizadas da cidade no entorno da marginal Pinheiros.

O problema foi em Cidade Dutra, zona sul, antontem à noite, interrompendo às 23h — uma hora antes do horário normal — a circulação entre as estações Jumbatuba e Grajaú, no extremo sul da linha.

Técnicos trabalharam à noite e restabeleceram mista de da potência, o que deixou os trens mais lentos, ampliou



Plataforma da estação Pinheiros da CPTM lotada após pane na linha 9-esmeralda; intervalo entre os trens aumentou

Usuários tentam se adaptar à série de panes na linha

DO "AGORA"

"Adapte! meu horário para não atrasar no trabalho", diz a radialista Heloisa Gabrielle Silva, 28, usuária da linha 9-esmeralda, a campo de panes neste ano — seis das 16 consideradas graves pela CPTM.

Já contando com possíveis problemas na linha, ela antecipa em 40 minutos a sua chegada à estação Grajaú para não correr o risco de se atrasar.

Ela desce na estação Cidade Jardim. Quando não há falhas, leva cerca de 40 minutos no trajeto. "Entre às 9h30, mas chego no Grajaú às 8h10. Tenho que me garantir, nunca se sabe o que vai acontecer", afirma.



# FOLHA

# corrida

seu dia em 5 minutos

SÉXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2012 C18

**F5** O dia de acontecimentos da Folha

Demi Moore estreia na Twitter com nome de solteira [folha.com.br/1085277](http://folha.com.br/1085277)

Robert Pattinson é cotado para filme sobre captura de Saddam Hussein [folha.com.br/1085142](http://folha.com.br/1085142)



## Mortes de pedestres atropelados caem só 2%

O número de mortes em atropelamentos na cidade de São Paulo caiu apenas 2% em 2011 quando comparado ao ano anterior, segundo relatório da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego). Foram 617 pessoas mortas no ano passado, quando o órgão lançou a campanha de proteção ao pedestre, cuja meta é reduzir pela metade as mortes até dezembro deste ano. A redução em 2010 foi de 6% em relação a 2009. Nessa época, ainda não existia a campanha.

Para Nancy Schneider, superintendente de educação no trânsito da CET, a meta do programa de proteção continua a mesma. Ela diz que os efeitos da campanha sobre os números de 2011 não significam nada por ela ter começado apenas na região central, em maio. De acordo com o relatório, os motociclistas continuam sendo as vítimas de trânsito que mais preocupam, porque não usam de cinto. No ano passado, foram 512 mortos. **Geraldo C1**



**A TAÇA É NOSSA**  
Jogadores do Real Madrid (de branco) comemoram a conquista do 32º título espanhol; música: 'Ai, Se Eu Te Pego', de Michel Teló, foi tocada na festa [folha.com.br/1085234](http://folha.com.br/1085234)

**POR TRÁS DAS CÂMERAS**  
Foi divulgado o pôster de 'Lovellace', que tem a atriz Amanda Seyfried como protagonista e mostra os bastidores do filme pornô 'Garganta Profunda' [folha.com.br/121214](http://folha.com.br/121214)



RIVALIDADE

## RÁPIDAS

### Lula pede desculpas por ritmo lento ao discursar

O ex-presidente Lula fez com uma segunda aparição pública desde que tentou tratamento oncológico. Ele chegou de bengala a um seminário organizado pelo INDEC, no Rio. Durante seu discurso, de cerca de 20 minutos, ele pediu desculpas pelo ritmo lento. **Poder A8**

### Bin Laden temia por reputação de Al Qaeda

Um ano após a morte de Osama bin Laden, o governo americano divulgou 17 documentos apreendidos na casa em que o terrorista viveu, no Paquistão. O material mostra que ele temia que grupos aliados saíssem o nome de Al Qaeda. **Mundo A19**

## + COLUNAS

### MOISÉS NAIM

**Internet**  
Duas das principais tendências atuais são o acesso da população à internet e o acirramento das desigualdades socioeconômicas. No futuro, essas tendências vão convergir. **Mundo A15**

### BARBARA GARCIA

**Suicídio**  
Nossa sociedade está doente. Sabemos que o crime mais comum é o homicídio, que extermina os jovens da periferia em proporções epidêmicas, mas agora damos também para ver aumentar nossos índices de suicídio. **Colunas E2**

### XICO SÁ

**Libertadores**  
Da a Coríntioses orgulha com esta história de espírito de Libertadores ou o espírito de Libertadores de atencurra o Coríntioses, mais uma vez, da competição continental. **Esporte B7**

## FRASES DO DIA

**Têm de fazer cortes e não sabem nem por onde começar. Por isso pedem às donas de casa**  
SOPPE BRILLAS, COMERCIANTE ITALIANO, IMPLANTANDO NEGÓCIO DO PÊNITO-MEDICHO MARIO WAZET, QUE INICIOU PÊNITO, EM UM LOTE, ABUSO AO CLÁSSICO PARA COMAR REPERIÇÕES. **Mundo A16**

**Essa foi a decisão**



**NO IPAD**  
A Kindle, da Amazon, perde participação de mercado no 1º trimestre

**FOLHA** [folha.com.br](http://folha.com.br) **Acerte sua cobertura e baixe o novo aplicativo do jornal**

**FOLHA.COM**

**folhaleaks**  
Envie informações de interesse público para a Redação e saiba [folhaleaks.folha.com.br](http://folhaleaks.folha.com.br)

**Ilustrada**  
Michael Sauter está em nova campanha da Pepsi. [folha.com.br/1085173](http://folha.com.br/1085173)

Mick Jagger vai fazer comédia stand-up em programa de TV [folha.com.br/1085273](http://folha.com.br/1085273)

**Zero**  
Hackers derrubam site de organização política brasileira [folha.com.br/1085226](http://folha.com.br/1085226)

Ética faz parte com Proteret para compartilhamento de imagens [folha.com.br/1085121](http://folha.com.br/1085121)

**cotidiano**  
Atleta de Futebol é esboçado por tráfico de drogas em Itaquil [folha.com.br/1086993](http://folha.com.br/1086993)

**DE VOLTA PRA CASA**

O Tribunal de Justiça de SP devolveu a lista de candidatos que o Ministério Público enviou à corte indicando seis nomes para uma vaga aberta no colegiado. É a primeira vez na história que isso ocorre.

**DE VOLTA 2**  
A lista foi repeliada porque nela foram incluídos três promotores. Na hierarquia jurídica, eles estão abaixo dos desembargadores do TJ, pois atuam na primeira instância, em processos apreciados por juizes. "Seria um menoscabo aos magistrados que percorrem toda uma carreira para chegar ao tribunal", diz Ivan Sartori, presidente do TJ-SP. O MP deve enviar outra lista à corte.

**CIRCULANDO**  
É o nome de Sartori figura entre os de candidatos à vaga de Cezar Peluso no STF (Supremo Tribunal Federal). Ele se diz "envaidecido", mas afirma não conhecer a movimentação em torno de uma eventual indicação.

**PONTE AÉREA**  
O governador Sergio Ca-



**VÊU E GRINALDA**

A modelo Keij Lemos posa no hotel Hyatt para a primeira edição da revista "Yes Wedding", que chega hoje às bancas encartada com a "Harper's Bazaar". A publicação abordará o universo casamenteiro e trará ideias de lua de mel e diferentes tipos de cerimônias.

Esta edição vem com ensaios fotográficos de dois casamentos: o primeiro, na Estação Julio Prestes, com show de Claudia Leite. O segundo, íntimo, em uma praia de Ponta del Este. "Ambos são chiques e bacanas, mas seguem linhas diferentes", diz Fernanda Suplicy, idealizadora do projeto.

**QUASE LÁ**

A negociação para que a cantora Sandy faça o próximo filme do diretor Marco Dutra ("Trabalhar Cansa") está adiantada.

Embora ainda não tenha assinado o contrato, ela já leu o roteiro e influenciou o cronograma das filmagens, marcadas para agosto. É que, nesse mês, tanto ela quanto os atores globais Antonio Fagundes e Fábio Assunção, já confirmados no longa, estarão com as agendas livres.



FSP, 04/05/12, p. E2. Fotografia 16-20/69

marcou jantar em que seria homenageado em São Paulo. Alegou compromisso com delegações estrangeiras que visitarão seu Estado.

**LETRAS**  
É o ex-governador Anthony Garotinho, do Rio, quem tem postado em seu blog vídeos de Cabral em festas e jantares na Europa, diz que agora dará um tempo nas imagens, que mostram também Jordana Kfuri Cavendish, mulher do empreiteiro Fernando Cavendish, morta em 2011. A família dela entrou na Justiça pedindo a retirada dos vídeos.

**PRÓPRIO PUNHO**  
"Vou agora me concentrar nas conexões", diz Garotinho. Ele afirma que publicará ainda nesta semana anotações de um diário apreendidas em outra operação policial, a Castelo de Areia.

**PROVA DE MÃE**  
Depois de "Mulheres Ricas", a TV Bandeirantes pretende estreiar neste ano novo reality: "Quem Quer se Casar com Meu Filho?". A atração, produzida pela Quatro Cabezas, mostra cinco candidatos à procura de uma mulher. Mas quem toma a decisão final de com quem devem ficar é a mãe deles.

**ÚLTIMA TESOURADA**  
O salão de beleza Beka, desde 1966 na rua Oscar Freire, fechará as portas no próximo dia 12.

O advogado Carlos Emilliano Filgueiras, da família proprietária do hotel Emiliano, na mesma rua, comprou o estabelecimento há três anos. E desistiu do ramo da beleza. "É muito difícil", diz. Ele não venderá o prédio.

**VERNISSAGE**  
A artista carioca Maria Klabin, mulher do cineasta Walter Salles, deve participar ao lado do marido do coquetel de abertura da SP-Arte, no dia 9, na Bienal do Ibirapuera. Suas obras estarão expostas no estande da galeria Silvia Cintra+Box 4.



**CONTROLE REMOTO**

A cantora Mariana Aydar foi à festa Mixtape Multishow, no Cine Joia, antontem. As apresentadoras Mía Mello, Didi Wagner e Luísa Micheletti, entre outros convidados, também circularam pelo evento.



**CAVALEIRO**

O ator Lima Duarte recebeu homenagem no Jockey Club de São Paulo. Ele estava acompanhado das filhas Julia Martins e Mônica Martins Maluf, entre outros convidados.

**CURTO-CIRCUITO**

Sarah Oliveira comemora hoje a estreia da terceira temporada do programa "Viva Voz", no restaurante Capim Santo.

Margareth Menezes e Diego Figueiredo farão show de voz e violão na segunda, às 21h, no Reserva Cultural. 18 anos.

A peça "Coisa de Louco", de Funzi Arag, estreia na terça, às 21h, no teatro Santa Catarina. Classificação etária: 14 anos.

O Trio Temura, grupo comandado pelo ator Thiago Martins, tocará no domingo, a partir das 19h, no clube Eleven. Classificação etária: 18 anos.



FSP, 04/05/12, p. E5. Fotografia 21/69

▶ **MARIA RITA**

**'Não estudei Elis para este show, apenas a ouvi'**

DE SÃO PAULO

Desde que surgiu para o público brasileiro, em 2002, Maria Rita vivia se preparando com o repertório da mãe.

Só agora, com carreira consolidada, ela se sentiu confortável para empreitada. Depois de passar por Rio, Porto Alegre, Recife e BH, o show "Viva Elis!" chega a São Paulo, em única apresentação, amanhã. (M)

**Folha** - Por dez anos, você evitou o repertório da Elis. Agora, que a turnê chega à reta final, pergunta: doeu?

**Maria Rita** - Não me arrependo de não ter me aproximado da minha "mãe-cantora" nestes dez anos de estrada, mas essa distância era muito cruel. Ela é minha mãe antes de ser a Elis. Confesso que pensei que eu fosse sofrer e chorar mais. Mas estou leve. Como se um pedaço de mim tivesse se reconstruído. A maturidade do público em saber discernir e aceitar as semelhanças e as diferenças ficou mais gritante nesse período.

**Agora você falou como filha. E como cantora?**

Não é coisa pequena encerrar esses hinos, ainda mais porque viraram hinos na voz dela. Eu me apeguei demais ao repertório, isso é fato. Entendi melhor a ge-

nialidade da cantora Elis Regina durante os ensaios, entendi melhor aquele momento glorioso da música nacional. Entendi melhor algumas letras, me encontrei em tantas outras.

**Atenção era reforçar a lembrança de Elis nos ouvidos do Brasil. Dá para medir a eficiência dos shows nisso?**

O retorno imediato das pessoas nas redes sociais é emocionante. Estou salvando todos os comentários sobre ela que jogam no meu Twitter para compilar um dia e guardar — para ela.

**O que eles dizem? E o que você mais tem ouvido na imprensa, nas redes sociais, do porteiro do prédio...?**

O porteiro do meu prédio disse que não quer mais saber de Ion Maidaen, só quer ouvir "Madalena". As redes sociais me colocam em contato com a neta e a avó que foram juntas ao show, com o garoto de oito anos que implorou para o pai criar um perfil no Twitter para poder falar comigo. Isso me toca. A única bobagem que li foi que teria me inspirado num figurino de show de minha mãe para o meu próprio — o que não é verdade. Afinal, não estudei Elis para esse show. Eu apenas a ouvi.

▶ **MARIA RITA**

**QUANDO** amanhã, às 15h  
**ONDE** Parque da Juventude (av. Conselheiro do Sul, 2.630, próx. à estação Conselheiro do Brasil)  
**QUANTO** à Artis  
**CLASSIFICAÇÃO** livre



Maria Rita

Diogo Nogueira

▶ **DIOGO NOGUEIRA**

**'É um passado de que o brasileiro se esqueceu'**

DE SÃO PAULO

idealizador do "Sambabook" — projeto que reúne livro de partituras, biografia, CDs e DVD com reinterpretações da obra do compositor —, Diogo Nogueira faz três shows em São Paulo cantando exclusivamente o repertório do pai, João Nogueira (1941-2000). (M)

**Folha** - Encerrar o repertório de seu pai em um show inteiro é algo que lhe cause desconforto ou ansiedade?

**Diogo Nogueira** - De jeito nenhum. Lido com isso com a maior tranquilidade. Sempre cantei as músicas dele, desde o início da minha carreira. Quando meu pai morreu, eu já tinha completado 19 anos. Então ele era meu amigo, meu companheiro também na música.

**Você vai apresentar especificamente as canções dele regradas por vários artistas no "Sambabook", projeto que você ajudou a conceber. Já pensa em novos volumes?**

Vamos fazer o mesmo com vários artistas — inclusive os vivos, como Martinho (da Vila), Paulinho (da Viola), Monarco, Almir Guineto e Zeca (Pagodinho). João foi o primeiro não porque é meu pai, mas porque é uma referência para todos esses.

**Shows de Maria Rita têm como meta reforçar a lembrança de Elis nos ouvidos do Brasil. É o que você pretende?**

É muito mais do que isso. Estamos fazendo um movimento em favor do país. Os jovens nas escolas conhecem mais a cultura americana do que a nossa. Quisemos trazer a musicalidade, o dolo, o coração, para essas pessoas. É um passado de que o brasileiro se esqueceu com muita facilidade. É o nosso chão.

**A geração mais nova passou a se interessar por Elis quando Maria Rita surgiu. A filha revelou a mãe a pessoas que não a conheciam. Com você acontece coisa parecida?**

Com certeza. Muitos jovens conheceram meu pai porque foram assistir ao meu show. E há os mais velhos, que vêm me ver com saudade do meu pai. Fico feliz em satisfazer a todos.

**Pretende seguir com a turnê?**

Temos recebido muitas propostas. Mas minha carreira tem de correr junto. E pretendo lançar um DVD e um disco de inéditas até o fim do ano. Então estou fazendo uma agenda que concilie todas as coisas.

▶ **DIOGO NOGUEIRA**

**QUANDO** hoje e amanhã, às 21h (sem. às 19h)  
**ONDE** Auditório Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, próximo 2, vel. 011/113579-1075)  
**QUANTO** Imprensa Espalada  
**CLASSIFICAÇÃO** livre

## Filhos fazem tributo a Elis Regina e João Nogueira

Shows de Maria Rita e Diogo Nogueira acontecem neste fim de semana em SP

FSP, 04/05/12, p. E8. Fotografia 22/69

## MELHOR DO DIA

**'Chegadas e Partidas' traz Astrid como personagem no 3º ano**

**GNT, 22h, classificação não informada.** A emoção das despedidas e reencontros de quem vem e de quem vai embora no Aeroporto Internacional de Guarulhos segue como tema de "Chegadas e Partidas". A série volta ao ar hoje em sua terceira temporada.

A apresentadora Astrid Fontenelle vira personagem no primeiro episódio do novo ano,

ao esperar pela volta das férias do filho, Gabriel, que tem três anos. Além do recesso escolar, ela teve de se afastar do garoto para o tratamento de saúde que faz contra o lúpus.

Fontenelle também acompanha a espera de uma filha pelos pais, que chegam de temporada nos EUA, e mostra a chegada de uma adolescente de uma viagem à Austrália.



Maísa Camargo/Folhapress

**Silvia Machete fala de seu processo criativo**

**TV Brasil, 17h30, classificação não informada.** A cantora carioca (foto) comenta seus processos de criação musical — como intérprete e autora — no episódio de hoje do programa "Diverso".



Luiza Giamberini/Folhapress

**Zé do Caixão entrevista Laerte no Canal Brasil**

**Canal Brasil, 0h, classificação não informada.** O cartunista da **Folha** Laerte (foto) participa de "O Estranho Mundo de Zé do Caixão". Ele fala no "talk show" sobre religião e vocação artística.

## CRÍTICA

**Em 'O Grande Chefe', Lars von Trier mostra a gravidade do riso**

**INÁCIO ARAUJO**  
CRÍTICO DA FOLHA

Talvez por ser comédia, **"O Grande Chefe"** (TC Cult, 23h40, 16 anos) é um desses filmes de Lars von Trier que menos ganham a estima do espectador. Mas esse mestre sabe como poucos variar do pornô ao terror e sabe, ainda, que o riso tem sua gravidade.

Aqui, o picareta dono de uma empresa simula para os funcionários, durante anos, que acima dele, nos EUA, existe um "grande chefe", o verdadeiro dono da empresa.

Na hora da necessidade (isto é, de dar um golpe), ele contrata um ator que faça o papel desse chefe. Ou seja, o ator deve preencher esse lugar simbólico, pleno na imaginação dos funcionários, mas só nela. O chefe é só a cara que representa uma figura imaginária; o sistema funciona de maneira autônoma.



## FPS 4

Fotografias extraídas da edição 30374 da Folha de S. Paulo (31/05/12).

Total de fotografias jornalísticas: 101.

Total de fotografias composta por figuras de mulheres: 21

Caderno de principal incidência: Ilustrada

FSP, 31/05/12, p. A9. Fotografia 1/101

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2012 ★ ★ ★ poder A9

## Lula diz que tem que se precaver contra rivais

Em meio a uma polêmica com Gilmar Mendes, petista afirma que precisa 'tomar cuidado' com quem não gosta dele

**A estratégia do ex-presidente é evitar um bate-boca público; ontem, ele recebeu uma homenagem de Dilma**

BRENO COSTA  
KELLY MATOS  
NATUZA NERY  
DE BRASÍLIA

Em meio a uma disputa pública com o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Gilmar Mendes, o ex-presidente Lula disse ontem ter de "tomar cuidado" em relação a "uma minoria" que não gosta dele. No mesmo dia, recebeu afagos da presidente Dilma Rousseff.

Em Brasília para participar de um evento da ONU, Lula iniciou o discurso dizendo, sem citar nomes, que os que não gostam dele "estão aí, né, no pedaço". "Você sabe que tem muita gente que gosta de mim, mas tem algumas que não gostam. Eu tenho que tomar cuidado contra essas [pessoas], São minoria."

A polêmica entre Lula e Mendes começou após a divulgação de um encontro em



Após almoçarem juntos, o ex-presidente Lula e a presidente Dilma Rousseff deixam o Palácio da Alvorada em Brasília

também fez críticas à imprensa ao falar da criação do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. "Diziam que era assistencialismo, mas agora tá in-

Pela manhã, a presidente Dilma Rousseff aproveitou um evento no Palácio do Planalto para fazer uma espécie de desagravo a Lula. "As notícias que eu vi sobre o ex-presidente sobre como agir. Por ora, a ordem é não reavivar a controvérsia. O presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), recomendou a Mendes ailton

**“Vou falar de pé porque senão podem dizer que estou**

**Ex-diretor-geral da PF nega que atue para petistas**

DE BRASÍLIA

Ex-diretor-geral da Polícia Federal e da Abin (Agência Brasileira de Inteligência), o delegado aposentado Paulo Lacerda diz que a afirmação do ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes de que ele estaria assessorando o PT e o ex-presidente Lula é "inverídica".

"Eu não sei se o ministro falou realmente essas coisas, mas, se ele falou, ele está equivocado porque não tem o menor fundamento disso de que eu trabalho para partidos, ajudando a CPT", afirmou.

Mendes disse ter recebido notícias de que Lacerda assessorava o PT e Lula e que uma das missões dele seria "destruí-lo". "Se eu trabalhasse [para Lula e o PT], não teria nenhum problema, porque eu estou aposentado. Mas



FSP, 31/05/12, p. A12. Fotografia 2 e

# Em 2012, ex-presidente se reuniu com 5 dos 11 ministros do Supremo

### Só Gilmar Mendes diz ter sido questionado por Lula sobre julgamento do mensalão

FELIPE SELIGMAN DE BRASÍLIA

Pelo menos 5 dos 11 ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) se encontraram com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva neste ano, mas apenas Gilmar Mendes afirma ter discutido sobre o julgamento do mensalão.

Os outros quatro ministros que encontraram o ex-presidente, todos indicados ao STF por Lula, são: José Antonio Dias Toffoli, Cármen Lúcia, Ricardo Lewandowski e Carlos Ayres Britto.

Apenas Luiz Fux não respondeu aos questionamentos da Folha. Rosa Weber, Joaquim Barbosa, Cezar Peluso e Celso de Mello disseram não ter encontrado o ex-presidente.

Mendes relatou um encontro que teve com Lula, no escritório do ex-ministro Nelson Jobim, no qual o ex-presidente teria insistido que o mensalão não poderia ser julgado em 2012.

De acordo com Mendes, ao

teria efeito —já que o ministro defende a realização do julgamento ainda neste semestre—, Lula passou a falar sobre episódios que poderiam levar o magistrado à CPI do Cachoeira. Lula e Jobim confirmam o encontro, mas negam o teor da conversa.

#### OUTROS ENCONTROS

Toffoli e Cármen Lúcia afirmaram ter visitado Lula no hospital Sírio-Libanês em abril, em ocasiões diferentes. Dizem que não trataram do mensalão. Toffoli diz ainda que Lula nunca pediu sua participação no julgamento.

Já Lewandowski não deu detalhes do encontro. Nos bastidores há duas versões.

A primeira é a de que o ministro também foi visitar Lula no hospital. A segunda é a de que teriam se encontrado em São Bernardo (SP). O ministro afirmou apenas que "o presidente Lula jamais falou sobre a AP 470 [ação penal do mensalão] comigo".

O encontro de Ayres Britto com Lula foi nublado, no Pa-

## ENCONTROS DE LULA COM MINISTROS DO STF

O que dizem os integrantes do Supremo

### CONVERSOU

Com exceção de Mendes, todos negam ter falado do mensalão; a maioria visitou Lula no hospital; Britto o encontrou no Alvorada



Dias Toffoli



Cármen Lúcia



Ricardo Lewandowski



Carlos Ayres Britto



Gilmar Mendes

O ministro diz que, em 26 de abril, Lula lhe disse que seria conveniente adiar o julgamento do mensalão. Lula e Nelson Jobim negam essa versão

### NÃO CONVERSOU

Dizem que nunca se encontraram com o ex-presidente, mas também não foram procurados por Lula



Rosa Weber



Joaquim Barbosa



Celso de Mello



Marco Aurélio Mello



Cezar Peluso



Luiz Fux

### SEM RESPOSTA



mes de um Supremo independente e imparcial. Não é privilégio que a Constituição lhe concedeu. É direito e necessidade dos cidadãos. É um dever dos ministros. Por isso, a sociedade precisa decidir qual comportamento profissional e pessoal dos ministros melhor assegura esse direito. Além de reputação ilibada e notável saber jurídico, o que mais se deve exigir de um ministro do STF? Essa questão é muito atual porque Dilma deve indicar neste ano pelo menos dois novos ministros. Qual perfil ela escolherá? Excluindo a presidência do STF, que tem obrigações próprias, no STF há hoje dois perfis distintos. De um lado ministros mais discretos, que não se pronunciam, exceto nas audiências, e que mantêm distância de Executivo,

3/101

FSP, 31/05/12, p. A20. Fotografia 4/101

# ONU vê novos sinais de execução na Síria

### Descoberta de corpos de 13 opositores com as mãos amarradas para trás aumenta a pressão sobre regime de Assad

#### Governos de Rússia e China defendem Assad e reiteram opor-se a ação armada; Turquia e Japão expulsam embaixadores

MARCELO NINHO DE JERUSALÉM

Menos de uma semana após a chacina de 108 pessoas na cidade de Houla, observadores da ONU descobriram outros sinais de execução de 13 opositores do governo sírio, aumentando ainda mais a pressão sobre o regime do ditador Bashar Assad.

O general norueguês Robert Mood, que chefiava a missão da ONU, disse ter ficado "profundamente abalado" com a descoberta, na província de Deir Ezzor, na região leste do país.

"Todos os corpos tinham as mãos amarradas para trás e alguns pareciam ter sido atingidos por tiros de curta distância na cabeça", disse. Desde o massacre de Houla, aumentou a condenação internacional a Assad.

Anteontem, a França levantou a hipótese de uma intervenção militar no país, desde que autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU. A Austrália também mostrou-se disposta a analisar a possibilidade de intervenção. Já os EUA manifesta-



Mulher síria carrega o filho, que foi atingido na mão por um disparo, ao cruzar um rio na fronteira da Síria com o Líbano

ram ceticismo.

Mas Rússia e China, que defendem poder de veto no Conselho, resultaram unânimes em sua oposição à ideia. Moscou é "categoricamente contra" a

interferência externa no conflito sírio", disse o vice-chanceler russo, Gennady Gaitlo, pelo isso "apenas exacerbam" a crise. Damasco rejeita as acusa-

ções e culpa "grupos terroristas" pela matança.

Em protesto contra o massacre de Houla, dez países expulsaram anteontem embaixadores e outros diplomatas

sírios, incluindo EUA, França e Reino Unido, que, ao lado de Rússia e China, têm assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Ontem, Turquia e Japão se

uniram ao protesto e também anunciaram ontem a expulsão de diplomatas sírios.

#### ULTIMATO REBELDE

A chancelaria russa chamou de "contraproducente" a expulsão dos diplomatas, por fechar "canais diplomáticos vitais".

Na véspera, o porta-voz do Hamaraby, Tovar Nunes, havia usado argumento semelhante ao dizer que não está nos planos do Brasil expulsar diplomatas sírios.

Pequim se alinhou à posição de Moscou. "A China se opõe a uma intervenção na Síria e a uma mudança de regime por meio da força", disse o porta-voz da chancelaria chinesa, Liu Weimin.

A Síria anunciou ontem que expulsará a embaixada de negociações da Holanda, um dos raros altos diplomatas ocidentais hoje em Damasco. Segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos, mais de 13 mil pessoas foram mortas desde o início do levante contra Bashar Assad, em março de 2011.

Ontem, rebeldes do Exército Livre da Síria deram um ultimato ao governo de Assad para que cesse a ofensiva em 48 horas. Caso contrário, não mais aceitarão o plano de paz costurado pelo ex-secretário-geral da ONU Kofi Annan.

Créditos: São Paulo

FSP, 31/05/12, p. B8. Fotografia 5/101

**MOEDAS**

Dólar livre, cotação vendida, em R\$

Dólar x real, em % (\*)

Brasil	0,00
Chile	0,00
Colômbia	0,00
Costa Rica	0,00
Equador	0,00
El Salvador	0,00
Estados Unidos	0,00
Guatemala	0,00
Honduras	0,00
Paraguai	0,00
Peru	0,00
Uruguai	0,00
Venezuela	0,00

**Câmbio Turismo**

Dólar americano(a)	1,9000	2,1150
Dólar canadense(a)	1,3900	1,5100
Libra esterlina (£)	0,02340	0,02600
Yen japonês (¥)	0,007300	0,008100
Real brasileiro (R\$)	0,240000	0,260000
Real mexicano (M\$)	0,002100	0,002300

**Real**

Cotação de empresas de Bovespa, em R\$

Moedas	Cotação	Moedas	Cotação
Dólar (EUA)	2,0072	Real (Brasil)	0,0077
Real (Argentina)	0,4488	Bolívar (Venezuela)	0,4488
Dólar (Canadá)	1,1110	Real (Brasil)	2,0077
Dólar (Inglaterra)	0,1255	Real (Brasil)	0,0757
Real (México)	0,0021	Real (Brasil)	0,0021

**Mercado Internacional**

Cotação de compra

	N. York	London	Euro
Dólar americano	1,9015	—	0,7922
Dólar canadense	1,3910	—	1,5216
Libra esterlina	0,02340	—	0,02600
Yen japonês	0,007300	—	0,008100
Real brasileiro	0,240000	—	0,260000
Real mexicano	0,002100	—	0,002300

**RENTABILIDADE ACUMULADA**

	Ontem	Dia	Mês	Ano
Câmbio Comercial	2,016	1,51	5,72	7,87
Média BC	2,0078	0,67	6,13	7,04
BME&FBOVESPA (I.L.)	100,80	1,41	0,80	6,11
Nova York (US\$ (ouca Troy))	1.563,40	0,96	-0,01	-0,15

**BOLSAS PELO MUNDO**

	Ontem	Dia	Mês	Ano
Bovespa	53.797,91	-1,53	12.419,86	-1,28
Ibovespa	12.296	—	—	-6,01
Dow Jones	12.419,86	-1,28	—	—
Nasdaq	2.817,36	-1,17	5.297,26	-1,24
London	6.826	—	—	-7,68
Merval	2.264,92	-2,13	8.633,19	0,28
Nikkei	9.311	—	—	9,17
S&P 500	1.161,11	—	—	-2,30

**COTAÇÕES FOLHA**

**Aigodão**

Preço médio: R\$ 16,68

Preço pago pela cooperativa: R\$ 8,27

**Aitoz**

Preço médio: R\$ 27,67

Preço pago: R\$ 13,73

**Boi**

Preço médio: R\$ 93,00

Preço pago: R\$ 46,13

**Café\***

Preço médio: R\$ 376,75

Preço pago: R\$ 186,88

**Cana de açúcar**

Preço médio: R\$ 0,4976

Preço pago: R\$ 0,247



**FARDO** Trabalhadora indiana carrega cesto com arroz; país deve exportar 7 milhões de toneladas neste ano, volume que deverá ser repetido em 2013

FSP, 31/05/12, p. C6. Fotografia 6/84

**FOCO**

**Escavações revelam sítio arqueológico no Leblon**

Arqueólogos recolhem objetos centenários em escavação no bairro do Leblon, no Rio

A construção de um prédio revelou, pela primeira vez, um sítio arqueológico no valorizado bairro do Leblon, na zona sul do Rio.

Iniciadas em fevereiro, as escavações do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) revelaram mais de 500 fragmentos, como pedaços de azulejos, garrafas e louças datadas dos séculos 18 e 19.

O Instituto foi acionado pela prefeitura para estudar o terreno de 190 m² na rua General Urquiza antes do início das obras pela Mozak Engenharia. A área abrigava uma lavanderia, que foi demolida no ano passado.

"Já encontramos outros sítios arqueológicos na zona sul, mas no Leblon foi a primeira vez", diz Rosana Najjar, coordenadora de arqueologia do Iphan.

Dois resquícios do século 18 chamaram atenção dos técnicos: uma moeda de cobre datada de 1700 e um muro de pedra, feito com uma argamassa de cal misturada a conchas.

"São estruturas anteriores à ocupação do Charles Leblon no século 19", diz a arqueóloga Jacqueline de Macedo, citando o proprietário de terras que deu nome ao bairro.

"Aquela região era toda dividida em chacaras e, provavelmente, o muro delimitava uma dessas áreas. Chegamos a escavar a uma profundidade de 2,40 metros para encontrar todo o material", acrescenta Jacqueline.

**CONTINUIDADE**

O encerramento da pesquisa arqueológica no Leblon já previsto para hoje. Contudo, o espaço será liberado para a Mozak Engenharia, que poderá dar sequência à construção de edifício de seis andares.

Tudo o que for encontrado será levado para o Iphan, onde será catalogado e contextualizado. A próxima etapa dos técnicos será catalogar e contextualizar o material obtido no local de campo.

> FOCO

Adriano Vizoni/Folhapress



A funcionária pública Maria Rita ao lado do labrador Milo, cão-guia que veio dos EUA

## Cachorro 'gringo' vem dos EUA para ser guia de brasileira cega

JAIRO MARQUES

O cão-guia ainda não en-

tar" os cães, como faz de graça o Instituto Íris, com fila de espera de 3.000 pessoas.

"Esperei o Milo [fala-se Mailou] por quatro anos. É um ganho na minha liberdade. Esse primeiro momento não



FSP, 31/05/12, p. C11. Fotografia 8/101



FSP, 31/05/12, p. C14. Fotografia 9/84

to, conseguiram adiar em pelo menos duas semanas sua entrega às autoridades para ser interrogado em Estocolmo. **Mundo A22**

**COLUNAS**

KENNETH MAXWELL

**Jubileu da rainha**

*Lembro-me de que meu pai comprou o primeiro televisor da família para que pudéssemos assistir ao jubileu de diamante da rainha Vitória. A família se acomodou na sala de estar, diante das trêmulas imagens. Só minha avó desaprovou. **Opinião A2***

**AMANHÃ NA FOLHA**

**Guia Folha**

Filiais de restaurantes e bares são sucesso em SP



Visualizador

**FOFHA**

**corrida**

Rio+20 será 4 vezes maior que o Rio-92; leia no app [folha.com.br/rio20](http://folha.com.br/rio20)

**NO IPAD** ↓

FSP, 31/05/12, p. D4 e 5. Fotografia 10/101



Bolo em homenagem ao primeiro aniversário da obra do Itaquerão

## 'Copa não mudará país', diz Valcke

2014 Cartola diz que só arenas e aeroportos são prioridade, e governo já fala em excluir obras

➔ **DESAFIO DE TEIXEIRA ASSUMI LUGAR NO COI**  
O jornalista Mário Rosa é o novo diretor de comunicação do COI. Ele entrará no lugar de Rodrigo

SÉRGIO RANGEL  
DO RIO

Diante do atraso das obras da Copa-2014, a Fifa admite que os projetos ligados ao

nificativo para o Brasil. "O que precisamos, com certeza, são dos estádios. Precisamos também que os aeroportos funcionem, que as pessoas possam se locomover

O restante dos projetos — mobilidade urbana — não é imprescindível à Copa. A posição de Valcke evita cobrança ao governo e indica o cenário atual do evento.

ter execução dentro do período próprio", afirmou.

Da seja, haverá revisão da matriz de responsabilidades, que inclui o pacote da Copa.

Do total de 101 projetos do

ciou, com seis sedes, a tabela da Copa das Confederações — já revelada pela Folha.

A seleção abrirá a competição em Brasília no dia 15 de junho de 2013. E, depois, la-

FSP, 31/05/12, p. D8. Fotografia 11/84

D8 esporte ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2012

FOLHA DE S.PAULO

Time argentino **corta** regalias de organizadas e passa a conviver com o **terror** de seus próprios torcedores

LEONARDO LOURENÇO  
DE SÃO PAULO

Na Argentina, a guerra de torcidas não difere mais as cores dos inimigos. De fato, as ameaças e batalhas agora miram aqueles que deveriam estar ao mesmo lado.

No começo deste mês, integrantes da barra (como são chamadas as torcidas organizadas do país vizinho) do Independiente invadiram a sede do clube. Eles exigiam a saída de um dirigente, o gerente Raffaele Rutigliano, sob argumento de que ele estava "ganhando muito dinheiro."

O alvo principal do violento protesto, porém, era outro. Na invasão, Javier Cantero, 54, presidente eleito em dezembro, deixou sua sala e se encontrou com os torcedores.

Um deles, segundo relatos da imprensa argentina, tentou agredir o cartola — foi impedido pelos colegas. As reivindicações foram ouvidas: os barras queriam de volta a cota de ingressos que recebiam desde sempre, além de ônibus para transportá-los, outra regalia que era paga pelo clube.

A polícia foi chamada, intermediou a retirada dos torcedores, mas não fez qualquer detenção pelo episódio.



# intimação

FSP, 31/05/12, p. E1. Fotografia 12/101

FOLHA DE SÃO PAULO  
QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2012, E1

**ilustrada**

TEATRO  
Remontagem de  
"Macbeth" evoca  
instinto cruel do  
personagem-título  
Pag. E4

MÚSICA  
Público de 7 mil  
pessoas aprova  
Wagner Moura  
na Legião Urbana  
Pag. E3

**TEATRO**  
transatlântico

Mostra estreia amanhã no Rio e reúne peças brasileiras que tentam vaga nos prestigiosos festivais de Avignon, na França, e de Edimburgo, na Escócia

**Ilenco da peça "A Marca da Água", da Armazém Companhia de Teatro**

**GABRIELA MELLÃO**  
FOTOGRAFIA ESPECIAL AO RIO

Paulo de Moraes quer a estreia em setembro "A Marca da Água", peça que marca os 25 anos da Armazém Companhia de Teatro, criada em Londrina e radicada no Rio.

O diretor contou pela metade o processo criativo da montagem para conseguir integrar o festival Cena Brasil Internacional, que reúne grupos do mundo todo e cuja primeira edição começa amanhã no Rio de Janeiro.

A mostra de teatro, organizada por Sérgio Saboyá, já terá seis peças brasileiras para os festivais de Avignon, na França, e de Edimburgo, na Escócia, em 2013 (leia ao lado).

O Armazém nunca se apresentou fora do país. Ao todo, sete espetáculos nacionais integram o Cena Brasil e concorrem às vagas.

Entre eles está "Histórias de Família", novo trabalho do Alinhô Teatro. O grupo ainda não se apresentou em nenhum dos dois festivais europeus, apesar de ter como fundador o francês Stéphane Brodt, integrante do Théâtre du Soleil nos anos 1990.

Dirigido por Brodt e Ana Teixeira, o espetáculo é escrito pela dramaturga sérvia Biljana Sobhanovic. É a primeira vez, em 14 anos de existência, que o grupo se rende a um autor contemporâneo.

A peça faz um retrato da guerra através de um casal infantil. Como num jogo de faz-de-conta, intérpretes vivem crianças que brincam de reproduzir situações familiares. Encarnam pai, mãe, filho e cachorro de um clã, expondo cenas cruéis de violência, abuso de poder e repressão.

**Festival intercâmbio de grupos e**

**DE SÃO PAULO**

O Cena é o maior encontro dos artistas de teatro de 2004 e grupo fraterno à Deux repto Avignon.

O cenário em Edimburgo espetáculos põem nos amadurecidos do festival.

O Cena Brasil também nasce relevante ao promover intercâmbio artístico em solo brasileiro.

Durante os 11 dias do evento curadora, que tem vendes encuras em São Paulo e Lorena (a partir do próximo dia 13), os sete grupos nacionais e os nove estrangeiros que completam a programação participam de workshops abertos ao público.

Para Ana Teixeira, circular ideias e trabalhos é fundamental. "É isso que alimenta a arte", diz a diretora. (60)

**Visionários**

**TEATRO transatlântico**

FSP, 31/05/12, p. E2. Fotografia 13-16/101

# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@folha.com.br

## SINAL DE FUMAÇA

Levantamento do Instituto Nacional de Câncer aponta que, das 520 mil mortes causadas por câncer previstas para 2012 no Brasil, 37% devem ser relacionadas ao cigarro. O percentual de mortalidade por tumor de pulmão atinge os 37% na região Sul contra 30% nas demais partes do país.

**SINAL DE FUMAÇA 2**  
O estudo também indica que, se considerada a expectativa média de vida até os 80 anos no país, os homens podem perder até seis meses de vida, e as mulheres, até cinco, por conta dos tumores malignos ligados ao fumo. No Sul, essa estimativa passa para dez anos para os homens contra seis para as mulheres.

**QUARTO ELEMENTO**  
Há alguns dias, José Serra ligou para o ex-ministro Nelson Jobim. Pediu a ele que falasse com a revista "Veja". Jobim atendeu ao pedido do amigo — e se então soube da reportagem sobre Lula e o ministro Gilmar Mendes. Escandalizado, Jobim disse não ter presenciado nada relacionado à conversa entre os dois, que ocorreu em seu escritório, em Brasília.

**MEMÓRIA**  
Mendes afirmou à revista que Lula tentou convencê-lo a adiar o julgamento do mensalão. Em troca, teria oferecido proteção na CPI do Cachoeira. Jobim contestou o ministro. Lula também nega.

**OUTRO LADO**  
Delúbrio Soares foi um dos poucos (dos do mensalão que não se irritou) com Lula por causa do encontro com Mendes. Ele está do outro lado do mundo, em uma viagem à China.

**TEMPO**  
Fernando Haddad (PT-SP) terá mais cinco comerciais em cada emissora de TV, no fim de junho, em horário nobre. O PT considera o tempo fundamental para tornar o candidato mais conhecido.



Hebe Camargo e Claudia Leite



Roberto Jurin



Ana Hickmann e Alexandre Correa



Valéria Baracat



Léo Mala

## CANTA, CANTA

Hebe Camargo e Claudia Leite cantaram com Roberto Jurin em show para a ONG Arte de Viver Bem, de Valéria Baracat, anteposto. O cantor Léo Mala, a apresentadora Ana Hickmann e seu marido, Alexandre Correa, também foram do show Geo.



## CURTO-CIRCUITO

**Paula Paula** criou o espetáculo "T. Fim da Motocicleta e o Casaco do Mito", sobre o acidente de 1980, em 2011. **Luiz**

**Ivo Herzog**, 78, do "Vozes do Brasil", avança com o projeto de montar o espetáculo "Monsieur e Triunfo", sobre o jornalista Francisco de Paula.

**Chacal** lança o espetáculo "A Fênix", em parceria com o teatro de rua.

## DA PRIMEIRA FILA

A ex-ministra Mônica Góes **Barbosa**, ex-juiz de Carlos Keren, do grupo Inimigos, possui para a revista "Harper's Bazaar" o livro "A Mulher e o Poder".

**NO PAPEL**  
Ruyvaldo Garrecchini já escrevia o roteiro de seu livro de memórias: "Gallheres Fuzis, de best-sellers como 'Meu Nome Não É Jobim'". Já começa a colher depoimentos para a obra. O tema central, mas não único, é a superação do câncer.

**DOIS EM AÇÃO**  
A dupla de artistas Gilbert R. George faz uma performance no dia 1 de setembro, em SP; na mostra paralela à Bienal que acontecerá na Casa de Vidro, de Lina Bo Bardi, com curadoria de Hans Ulrich Obrist. Os dois, que vivem e trabalham na Inglaterra, vieram ao país em 1983.

**NOSSA LÍNGUA**  
O acadêmico e filólogo Evandro Rocha dá a conferência magna do "Seminário em Defesa da Língua Portuguesa", amanhã, às 9h, no auditório da Academia Paulista de Letras, em São Paulo. Participam do debate, organizado pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia Paulista de Letras, Arnaldo Niskier, Paulo Natchez, Rafael Pereira de Souza, Fábio Lucas, Anna Maria Martins, Cicero Sant'Anna, Demian Froença e Dud Squarisi.

**ABRE-TE SÊSAMO**  
A travessia do canal da represa de Guarapiranga ganhará uma ponte móvel (do tipo que se abre para embarcações passarem). Prometida desde 2005, a obra deve facilitar a implantação de uma ciclovia na margem oeste do rio Pinheiros e ligar a estação Santo Amaro da CPTM ao bairro do Socorro. O projeto será custodiado por uma fundação, parceria com a Secretaria de Energia de SP e Finar (Empresa Metropolitana de Águas e Energia).

**FORA DO CHUVEIRO**  
"Naquela época eu era mesmo frágilinho, confesso. Depois a gente aprendeu", diz o publicitário e apresentador da Record Roberto Justus sobre o "toboggan" de cantar. Ele afirma que teria se aproximado desde que lançou um CD, em 2006.

FSP, 31/05/12, p. E4. Fotografia 17/101

## Peça faz crítica social com economia de linguagem

Espectáculo escrito por dramaturgo escocês em 1995 chega ao país em montagem da Cia. Barracão Cultural

DE SÃO PAULO

O dramaturgo escocês David Harrower pensou ler letra de "Faca nas Gallinhas", uma peça militante sobre a exploração do trabalhador agrário em seu país.

Surpreendeu-se com a universalidade da obra que estreia amanhã na cidade, após se destacar no Festival de Edimburgo, em 1995, e ser encenada em 25 países.

Apesar de o espetáculo não abdicar da crítica social, ele é, antes de tudo, uma criação poética sobre a conquista da individualidade.

A trama apresenta uma mulher que se vê obrigada a sair dos limites de sua aldeia e do mundo familiar em que vive ao lado do marido camponês para encontrar o desconhecido, personificado pelo personagem moleiro, dono de um moinho. "Considero a protagonista



Os atores Eloisa Elena e Thiago Andreuccetti em cena da peça "Faca nas Gallinhas"

uma criança no início da história. Depois do encontro com o moleiro, ela se torna adolescente e, logo, mulher", diz a atriz Eloisa Elena.

Fundadora da Cia. Barracão Cultural, ela também é a

idealizadora do projeto, dirigido por Francisco Medeiros.

A primeira questão indagada pela personagem é: "Quem sou eu?". A partir dela, uma avalanche de perguntas invade sua cabeça.

Dramaturgo conhecido por aqui pelo espetáculo "Blackbird", encenado por Alexandre Tenório em 2006, Harrower desta vez não exercita a verbosidade, mas a economia de linguagem.

Com ela, cria uma atmosfera arcaica. Neste mundo primitivo, a trilha que leva a protagonista da jornada à consciência ganha contornos arquetípicos.

Para Elena, a poesia do texto não aparece à primeira vista, precisa ser descoberta. "O espectador é convidado a trilhar o mesmo percurso que a protagonista", diz ela.

O diretor Francisco Medeiros acredita que a atuação do espectador deve ser a mesma que a de um leitor de poesia: "O texto precisa ser completado pelo público. Convida cada um a encontrar sentido para o silêncio". (60)

**FACA NAS GALLINHAS**  
QUANDO se saí, às 21h, e dançei, às 19h, de 1/6 a 15/7. ODE espaço da Companhia do Feijão (r. Dr. Teodoro Baixa, 68, tel. 0xx11/3259-9086). QUANTO R\$ 15. CLASSIFICAÇÃO 14 anos.

## RUBRICAS

### Promessa de Ribeirão

Lucas Arantes, dramaturgo de Ribeirão Preto, não passou despercebido em São Paulo quando apresentou trabalhos como "Suspensão" e "Ar Vazio". O autor retoma sua pesquisa em "A.B.L.S.M.O.", peça que estreia na próxima quarta, no Espaço Salyros Um (pça. Franklin Roosevelt, 216, tel. 0/xx11/3258-6345; qua., às 21h; até 26/7). Narra a relação intrínseca de dois homens.

### Espírito juvenil

O mongólogo "Abeslacen Um Possível Kurt Cobain", escrito pelo premiado dramaturgo Sérgio Roveri ("Abre as Asas Sobre Nós"), estreia em 7 de julho na Galeria Olido (av. São João, 473; tel. 0/xx11/3331-8399).

O solo interpretado por Nicolas Trevijano é uma biografia ficcional do cantor (1967-1994), que nasceu em Aberdeen, nos Estados Unidos. A direção é de José Roberto Jurim. Retrata uma viagem pela mente de Kurt Cobain, que acontece depois de seu suicídio e antes de seu corpo ser encontrado.



FSP, 31/05/12, p. E12. Fotografia 18/101

## MELHOR DO DIA

## Documentário 'Sala de Comando' acompanha eleição de Bill Clinton

**Cultura, 23h30, 12 anos.** Vai ao ar hoje o documentário "Sala de Comando", dos diretores americanos Chris Hegedus e D.A. Pennebaker.

O filme acompanha os bastidores da eleição de Bill Clinton para presidente dos Estados Unidos em 1992.

Lançada em 1993, a produção segue também os estrategistas de campanha de Clin-

ton, George Stephanopoulos e James Carville.

A visão dos colaboradores do então candidato é uma das respostas para entender como Clinton conseguiu uma das maiores viradas políticas na história dos Estados Unidos naquele ano.

O filme teve ainda uma indicação ao Oscar de melhor documentário em 1994.



France Presse



Alexandre Rezende/Folhapress



### GNT exibe o filme 'Os Segredos do Voo 447'

**GNT, 23h15, classificação não informada.** O documentário investiga respostas para a queda do avião da Air France no oceano Atlântico, em 2009, durante o trajeto Rio-Paris. O acidente matou 228 pessoas.

### Guru do sexo aparece em 'Adorável Psicose'

**Multishow, 22h., classificação não informada.** A psicóloga Natalia (Natalia Klein) marca de se encontrar com um guru do sexo, conhecido como "Mr. Lover Lover", no episódio de hoje da série.

FSP, 31/05/12, p. E13. Fotografia 19/101

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2012 ★ ★ ★ ilustrada E13

## Mostra se consolida como vitrine da dança

3ª Plataforma Estado de Dança, apoiada pelo ProAc, reúne 18 grupos e recebe programadores de importantes festivais

**Grupo Luceros e Athos Núcleo Artístico são alguns dos destaques da mostra, que vai de amanhã até dia 10/6**

KATIA CALSAVARA  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Nem sempre é possível acompanhar de perto, em um só evento, grupos de dança apoiados com verbas públicas como o ProAc (Programa de Ação Cultural), do governo do Estado de São Paulo. Mais do que isso, a mostra Plataforma Estado de Dança, em sua terceira edição, se consolida como uma vitrine

dos trabalhos produzidos por grupos da capital e do interior para programadores de festivais de todo o país.

De amanhã até o dia de 10 de junho, 18 grupos com linguagens diferentes apresentam coreografias com temas que vão das artes plásticas à música, do medo à relação do homem com a natureza.

Cássia Naves, organizadora do evento desde a primeira edição, conta que o interesse de programadores pela mostra cresceu mais de 50% em três anos. "Vamos receber 20 pessoas responsáveis por importantes festivais brasileiros. É uma forma de dinamizar a relação com os curadores e mostrar a produção

de dança feita em São Paulo."

Amanhã, o grupo de dança flamenco Luceros apresenta "Luceros Dança Toninho Ferragutti", com canções do acordeonista brasileiro.

Outro músico homenageado no evento é Gilberto Mendes, que inspirou a criação do espetáculo "Uma Foz, Uma Fala, Uma Dança para Gilberto Mendes", do grupo Athos Núcleo Artístico.

Também merecem destaque "Alfaiataria de Gestos", estreia da Incunábula Cia., e "Desvio para o Chão", do Núcleo de Improvisação, ambos com trabalhos que investigam artes visuais.

Entre os grupos convidados, Vera Sala e Wellington

Duarte, o Núcleo Luis Ferron, a Cia. de Danças de Diadema, Maura Baiocchi & Taanteatro e a Cia. Borelli de Dança. O evento conta também com debates e encontros para discutir projetos.

**3ª PLATAFORMA ESTADO DE DANÇA**

**QUANDO** de 19 a 10/6; seg. a sáb., às 19h e 21h; dom., às 17h e 19h  
**ONDE** Teatro Sérgio Cardoso (r. Rui Barbosa, 153; tel. 0xx11/3288-0136)  
**QUANTO** R\$ 15 (R\$ 50 o pacote)  
**CLASSIFICAÇÃO** de acordo com a espetáculo (veja programação no site [www.cultura.sp.gov.br](http://www.cultura.sp.gov.br))

**JOSÉ SIMÃO**  
O colunista está em férias



Cena do espetáculo "Desvio para o Chão"



FSP, 31/05/12, p. E13. Fotografia 20 e 21/101

IMÓVEIS COMERCIAIS

# Interior já ganha mais shoppings que capitais

30 dos 38 novos empreendimentos previstos para 2012 estão no interior

Combinação de terreno barato, consumo em alta e juros em queda leva investidores a buscar novos mercados

PAULO MULLERSON

inter@folha.com.br

Cidades do interior do país leão neste ano, pela primeira vez, mais shoppings que as capitais.

Até dezembro, municípios que por décadas estiveram em longo desequilíbrio econômico, agora não ganham apenas unidades, mas 200 terrenos de consumo. Já os que tradicionalmente eram focados em investidores da área total (21).

Dados da Abras e Associação de Shopping apontam que, em 2012, 38 dos novos empreendimentos do setor estarão no interior. Em 2011, a previsão é que sejam inaugurados mais 36, dos quais, apenas 11 em capitais.

Especialistas apontam três fatores para o fenômeno: terreno barato, consumidores e dinheiro para investir.

Se em regiões como a Av. Faria Lima, em São Paulo, ou o Leblon, no Rio, o terreno chega a custar 40% do total da obra, em áreas do interior esse valor não chega a 10%.

"No interior, há quem compra áreas por hectare, que no futuro poderão virar outros empreendimentos ou expansões que atendam à crescente demanda local", diz Maurício Inagaki, gerente de avaliação de valor da consultoria Cushman & Wakefield.

"O PIB (Produto Interno Bruto) per capita está subindo, em cidades menores, acima da média nacional. Esse aumento da renda tem criado novos mercados", diz Claudio Sallum, da Lumibe, O setor, que cresceu dois dígitos nos últimos anos, prevê saltar mais 12% em 2012.

"Há um desenvolvimento acima do normal nessa indústria", diz Luiz Fernando Viegas, presidente da Abrasac.

Outro fator é a queda dos juros. Fernando Belluschi, diretor de investimentos da CNI.

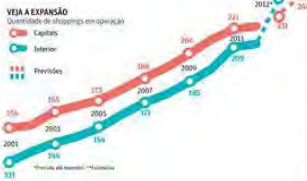
"O shopping tem que crescer cinco vezes no Brasil para chegar perto da área ocupada em Portugal e Espanha. Já nos Estados Unidos tem 30 vezes mais centros que aqui."

**CAPITALIZADOS**

Para Luiz Quintz, diretor comercial e de desenvolvimento da BDMalls, que posi-

## INTERIOR PUXA EXPANSÃO DE SHOPPINGS

Pela primeira vez, as cidades do interior do país terão mais empreendimentos do que as capitais



Polo Shopping Indaiatuba, na região de Campinas, interior de SP, que completa 1 ano em funcionamento

**56%** dos shoppings estão no Sudeste

**33%** é quanto o número de shoppings irá crescer na região Norte



**SABIA MAIS**

Alto são cidades com de mais 350 mil pessoas

Qualquer região possui um potencial local para ganhar um shopping, diz. Projetos são mudam substancialmente uma região também podem atrair centros de compras.

Segundo Claudio Sallum, da Lumibe (Complexo Petrópolis/Itaboraí) levará novos shoppings para a região de São Gonçalo. Para ele, cidades da região do Triângulo também estão atraídas porque os investidores estão dando novo impulso econômico à região.

## Em 1º shopping do Acre, lojista reclama de custo

FELIX ANTUNES

colaborador da FOLHA

em indaiatuba

Com 400 mil habitantes por mês em média, o primeiro shopping do Acre, aberto em novembro do ano passado, tem declarado parte dos lojistas insatisfeitos.

As principais queixas são sobre as regras impostas pela administração, a taxa de condomínio e a cobrança de estacionamento para os clientes — além do consumo abaixo da expectativa.

"O lugar daqui não está acostumado a isso", diz o presidente da Acta (Associação dos Lojistas do Acre), Jurelino Aragão. Segundo ele, as lojas de marcas nacionais estão mais adaptadas.

A falta da rede de supermercados Araújo diz que, comparando vendas, correção de fechar as portas. Um dia sócio, Ademir Araújo, afirma que o consumo está 50% abaixo do esperado.

Já Alberto Abramo, sócio da Casa Natal, de eletrônicos e confecção, reclama do custo de manutenção. "O valor do contrato de locação do espaço é uma das expectativas."

Douglas Rogério, presidente da Landis, que administra o Shopping Via Verde, contesta. Ele afirma que as vendas chegaram a R\$ 12 milhões nos primeiros seis meses de funcionamento e estão dentro do esperado.

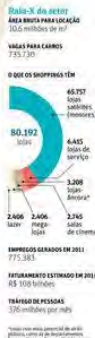
O shopping — que fica em uma área sobre a capital de 336 mil habitantes, distante do centro — atrai também visitantes do interior. Com mais de cem lojas, o Via Verde tem quatro salas de cinema, área de lazer com jogos eletrônicos e grama de alimentação.

Muitas redes são novas no Acre, como Gráfolas, Casa de Fios de Estreito e Sabonov. Lojistas do centro, área tradicional do comércio de Rio Branco, reclamam de queda no movimento.

Eduardo de Moraes Gomes, gerente de vendas do Calçados, que fica no centro, afirma que, com o shopping, a clientela se diversificou. "Para atrair cliente, reduzimos os preços de 15% a 20%."



Shopping Via Verde, do Acre; há lojistas insatisfeitos com o movimento



## FPS 5

Fotografias extraídas da edição 30457 da Folha de S. Paulo (22/08/12).

Total de fotografias jornalísticas: 66.

Total de fotografias composta por figuras de mulheres: 17

Caderno de principal incidência: Ilustrada

FSP, 22/08/12, p. A10. Fotografia 1/66

**mensalão** o julgamento

## João Paulo usa declaração de apoio falsa de Dilma

Campanha de petista trata como sendo atual menção feita a ele em 2010

**Réu do mensalão, deputado disputa a Prefeitura de Osasco; assessoria do candidato diz ter cometido erro**

DANIEL RONCAGLIA  
DE SÃO PAULO

Único réu do mensalão a disputar a eleição deste ano, o deputado João Paulo Cunha (PT) utilizou uma declaração de apoio falsa da presidente Dilma Rousseff na sua disputa pela Prefeitura de Osasco. No último dia 7, o petista publicou em seu site de campanha a declaração de voto da presidente.

A campanha também confeccionou jornal com tiragem de 50.000 exemplares destacando o apoio de Dilma.

No entanto, a fala da presidente foi feita em 2010, quando João Paulo disputa-

va vaga de deputado federal. Tanto o site quanto o jornal indicavam que o apoio era para a candidatura a prefeito.

"Nas eleições de outubro, mais uma vez ele se coloca a serviço do povo. Conto com sua liderança para, juntos, avançarmos nas transformações econômicas e sociais que farão do Brasil um país sem miséria", foi a frase de Dilma usada no material.

O jornal de campanha destacava: "Dilma e Lula declararam apoio à candidatura de João Paulo".

O site e o jornal reproduzem foto de fevereiro de 2011 em que Dilma abraça João Paulo em um evento no Planalto. O ano da foto também não era informado.

Segundo o site, Dilma disse que João Paulo tem "inalzável compromisso com o projeto que trouxe desenvolvimento com justiça social" para o país.

O Palácio do Planalto não quis comentar a utilização da declaração da presidente.

Dilma tem evitado envolvimento explícito na eleição municipal deste ano. Ela ainda não gravou, por exemplo, declaração de apoio para o candidato do PT em São Paulo, Fernando Haddad.

Na última semana, o ministro do STF Joaquim Barbosa, relator do mensalão, votou pela condenação do petista por três crimes: peculato, corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

Devido ao processo, setores do próprio PT pressionam João Paulo a abandonar a candidatura.

### OUTRO LADO

A campanha de João Paulo disse ter errado ao ter reproduzido declaração de Dilma que estaria na página pessoal do petista desde 2010. "Cometemos um erro tem-

poral ao apresentar a informação, que já está sendo corrigido", afirmou a assessoria de imprensa do petista.

Segundo a assessoria, a fala de Dilma, que então era candidata à Presidência, foi de "cunho pessoal". No atual material, ela é identificada como "presidenta do Brasil".

No final da noite, a notícia do site foi corrigida. Sobre o jornal, a campanha não soube informar se os exemplares foram totalmente distribuídos.

O material de João Paulo também destacou o apoio do ex-presidente Lula. A assessoria dele confirmou a declaração de voto.

Apoio de outros membros do governo está sendo utilizado, como os dos ministros Miriam Belchior (Planejamento), Pepe Vargas (Desenvolvimento Agrário) e Aldo Rebelo (Esporte).



FSP, 22/08/12, p. A12. Fotografia 2/66

eleições 2012

# Lula vai à TV em 3 capitais pedir votos para petistas

Em vinheta da campanha de Fernando Haddad, em SP, candidato sequer fala

**Ex-presidente também serve de cabo eleitoral para Patrus Ananias, em BH, e Humberto Costa, em Recife**

DE SÃO PAULO  
DE BELO HORIZONTE  
DE MANAUS

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi fartamente usado como cabo eleitoral de candidatos petistas a prefeito nas inscrições comerciais que começaram a ser veiculadas ontem no rádio e na TV. Os programas propriamente ditos vão ao ar a partir de hoje —ontem, a faixa de 30 minutos foi dedicada a postulantes a vereador.

Em uma inserção da campanha de Fernando Haddad (PT), em São Paulo, Lula recorda que, em 2010, pediu votos para Dilma, então desconhecida por boa parte do eleitorado. "Com a mesma convicção", recomenda o candidato de agora, "o melhor ministro da Educação da história". Haddad só surge no fim, abraçado a Lula (e mudolo).

"É importante olhar todo o programa eleitoral, não apenas uma inserção de 30 segundos [...] Julgue pelo todo, não pela parte", disse o petista, ao ser questionado ontem pela reportagem sobre a possibilidade de o comercial reforçar a ideia de que sua candidatura depende de Lula.

A ligação com Lula e Dilma volta a ser enfatizada em uma vinheta "solo" do candidato, em que ele sublinha a importância de "propor coisas novas e ousadas". O candidato a vereador na capital paulista Orlando Silva (PC do B), ex-ministro do Esporte, é outro que pega carona na popularidade do ex-presidente. "São Paulo pode ter dois ministros de Lula cuidando da cidade", diz a narração que acompanha imagens de Silva com Haddad.

Em Belo Horizonte, Lula reservou abraços para mais um de seus ex-ministros, Patrus Ananias (PT), que busca voltar à prefeitura.

Em um comercial, o titular do Desenvolvimento Social e Combate à Fome entre 2004 e 2010 é apresentado pelo ex-

presidente como homem moderno, que "pensa à frente de seu tempo".

Em Manaus, a candidata Vanessa Graziotin (PC do B), apoiada pelo PT, usou fotos de Lula e Dilma. Arrematou com um "adivinha quem os dois estão apoiando?".

A presidente também foi citada em inserção do candidato do PSB à Prefeitura de Recife, Geraldo Julio, como apoiadora de uma eventual gestão dele. Nessa disputa, o PT tem Humberto Costa, que convocou Lula para sua estreia. O ex-presidente disse "estar bom outra vez" e prometeu fazer campanha na cidade em setembro.

**SERRA JOVIAL**

Em São Paulo, José Serra (PSDB) "respondeu" à imagem de renovação vendida por Haddad com o slogan "ideias novas, coragem e compromisso". Seu jingle é uma versão de "Eu Quero Tchu, Eu Quero Tcha", e pululam ícones de "curtir" do Facebook em uma inserção. Celso Russomanno (PRB) mostrou números de pesqui-

sa do Ibope que o coloca, ao lado de Serra, na liderança das intenções de voto.

Ele e a candidata Soninha Francine (PPS) violaram a Lei Eleitoral ao veicular gravações externas (fora de estúdio), o que é proibido pelo artigo 51 da norma. As campanhas reconheceram a infração e afirmaram que irão substituir as peças.

Na propaganda de Russomanno, o candidato surge em caminhada de campanha e em uma feira. Soninha pedala uma bicicleta pelas ruas.

Há também um terceiro comercial de Haddad, com cenas do encontro municipal do PT, em centro de convenções na zona norte. Questionada, a campanha diz se tratar de gravações internas. Especialistas ouvidos pela **Folha** não viram infração. Por fim, Gabriel Chalita (PMDB) optou pela linha "uma no cravo, outra na ferradura". Em uma inserção, crítico, diz que "a Prefeitura de São Paulo foi dominada pela disputa entre PT e PSDB". Em outra, conciliador, afirma ser amigo de Alckmin e Dilma.



**Chalita - Amizades nos dois polos**

Diz que prefeitura é dominada há 12 anos por disputa entre PT e PSDB. Em outro vídeo, afirma ser amigo de Alckmin e de Dilma, e é vendido como "o cara para unir São Paulo"



**Paulinho - Foco em saúde e transporte**

Promete "choque de gestão" na saúde e foco no atendimento igualitário para ricos e pobres. Também mira os gargalos do transporte público, como a espera e a superlotação



**Soninha - Reciclando slogan de quatro anos atrás**

Aparece andando de bicicleta, declarando seu amor à cidade (e a irritação com os seus defeitos). Reaproveita o mote que usou nas eleições de 2008: "Quem disse que não tem jeito?"



FSP, 22/08/12, p. A14. Fotografia 3/66

**FOLHA DE S. PAULO**  
QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2012 A14

# mundo

**NA INTERNET**  
Samy Adghirmi escreve sobre um engenheiro iraniano na Nasa  
[folha.com/120456](http://folha.com/120456)

**NA INTERNET**  
Leia no blog Vista Chinesa sobre imigração ilegal aos EUA  
[folha.com/vistachinesa](http://folha.com/vistachinesa)

**Visualizador**

**mundo**  
Rússia e China condenam ameaça à Síria

## Rússia e China condenam ameaça à Síria

Governos criticam declaração de Obama, que insinuou intervenção militar no país se Assad usar armas químicas

**Vice-premiê sírio teria declarado que governo está disposto a negociar a renúncia de Assad, o que não foi confirmado**

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Rússia e China condenaram ontem as declarações do presidente americano, Barack Obama, que sugerem uma possível ação militar contra a Síria no caso do uso de armas químicas pelo regime de Bashar Assad.

Segundo Moscou, ações unilaterais que violem decisões do Conselho de Segurança não serão toleradas pelos dois governos —que já vetaram por três vezes resoluções contra Damasco nesse fórum.

"Rússia e China baseiam sua cooperação na necessidade de seguir estritamente as leis internacionais e os princípios contidos na Carta da ONU, e em não permitir suas violações", disse o chanceler russo, Sergei Lavrov, após en-



Menino carrega pães distribuídos no fim do Ramadã em Azaz; conflito no país prejudica o abastecimento da população

**DIVISÃO NA ONU**  
Rússia e China mantêm apoio à regime em fóruns

**1º veto**  
Em 4 de outubro de 2011, Rússia e China vetam pela primeira vez uma resolução no Conselho de Segurança contra a Síria

**2º veto**  
Os mesmos dois países vetam, em 4 de fevereiro, novo texto, que foi aprovado por todos os outros 13 membros

**3º veto**  
Resolução com ameaças de sanções ao regime Assad e sobre a permanência da missão de observadores é vetada por Rússia e China; África do Sul e Paquistão se abstém

**Raro consenso**  
Em 21 de abril, o Conselho de Segurança aprova

FSP, 22/08/12, p. C1. Fotografia 4/66

FOLHA DE S. PAULO  
QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2012 C1

# cotidiano

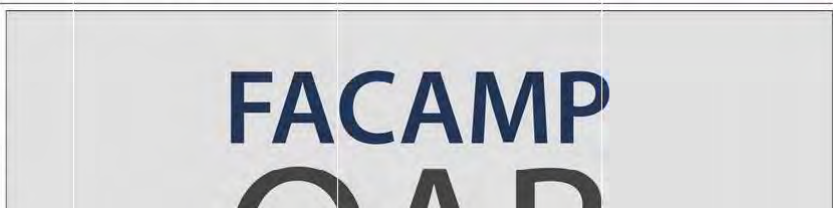
## Decisão do STJ ajuda o crime, diz chefe da Polícia Civil de SP

Corte decide que adolescente detido por drogas pela 1ª vez não deve ser internado

**Para delegado, trabalho policial não muda, mas comportamento judicial fará traficante arregimentar garotos**

**AFONSO BENITES**  
DE SÃO PAULO

O chefe da Polícia Civil paulista, delegado Marcos Carneiro Lima, criticou ontem a súmula do STJ (Superior Tribunal de Justiça) que



**voos a locais remotos**

O governo federal discute oferecer subsídio às companhias aéreas para que elas ampliem suas rotas a locais de difícil acesso e baixo volume de passageiros. Uma das propostas da União seria pagar um valor às empresas para cada passageiro que comprar o bilhete para esses locais. Mercado B5

**Reforma curricular**

Seria despropósito achar que a fusão de disciplinas proposta pelo Ministério da Educação vai resolver o problema da baixa qualidade no ensino médio no Brasil, mas a ideia tem lá os seus méritos. Opinião A2

**TOSTÃO Craques**

Felizmente, o Brasil é tão grande, e há tantos meninos querendo ser craques, que, embora cada vez mais raro, surge um Neymar, um Lucas. Esporte D3

**NINA HORTA Uniformes**

Quando vejo mulheres bonitas, cozinheiras, com reidinha branca na cabeça, quero morrer. Prefiro um turbante colorido. Comida F8

**Contra EUA e Israel, Irã anuncia pacote militar**

O governo iraniano disse anunciou ontem ter novos mísseis de fabricação nacional e que vai construir uma base destinada a repelir ataques aéreos contra o país. Para analistas, o anúncio é uma demonstração de autoconfiança do Irã diante do risco de sofrer bombardeios vindos de Israel e dos Estados Unidos. Mundo A14



**DE BRANCO**  
Lavra de 3.000 pessoas participaram de flash mob no Lincoln Center, em NY, na segunda; imersos em luz, ficaram sabendo do local do jantar horas antes. folha.com.br/1223382

**MALUCO BELEZA**  
Passeata no centro de SP comemorou o aniversário de 21 anos de morte de Raul Seixas. folha.com.br/1223382

**NA INTERNET**

**folhaleaks**  
Envie informações de interesse público para a Redação avaliar e apurar. folhaleaks.folha.com.br

**folhinha**  
Galinha Pintadinha lança nova música na internet. folha.com/101140714

**AMANHÃ NA FOLHA**

**turismo**  
Vá a Sãta, na Argentina, e experimente as empapadas "saltteñas".

Acesse [app.folha.com](http://app.folha.com) e baixe o novo aplicativo do jornal

**FOLHA**

**NO IPAD**

Skype para iOS adiciona compartilhamento de fotos



**morre em a da tália**

ra manter orredora

inexpressivo ta olímpica. r em mais de s Jogos de Pe amia Yusuf um dos sim- ompetição. ada em uma m atletas que uco mais de nali superava re, dificuldade a guerra ci para começar de ser atleta. fa perseguiu no mar entre a, e que acame na lista de parecidos. ne aplaudam brias. Prefiro sirem porque ilo", disse a aos 17 anos.

Samia tentou manter a carreira na Somália, mas esbarrava na falta de estrutura, nas ruas bloqueadas pela guerra e no preconceito por ser mulher. Sofria ameaças de morte por correr e não cobrir seu corpo. Mais velha de seis irmãos, ajudava a mãe a vender frutas. O pai morreu ti tiros em um dos conflitos no país. Sem futuro na Somália, a jovem foi para a Etiópia. De lá, continuou para o Sudão e a Líbia, de onde saiu para ir à Itália. Morreu em uma balsa improvisada quando atravessava o Mediterrâneo. Sua mãe vendera um pequeno terreno para financiar a viagem. O treinador de Samia, Mustafa Abdelaziz, confirmou ao jornal italiano "Corriere della Sera" que a atleta embarcou em um barco clandestino. "Os sobreviventes informaram a lista das pessoas que tinham morrido, e lá estava seu nome. Ficamos gelados. Sabíamos que a viagem era perigosa, mas não podíamos imaginar que ela seria uma vítima", disse Abdelaziz.

Com as adversidades do cotidiano



Samia Omar em prova dos 200 m nos Jogos de Pequim

FSP, 22/08/12, p. E1. Fotografia 9/66

FOLHA DE S. PAULO  
QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO

# ilustrada

## road music

A cantora  
Andreia  
Dias em uma  
estrada de  
Sergipe

Foto: Necha/Divegã30

Visualizador

road music

40% OFF

MARCUS PRETO  
DE SÃO PAULO

Correr dez cidades brasileiras em 50 dias, compondo e gravando uma canção nova em cada uma delas — sempre em parceria com nomes emergentes da cena musical local. O plano da cantora paulista Andreia Dias para seu ter-

Em disco  
produzido em  
**viagem**, a  
paulista Andreia  
Dias mapeia a  
cena musical

AS FAIXAS Quem são, onde vivem e como contribuíram os parceiros de "Pelos Trópicos", por Andreia Dias

1 **BELEM** "Feliz e Mirrado",  
com Lân Phourmont e Arthur Kraus

2 **RECIFE** "Lava Pele",  
com Ze Calafinho  
"Gosto do jeito como ele toca e  
incorpora a viola de arco e da  
maneira meio 'roots' com que  
interpreta repertório autoral"

3 **SALVADOR** "Bela Teledona"  
com Baisaca

4 **ARACAJI** "Aquilo",  
com Tho Damiano

5 **BELEM** "Beijin na Nuca",  
com Felipe Cordeiro  
"É o cara de Belém! Seu som é  
permeado por ritmos amazôni-  
cos que vão da lambada ao  
carimbó, da guitarrada ao brega"

6 **SÃO LUÍS** "Bela Teledona"  
com Fritolina

FSP, 22/08/12, p. E2. Fotografias 10-13/66

**NA URNA**

E, pelo cálculo feito pela equipe de um dos magistrados, o processo não chega ao fim antes das eleições. Só para o item três foram necessárias duas sessões para o voto de Barbosa, mais duas para o de Lewandowski e, calcula-se, pelo menos, mais duas para os votos dos outros nove ministros. Para os outros seis serão necessárias pelo menos 30 sessões —ou mais dois meses e meio.

**SOLIDÁRIO**

O produtor de cinema Luiz Carlos Barreto e sua mulher, Lucy, passaram o fim de semana com José Dirceu em Vinhedo, em SP.

**MOEDA**

Na reunião com vinte cartolas dos principais times brasileiros, antontem, em SP, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, disse que tentará convencer a presidente Dilma Rousseff a editar medida provisória para implantar rapidamente o programa que alivia as dívidas de 13 mil clubes. Calcula-se que ela chegue a R\$ 5 bilhões.

**MOEDA 2**

O projeto, do deputado Vicente Cândido (PT-SP), prevê que os débitos com o governo federal poderão ser compensados se os clubes oferecerem bolsas para atletas iniciantes e de esportes de alto rendimento. Ele já tem 28 artigos e até nome: Proforte. Se a presidente Dilma não concordar com a medida provisória, a proposta terá longa tramitação no Congresso.

**PROIBIDÃO**

O Ministério da Justiça indeferiu pedido para tornar livre a classificação indicativa do trailer de "Gonzaga - De Pai para Filho", filme dirigido por Breno Silveira. Permaneceu a idade mínima de 12 anos.

\*  
Justificativa: cenas que apresentam o filme contêm "violência e droga lícita".

Foto: Zinnel/Russell/Palavras



**SALA DE ESTAR COM A ARTE**

A sétima edição do Salão de Arte abriu na segunda, no clube A Hebraica. Vera Chacur Chadad, organizadora do evento, recebeu convidados como o artista Gustavo Rosa, Fernanda Feitosa, da feira SP Arte, e Meyer Nigri, da construtora Tecnisa. Também passaram pelo coquetel o empresário Najj Nahas e as socias Ana Maria Velloso e Nádia Setubal.

aprender a falar inglês. "Preciso, né? Mas só vou conseguir se tiver uma bolsa", diz.

**SAPATO VELHO**

E Sorriso, que fechou palestra motivacional para uma empresa depois de ter voltado da Inglaterra, não pensa em deixar o trabalho de limpar a rua. Mas já tem um plano de renda para quando se aposentar. "Já leilonei sapato que o Pelé autografou para mim na semana passada", afirma.

**ATIVISTA DO FACE**

A atriz Sonia Braga tem publicado em sua página do Facebook fotos de prédios do centro do Rio com a frase "A cidade do Rio de Janeiro está desabando! S.O.S.". Ela clicou imóveis históricos em péssimo estado de conservação nas ruas Sete de Setembro e do Teatro.



**CURTO-CIRCUITO**

O Senai-SP promove hoje o Fashionville, desfile com novos talentos da moda, na Escola Francisco Matarazzo, no Itaip, às 20h.

A Secretaria da Educação de SP inicia hoje o 1º Seminário de Proteção Escolar, no Memorial da América Latina. Entre os palestrantes, Miriam Abramoway e Luiz Eduardo Soares.

Jean-Thomas Bernardini, do Festival Cultural, inaugura hoje o Café Bonlange, na Vila Madalena.

A Cartier abre boutique no shopping Cidade Jardim, hoje, a partir das 20h.

O Grupo Restoque começa hoje tocar com o quarteto de Leão Blanc, Do, Bô, Jo, Lu e Noit, na avenida das Nações Unidas, 19.739.

A ONG Repórter Brasil lança "Dez Anos de Estrada de Terra" hoje, na 11ª Feira Cultural da Paulista.

FSP, 22/08/12, p. E6. Fotografia 14/66

**CRÍTICA DRAMA**

**Filme esquemático exagera nas incoerências**

'A Vida de Outra Mulher' se perde em afetações de Juliette Binoche e opacidade de personagem de Mathieu Kassovitz

ALEXANDRE AGABITI FERNANDEZ  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Atriz bastante requisitada e com certo prestígio, a francesa Sylvie Testud passou para trás das câmeras em 1998, com um obscuro curta-metragem. Depois desse exercício, ela só voltou a dirigir em "A Vida de Outra Mulher", que deve ser considerado seu filme de estreia. O roteiro foi livremente adaptado pela própria diretora a partir do romance "La Vie d'une Autre" (2007), de Frédérique Deghelt.

O argumento é extravagante, mas digno de interesse. Marie (Juliette Binoche) é uma modesta jovem que se apaixona por Paul (Mathieu Kassovitz) em uma festa, dorme com ele e, quando acordada, 15 anos se passaram. Ela desperta com uma am-

nésia. Não sabe o que aconteceu nesse período e aos poucos vai descobrindo: casou-se com Paul, teve um filho e tornou-se uma executiva poderosa e carreirista. Pior: ela constatou que não é uma mãe presente e que seu casamento está acabando. Chocada ao perceber o descompasso entre os sonhos de juventude e a realidade do presente, Marie faz tudo para reconquistar o marido e a felicidade perdida. Em sua adaptação, infelizmente, Testud escamoteia a dimensão fantástica do tema e acaba optando por algo menos ambicioso. E erra ao dar ao filme dois registros pouco compatíveis entre si. A primeira parte, que termina com as descobertas de Marie sobre seu passado, transcorre sob o domínio do

burlesco. Mas Juliette Binoche põe tudo a perder. Como uma atriz de cinema mudo, ela faz caretas e se sacode com trejeitos afetados, atuando de modo exagerado. O modelo da comédia de "recasamento" domina a segunda parte, mas a estratégia falha, pois Paul não entende a reaproximação da mulher. Paul, aliás, nem chega a ser um personagem, não tem densidade para tanto. Abrupto e arbitrário, o final infelizmente também está à altura dos desacertos do roteiro.

**A VIDA DE OUTRA MULHER**  
DIRETOR Sylvie Testud  
PRODUÇÃO França/Luxemburgo/Bélgica, 2012  
ONDE Espaço Unibanco Augusta, Reserva Cultural e Lumière Playarte  
CLASSIFICAÇÃO 14 anos  
AVALIAÇÃO regular



Os atores Juliette Binoche e Mathieu Kassovitz contracenam em 'A Vida de Outra Mulher'

# televisão

## OUTRO CANAL

KEILA JIMENEZ [keila.jimenez@grupopb.com.br](mailto:keila.jimenez@grupopb.com.br) / [Folha.com.br/television](http://folha.com.br/television)

### Atores não podem mais escolher novelas na Globo

Entra ano, sai ano, e a Globo segue com o mesmo problema na escalção de atores para as suas produções: a famosa reserva de elenco.

Segundo funcionários da emissora, na semana passada, o diretor de entretenimento da Globo, Manoel Martins, baixou mais resoluções com relação ao assunto.

Martins, que sempre defendeu que os atores tivessem parcimônia na escalção, só vai liberar a reserva para quem tiver sinopse aprovada e prazo de início de produção estabelecido. Antes, o ator poderia até sugerir nomes, mas eles não ficariam reservados.

Também não caberá mais aos atores escolherem de qual produção preferem par-

ticipar. Todos deverão acatar as decisões do departamento de elenco. O ator que se recusar corre o risco de ter até o contrato rescindido.

O novo freio nas reservas teve um estopim: a dificuldade do autor Walcyr Carrasco em escalçar o elenco de sua próxima trama na emissora, novela das 21h, para 2013.

Com as novas regras, a atriz Paola Oliveira, que chegou a ser reservada para "O Pequeno Buda", de Thelma Guedes e Duca Rachid, deve ser a protagonista da novela de Walcyr, que já tem prazos de gravações estabelecidos.

Procurada, a Globo, via assessora, diz que a reserva de elenco é um mecanismo interno da emissora.



■ **FA-CLUBE** Luciana Gimenez (à esquerda) e Roger na gravação do "Agora é Bandê" (Bandê) se encontram via ao reality "Gimenez na Real", um "Superpop" (RedeTVI)

**Fora** Já existe um movimento no mercado de profissionais que foram com Hebe do SBT para RedeTVI. Gente de confiança da apresentadora está buscando recolocação em outras emissoras.

**Fora 3** Há quem aposte que Hebe não voltará mais ao ar na RedeTVI, mesmo que se recupere dos problemas de saúde.

**Fora 4** O diretor Aloísio Leyg não deve ter o seu contrato renovado com a Globo.

**Torcida** A escolha de Juliana Paes para viver Gabriela não foi unanimidade na Globo. Essa turma ganhou coro e atribuiu à protagonista a audiência mais fraca da trama.

**Cofre** À Band segue com duas grandes séries engavetadas, sem previsão de exibição: "24 horas" e "NCIS".

**Bolo** O "Hoje em Dia" (Record) comemora nesta quarta-feira sete anos no ar, com quadros especiais. Edu Guedes vai levar o seu caminhão/cozinha para o Parque da Juventude, na zona norte de São Paulo. De lá será feita a receita do dia.

**Bolo 2** O telespectador também poderá escolher pela internet qual corte de cabelo ficará bem em Celso Zaccatelli. O corte será feito ao vivo. Só para lembrar, da última vez que o público fez isso, o "Pânico" (Bandê) rasgou a cabeça da panican Babi.

**Nacional** Estreia em outubro, no canal pago TBS, "Elmoro Miranda Show", série de humor baseada no universo dos programas de auditório. A atração contará com convidados como a banda Restart, César Polvilho, do "Pânico", e o apresentador Leão Lobo.

15/66

## Registro chocho e burocrático marca 'Mambembão' na TV

Atração dirigida por Marco Altberg estreia hoje no Canal Brasil

DE SÃO PAULO

O "Mambembão" que o Canal Brasil apresenta a partir de hoje é quase uma prestação de contas em vídeo do projeto homônimo da Funarte, que traz aos palcos de Rio e São Paulo montagens de fora do eixo.

Criada no fim dos anos 1970 e interrompida na metade da década seguinte, a iniciativa foi retomada neste ano, contemplando dez espetáculos de dança e dez de teatro. A atração televisiva pinça cinco encenações para esmiuçar processos criativos e tecer "making of's".

A estreia é com a pernambucana "Essa Febre que Não Passa", do Coletivo Angra de Teatro, adaptação de contos da jornalista Luce Pereira.

Atrizes da companhia e a dupla de diretores discorrem sobre os limites da cena recente, desvelam os métodos do grupo e estabelecem afinidades com companheiros dos palcos nordestinos.



Hermila Guedes, que integra o coletivo Angu de Teatro

Não faltam agradecimentos à Funarte por possibilitar a circulação do espetáculo. Mas o que incomoda é o tom burocrático das entrevistas e o registro pouco estimulante de trechos do espetáculo.

A câmera, grudada aos atores, que Tadeu Jungue usou há alguns anos para captar

espetáculos do Grupo Oficial, faz uma falta danada aqui.

■ **NA TV** **Mambembão** estreia do programa **QUANDO** hoje, às 23h30, no Canal Brasil. **CLASSIFICAÇÃO** não informada

### MELHOR DO DIA

#### Marcelo Adnet estreia programa que mescla humor com turismo

**MTV, 23h30, 10 anos.** O canal estreia hoje a primeira temporada de "Adnet Viaja", programa que mostra a jornada de Marcelo Adnet pela América. Nos oito episódios, a atração enfoca os costumes e o humor de Miami (EUA), Jamaica, Aruba e Curaçau. Cada país renderá dois capítulos.

Acompanhado por um diretor, uma produtora e um câme-

ra, Adnet faz uma imersão na cultura dos locais visitados, falando o idioma da região. A principal barreira foi a língua. Meu humor é muito oral, mas tive de usar o físico para me aproximar das pessoas", disse o humorista à **Folha**.

A segunda temporada de "Adnet Viaja" já está em gravação e passará por Portugal, Itália e Bôsnia..



**Danilo Gentili participa ao vivo do 'Superpop'**

**RedeTVI, 22h30, 14 anos.** O humorista e apresentador do "Agora é Tande", da Bandê, é entrevistado por Luciana Gimenez no "Superpop". No palco, Gentili receberá uma homenagem do programa.



**Filme lembra morte de Nicole Simpson no GNT**

**GNT, 23h15, classificação não informada.** O ex-policial Rodrigo Pimentel narra o filme "As Últimas Horas de Nicole Simpson", sobre a morte da mulher do ex-jogador de futebol americano O.J. Simpson.

### CRÍTICA

#### 'Crash - No Limite' se baseia em clichês e é fácil de ver e esquecer

DRÁCIO ARAUJO  
crítico da FOLHA

Nem sempre ganhar o cobijado Oscar é um negócio assim tão formidável. Vejamos o caso de Paul Haggis roteirista de peso (com vários filmes de Clint Eastwood no currículo), emplacou "**Crash - No Limite**" (MGM, 0h45, 14 anos) quase de primeira. Ganhou a estatueta por roteiro e melhor filme de 2006.

Lá estão habitantes de Los Angeles envolvidos em uma série de situações que dizem respeito à violência, racismo e conflitos de vários tipos. Haggis constrói seu filme em esquetes, talvez por falta de confiança para investir em um ou outro personagem, talvez por buscar construir um painel à maneira de Robert Altman. Ocortê-que "**Crash**", que acaba se fundando sobre clichês e observações apressadas, é tão fácil de ver quanto de esquecer.

FPS 6

Fotografias extraídas da edição 30575 da Folha de S. Paulo (18/12/12).

Total de fotografias jornalísticas: 69.

Total de fotografias composta por figuras de mulheres: 26.

Caderno de principal incidência: Ilustrada

FSP, 18/12/12, p. A1. Fotografia 1/69

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO BRIAS-FILHO

ANO 99 • TERÇA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 2012 • Nº 38.515

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 23H17 • R\$ 3,20

mensalão o julgamento

## STF manda Câmara cassar os deputados e conclui julgamento

★ VOTO DO MINISTRO CELSO DE MELLO DESEMPATA O TEMA ★ PRESIDENTE DA CÂMARA DIZ QUE DECISÃO É 'INGERÊNCIA' ★ COM 138 DIAS, JULGAMENTO FOI O MAIS LONGO DA CORTE

**ESPORTE**  
Trio elétrico do Corinthians vai passar pela marginal Tietê

**O TRAJETO**

Ônibus fechado  
Trio elétrico

5. PAULISTA  
2. MARIANA  
1. LESTE

**EQUILÍBRIO**  
Brinquedo de construção para meninas traduz mudanças

**ILUSTRADA**  
Monólogo de Ferreira Gullar será interpretado por Osmar Prado

**Prefeitura de SP veta docente que se formou pela USP Leste**

Professores que cursaram licenciatura em ciências da natureza na USP Leste foram impedidos de trabalhar neste ano na rede de ensino da prefeitura de paulistana. O problema ocorreu porque o curso da universidade não constava do edital do concurso de 2011 que visava contratar docentes de ciências para o ensino fundamental e médio. **Continuação C1**



O relator do mensalão, ministro Joaquim Barbosa, ontem, durante a última sessão de julgamento do caso

**MARCELO COELHO**  
STF poder 'errar por último' não deixa de ser uma humildade

Poder A6

**PEDRO ABRAMOVIY**  
Palavra final sobre o assunto pode não ter sido dada ainda

Poder A6

**“Não cumprir decisão do STF é intolerável, inaceitável e incompressível”**

CELSO DE MELLO, MINISTRO DO STF

Com o voto de Celso de Mello, o Supremo decidiu, por 5 a 4, que a condenação criminal de um parlamentar leva à perda automática de seu mandato e finalizou o julgamento do mensalão.

A decisão atinge os deputados federais João Paulo Cunha (PT-SP), Valdemar Costa Neto (PR-SP) e Pedro Henry (PP-MT). Eles perderão os mandatos quando todos os recursos forem julgados, o que não tem data para ocorrer. O presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), classificou a decisão como uma "ingerência".

Com 53 sessões em 138 dias, foi o julgamento mais longo da história do STF.

Foram condenadas 25 das 40 pessoas denunciadas. Entre elas, os ex-dirigentes petistas José Dirceu, José Genoino e Delúbio Soares. As penas somam 280 anos de prisão; as multas, R\$ 22 milhões.

Revelado pela **Folha** em 2005, o mensalão foi um esquema de compra de apoio ao primeiro governo Lula. **Poder A6**



▲ **ABEUSO** Mulher coloca a foto de um garoto em memorial na cidade de Newtown, no Estado de Connecticut, nos EUA; ontem, sob chuva fina, ocorreram as primeiras cerimônias de enterro das vítimas do massacre da última sexta-feira

**ATMOSFERA** **Cotidiano C2**  
Oleum continua na Grande São Paulo.  
Mínima 19°C. Máxima 28°C.

**FALE COM A FOLHA**  
Máximos atingidos em votação (78%) e apoio (80%) em eleições municipais.  
316.697 exemplares impressos + digitais

**EDITORIAIS** **Opinião A2**  
Leia "Conflito desnecessário", acerca de cassação de deputados condenados pelo mensalão, e "Um futuro sem Chávez", sobre sucessão na Venezuela.

**cotidiano cs**  
Com mudança na lei, divórcios crescem 46% no país, diz IBGE.  
**ROUJIZO** **Cotidiano C2**  
Não deve ser circular comum.  
com planilha em final de página

**Fux suspende votação de vetos de Dilma sobre royalties**

O ministro Luiz Fux, do STF, concedeu liminar favorável aos Estados produtores de petróleo pela suspensão da votação dos vetos à lei dos royalties. Ele considerou inconstitucional a adoção de urgência para vetos presidenciais.

Assim, a análise do caso vai para o fim da fila de mais de 3.000 vetos à serem votados. O presidente do Senado, José Sarney, disse que vai entrar com recurso. **Poder A14**

**Estrutura obsoleta causou apagão que atingiu 12 Estados**

A estrutura obsoleta da subestação de Itumbiara (GO), que faz a conexão entre as regiões Sudeste e Norte/Nordeste, foi a responsável pelo apagão que atingiu 12 Estados no sábado.

A Anel (agência reguladora) reconheceu que a substituição, projetada nos anos 70, está ultrapassada. **Mercado B1**

SEGUNDO OS VEÍCULOS ESPECIALIZADOS, OS VEÍCULOS DA FORD SÃO ESPECIALIZADOS EM GANHAR PRÊMIOS. CONFIRA NA PÁGINA 5.

FSP, 18/12/12, p. A4. Fotografia 2/69

FOLHA DE SÃO PAULO  
18/12/12 - 18 DE DEZEMBRO DE 2012 - A4

**poder**

PORTO SEGURO  
Ex-diretor da ANA terá imóvel sequestrado, decide Justiça  
Pág. A10

SÃO PAULO  
Empresas de Maluf recorrem de condenação de Justiça de Jersey  
Pág. A14

## PAINEL

VERA MAGALHÃES

## Pacote de Natal

Apesar de aliviados com o fim da maratona do julgamento do mensalão, ministros do STF demonstravam preocupação com o desgaste institucional de duas medidas contra o Congresso no mesmo dia. Três deles entendem que a liminar de Luiz Fux suspendendo a votação do veto da presidente Dilma Rousseff à redistribuição dos royalties do pré-sal atinge mais o Legislativo que a decisão pela perda imediata do mandato dos deputados condenados no mensalão.

**Da gema** Membros do Supremo lembram que, em 2011, Fux concedeu liminar contra resolução do Conselho Nacional de Justiça que obrigava os Tribunais de Justiça a funcionar em período integral. O TJ do Rio, na época, encabeçou a pressão contra a medida. A liminar não foi levada a plenário até hoje.

**Veja bem** O petista Marco Maia (RS) convocou a Mesa da Câmara para discutir amanhã como proceder em relação aos mandatos de João Paulo Cunha (PT-SP), Valdemar Costa Neto (PS-SP) e Pedro Henry (PP-MT). A maioria dos membros do colegiado é contra enfrentar o STF.



**Ó loco!** Diante do esquentado geral com os agradecimentos finais de Joaquim Barbosa após quase cinco meses de julgamento, um colega fustiga: "Daqui a pouco vamos dar de cara com o presidente no programa do Faustão".

**Calça postal** Alvo da Operação Porto Seguro, Rosemary Noronha reclama a amigos que nenhum funcionário da Presidência retorna suas ligações, apesar das inúmeras tentativas de contato.

**Contexto** Luis Inácio Adams diz ter procurado o ex-adjunto José Weber Holanda para tratar do relatório da CPI do Cachoeira a fim de evitar que a AGU constasse como signatária do texto, uma vez que advogados da União ajudaram a comissão.

**Fors** Adams deve se abster de decidir eventual processo disciplinar que seja instalado contra Weber após a conclusão da sindicância em curso. A missão ficará com Fernando Albuquerque, advogado-geral substituto.

**Abatido...** Em diálogo da PF, Paulo Vieira disse "sonhar" com a Prefeitura de Cruzeiro, onde mantém faculdade. O ex-diretor da ANA contou a outros seus planos para a cidade. "Passei a achar que poderia ser um bom prefeito lá também".

**...em pleno voo** Vieira dizia controlar o PT local e ameaçava acionar Lula caso deputado Carlinhos Almeida avaliasse aliança petista com seus rivais. "Não adianta...

mensalão o julgamento

## STF manda cassar deputados e conclui julgamento histórico

★ TRIBUNAL DECIDE QUE TRÊS CONDENADOS DEVERÃO PERDER SEUS MANDATOS NA CÂMARA ★ LÍDERES PARTIDÁRIOS CRITICAM DECISÃO

DE BRASÍLIA

O Supremo Tribunal Federal concluiu ontem o julgamento do mensalão e decidiu que os deputados condenados por causa de seu envolvimento com o esquema deverão perder seus mandatos, cabendo à Câmara dos Deputados apenas formalizar a decisão.

Líderes partidários se manifestaram contra a decisão, que ainda poderá ser revista quando os ministros examinarem recursos dos advogados dos condenados, o que só deverá ocorrer no próximo ano. O ministro Celso de Mello disse que o descumprimento da decisão pela Câmara será "inaceitável".

O julgamento do mensalão foi o mais longo da história do STF. Iniciado em agosto, ele foi concluído após 53 sessões e levou à condenação de 25 das 40 pessoas denunciadas pelo Ministério Público Federal em 2006. Entre os condenados, 13 terão que cumprir parte de suas penas na prisão.



Celso de Mello  
é seu voto  
sobre a cassação  
dos deputados  
condenados



# Câmara critica STF e afirma que vai tentar mudar decisão

### Para maioria, palavra final sobre cassação de mandato é do Legislativo

#### Presidente da Casa fala em 'ingerência' do Judiciário sobre outro poder e diz que deve entrar com recurso

ERICH DECAT DE BRASÍLIA

Líderes dos principais partidos políticos se alinharam à posição do presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), e disseram ser contra a decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal.

Ontem o pevista classificou a decisão da cúpula do Judiciário como uma "ingerência". "Os deputados cumprem a Constituição na sua integralidade. E nós vamos continuar cumprindo a Constituição Federal, não de forma casuística ao bel prazer do momento", disse Maia.

Ele afirmou que a Câmara deve recorrer da decisão. "Nós vamos utilizar de todas as formas, de todos os mecanismos que tivermos para convencer os ministros de que não é razoável uma ingerência e uma interferência em uma prerrogativa do Parlamento".

Entre aqueles que se queixaram está líder do PT, Ilmar Taito (SP). O partido teve alguns de seus membros condenados no julgamento, como o ex-presidente da legenda José Genoino e o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu.

"Me parece que toda vez que tentou-se rasgar a Constituição, não se cumpriu a Constituição, é regime de exceção. E isso não podemos permitir", afirmou Taito.

O posicionamento tem o apoio dos líderes de PSB, PSD, PTB, PSC, PDT, PC do B, PV, PR e PRB, ouvidos pela Folha. Candidato à presidência da

Casa, o líder do PMDB, Henrique Eduardo Alves (RN), não quis se pronunciar.

O receio é perder votos dos pares na reta final da disputa pela presidência da Casa, para a qual é favorito.

Os outros dois postulantes ao cargo, a atual vice-presidente da Casa, Rose de Freitas (PMDB-ES), e o deputado João Delgado (PSB-MG) se disseram contrário à decisão do Supremo.

O debate divide a oposição. No DEM, por exemplo, o líder ACM Neto (BA) defendeu o entendimento dado pelo Supremo.

Já Pauderney Avelino (AM), candidato à líder do partido em 2013, foi contra.

#### CONDENADOS

Os deputados condenados no julgamento Valdemar Costa Neto (PR-SP) e Pedro Henry (PP-MT) disseram que não se pronunciarão.

Já João Paulo Cunha (PT-SP) soltou nota dizendo considerar que o Supremo irá rever a decisão na hora de analisar os recursos.

"Confio que a revisão desta questão, que vai acontecer com o plenário completo do STF deverá ter encaminhamento diferente do atual", afirmou ele.

A análise dos recursos deve contar com a participação de dois ministros novatos, João Paulo disse que a decisão foi tomada por pressão da "maioria dos grandes canais de comunicação".

Ele também criticou Celso de Melo lembrando que em 95 o ministro defendeu que a última palavra era do Legislativo no caso de um veredicto. "Se a Constituição Federal não mudou, o que terá levado à mudança de opinião do ministro?" Genoino não quis comentar.



Marco Maia comenta em entrevista a decisão do STF



Ilmar Taito (PT-SP)

“Me parece que toda vez que tentou-se rasgar a Constituição, não se cumpriu a Constituição, é regime de exceção. E isso não podemos permitir”

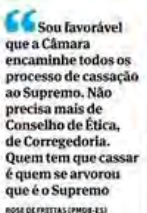
ILMAR TAITO (PT-SP) líder do PT na Câmara



Pedro Abramoov

“Quem dá a última palavra quando há conflito entre os três Poderes é o Judiciário. A nossa Constituição diz que ela tem que ser interpretada pelo Supremo”

PEDRO ABRAMOOV líder do PPSB na Câmara



Rosa de Freitas (PMDB-ES)

“Sou favorável que a Câmara encaminhe todos os processos de cassação ao Supremo. Não precisa mais de Conselho de Ética, de Corregedoria. Quem tem que cassar é quem se arvorou que é o Supremo”



João Paulo Cunha (PT-SP)

“É prerrogativa da Casa. Mas quem disse que o Supremo não pode decidir pela perda e falar que a decisão final deverá ser pela Câmara. Tudo depende como vai ser escrito o acórdão”

JOÃO DELGADO (PSB-MG) deputado federal

#### ANÁLISE

### Palavra final sobre cassações pode ainda não ter sido dada

PEDRO ABRAMOOV ESPECIAL PARA A FOLHA

O Supremo Tribunal Federal decidiu ontem, por 5 votos a 4, que os parlamentares condenados definitivamente no processo do mensalão perdem automaticamente seus mandatos. A Câmara caberá apenas cumprir a decisão.

Com decisão de ontem a questão está encerrada?

Não. O julgamento acabou. Mas ainda pode haver recursos. O regimento do STF afirma que, em uma ação penal, ele tem direito a um novo julgamento. São os chamados embargos infringentes.

Assim, é possível que os deputados condenados entrem com este recurso para tentar reverter a decisão de ontem. Se isto ocorrer, a ques-

tão não será mais votada apenas pelos mesmos ministros que participaram até agora do processo. Tanto Teori Zavascki, indicado recentemente, quanto o ministro que vier a suceder Carlos Ayres Brito — que se aposentou no mês passado —, votarão.

Zavascki tem, inclusive, um artigo publicado — citado pelo ministro Lewandowski no julgamento — no qual defende que a decisão de cassar mandato é do Parlamento.

O ministro Celso de Mello foi enfático ao dizer que, no equilíbrio entre os Poderes da República, cabe ao STF a palavra final. Mas pode ser que a palavra final ainda não tenha sido dada.

PEDRO ABRAMOOV é jornalista da FOLHA. Foi assessor-chefe do ex-ministro do governo federal no Inquérito mensalão de 2011.



Visualizador

“Os deputados cumprem a Constituição na sua integralidade. E nós vamos continuar cumprindo a Constituição federal, não de forma casuística ao bel-prazer do momento”

Não é razoável uma ingerência e uma interferência em uma prerrogativa do Parlamento

MARCO MAIA presidente da Câmara dos Deputados



FSP, 18/12/12, p. A10. Fotografia 9/69



A ex-chefe do gabinete da Presidência em SP Rose Noronha, durante visita à Costa Rica

## Juíza federal ordena sequestro de imóvel de indiciado pela PF

Paulo Vieira é acusado de liderar grupo que vendia pareceres de funcionários públicos para empresários

**Justiça também proibiu Rosemary Noronha, ex-chefe de gabinete da Presidência em SP, de exercer função pública**

**FLÁVIO FERREIRA**  
DE SÃO PAULO

A Justiça Federal determinou o sequestro de um imóvel de Paulo Rodrigues Vieira, acusado de ser um dos líderes da quadrilha que supostamente vendia pareceres jurídicos em órgãos públicos, investigada na operação Porto Seguro da Polícia Federal. Segundo decisão da juíza

medidas restritivas à Rosemary Noronha, ex-chefe do gabinete da Presidência da República em São Paulo.

A juíza decretou a suspensão do exercício de qualquer função pública por Rose e a proibição de que ela se ausente da comarca sem autorização da Justiça.

Rose também deverá comparecer periodicamente a uma unidade da Justiça para informar e justificar suas atividades, de acordo com o despacho da magistrada.

No sexta-feira, o Ministério Público Federal apresentou à 5ª Vara Federal denúncia contra 24 investigados na Operação Porto Seguro,

cos ou ocupavam postos na administração à época da operação, e por isso terão direito ao oferecimento de uma defesa prévia.

Após essa fase a juíza decidirá se os acusados passarão à condição de réus em processo criminal.

O imóvel de Vieira sequestrado pela Justiça, situado na alameda Lorena, na capital, foi reformado com a ajuda de Rose, de acordo com as apurações da Polícia Federal.

A juíza federal também negou a devolução de dois carros de Vieira apreendidos pela PF na operação.

Outra medida autorizada por Zanetti foi o compartilhamento

FSP, 18/12/12, p. A14. Fotografia 10/69

**A POLÊMICA DOS ROYALTIES**  
A questão do petróleo no país nos últimos anos

**CRONOLOGIA**  
2006 O então presidente Lula decidiu a autossuficiência do país em petróleo sempre depois, a Petrobras anunciou a descoberta dos grandes campos de petróleo, localizados no litoral Sudeste do país.

2009 Após cinco dias de discussão, mas proibida no pré-sal, o governo decidiu eleger a lei do petróleo. Então, começaram as discussões para fazer uma nova divisão da arrecadação do petróleo.

2010 O Congresso Nacional aprovou uma lei que distribui a renda do petróleo igualmente. O então presidente Lula vetou a medida, sob o argumento de que ela seria muito de consumo.

2012 A Câmara aprovou um projeto que muda a divisão dos royalties, distribuindo a participação dos produtores. O Rio de Janeiro organiza um protesto contra a lei. Depois, Dilma acabou vetando parte da medida.

**RECENTEMENTE**  
O Congresso aprovou que o petróleo seja dividido igualmente entre produtores e consumidores.



Lula comemora autossuficiência com a então ministra Dilma



**PERGUNTAS E RESPOSTAS**

**1 Qual é o motivo da disputa?**  
Com a descoberta das reservas do pré-sal, a produção de petróleo e o pagamento de royalties vão crescer muito. Os Estados produtores dizem que há necessidade de investimento para atrair empresas e trabalhadores. Os não produtores afirmam que, com a maior arrecadação, haverá dinheiro para todos.

**2 O que o Congresso fez?**  
No ano, o Congresso aprovou um projeto que muda a divisão dos royalties, incluindo os royalties em produção. O presidente Dilma vetou o dispositivo que alterava a divisão dos royalties em campos já licitados. Com isso, somente os Estados produtores, preservando a distribuição dos royalties dos países em produção.

**3 Qual foi a reação do Congresso ao veto de Dilma?**  
O Estado, não produtores, mobilizaram suas bancadas e aprovaram regime de urgência para a análise do veto de presidente. A bancada do Rio de Janeiro entrou com mandado de segurança no STF.

## Fux barra votação do veto de Dilma a projeto dos royalties

Sem urgência, análise do caso vai para o fim da fila de mais de 3.000 vetos

**Presidente do Senado, Sarney vai entrar com recurso contra a decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal**

colocar em votação os vetos. Em decisão liminar, o ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, considerou inconstitucional e contrária ao regime do Congresso a adoção de regime de urgência para vetos presidenciais. Na última quarta, com 408 votos a favor e 91 contra, deputados e senadores aprovaram que a apreciação dos vetos fosse tratada com urgência.

que nada mais podia fazer. Agora, sem urgência, o veto vai ao final da fila de mais de 3.000 vetos que aguardam o prazo de 30 dias previsto na Carta para análise. Não é possível apreciá-los em bloco. Cada um precisa ser analisado separadamente, em ordem cronológica.

Sammy (PMDB-AP), anunciou que irá entrar com um recurso contra a decisão de Fux. O agravo de instrumento terá de ser analisado em plenário, pelo demais ministros. Como o plenário foi encerrado ontem, há uma possibilidade de que o caso seja analisado amanhã. O mais provável, porém, é que isso ocorra a partir do fevereiro. O governador de São Pau-

**ISSUO CONTRA O PRE-SAL**  
Os Estados produtores de petróleo conseguiram derrotar o veto de Dilma.

FSP, 18/12/12, p. A19. Fotografia 11/69



A jovem Francesca Pascale trabalhou na campanha eleitoral do ex-premiê italiano em 2008

## Berlusconi revela namoro com mulher quase 50 anos mais nova

Italiano afirmou que está feliz ao lado de Francesca Pascale, 27

**DAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS**

O ex-premiê italiano Silvio Berlusconi, 76, anunciou no domingo, em uma entrevista na TV, que está noivo de uma mulher quase 50 anos mais jovem do que ele.

O político disse que está comprometido com Francesca Pascale, 27, uma admiradora de Nápoles que trabalhou em sua campanha eleitoral, em 2008.

Na entrevista ao Canal 5, do qual é proprietário, Berlusconi afirmou que o escândalo referente às festas que fazia nas suas mansões, e que o levaram a ser acusado de manter relações sexuais com uma adolescente, não passou de uma conspiração.

Na semana passada, a principal testemunha do caso, a dançarina Karima El Mahroug, a Ruby, faltou a uma audiência.

Ele disse que foi levado a organizar os eventos porque se sentia solitário, depois de ter se divorciado da atriz Veronica Lario.

Ele emendou que agora está feliz com a nova companheira e confirmou sua intenção de concorrer ao seu quinto mandato como premiê em fevereiro do ano que vem, a menos que o atual ocupante do cargo, Mario Monti, também decida concorrer.

### CUBA

#### Fidel é inscrito para eleição parlamentar

**DA EFE** - O ditador cubano, Raúl Castro, e seu irmão Fidel Castro, líder da revolução, foram designados candidatos a deputados nas eleições à Assembleia Nacional que acontecerão em 2013.

Anteontem, se reuniram em sessões extraordinárias as 168 Assembleias Municipais do Poder Popular da ilha para aprovar as candidaturas de 612 deputados ao Parlamento e de 1.269 delegados provinciais nos próximos pleitos gerais, onde o único partido político permitido é o comunista.



## Cidade se despede de vítimas do massacre

Moradores de Newtown acompanham os primeiros enterros após tiroteio que deixou 20 crianças mortas na sexta

**Democratas dão sinais de que vão pressionar por maior controle de armas; maioria apoia mais restrições**

DA S. AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

De luto, moradores de Newtown, em Connecticut (EUA), enfrentaram ontem o frio e uma fina chuva para acompanhar as primeiras cerimônias de enterro das vítimas do massacre à escola primária de Sandy Hook.

No primeiro dia útil após o massacre de 26 pessoas na escola —entre elas, 20 crianças—, o pequeno vilarejo onde ocorreu a tragédia ainda estava mobilizado para confortar as famílias das vítimas.

Uma delas se dividia entre os sentimentos de tristeza e alívio. A família Pozner perdeu Noah, um garotinho que tinha acabado de completar seis anos —o mais novo entre as vítimas—, mas viu ser salva Arielle, sua irmã gêmea.

Inseparáveis em casa, os dois estudavam em salas diferentes —decisão tomada pelos pais que acabou poupano a vida da filha.

O atirador nem chegou a entrar na sala onde estudava Arielle.

"Ela tem seis anos e é difícil saber o que se passa na cabeça de uma criança. Você vê lágrimas no seu rosto, mas ela é uma menininha feliz", comentou o rabino Yisrael Doren, que tem acompanhado a família desde a tragédia.

Devastados, os pais de Noah tentam se reerguer, conta o rabino. "Eles [sabem que] têm outros filhos [para



Familiares e amigos participam do funeral de Noah Pozner, 6, uma das vítimas do massacre de sexta-feira a ser enterrada em Newtown, Connecticut

cuidar]."

O pequeno Jack Pinto, 6, também esteve entre as vítimas enterradas ontem.

Fã de futebol americano, o menino tinha o jogador do New York Giants Victor Cruz como ídolo.

E foi dele quem recebeu a principal homenagem.

Cruz escreveu com uma caneta "Jack Pinto 'meu herói'" e "R.I.P. Jack Pinto (descanse em paz, Jack Pinto)" em suas chuteiras e luvas e dedicou o jogo de antemão ao garoto.

"Em vida ou na morte, Jack vai sempre ser lembrado pela inmensurável alegria que ele trouxe a todos que tiveram o

prazer de conhecê-lo. Uma alegria cujo alcance ia além dos seus seis curtos anos", disse a família em nota.

**ÚLTIMO DESEJO**

Na sexta-feira, a mãe de Charlotte Bacon, 6, outra vítima do atirador Adam Lanza, realizou o desejo da filha sem saber que era o último.

Após muita insistência, a garotinha ruiva conseguiu vestir o vestido rosa e as botas brancas compradas pela mãe, Joann, e que estavam sendo guardados para comemorar o Natal.

"Ela tinha uma grande personalidade. Ela poderia man-

ter uma conversa com qualquer adulto. Desafiava sua mãe todos os dias, e sabia como conseguir o que queria", disse John Hagen, fô de Charlotte no jornal local "Hartford Courant".

Segundo ele, a menina adorava ser escoteira —e Joann, sua mãe, era a líder do seu grupo, que também perdeu outras integrantes no massacre. "Havia 10 garotas no grupo. Agora, há apenas cinco", lamentou.

**CONTROLE DE ARMAS**

Ontem, parlamentares democratas deram sinais de que adotarão uma atitude mais

agressiva na questão do controle de armas.

"Eu mantive o silêncio na questão da violência por armas nos últimos seis anos, e agora eu sinto tanto por isso quanto pelo que aconteceu com as famílias que perderam tanto nessa recente, e infelizmente não isolada, tragédia", disse o deputado John Yarmuth, um democrata moderado pelo Kentucky.

O senador independente de Connecticut, Joseph Lieberman, que deixará o Congresso no mês que vem, pediu na rede de TV CNN "que todas as emoções que sentimos neste momento não de-

sapareçam".

Uma pesquisa divulgada ontem pela ABC e o "Washington Post" mostra que 54% dos americanos apoiam a adoção de maiores restrições à venda de armas e 59% são contra a comercialização de armas com grande poder de fogo, como o rifle de assalto usado por Lanza (52% são contra no caso de semiautomáticas).

Cerca de 52% disseram acreditar que o tiroteio em Newtown é o sintoma de "problemas mais amplos na sociedade americana" e não um "ato isolado".

LEIA MAIS na pág. A24



Estudantes dançam em paródia rodada em centro da Nasa

## Estudantes da Nasa criam paródia de 'Gangnam Style'

Vídeo mistura piadas e informações sobre agência e tem participação de astronautas

DE SÃO PAULO

Estudantes do Centro Espacial Johnson da Nasa, em Houston, fizeram uma bem-humorada paródia do sucesso "Gangnam Style", do cantor coreano Psy, que já virou hit no YouTube.

Foram quase 800 mil visualizações nas primeiras 48 horas no ar.

Rodado nas instalações do centro de treinamento para missões espaciais, o vídeo traz, além da famigerada dançinha, um time de "figurantes" de peso, que inclui os veteranos astronautas Tracy Caldwell Dyson, Mike Massimino e Clay Anderson.

Vários estudantes também aparecem dançando em diferentes pontos do centro, e a produção tem cenas rodadas até dentro dos simuladores de voo espacial.

Além da proposta engraçadinha, a produção também quer educar. Por isso, as frases gradientes do sucesso coreano foram substituídas por relatos das missões, conquistas e objetivos da agência espacial americana.

Tudo isso, é claro, entremeadado pelo refrão "Nasa Johnson Style".

O clipe dos alunos pode ser acessado diretamente no endereço <http://youtu.be/2Sar5WT76kE>.



FSP, 18/12/12, p. C12. Fotografia 14/69

árvore caiu ontem na rua Oscar Freire, em São Paulo, e bloqueou a via por quatro horas; já choveu 10% a mais que o esperado para dezembro Cotidiano C8

Árvore caída na rua Oscar Freire em São Paulo.

Accesse [app.folha.com](http://app.folha.com) e leia o aplicativo do jornal

**FOLHA**

**NO IPAD** ↓  
Veja os dez vídeos que mais bombaram na internet em 2012

Stefano Patta - 9.dez.2012/Efe

**FRASES DO DIA**

*Deveríamos estar em uma posição defendendo a existência da Síria. Não estamos em uma batalha por um indivíduo ou por um regime*

FARUQ AL SHARAA, VICE-PRESIDENTE DA SÍRIA. SEGUNDO QUEM ASSAO NÃO VENCERÁ A GUERRA CONTRA OS REBELDES Mundo A21

*Eu posso ver de onde más notícias podem surgir*

PASCAL LAMY, DIRETOR-GERAL DA OMC. PREVENDO TEMPOS DIFÍCEIS PARA A ECONOMIA MUNDIAL NO ANO QUE VEM Mundo A20

Visualizador

corrida

Visualizador

FSP, 18/12/12, p. E2. Fotografia 15/69

E2 ilustrada ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 2012

FOLHA DE S. PAULO

## MÔNICA BERGAMO

[monica.bergamo@grupofolha.com.br](mailto:monica.bergamo@grupofolha.com.br)

## O FILME DO MAGO

"O Peregrino: A Melhor História de Paulo Coelho", cinebiografia do escritor, poderá ser produzida com R\$ 12,5 milhões de incentivos fiscais. O Ministério da Cultura acaba de autorizar a captação dos recursos. Coelho diz que o filme pode estreiar "na Feira de Frankfurt de 2013", quando o Brasil será homenageado.

## PEREGRINANDO

O autor também deve ganhar uma grande exposição no ano que vem, no Museu da Língua Portuguesa. A mostra trará uma recria-



Marisa Cauduro/Folhapress

## MÃE CORUJA

**Michelle Alves**, que vive nos EUA, veio ao Brasil no começo do mês acompanhar o marido, Guy Oseary, empresário de Madonna.

O casal trouxe os três filhos: Oliver, 6, Mia, 3, e Levi, de 11 meses. A top conta que não pensa em voltar a desfilar. "Quero trabalhar com moda de outra maneira", diz. "Antes vamos fazer o bebê número quatro. Sinto que vai ser menina."



FSP, 18/12/12, p. E2. Fotografias 16-20/69

Fotos Greg Saliban/Folhapress

**NOITE CLASSICA**

O maestro João Carlos Martins comandou a Orquestra Bachiana Sesi na noite de sábado, na Sala São Paulo. A vice-prefeita de SP, Alda Marco Antonio (PSD-SP), estava entre os convidados.

Alda Marco Antonio

João Carlos Martins

Fotos Gabo Moraes/Folhapress

Vandinha Jacintho

Jack Vartanian e Cassia Avila

Helena Linhares

Paulus Magnus

**ERA DE SAGITÁRIO**

O arquiteto Paulus Magnus comemorou aniversário com uma festa em sua casa, nos Jardins, na sexta-feira. A atriz Vera Zimmermann, o joalheiro Jack Vartanian com a mulher, Cassia Avila, a empresária Helena Linhares e a stylist Vandinha Jacintho estavam presentes.

Vera Zimmermann

Visualizador

FSP, 18/12/12, p. E4. Fotografia 21/69

bandeiras. Os dois vão buscar a mulher de Django, prisioneira em uma fazenda

**"Bastardos Inglórios" (2009)**  
Um grupo de soldados americanos judeus vai combater na Europa durante a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de escalar os nazistas. Com uma ajuda bem inesperada, planejam matar Adolf Hitler

**"Kill Bill" (2003)**  
Tarantino viaja para o Oriente para contar a história de uma noiva

troupe de rojão - O Guarda-Costas" (1961), de Akira Kurosawa

Tem inspiração em "O Expresso Blindado da S.S. Nazista" (1978), sobre soldados defenestrados que ajudam a resistência francesa a armar um plano contra os nazistas. Ainda há ecos do filme "Os Doze Condenados" (1967), com Lee Marvin

Tem elementos claros de "Lady Snowblood" (1973), filme japonês sobre uma garota criada para

se fosse o maior violento ou um filme de gênero é algo inédito. É um faroeste com um escravo no papel principal. Pense nisso", completa o protagonista de "Django Livre."

"O assunto é delicado", concorda o diretor Quentin Tarantino. "Trabalhamos com uma equipe com alta porcentagem de negros e um elenco de negros. Cada um deles lidou de uma maneira particular, mas o roteiro traz essas coisas à tona. Ficamos muito mais próximos."

**INDICAÇÕES**

Visualizador

FSP, 18/12/12, p. E5. Fotografia 22/69

CRÍTICA ROMANCE

## 'Livro adulto' de J.K. Rowling acerta ao se dedicar a tema social, mas erra em estilo

ALCIR PÉCORA  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Em termos estilísticos, "Morte Súbita", primeiro "romance adulto" (seja lá o que isso queira dizer) de J.K. Rowling, autora de "Harry Potter", é um livro sem interesse. Em particular, é ruim o emprego das comparações e metáforas, as quais quase sempre trazem referências juvenis banais.

Podem-se alegar que o objetivo da autora é manter o con-

"estudo" de uma questão social importante.

E a questão é a seguinte: uma determinação de ajustes financeiros e fiscais emanada do governo central inglês repercutiu no conselho de um distrito de West Country (a mesma região de origem da autora) basicamente em termos de corte dos benefícios sociais para uma comunidade de carente que se formara nos limites do lugarejo.

A favor dos cortes é um

e um adolescente.

E dentro desse grupo menor, são protagonistas, no sentido de que têm direito à revelação direta de seus pensamentos mais íntimos, oito adultos e cinco adolescentes.

RAIVA

A raiva é o traço comum entre todas as personagens. Ela penetra as relações sociais, nas quais os mais ricos odeiam os mais pobres e são odiados por eles, mas tam-

Este vai até o ponto de abjeção em que estupidez, ressentimento e racismo se alimentam e finalmente explodem, previsivelmente, contra o que está mais perto e é mais indefeso.

Ou seja, a falta de fantasia, a recusa da "mágica", de que se lamentam os fãs de "Harry Potter", é o que há de melhor nesse livro.

A dureza de suas constatações nada originais tem a dureza das coisas, tais como caminham na Inglaterra e no mundo.

ALCIR PÉCORA é professor de teoria literária da Unicamp e autor de "Máquina de Gêneros" (Edusp).



J.K. Rowling, autora de 'Harry Potter', lança 'Morte Súbita'

FSP, 18/12/12, p. E8. Fotografia 23/69

E8 ilustrada ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 2012

# televisão

## OUTRO CANAL

KEILA JIMENEZ [keila.jimenez@grupobolha.com.br](mailto:keila.jimenez@grupobolha.com.br) / [folha.com/outrocanal](http://folha.com/outrocanal)

### Assessora da Band pede bloqueio dos bens do grupo

Andrée Gabrielle de Ridder, 71, assessora da presidência da Bandeirantes, resolveu brigar pela partilha dos bens do fundador do Grupo Bandeirantes de Comunicação, João Saad, que morreu em 1999.

Ocupante do cargo até hoje, Andrée entrou na semana passada com uma ação anulatória de partilha de bens de João Saad, na 5ª Vara de Sucessão e Família de São Paulo.

Na ação, ela pede também o bloqueio de 50% dos bens do Grupo Bandeirantes, o ressarcimento por perda de rendimentos e frutos da empresa e uma pensão alimentícia de R\$ 60 mil mensais.

No processo, Andrée afirma que viveu uma união es-

tável com o empresário João Saad de 1996 a 1999, após a morte da primeira esposa dele, Maria Helena de Barros Saad.

No entanto, a assessora diz na ação ter mantido também uma relação amorosa e societária com Saad de 1980 a 1996, período em que ele ainda era casado.

Andrée solicita na ação a permanência no cargo de assessora da presidência da Band e quer ser ressarcida pelos rendimentos produzidos pelos bens partilhados pelos filhos de João Saad.

O valor da indenização requerida está hoje em R\$ 600 milhões. Procurada, a Band não se manifestou sobre o assunto.



» FINAL FELIZ. O último episódio de "Suburbia" (Globo), na quinta-feira, traça o matrimônio de Erika Januza (Erika Januza) e Cleiton (Fabricio Boliveira)

FSP, 18/12/12, p. E8. Fotografia 24-26/69

## Retrospectiva de 2012 vira jogo comandado por Gentili na Band

Marcelo Adnet, Alexandre Frota e Neto participam da disputa

DE SÃO PAULO

Com Danilo Gentili no comando, a retrospectiva do ano da Band — exibida hoje à noite — ganha uma cara diferente. Saem as tradicionais reportagens e entra uma competição entre o elenco do canal e convidados.

Divididos em duplas, Ricardo Boechat, Dani Calabresa, Marcelo Adnet, Alexandre Frota, o comentarista Neto, entre outros, respondem a perguntas sobre alguns dos acontecimentos mais marcantes de 2012.

As equipes contam ainda com a ajuda de "coringas", como Roger —vocalista da banda Ultraje a Rigor— e o ex-jogador de futebol Denilson.

Para cada pergunta respondida corretamente, a dupla ganha cem pontos. Se houver ajuda dos coringas, recebe 50. Se a resposta estiver errada, o time não ganha nada. Os vencedores levarão, como prêmio, um carro Gurgel enferrujado.



Danilo Gentili (centro, de gravata) com alguns convidados

"É a retrospectiva mais bacana do mundo, sem aquela música que dá medo ou depressão", diz Gentili. "É a primeira vez que vai ao ar algo que vai fazer o público rir do ano que está acabando, das notícias que foram destaque

em 2012."

**Nã TV**  
**Os Fatos Espetaculares de 2012**

Exibição do especial QUANDO hoje, às 22h30, na Band. CLASSIFICAÇÃO não informada.

MELHOR DO DIA

## Documentário relaciona futebol e ditaduras na América do Sul

ESPN Brasil, 20h, classificação não informada. O canal exibe hoje a primeira parte do documentário "Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor".

Dividido em quatro episódios, o programa trata da relação entre as ditaduras militares de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai e o futebol nesse período histórico dos países.

Com roteiro e produção de Lúcio de Castro, os documentários contam com depoimentos de militares e de jogadores e com análises de documentos para mostrar como o futebol foi pensado durante as ditaduras.

Na primeira parte, que vai ao ar hoje, a história Argentina é retratada. A série se encerra no dia 21, com o episódio sobre o caso brasileiro.



### Carla Pernambuco dá receitas para o Natal

**Bem Simples, 22h, classificação não informada.** Em semana que antecede o Natal, a chef Carla Pernambuco ensina a preparar pratos para a ceia, como tender, bacalhau, pudim de camarão e rabanada.

### Fred Savage participa de "Happy Endings"

**Sony, 10h, 12 anos.** O ator Fred Savage (à dir. na foto), o Kevin Arnold, protagonista da série "Anos Incríveis", participa como ele mesmo de episódio inédito de "Happy Endings". Savage também dirige o capítulo.

## ANEXO 2

**Tabela 3.** Categorização das fotografias coletadas no *corpus* selecionado do jornal *Folha de São Paulo*.

Total Incidências	A política	A madona	A sedutora
	27	5	63
FSP, 04/04/12, p. A1. Fotografia 1/87		FSP, 31/05/12, p. A20. Fotografia 4/101	FSP, 04/02/12, p. E2. Fotografias 7-11/93
FSP, 04/04/12, p. A7. Fotografia 3, 4 e 5/87		FSP, 22/08/12, p. A14. Fotografia 3/66	FSP, 04/02/12, p. E4. Fotografia 12/93
FSP, 04/05/12, p. A4. Fotografia 3/69		FSP, 18/12/12, p. A1. Fotografia 1/104	FSP, 04/04/12, p. D4. Fotografia 14/87
FSP, 04/05/12, p. A6. Fotografia 4/69		FSP, 31/05/12, p. E2. Fotografia 13-16/101	FSP, 04/04/12, p. E2. Fotografias 15, 16, 17, 18, 19 e 20/86
FSP, 31/05/12, p. A9. Fotografia 1/101		FSP, 18/12/12, p. E2. Fotografia 15/104	FSP, 04/04/12, p. E6. Fotografia 21/87
FSP, 18/12/12, p. A14. Fotografia 10/104			FSP, 04/04/12, p. E6. Fotografia 22, 23 e 24/8
FSP, 22/08/12, p. A10. Fotografia 1/66			FSP, 04/04/12, p. E12. Fotografia 25/87
FSP, 22/08/12, p. A12. Fotografia 2/66			FSP, 04/05/12, p. A1. Fotografias 1 e 2/69
FSP, 04/05/12, p. A10. Fotografia 6/69			FSP, 04/05/12, p. C18. Fotografias 13/69
FSP, 04/05/12, p. A14. Fotografia 9/69			FSP, 04/05/12, p. E2. Fotografia 15/69
FSP, 04/04/12, p. C13. Fotografia 13/87			FSP, 04/05/12, p. E2. Fotografia 16-20/69
FSP, 04/02/12, p. A8. Fotografia 2/93			FSP, 04/05/12, p. E5. Fotografia 21/69
FSP, 31/05/12, p. A12. Fotografia 2 e 3/101			FSP, 04/05/12, p. E8. Fotografia 22/69
FSP, 18/12/12, p. A4. Fotografia 2/104			FSP, 31/05/12, p. C11. Fotografia 8/101
FSP, 18/12/12, p. A6. Fotografia 3/104			FSP, 31/05/12, p. E1. Fotografia 12/101
FSP, 18/12/12, p. A8. Fotografias 4-8/104			FSP, 31/05/12, p. E2. Fotografia 13-16/101
FSP, 18/12/12, p. A10. Fotografia 9/104			FSP, 31/05/12, p. E4. Fotografia 17/101
FSP, 04/04/12, p. A13. Fotografia 13/87			FSP, 31/05/12, p. E12. Fotografia 18/101
FSP, 22/08/12, p. C10. Fotografia 6/66			FSP, 31/05/12, p. E13. Fotografia 19/101
FSP, 04/05/12, p. A13. Fotografia 8/69			FSP, 22/08/12, p. C1. Fotografia 4/66
FSP, 31/05/12, p. C11. Fotografia 8/101			FSP, 22/08/12, p. C10. Fotografia 6/66
			FSP, 22/08/12, p. E1. Fotografia 10/66
			FSP, 22/08/12, p. E2. Fotografia 11-14/66
			FSP, 22/08/12, p. E6. Fotografia 15/66
			FSP, 22/08/12, p. E10a. Fotografia 16/66
			FSP, 22/08/12, p. E10b. Fotografias 17 e 18/66
			FSP, 18/12/12, p. A19. Fotografia 11/104
			FSP, 18/12/12, p. C12. Fotografia 14/104
			FSP, 18/12/12, p. E2. Fotografia 15/104
			FSP, 18/12/12, p. E2. Fotografias 16-20/104
			FSP, 18/12/12, p. E4. Fotografia 21/104
			FSP, 18/12/12, p. E5. Fotografia 22/104
			FSP, 18/12/12, p. E8. Fotografia 23/104
			FSP, 18/12/12, p. E8. Fotografia 24-26/104

